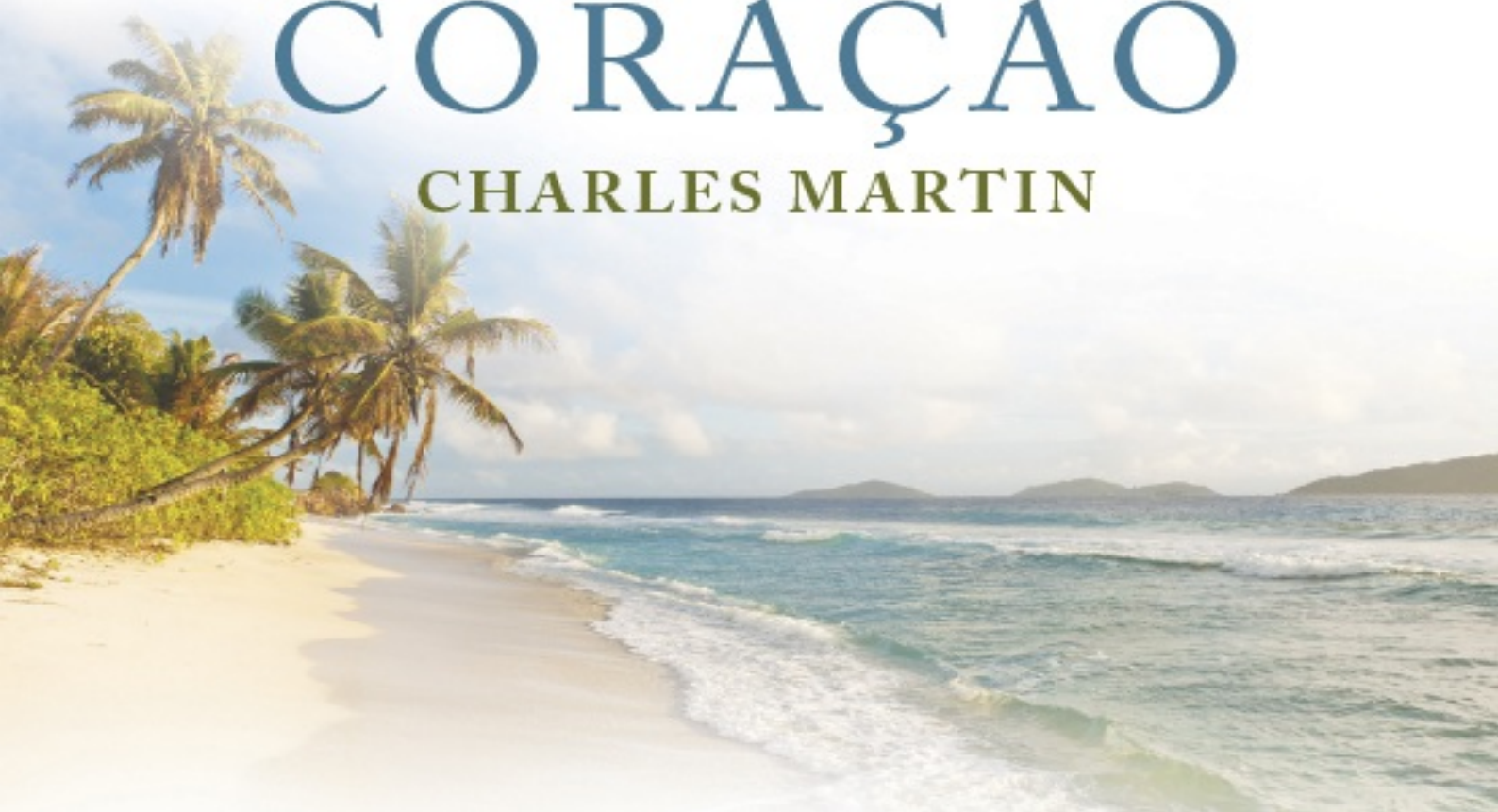




ÁGUA
do meu
CORAÇÃO
CHARLES MARTIN







© Deborah Feingold

CHARLES MARTIN licenciou-se em Inglês pela Florida State University, é mestre em Jornalismo e doutorado em Comunicação pela Regent University. Foi professor adjunto do Departamento de Inglês na Hampton University durante um ano e em 1999 deixou uma carreira de empresário para se dedicar à escrita.

O autor vive com a mulher, Christy, e com os seus três filhos, Charlie, John T. e Rives, junto ao St. John's River, em Jacksonville, no estado da Flórida, nos EUA.

Água do meu coração

Charles Martin

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Water from my heart

© Charles Martin 2015

© de “A arte de construir um poço” – Charles Martin 2015

Esta edição foi publicada por acordo com a Center Street, Nova Iorque, Nova Iorque, EUA. Todos os direitos reservados.

Tradução: Irene Ramalho

Design da capa: © Matrioska Design

Imagens da capa: © Westend61/Fotobanco e © GettyImages

1.ª edição em papel: outubro de 2016



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68661-9

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

Para Moises e Pauline Rick

Capítulo Um

Reduzi a velocidade dos motores ao atravessar Stiltsville, o aglomerado de cabanas de madeira sobre estacas. O reflexo da lua fazia cintilar as águas da Biscayne Bay. Adorava esta hora da noite. À retaguarda, um barco escuro e sem luzes surgiu na esteira da lancha. Tinha estado a segui-lo no radar. Já contava com eles.

Quando se tem quatro motores Mercury Verado 350 sobrealimentados – com uma potência combinada de 1400 cavalos e velocidades próximas dos 160 quilômetros por hora – há que saber quando fazer ou não uso deles. A embarcação iluminou-se. A luz dos quatro holofotes montados no topo inundou o convés da minha Center Console Intrepid de 44 pés como o sol do meio-dia. Fomos banhados pela luz intermitente dos faróis azuis. O Agente Russ Spangler, ex-comando das Forças Especiais, vivia para a adrenalina de noites de lua cheia como esta. De momento, empregava a sua tática de domínio rápido, cegando-me com um holofote portátil com a potência de uma central elétrica. Não era a primeira vez que jogávamos este jogo. A parceira dele, a Agente Especial Melanie Beckwith, sofria de um Complexo de Napoleão e compensava o que lhe faltava em altura com esteroides anabolizantes e músculos bem mais desenvolvidos do que os meus.

Podia livrar-me deles, porém seria impossível despistar a Guarda Costeira, também no meu radar, e os aviões de que dispunham. Talvez conseguisse regressar à ilha, mas isso faria deste o meu último carregamento, e não estava nos meus planos reformar-me tão cedo. Estava no auge da carreira, se é que tal coisa existe. Só em último recurso usaria os motores atrás de mim. Se o fizesse agora nunca mais voltaria a pilotar este barco. Tinha custado perto de 500 mil dólares e, tendo em conta o preço, seria bom poder usá-lo mais do que uma vez. Mas é esse o senão de possuir uma máquina destas: se queremos manter-nos neste negócio, não podemos

apegar-nos muito a nada. Nem a ninguém. Nada de ligações emocionais. Temos de estar preparados para destruir tudo o que amamos aos primeiros sinais de agentes como o Spangler e a Beckwith.

Aprendi muito em cerca de 10 anos de atividade, mas há um princípio que me orienta: mantenho tudo à distância. E isso inclui as pessoas. A minha vida e aqueles que estimo vacilam no fio de uma navalha, de onde – caso surjam circunstâncias contrárias à minha liberdade – um pequeno gesto bastará para os lançar no abismo. Fazê-los desaparecer sem deixar rasto. Esta lógica governa igualmente aquilo de que usufruo e de que espero vir a usufruir. Até mesmo os meus sonhos. Como medida de segurança, vivo com expectativas limitadas. Apalpo bem o terreno, sempre com um pé em terra firme. Uma carta na manga. Peso constantemente os riscos e as recompensas, pois a qualquer momento posso ter de fugir, entregar os pontos ou passar à clandestinidade.

Não me prendo a nada e não deixo que nada me prenda.

Vi as horas no relógio de mergulho que me tinha sido oferecido pela Shelly. Ela adiantara-o cinco minutos alegando que eu seria capaz de chegar atrasado até ao meu próprio funeral. Os ponteiros luminosos brilhavam intensamente na noite. Tinha tempo. Desliguei os motores e virei-me na direção das luzes. Auxiliados pela calmaria que espelhava as águas, os agentes Spangler e Beckwith encostaram a lancha deles à minha. A voz do Agente Spangler ecoou a curta distância.

– Ora viva! Nem imaginas a minha surpresa, Charlie Finn, ao ver-te por aqui a esta hora da noite.

Enfie as mãos nos bolsos e sorri à Agente Beckwith, estilo Humphrey Bogart em *Casablanca*.

– Com tantos sítios por este mundo fora, tinha logo de entrar nesta.

Ela saltou para o meu lado e amarrou a minha proa à popa dela. Sorriu mas não disse nada. Acenei-lhe com o queixo.

– Parece que a musculação está mesmo a dar resultados.

A agente apontou-me um dedo.

– Deixe-se ficar aí caladinho.

A DEA – a Agência de Combate às Drogas –, a Guarda Costeira e a Comissão de Caça e Pesca gozam de poderes alargados que lhes permitem violar os meus direitos constitucionais sem grandes constrangimentos. E, como sabiam muito bem que não iria levar o caso a tribunal nem ligar ao meu advogado, passaram a meia hora seguinte – eles e a Molly, o pastor-alemão da equipa – a virar-me a lancha do avesso. A farejar em busca do

mais ínfimo vestígio. Cruzei os braços e pus-me a observá-los com curiosidade. Fiquei bastante impressionado quando o Agente Spangler colocou o equipamento de mergulho para inspecionar o casco. Ao fim de uns 40 minutos, os dois agentes desmontaram a consola central, deixando a obediente Molly sentada aos meus pés. Cocei-lhe a cabeça e deixei-a lamber-me a mão. A cadela apoiou uma pata na minha coxa e encostou-se a mim. Sem eles verem, dei-lhe biscoitos para cão em forma de osso. Decorridas quase duas horas de esforço e suor sem resultados, fizeram, por telemóvel, o ponto da situação a alguém num gabinete algures, soltaram a amarra e partiram sem dar satisfações.

Alguém os tinha avisado de que esta noite eu trazia um carregamento – e, de facto, era verdade, trazia –, mas a mesma pessoa também me tinha informado de que os avisara a eles. Pagar mais compensa e o Colin, o meu sócio, paga mais. Os agentes Spangler e Beckwith já andavam há quase cinco anos a perseguir-me com a mesma persistência canina, tal como Miller e Marks, a dupla anterior. E, embora eu tenha transportado carregamentos suficientes para encher a lancha vinte, trinta ou mesmo cinquenta vezes, nunca tinha sido apanhado. E não seria esta noite que me apanhariam.

Liguei os motores com um gesto distraído e fiquei a vê-los desaparecer rumo a norte. Cantarolando em surdina (*Adeus ó vai-te embora...*), enfiei furtivamente pelo labirinto de canais que desembocavam na baía, passando no escuro pelos iates de 100 pés e pelas opulentas mansões onde a fina flor da sociedade de Miami fazia alarde das suas vidas. Tinha feito entregas em muitas destas residências, mas uma das coisas que me tornava bem-sucedido e ainda a operar em pleno era que o que começava comigo, continuava comigo. Sabia guardar um segredo e sabia que riscos podia correr e como fazê-lo.

Segui o meu trajeto sinuoso pelo labirinto, ciente de que a Beckwith tinha escondido mais do que um localizador GPS no barco. Tinham instalado o primeiro há meses e, desde então, andávamos a brincar ao gato e ao rato. O espetáculo desta noite tinha sido um pretexto para plantar um segundo, pois o antecessor devia estar a enviar sinais contraditórios devido à ação corrosiva do sal. Claro que o ácido clorídrico que lhe despejei em cima também não deve ter ajudado nada. Vá-se lá agora saber...

A dupla Miller e Marks é que tinha começado tudo. Nessa ocasião, encontrei o dispositivo uns dias depois e vendi o barco a um fulano que pretendia atravessar o Canal do Panamá e subir a costa do outro lado.

Julgaram que tinha ido ao México fazer uma recolha. Fizeram uma rusga com lanchas, helicópteros e aviões e o fiasco custou-lhes uma fortuna. Os dois agentes não ficaram nada contentes. O fulano que tinha comprado o barco contou que se admiraram ao dar com ele a pescar espadarte ao largo do México e que começaram a estrebuchar quando viram que não era eu. Ficaram ainda mais admirados algumas horas depois quando, ao regressar, foram dar comigo a relaxar na rede do alpendre da minha casa em Bimini, a contemplar o horizonte com uma caneca de café na mão e um sorriso trocista no rosto.

– Vai um cafezinho?

Agora contemplava a vastidão das águas embalado pelo rugido dos motores. Embora a lancha não fosse minha, sentia uma forte afinidade com ela e, por isso, o Colin tinha-me deixado batizá-la. Chamei-lhe *Ilustre Carreira*. Amanhã faria 40 anos e, se posso dizer algo sobre a minha vida, é que tem sido uma história rica, cheia de peripécias.

Ancorei o barco, verifiquei o radar e notei que o Spangler e a Beckwith não se tinham afastado muito. Não eram só eles que tinham um recetor de sinal GPS. Queriam brincar? Eu mostrava-lhes como era.

Operávamos com mão de ferro, mas o nosso modelo era um pouco diferente. Dirigíamos um negócio pequeno e personalizado com base num código de honra – na medida em que é possível haver honra entre ladrões – e procurávamos reduzir as variáveis. Vendíamos apenas a clientes que tinham passado no crivo. Só aceitávamos pagamentos via transferência bancária para contas offshore. Fazíamos questão de determinar o local da entrega. E nunca, mas nunca, em circunstância alguma era quando ou onde o cliente queria, nem lhe dizíamos onde o produto estava senão depois da entrega feita. Se precisavam do produto com urgência, não seríamos nós a fornecê-lo. Era este modelo que nos mantinha no ativo e que mantinha os cães de fila sempre três passos atrás de nós.

Desliguei os motores e liguei a cafeteira elétrica. Sabia que voltar a virar-me o barco do avesso iria abrir-lhes o apetite, por isso, tirei uma caixa de donuts da sacola que trazia e meti-a no fundo falso de uma das escotilhas da proa, debaixo de uma pilha de coletes salva-vidas nojentos. Não levariam muito tempo a dar com ela. Desenhei uma cara sorridente num *post-it* amarelo e escrevi “Sirvam-se.” Na cobertura de trás junto às máquinas, noutro fundo falso na parte inferior de um dos tanques de pesca, deixei uma taça de comida para a Molly – a preferida dela: veado e borrego.

Recolhi a boia que sinalizava a armadilha para caranguejos e desdobrei o meu fato de mergulho. A água não estava muito fria, mas o preto não dava tanto nas vistas debaixo de água como a minha pele clara. Vesti-o, meti o regulador na boca, deslizei para fora do barco, enfiei as barbatanas e dei início ao percurso de cerca de 800 metros. Sem pressas. Os tanques tinham sido adaptados com propulsores Pegasus, sistemas de propulsão subaquática mãos-livres que me permitiam deslocar-me a 170 pés por minuto, o que à superfície equivale a cerca de dois nós. Também estava agarrado a um propulsor H-160, que é quase o mesmo que ir montado num torpedo. A combinação impelia-me silenciosamente através das águas, tornando-me invisível, e permitia-me manter as pernas frescas para o caso de precisar delas.

Serpentei pelos canais até avistar acima de mim o farol intermitente, larguei o equipamento e desfiz-me do fato de mergulho – deixando-o cair até ao fundo do oceano, 10 metros mais abaixo. Rompi a superfície ao lado do Pathfinder, que tinha carregado e atracado três dias antes. Soltei a amarra e afastei-me da margem. Meia hora mais tarde, estava diante do cais onde uma equipa de basquetebol, um *rapper* e a sua comitiva, uma cantora pop com os respetivos agentes, um investidor da alta finança rodeado das melhores acompanhantes que o dinheiro pode comprar e cerca de um quarto da elite de Miami curtiam a noite. Se se divertiam a snifar fortunas, era um direito e um privilégio que lhes assistia. Problema deles. Eu limitava-me a prestar um serviço de entregas rápidas. Se não o fizesse, outros o fariam. É a lei da oferta e da procura.

Encostei ao cais mergulhado no *pum pum* ensurdecador da música do DJ. No escuro, descarreguei vários pacotes que dispus em pilhas dentro de uma concavidade escondida no fundo de uma câmara frigorífica com rodas. Já conhecia o sítio. Um cliente habitual. Deixando a mobília escrupulosamente organizada tal como a tinha encontrado, enviei uma SMS a confirmar a entrega, saltei para o barco e pus-me a milhas.

Uma hora mais tarde já nadava sob os mangais a caminho da *Ilustre Carreira*. Havia mais quatro lanchas da Agência de Combate às Drogas a rodeá-la e estava iluminada como uma passerelle. Como se pudessem agora deitar a mão ao que não tinham encontrado na primeira busca. A alguma distância vi os agentes Beckwith e Spangler num frenesim, a dar ordens e a atirar pelos ares obscenidades e tudo o que não estava preso ao barco. A Molly estava na popa, com a cabeça enterrada na caixa dos donuts. Devia ter chegado primeiro aos polvilhados com açúcar em pó,

pois tinha o focinho, normalmente preto, coberto de pó branco. Na rua, poucas centenas de metros mais adiante, via-se o letreiro de néon de uma pizaria aberta toda a noite. Contornei a cena, comprei uma piza familiar e regressei à lancha com a caixa da piza ao ombro.

– Olá, malta. Vai uma piza?

Também não acharam muita graça a isto, mas, como não tinham encontrado drogas nem dinheiro, nem indícios de que eu tivesse ou tivesse tido em meu poder alguma das provas incriminatórias supracitadas, não puderam senão despejar outro chorrilho de palavrões e dizer-me para me pôr a andar.

E eu assim fiz.

Segui o meu caminho através dos canais, atraquei o barco numa marina e desloquei-me a pé até ao meu Beach Cruiser. Alguns quilómetros depois cheguei à casa do Colin e entrei pela porta das traseiras.

Quando o casal construía a casa, a Marguerite tinha mandado instalar no vestíbulo das traseiras uns armários feitos à medida, uma espécie de cacifos para os miúdos, onde estes podiam deixar as coisas da escola e o material desportivo, incluindo sapatos ou casacos malcheirosos, assim que entravam. Quando me tornei parte da família, o Colin mandou acrescentar um para mim. E, como acontece com tudo o que o Colin Specter faz, havia mais do que um motivo para tal.

Estiquei a mão até chegar ao fundo da prateleira de cima do meu cubículo, onde existia uma pequena reentrância – invisível do exterior – que dava à justa para guardar um telemóvel – ou um cartão de dados. Havia muitos outros esconderijos como este. Com as pontas dos dedos localizei o cartão novo, inseri-o rapidamente no lugar do velho, que atirei para o caixote do lixo junto à entrada das traseiras da casa, e voltei a meter o telemóvel no bolso.

Algo que tinha feito centenas de vezes antes.

A Maria estava no sofá. Carrapitos. Lacinhos. Restos de maquilhagem da mãe. Fato cor-de-rosa. Tinha acabado de chegar do ballet. Estava de pernas encolhidas contra o peito, a equilibrar uma taça de pipocas nos joelhos e a ver o nosso filme preferido. Sentei-me ao lado dela ao mesmo tempo que as freiras no ecrã começaram a cantar sobre o problema que assolava o convento: a irreverente Maria. A Maria da vida real – a que estava ao meu lado no sofá – pôs-se a marcar o ritmo com o pé e não precisou de incentivo para se juntar ao coro de vozes que enchia a sala de estar e a cozinha. Bem ciente de que tinha a nossa atenção e de que a

cortina subira no palco da vida dela, pôs-se em pé no sofá a cantar a plenos pulmões com o que prometia vir a ser uma voz magnífica. De sobrançelha erguida, um sorriso travesso a iluminar-lhe o rosto, repetia a velha pergunta que dava o nome à canção sobre como resolver um problema como a Maria.

Vimos *Música no Coração* pela primeira vez quando a Maria tinha 4 anos. Num aperto, o Colin e a Marguerite tinham-me pedido para ficar a tomar conta dos filhos e, como sabia menos que nada sobre crianças, sobretudo as mais pequenas, escolhi algo que pudesse ajudar a passar o tempo. Resultou e, desde então, já o vimos uma centena de vezes. Agora, aos 12 anos, a Maria tinha as falas tão bem decoradas como qualquer um dos membros do elenco original.

Saltou do sofá para a mesa de bilhar que atravessou com uma sequência de piruetas e *pliés*, deixando pequenas pegadas de pó de talco no feltro, indiferente ao efeito que o movimento das suas mãos pudesse ter sobre o candeeiro baixo que pendia do teto. A dificuldade em despertar o entusiasmo do seu público decorria do facto de nós, adultos, termos participado no espetáculo em tantas ocasiões anteriores que começava a entediar-nos repetir sempre o mesmo. Com o intuito de contrariar a monotonia, começámos a degenerar, transformando-nos num bando de idiotas sem qualquer musicalidade, e o resultado foi uma versão muito peculiar do clássico. Da cozinha, ouvia-se o Colin e a Marguerite numa espécie de dueto de rap piroso e desafinado, enquanto eu, fingindo não ter a mais pálida noção de ritmo, imitava um baterista demente ao mesmo tempo que cantava com a competência musical de um coiote a uivar à lua.

Um bando de macacos com tachos e painéis teria mais ritmo.

Ao fim de pouco mais de uma rima – de mãos nas ancas, sobrançelha arqueada e uma expressão descontente nos lábios apertados, vendo-se impotente perante a anarquia musical que se instalara na sala –, a Maria regressou ao sofá e às pipocas com um suspiro de desânimo, aparentando indiferença. Levou uma mão-cheia de pipocas à boca e afastou o cabelo do rosto com um sopro, ao mesmo tempo que escrevia uma SMS a uma amiga no iPhone. Enquanto os dedos dela transmitiam uma mensagem, a boca transmitia outra.

– Sois uma corja de cotas.

Ri-me.

– Pois somos.

Com a taça das pipocas nos braços, sentou-se de pernas cruzadas, levou

outra mão-cheia à boca e limpou as mãos engorduradas à manga da minha camisa.

Aproximei-me para lhe oferecer algumas das joias de comédia que costumavam fazê-la rir até às lágrimas mas ela, agora com a maturidade do limiar da adolescência, não me ligou nenhuma. Fez-me sinal de stop com a mão no ar e, sem tirar os olhos do telemóvel, disse-me:

– Vai pregar para outra freguesia.

Ri-me, dei-lhe um beijo na testa e dirigi-me à cozinha, mas não sem antes lhe virar a taça com o resto das pipocas por cima da cabeça.

– Tio Charlie! – Levantou-se de um salto, a bater o pé. Uma visão sublime, toda ela cor-de-rosa. – Olha o que fizeste! – protestou de olhos esbugalhados, teatral. – Ainda agora fui pintar o cabelo...

Adoro esta miúda.

– Isso só vem provar aquilo que nós já sabíamos... – comentei eu a rir-me e a recuar para a cozinha. Ela olhou para mim, baralhada.

– O quê?

Eu e o Colin, que já sabia o que aí vinha, chocámos punhos.

– Tens mesmo um problema.

– Tio Charlie!

Refugiei-me na cozinha para escapar à chuva de pipocas. Ataquei o frigorífico e comi umas sobras – como era meu direito inalienável enquanto padrinho da Maria e do Zaul, o irmão mais velho. Não sendo de guardar rancores por muito tempo, a Maria não tardou a aparecer trazendo consigo – e oferecendo-me a oportunidade de admirar – a sua deslumbrante pasta dos livros, que não me cansei de elogiar. A seguir, pegou-me na mão e arrastou-me até à marquise, onde tinha pendurado um cabide com um fato de banho novo que a mãe lhe tinha comprado. De mão na anca, a bater as pestanas e o pé ao mesmo ritmo, queixou-se:

– O papá diz que tenho de ir devolvê-lo.

Era do tamanho de um guardanapo – mais fitas do que tecido. Virei-me para o Colin e fiz-lhe um aceno de aprovação.

– Bem pensado.

Ela deu-me uma palmadinha bem-humorada no ombro.

– Não estás a ajudar-me.

Peguei no fato de banho.

– Mas isto não tapa nada. E ainda por cima é branco. – Estiquei o tecido à frente dos olhos. – Praticamente transparente.

A Maria continuou a fazer olhinhos suplicantes.

– O objetivo é mesmo esse. Já viste a concorrência que tenho de enfrentar?

Levantei-lhe o queixo.

– Querida, tu não tens concorrência. Não há no mundo uma única miúda de 12 anos que te chegue aos calcanhares. Além disso, não queiras os rapazes que só se interessam por ti nesta coisa.

– Com o pai e a mãe foi tiro e queda.

A Marguerite riu-se.

– Nisso ela tem razão.

Voltei a ouvir a voz do Colin.

– Que mentira. Nego-o categoricamente. Apanhaste-me com o teu talento ao piano. Nem sequer cheguei a ver-te com aquele biquíni azul e branco às riscas com fitinhas dos lados.

Por cima do meu ombro, a Marguerite respondeu-lhe:

– Colin Specter, não saberias reconhecer o dó central nem que o tivesses mesmo à frente do nariz.

A Maria não parecia muito convencida e continuou à espera que eu intercedesse por ela. Tentei uma segunda vez.

– Pensa nestes termos: o cancro da pele é um grande problema nos dias que correm e o teu pai e eu queremos ajudar-te a evitá-lo.

Ela puxou-me pela mão e arrastou-me até à sua aguarela mais recente.

– Que rico apoio estás a dar-me... Graças a ti – tocou com o polegar na ponta do nariz enquanto agitava os restantes dedos, –, vou ser a maior croma da praia.

✱

Cresci no seio de uma família profundamente disfuncional. Não que houvesse grande convivência familiar. Estar na casa do Colin, ouvir as vozes e o riso, ser tratado como se fosse da família, andar de mão dada com a Maria e merecer dos pais a honra e a responsabilidade de a educar e ao irmão caso lhes acontecesse alguma coisa – eram estes os melhores momentos da minha vida. E sempre que ali ia, comia pipocas, dava um beijo na testa à Maria, fazia troça do Colin com a Marguerite, servia-me à vontade do que houvesse no frigorífico, apoiava os pés na mesinha da sala, lavava os pratos ou levava o lixo ao contentor, prolongava e sorvia cada instante até à última gota.

Era raro eu e o Colin utilizarmos a mesma porta, por isso, quando eles

saíram de casa pela da frente, dirigi-me ao vestíbulo das traseiras onde encontrei o Zaul, que se preparava para levar o lixo ao contentor.

– Então, meu?

Abracei-o, ou pelo menos tentei. Parecia constrangido. Distante. Quase com 18 anos, estava um matulão, carregado de músculos e esteroides anabolizantes e cheirava a tabaco. Há muito deixara de ser o miúdo afável e curioso. Trazia um boné com a pala de lado. Acenou-me sem convicção.

– Charlie. – Não me escapou a ausência da palavra “tio”.

Já não nos víamos há algum tempo e agradou-me encontrá-lo.

– O teu pai disse-me que esta noite ias sair com a tua irmã.

O Zaul segurava o caixote do lixo a abarrotar só com uma mão e foi então que me dei conta de como estava corpulento. Respondeu-me com outro aceno.

– Tinha pensado irmos passear por aí ou dar umas voltas no Yellowfin.

O Yellowfin era o semirrígido de 24 pés do Colin, com um motor Yamaha de 300 cavalos. Perfeito para noites calmas como esta. Também estava equipado com eletrónica de última geração, por isso, seria difícil perderem-se.

– Escolheste bem. Adoro andar no semirrígido, sobretudo a esta hora da noite.

Ele concordou com um gesto e esforçou-se por sorrir. Apontou para cima.

– Ela gosta de ir em pé na plataforma de pesca e... – Encolheu os ombros. – Ser a Maria do costume.

Trazia os ombros vergados sob um peso que não se via, olheiras carregadas e a voz rouca e cansada. O lixo tinha começado a escorrer para o chão.

– É melhor limpar isto.

Desapareceu no interior da garagem e eu saí pelas traseiras da casa, a coberto das sombras. Parei até que os meus olhos e ouvidos se habituassem à noite e esgueirei-me até ao cais com a imagem do Zaul a pesar-me no espírito.

×

Fiz a travessia de 70 quilómetros no *Ilustre Carreira* em pouco menos de uma hora.

Depois de uma noite mal dormida, dei por mim no alpendre enquanto

o sol se erguia sobre o Atlântico, com uma caneca de café a aquecer-me as mãos, a contemplar a realidade incontornável dos 40 e o casamento que se avizinhava. Embora fossem ambos motivos para comemorar, franzi o sobrolho ao olhar para o pulso esquerdo. Só agora dava pela falta dele. O relógio que a Shelly me tinha oferecido desaparecera. Tinha-o perdido algures durante as últimas 24 horas e não fazia ideia onde.

E isso não augurava nada de bom.

Capítulo Dois

Cresci dominado por uma ideia fixa, uma sensação que se sobrepunha a tudo o resto: sentia-me sujo. Por muito que fizesse, por mais que tentasse livrar-me da imundície, nunca estava limpo. A minha mãe quase nunca pagava as contas, por isso, a água quente era um bem escasso. Nas raras ocasiões em que a abracei, o cabelo dela tresandava a tabaco e a cerveja. Andava sujo e andrajoso e tinha vergonha de ir à escola. Na cozinha havia pilhas de loiça com semanas e a casa estava infestada de baratas que às vezes me caíam em cima enquanto dormia. Era raro receber amigos ou ir dormir a casa deles. Para esconder o desconforto, habituei-me a caminhar pelos cantos onde a luz não chegava e onde podia passar despercebido. A última coisa que eu queria era atenção. Com o passar do tempo afeiçoei-me às sombras.

E se calhar era por isso que me safava de tanta coisa.

Cresci a vasculhar as praias de Jacksonville, na Flórida. Um vadio louro e descalço, com alergia a responsabilidades e sem horas para chegar a casa – um pouco à semelhança de Huckleberry Finn. E embora tal facto nada tivesse a ver com o meu sobrenome, costumava fazer gala da ligação. A minha mãe e eu vivíamos em frente a uma casa de praia que nos impedia de ver o mar, por isso, vi o nascer do sol milhentas vezes do cesto da gávea no andar de cima.

Não possuo qualquer memória do meu pai, um condutor de táxi que morreu num acidente de madrugada quando eu tinha 3 anos. Se posso apontar um defeito à minha mãe, era a falta de sorte com os homens e com o dinheiro. Bem ciente deste facto, num momento de lucidez, pegou no dinheiro do seguro de vida do meu pai e pagou o resto da casa. No fundo, era uma apostadora inveterada e adorava arriscar, o que, segundo me disse mais tarde, explicava o que a atraía no meu pai, uma aposta de alto risco dada a propensão dele para a bebida. Pagar a casa garantia que ninguém

podia tirar-lha – nem a mim – e, ainda que nem sempre houvesse o que comer, tínhamos um teto – mais goteira, menos goteira. Quando o banco lhe enviou a escritura da casa, olhou-me nos olhos e disse:

– Nunca arrisques o que não podes dar-te ao luxo de perder.

Quando completei 11 anos o meu presente de aniversário foi um emprego num restaurante ao fundo da rua, onde trabalhava em troca de gorjetas para a ajudar a pagar as contas. Creio que ter saldado a dívida da casa lhe permitia justificar outras decisões, como passar no salão das slot machines da pista das corridas de galgos à saída do trabalho, ou torrar 50 dólares na lotaria todas as semanas. Levei muito tempo a perceber que, embora à primeira vista pudesse parecer irresponsável e de vez em quando, à conta disso, passássemos um dia ou dois sem comida no frigorífico, a minha mãe buscava apenas uma forma de nos dar a única coisa que nos faltava na vida. Aquilo que nos tinham tirado. A nossa única deficiência crónica.

Esperança.

Não posso dizer que o tenha conseguido, mas passou a vida inteira a tentar, e eu adorava-a por isso. Sem pai e com uma mãe sempre a trabalhar, ou pelo menos constantemente fora de casa, tive de tomar conta de mim próprio desde muito cedo. Enquanto as vidas de quase todos os outros miúdos giravam em torno das exigências académicas, a minha girava em torno das correntes, das marés e da direção do vento, as variáveis que determinavam a altura e a frequência das ondas.

No oitavo ano, por cada dia que ia às aulas, passava quatro na praia. Estava-me nas tintas. Detestava a escola. Dada a minha assiduidade – ou a falta dela –, o diretor convocou a minha mãe e sentou-nos no gabinete dele. Estudou uma folha de papel que enumerava as minhas transgressões.

– Tem noção de quantos dias o seu filho faltou à escola este ano? – Abafou uma risada. – Seria mais fácil dizer-lhe quantos dias veio.

A minha mãe olhou para mim de sobrelance e pediu para ver a folha.

– Posso?

O diretor passou-lha e ela pôs-se a bater o pé enquanto lia. No fim, passou a mão pelo cabelo e disse:

– E depois?

– Como assim, “E depois?” – O diretor olhou para a minha mãe como se ela tivesse perdido o juízo. – Vai ter de repetir o oitavo ano.

A minha mãe levou um lenço de papel aos cantos da boca.

– É tudo?

O homem estava lívido.

– “É tudo?” Minha senhora, o seu filho está prestes a reprovar o ano. Não está preocupada com o futuro dele?

A minha mãe levantou-se e pegou-me na mão para me conduzir à porta, o que era estranho porque eu era quase tão alto como ela. À entrada, voltou-se para trás.

– Sr. Diretor, eu e o meu filho vamos comer um cheeseburger e, a seguir, vou comprar-lhe uma prancha nova, porque é óbvio que ele prefere o surf ao que vocês aqui fazem.

Sorri-lhe e acenei-lhe um adeus. O diretor ficou estarrecido.

– E o futuro do rapaz?

Ela afastou-me dos olhos o cabelo tingido pelo sol.

– Há de estar à espera dele quando lá chegar.

×

A minha mãe morreu quando eu tinha 16 anos e andava no 11º ano. Doença coronária agravada por fumar compulsivamente – um vício que adquirira depois da morte do meu pai. Sozinho no mundo e avesso à ideia de ter de prestar contas a outra pessoa qualquer, concluí o Secundário a trabalhar à noite como empregado de mesa, a entregar pizzas e a fazer todo o tipo de biscates. Os “biscates” incluíam vender todo o haxixe que conseguia aos viciados do surf que encomendavam as pizzas. Uma forma conveniente de integrar serviços.

A pizaria do Sam, o meu chefe, servia de fachada para traficar droga e o negócio ia de vento em popa. Trazia-a nos barcos de pesca de camarão que saíam de Mayport e propôs-me uma parceria como trabalhador independente: vendia-me a preço de custo e dividíamos os lucros. Arrecadámos uma bela maquia. Mais tarde, vim a descobrir que ele conhecia os pedrados e estava ao corrente das quantidades que compravam e, como tal, sabia exatamente quanto é que eu tinha faturado. Quando lhe apresentei a quantia certa, soube que podia confiar em mim. Disse-lhe:

– Não sou ganancioso. Só não quero que me ponham fora da minha própria casa nem ficar à guarda do estado.

Todas as noites, quando lhe entregava o dinheiro, o Sam abanava a cabeça e resmungava para consigo:

– Ao que nós chegámos... Um traficante honesto.

Num mundo onde nada fazia sentido, eu forjava a minha identidade conforme podia.

Entre entregas, o Sam ensinava-me a jogar póquer e depressa descobriu que eu tinha jeito para a coisa. Não é preciso ter estudado Freud para perceber porquê. Sentia-me atraído por tudo o que envolvia riscos, ao passo que tudo o que se parecesse com trabalho a sério, no duro, e que beneficiasse alguém além de mim não me atraía minimamente. Se havia gente estúpida a ponto de arriscar perder dinheiro num jogo de cartas, bem podia ser eu a sacar-lho. O mesmo poderia aplicar-se a mim, só que eu ganhava muito mais do que perdia e, por isso – argumentava –, estava a jogar com o dinheiro dos outros. Isto viria a tornar-se útil uns anos depois.

Os desportos de equipa não combinavam com o meu carácter individualista. Fazer parte de uma equipa implicava estar disposto a unir esforços com outras pessoas no entendimento de que não só podiam contar comigo, mas de que também eu dependeria delas. Afirmções do género “claro que apareço nos treinos”, “não perco um jogo” ou “vou esforçar-me ao máximo” chocavam com a minha maneira de ser, mais de andar ao sabor das ondas. O que não quer dizer que não fosse extremamente competitivo. Não só não tinha medo de competir, como adorava fazê-lo. Proezas a solo como luta livre ou atletismo. Modalidades em que o resultado só dependia do meu desempenho individual. Isso, porém, não significa que me tenha vergado e, pela primeira vez na vida, aprendido a suar às ordens de um tipo qualquer de apito ao pescoço, prancheta na mão e calções puxados até aos sovacos. Longe disso. Quase nunca comparecia aos treinos, o que punha os treinadores doidos, mas, como detestava sair derrotado e raramente perdia, mantinham-me na equipa – o que não deixava de ser interessante, porque para mim era igual ao litro.

O mesmo sucedia com os estudos. Os trabalhos de casa pareciam-me uma perda de tempo. Só pensava: *Pois bem, já me disse o que queria que eu soubesse, agora venha de lá esse teste para vomitar tudo de uma vez.* Retinha na memória praticamente tudo o que via e ouvia e saía-me bem nos testes, por isso, na maior parte dos relatórios de aproveitamento escolar podia ler-se: “O Charlie tem imenso potencial, mas falta-lhe sentido de responsabilidade.” Não sei dizer quantas vezes ouvi dizer “é extremamente inteligente”, “falta-lhe ambição”, ou a minha expressão preferida, “um diamante em bruto”.

Quer tenha sido pelos dois campeonatos estaduais de luta livre, por

correr uma milha em menos de quatro minutos e trinta segundos, por ter perdido pai e mãe antes dos 17, ou por ter ficado a três respostas certas da nota máxima nos exames finais e ter tido um orientador vocacional apostado em convencer-me a seguir estudos superiores, concluí o Secundário com notas excelentes, múltiplas bolsas de estudo e várias opções de entrada na universidade.

O professor de Inglês do 12.º ano disse-me que devia pensar em alistar-me nas tropas especiais. Eu preferi Harvard.

Os finalistas do meu ano elegeram-me “Muito Provavelmente o Primeiro Presidente Com Cadastro”. O professor de Inglês insistia muito na importância de termos um rumo, objetivos bem definidos.

– Façam planos! – exortava ele. O projeto de final de ano consistia nisso mesmo. Estabelecemos um plano A, seguido de planos de contingência B e C. Sempre achei que o fulano devia aprender a descontrair um pouco. Afrouxar a gravata. Deixar de beber tanto sumo de ameixa. O trabalho deveria ter de oito a doze páginas e incluir múltiplos argumentos a favor das escolhas feitas. O meu resumia-se a um breve parágrafo: “O meu plano A é não fazer planos, o que, por dedução lógica, exclui logo à partida os planos B e C. O futuro estará à minha espera quando eu lá chegar.”

Tive nota negativa no projeto e o professor nem queria acreditar quando soube que universidade tinha escolhido – ou antes, ficou furioso e até me disse que não merecia tal oportunidade. Ficou ainda mais furioso quando soube que eu não teria de pagar um tostão.

Quando atravessei o palco e ele me entregou o diploma de conclusão do Secundário “Com Distinção”, ouvi-o resmungar entre dentes. Apertei-lhe a mão, sorri de orelha a orelha e comentei:

– Esse seu capachinho faz-lhe tanta comichão como parece? – O professor olhou para os lados e passou a mão no cabelo. – É que parece estar a irritá-lo.

Não foi difícil escolher uma universidade. Harvard era uma universidade cara e um curso lá “valia” muito. Mais uma vez, se eram estúpidos a ponto de aceitar a minha candidatura, porque não aproveitar? E eu não era burro a ponto de pensar que podia safar-me nas tropas especiais com gente a soprar-me apitos na cara e aos berros comigo. A prisão federal não me parecia um sítio muito agradável. Além disso, nunca tinha ido a Boston.

Sobrevivi à universidade da mesma forma que sobrevivi ao Secundário. Fazia o mínimo para me safar, sem me deixar envolver demasiado. Sempre tinha sido bom a matemática, por isso, quando tive de especificar a principal área de habilitações, pareceu-me boa ideia optar por qualquer coisa ligada ao mundo das finanças.

A meio do segundo ano, fartei-me do treinador de atletismo e da sua incessante necessidade de me impor um horário para os treinos. Quando corri uma milha em quatro minutos e sete segundos, disse-lhe que pegasse na prancheta e a enfiasse no mesmo sítio onde lhe tinha dito que enfiasse o cronómetro.

Embora a bolsa de estudo de Harvard cobrisse as propinas, o quarto e as refeições, não dava para muito mais. Como também nunca tinha sido um aluno muito aplicado, não é difícil concluir que o póquer ocupava muitas das minhas noites.

Era um jogador razoável, mas depressa aprendi que o póquer não tem favoritos e que a maré de sorte pode virar a qualquer momento. Além disso, detestava perder. Assim, comecei a procurar uma forma de melhorar as minhas probabilidades de ganhar. A mais óbvia seria fazer batota, coisa a que não me opunha, mas esse estilo de jogo tem um prazo de validade limitado, tal como a nossa carreira quando nos apanham. Foi então que, certa noite, fui convidado a participar num jogo onde descobri o que não tardei a chamar “os colherinhas de prata”. Miúdos ricos, filhos de grandes magnatas, que viam o póquer como um entretenimento. Era-lhes indiferente perder ou ganhar. Em qualquer dos casos, adoravam a adrenalina e a reputação que adquiriam. Aproveitei a oportunidade para beneficiar da imprudência deles e, ao mesmo tempo, estava a prestar um serviço. No fim do segundo ano, tinha dinheiro no banco e começava a tornar-me conhecido no meio.

Enquanto jogador possuía dois talentos que me destacavam de quase todos os outros. Em primeiro lugar, não tinha medo de apostar em grande, nunca tivera. Não dava importância a nada, nem mesmo ao dinheiro, portanto, perder algum não me afetava tanto como aos restantes. Em segundo lugar, sabia interpretar expressões, gestos e atitudes. Lia-os como um cego lê Braille. Nenhum destes dotes se aprende. Ou se nasce com eles, ou não. Os jogos das apostas a sério eram organizados pelo filho de um barão das novas tecnologias de Silicon Valley e só se entrava com convite.

Uma noite corri a mesa e limpei tudo. Foi uma bela noite. Arrecadei vários milhares. Um dos meus rivais com mau perder acusou-me de ter feito batota e produziu provas para apoiar as alegações. Os convites pararam de chegar. Não restavam muitas opções a um novato em ascensão como eu e vi-me em apuros, até que o tipo – um veterano do quinto ano – começou a vangloriar-se e eu desafiei-o para um jogo do tudo ou nada em público. Graças à fortuna do papá, o tipo tinha passado uma grande temporada em Las Vegas e Atlantic City a tentar convencer toda a gente de que sabia o que estava a fazer. Gostava de dizer que era um “jogador profissional”, mas eu tinha as minhas dúvidas. Ninguém tão bom como ele dizia ser se gabaria tanto. Ou, se o fizesse, não seria por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde o póquer acaba por incutir humildade até aos melhores. No caso dele, seria mais cedo.

Vencer no póquer é fácil desde que se saiba em que mãos apostar ou não. Parece simples, não? Errado. Querendo fazer uma demonstração de poder e ver-me de rastos, o tipo apostou tudo na terceira mão, mas calculou mal o momento para fazer bluff. Igualei a aposta, dobrei-a e pedi para ver o jogo. Quando o *dealer* mostrou as cartas e ele percebeu que um *full house* bate sempre três do mesmo naipe, empalideceu. O bolo ascendera aos 17 mil dólares. Metade era dele. A rapariga que trazia debaixo do braço arranjou uma desculpa para ir à casa de banho. À medida que os “amigos” dele se iam afastando, não querendo ser associados a um zero à esquerda, vi-lhe aquela expressão nos olhos e – eu seja ceguinho – estive mesmo para lhe dizer que não o fizesse. Porém, mais uma vez, se o tipo ia ser estúpido a esse ponto, porque não tirar proveito da situação?

Ele olhou em volta com um sorriso forçado, procurando em vão manter a dignidade.

– O dobro ou nada.

Voltei a arrastar as fichas para o centro da mesa.

– O que é que tens?

Ele deixou cair as chaves do Audi na mesa, entre exclamações de horror e admiração. Os amigos deram-lhe palmadinhas nas costas e a rapariga regressou da pausa para ir à casa de banho. Eu não tinha carro e a ideia de ter um atraía-me. Acenei ao *dealer*, que deu as cartas, e mais uma vez o rapaz não teve sorte com as que lhe calharam.

Saí não só com os 8500 dólares dele, mas também com as chaves do carro e o início de uma ilustre reputação. O Audi era do pai, que me ligou discretamente no dia seguinte para me oferecer um cheque no valor do

carro, que prontamente aceitei. Sessenta e quatro mil dólares. Uma bela noite, sem dúvida. Não o fazia pelo dinheiro, nem então, nem agora. Fazia-o, isso sim, para contrariar quem me dizia que não podia fazer o que queria.

A notícia espalhou-se e os convites para jogar choveram de todos os lados. O problema era que os tipos que me convidavam faziam o mesmo que eu – depenavam jogadores incautos com dinheiro a mais. Ouvia-o nas vozes e lia-o nos rostos deles. Entrei em alguns jogos e ganhei bastante dinheiro, mas eles estavam só a marinar-me. A assar-me em forno lento para ficar mais tenro e me cortarem às postas até me arrancarem tudo, até ao último cêntimo. Sabia que estavam só a pôr-se a jeito, à espera do momento mais oportuno para dar o bote, mas não lhes dei essa satisfação. Para grande surpresa e consternação dos envolvidos, numa quinta-feira, noite de apostas altas, corri e limpei a mesa e fiz o suficiente para me sustentar durante um ano. Recolhi discretamente as minhas fichas, mas, quando os olhei nos olhos, percebi de imediato duas coisas: conseguira provocá-los e isso nunca mais voltaria a acontecer. O estado de graça tinha chegado ao fim e na semana seguinte começaria o juízo final. Tendo interpretado os sinais, fiz algo que não esperavam: agora que as coisas estavam a aquecer e que eu começava a deixar a minha marca, meti os ganhos ao bolso e saí de cena.

Isto não os deixou nada satisfeitos e, como possuíam alguma influência em Boston, fizeram-me a vida negra em todos os jogos não só na cidade e arredores mas também em todo o nordeste do estado. Não tinha importância. Estava farto do póquer e farto de Boston. O meu olhar fixara-se no horizonte e dei por mim à procura de um jogo diferente. E encontrei-o.

Em Londres.

Capítulo Três

A água dava-me pela cintura, límpida como gin, e, como não soprava sequer uma brisa, fazia lembrar uma superfície de vidro. Ao longe o azul-turquesa esfumava-se em tons de índigo. À minha direita o astro celeste iniciava a sua descida rumo a um pôr do sol inesquecível. A vinte passos, uma lagosta apressada refugiava-se no seu esconderijo subaquático enquanto uma raia rasava o fundo arenoso. A 200 metros da costa havia dois barcos ancorados. Crianças a brincar na água. Tubos de respiração. Máscaras de mergulho. Redes para caçar lagostas. Risos. Os adultos, besuntados com óleo bronzeador, estorricavam ao sol em espreguiçadeiras flutuantes à volta dos miúdos. O cheiro a sal, óleo de coco, rum e gases de combustível queimado sugeria que tinham passado ali boa parte do dia.

Quase todos os fins de semana havia pessoal de Miami que deixava a Biscayne Bay em barcos a motor, atravessava Stiltsville e percorria os 70 quilómetros que nos separavam. Apareciam bem cedo e aos magotes. Com cerca de cinco quilómetros de comprimento e menos de meio quilómetro de largura – pouco mais do que um grão de areia na vastidão do Atlântico – a ilha de Bimini, nas Bahamas, era a meca da pesca de flecha e espadarte azul, um oásis para o *jet set* de Miami, célebre refúgio de Hemingway, e um dos últimos vestígios do império de sua majestade, bem como um porto de abrigo conveniente para os desiludidos da vida e um sítio fantástico para um próspero traficante de droga viver sem peias. Atrás de mim, o areal branco semeado de conchas continuava relativamente intacto. A ponta norte da ilha, que incluía esta praia, fora propriedade de uma família durante duas gerações, mas tinha sido adquirida no ano anterior por um casino que rapidamente começara a mutilar a paisagem. Na esteira do progresso, uma pitoresca aldeia piscatória dera lugar ao pior que um casino tem para oferecer. Segundo uma lenda local, a cidade perdida da Atlântida jazia aqui perto, para lá dos baixios onde os barcos ancoravam. A

história não deixava de ter algum mérito dada a inexplicável regularidade geométrica das formações rochosas logo abaixo da superfície da água. Imagino que não seja preciso dizer de que casino se trata. Os proprietários apressaram-se a tirar proveito da lenda, transportando turistas à zona das rochas em barcos com fundo de vidro. Como é natural, a história espalhara-se e até já houvera avistamentos de sereias.

Eu tinha chegado a esta ilha um pouco como Colombo – por engano – e já cá estava há uma década. Como canta Jimmy Buffet em “He Went to Paris”, os anos passam sem darmos por eles.

Ainda nem sinal dela na praia. O meu pé esquerdo começava a agitar-se involuntariamente. Já não devia tardar, pois não? Claro que não. O funcionário da conservatória do registo civil mostrara-se relutante quando lhe pedi para nos casar na praia às sete da tarde, mas mudou completamente de atitude quando lhe acenei com um maço de notas, dizendo que adorava casar pessoas na praia ao pôr do sol. Também não tinha chegado, mas ainda lhe restavam uns minutos.

Depois do pedido de casamento – não muito romântico, diga-se de passagem – perguntei à Shelly onde gostaria de se casar. Ela apontou para os pés.

– Aqui mesmo.

O que explicava o sítio onde me encontrava. Ela queria sentir o calor do sol poente no rosto, a brisa fresca no cabelo. A minha mão na dela. Acreditava que casarmos aqui, na água azul-turquesa, apagaria a memória e a dor do primeiro casamento. Eu nunca tinha sido casado, mas conhecia bem o peso das memórias e da dor.

Fiquei parado com a água pelos tornozelos, a imaginá-la a sair da água e a vir ao meu encontro cruzando a saída de praia por cima do fato. Descalça. Bronzeada. Com o vento a dançar-lhe no cabelo, nas maçãs do rosto. Com aquele sorriso. A dar-me a mão.

Por força do hábito olhei para o pulso para ver as horas, mas continuava sem relógio. Tinha apenas uma faixa de pele clara a marcar a ausência dele. A Shelly iria fazer perguntas e tinha de pensar numa desculpa que não envolvesse mentir-lhe descaradamente.

O Colin tinha dito que viria passar o fim de semana no Bertram, um iate de pesca desportiva de 60 pés com dois motores Cat a diesel sobrealimentados, que debitavam mais de 1000 cavalos cada um. Dado o volume dos tanques, o Bertram possuía um alcance de vários milhares de quilómetros e era o veículo perfeito para viagens mais longas às Keys ou

mesmo a Cuba e outros pontos a sul. Com três camarotes, uma cozinha e várias áreas comuns – já para não falar dos espaços à popa e à proa onde uma pessoa podia descontraír a sós ou sentar-se na cadeira para a pesca grossa, a medir forças com um atum ou um espadarte azul – não faltava espaço para toda a família.

Embora o sul da Flórida fosse magnífico em muitos aspetos, padecia de um problema que nenhum político podia resolver. Na eventualidade de uma tempestade ou outro desastre natural, não havia muitas saídas por terra. Entupidas com os milhões de habitantes locais em fuga, as estradas transformavam-se num parque de estacionamento lotado que impedia uma evacuação rápida. O Colin tinha adquirido o Bertram sobretudo para servir de ferry à família caso tivessem de evacuar o local e não pudessem fazê-lo por terra, mas, ao longo dos anos, este tornara-se também uma excelente forma de viajar até às ilhas – o que faziam várias vezes por mês. A velocidade de 40 nós permitia-lhes navegar os canais, atravessar Stiltsville e chegar a Bimini em menos de uma hora e vinte minutos.

A Shelly tinha programado fazer as rondas de manhã e realizar as cirurgias que tinha marcadas até e durante a hora do almoço e, a seguir, iria dar umas voltas e fazer umas compras e encontrar-se com o Colin na doca às quatro e meia.

Varri o horizonte em busca do barco, mas ainda nada.

Já ali estava há um bom bocado quando avistei um ponto brilhante ao longe, mas não era o Bertram. A ausência da minha noiva só podia querer dizer uma de duas coisas: ou tinha mudado de ideias, o que me custava a crer, ou uma emergência no trabalho, algo que não podia passar a nenhum dos colegas, tinha-a obrigado a faltar ao próprio casamento. O Colin, por outro lado, tinha ficado eufórico quando soube que ia casar-me. Tirando uma emergência familiar, não me ocorria nenhum motivo para ainda não ter chegado. O facto de não estar a lançar âncora neste preciso momento sugeria que tinha sucedido algo grave e repentino. Que nem ele nem ela ali estivessem apontava para algo que os envolvia aos dois, isto é, problemas com o barco – o que era possível, mas improvável. Ou então o Colin tinha precisado dos serviços profissionais da Shelly – ou seja, de um médico.

Ao fim do que me pareceu uma boa hora na água regressei à praia e perguntei a uma velhinha que passeava o cão:

– Podia dizer-me as horas?

Ela olhou para o relógio.

– Oito e um quarto.

Algo de muito grave se passava. Cruzei os braços, pensativo. Trazia um telemóvel comigo, mas raramente o utilizava para fazer chamadas e não sabia como dizer a alguém como entrar em contacto comigo. Usar o mesmo telemóvel regularmente é arriscado porque as autoridades podiam servir-se disso para me seguir. Assim sendo, o Colin fornecia-me um novo cartão SIM todas as semanas – por vezes, até várias vezes por semana – e um telemóvel diferente pelo menos uma vez por mês. Quando entrei no negócio, procurava memorizar os números sempre que mudavam, mas, ao fim de 20 números e quatro telemóveis em menos de quatro meses, desisti. O Colin era a única pessoa que sabia o meu número atual e o facto de nunca os escrever era um testemunho do génio e da memória fotográfica dele. Guardava tudo no “sótão”. Este padrão era um dos grandes contributos para a longevidade e o sucesso do negócio.

O sol desaparecera e a lua começava a afugentar o resto da luz do dia quando ouvi as hélices de um helicóptero. O Colin detestava o trânsito – o desperdício e a ineficácia irritavam-no –, por isso, servia-se amiúde dele para bater novos terrenos para o negócio das importações ou vir almoçar à ilha. O helicóptero circulou, pousou e a Shelly saiu a caminhar lentamente. A luz do aparelho iluminava-lhe o caminho.

Não trazia o fato de banho.

A bata do hospital vinha salpicada com o que parecia ser molho de tomate. Ela aproximou-se de braços cruzados e parou a alguma distância. Tinha estado a chorar. Ainda estava. Estendi o braço, mas ela recuou sem estabelecer contacto visual. Quando o ruído do helicóptero cessou, olhou de relance na minha direção, desviou a vista e, a seguir, ficou a olhar-me de esguelha.

Nunca tinha visto tamanha tristeza.

O vento fazia voar a areia contra as minhas pernas, arranhando-me os tornozelos. Ao fim de algum tempo em silêncio, a Shelly afastou o cabelo do rosto e voltou a cruzar os braços, como que a proteger-se.

Deu um passo atrás. As lágrimas regressaram. Falou sem olhar para mim.

– Ontem à noite, o helicóptero das emergências trouxe uma menina desfigurada. Tinha sido atacada por um pit bull. Perdeu muito sangue. – Olhou para mim. – Foi apanhada entre gente má a fazer coisas más. – Baixou os olhos para as mãos e, finalmente, olhou-me nos olhos. – Passei oito horas a tentar... – Interrompeu-se. Tremia. Tentei abraçá-la, mas ela esquivou-se e deu-me uma bofetada com quanta força tinha. E, a seguir,

outra. Cerrando os dentes, disse:

– Tens de trazer o sorriso dela de volta. – Abanou a cabeça. – Não sei se vai...

Esperei. A Shelly continuou a abanar a cabeça e limpou o nariz à manga. Terminara o que tinha vindo dizer.

Sempre de longe, esticou a outra mão fechada com os dedos para baixo, como se pretendesse dar-me alguma coisa. Estendi a palma da mão. Ela olhava fixamente para o punho cerrado. Trémulo. Toquei-lhe na mão com a minha e ela deixou cair na minha palma da mão o relógio que eu tinha perdido. Estava sujo e peganhento. Não consegui ver as horas. Sem olhar para ele, disse-me:

– A Maria trazia-o no pulso quando a trouxeram. Parecia... – A voz embargou-se-lhe, mas depois recuperou. – Parecia grande de mais para o pulsinho fino dela.

Finalmente percebi. Apontei para o peito e exclamei:

– A minha Maria?

A Shelly engoliu em seco, mas não deu mostras de me ter ouvido. Já a tinha perdido. Insisti.

– Achas que vai sobreviver?

Ela encolheu os ombros e fez que sim com a cabeça. Deu um passo na direção do helicóptero, parou e disse por cima do ombro:

– O Colin... – Hesitante, olhou para as mãos e a seguir continuou. – Contou-me... tudo. A começar pelo dia em que vocês se conheceram. – Abanou a cabeça com uma expressão incrédula. – Eu disse-lhe que não conhecia aquele homem. Que nunca o tinha conhecido. Que o homem que eu amava nunca me mentiria, nunca poria a minha vida em risco. – A voz dela tornou-se amarga. – Que não seria capaz de me usar daquela forma. – Calou-se por uns instantes. – Quando deixei o hospital vi três agentes da polícia dentro dos carros, a escrever relatórios. Unidades estratégicas. Tatuagens. Uniforme preto. Estavam com a Maria quando deu entrada no hospital. Perguntei-lhes se tinham suspeitos. Só disseram “Corazón Negro” e que já andavam atrás dele há uma década. Que era como um fantasma. – Voltou a encarar-me, olhos nos olhos. Sacudiu a cabeça uma vez. – Devias ter-me contado.

A Shelly já vivia em Miami há bastante tempo e o espanhol dela era muito bom. Muito melhor do que o meu. Não traduziu a expressão e eu não lho pedi.

Sabia bem o que queria dizer e sabia que ela também o sabia.

Fomos apanhados numa onda rasa. Ela ajoelhou-se e lavou as mãos para se livrar do sangue do relógio. O piloto do helicóptero percebeu que se preparava para ir embora e as hélices começaram a girar. A ganhar velocidade. Quando ela se levantou, secou as lágrimas com as mãos e voltou-se para mim. Tinha o rosto inchado, sombrio e os olhos eram brasas incandescentes. Disse-me:

– Alguma vez te ocorreu, Charlie, que a vida não é um jogo de póquer e que nós não somos fichas que podes lançar para cima da mesa quando te dá na veneta? – Os olhos e o rosto dela tinham readquirido uma expressão dura e fria. – Há um mal em ti. E... – Indicou o sangue na bata com um gesto vago. – Conspurca toda a gente, menos a ti. – Era o fim. Aproximou-se um pouco. – Não voltes a entrar em contacto comigo. – Voltou-se, fitando as águas. – Nunca mais.

De braços cruzados, com o vento a fustigar-lhe o cabelo e a bata, regressou ao helicóptero, que abandonou a praia e desapareceu a oeste com o resto da luz. Não posso dizer que tenha ficado destroçado com a partida dela. Não tinha a certeza se queria casar com a Shelly ou se não queria perdê-la, apenas. Casarmo-nos tinha mais a ver com ela. Perdê-la tinha a ver comigo e eu não queria considerar as implicações.

A minha verdade tinha-nos separado.

Capítulo Quatro

Tendo em conta o generoso pecúlio que tinha acumulado em Harvard e a abundância de tempo livre de que passara a dispor por via do meu recém-adquirido estatuto de *persona non grata* em Boston e arredores, decidi procurar bolsas de estudo no estrangeiro e encontrei uma feita mesmo à medida para tipos como eu – alunos do penúltimo ano com notas excepcionais, tudo vintes a matemática, sem pais, irmãos e outros familiares próximos. Em suma, aquilo a que o conselho de administração da bolsa chamava “frutos de prodígio e infortúnio”. Tem graça haver tão pouca diferença entre “prodígio” e “pródigo”. No verão anterior ao último ano do curso, a Bolsa de Estudo Pickering-Kuscht levou-me a Londres, onde estudei derivativos, alavancagem e os olhos verde-esmeralda de uma deusa chamada Amanda Pickering.

A Amanda era linda, muito segura de si e adorava correr, mas – felizmente para mim – não possuía grande sentido de orientação. Quando desisti do atletismo de pista redescobri o gosto pelo *running*, o que fazia sobretudo à noite. Assim sendo, enquanto grande parte dos meus colegas andava de bar em bar a afogar-se em cerveja, eu percorria as ruas de Londres de lés a lés. Por coincidência, a Amanda também. A única diferença é que eu conseguia encontrar o caminho de regresso ao hotel. Tínhamos assistido a algumas aulas juntos, mas, como ela era um pouco reservada, não era de admirar que nunca tivéssemos trocado duas palavras.

A Amanda tinha outra característica muito comentada entre pais e filhos da elite da Nova Inglaterra: era a única herdeira da fortuna Pickering. O percurso universitário dela refletia as escolhas pessoais do pai, que pretendia encontrar um administrador para o seu precioso dinheiro entre os cérebros mais brilhantes a oriente. Certa noite, por volta da uma da madrugada, encontrei-a – a quilómetros do nosso hotel – a tentar ler um mapa junto a um sinal do metro. Ela viu-me de passagem mas era

orgulhosa de mais para admitir que precisava de ajuda.

Não era segredo para ninguém que o pai a tinha instalado numa das *penthouses* no último andar do Ritz. Indiquei um ponto no mapa.

– O Ritz fica aqui.

Ela olhou para mim de esguelha, anuiu e fingiu procurar no mapa um percurso alternativo até casa.

– Óbvio.

Os olhos dela não se detinham num único ponto do mapa. Voltei a apontar.

– E... tu estás aqui. – Isto só serviu para a confundir ainda mais, carregando-lhe o cenho franzido, por isso, aponte para trás dela. – O que quer dizer que devias correr naquela direção.

Não querendo dar-se por vencida, a Amanda inclinou a cabeça para um lado, ainda a tentar descodificar o mapa. Finalmente, voltou-se para mim.

– Aposto que és bom a resolver o cubo mágico.

– Cinquenta e dois segundos.

Ela abanou a cabeça e comentou, ainda a tentar perceber o mapa:

– Há anos e anos que venho a Londres, mas – limpou o suor do rosto – é tudo tão diferente de dia e tínhamos sempre um motorista.

Pus-me a empurrar o poste de iluminação como se estivesse a fazer alongamentos.

– Pois... eu também. Só que o meu não se calava o caminho todo. Não pude deixar de aprender qualquer coisa. Aos 8 anos já conhecia a cidade como a palma da minha mão.

– Estou perdida e tu ainda gozas comigo.

Abanei a cabeça e continuei a picá-la.

– Já não se fazem cavalheiros como dantes, é o que é.

Ela sorriu.

– Já ouvi falar de ti.

– Não me digas! A sério?

– És aquele atleta arrogante que tem andado a limpar os bolsos a toda a gente no póquer. Até ganhaste um carro.

Encolhi os ombros.

– Era do pai e ele tem muitos.

A Amanda abafou uma risadinha cúmplice.

– Pois tem. – Continuou. – E depois tiveste a lata de aparecer diante do conselho de administração da bolsa do meu pai com uma historieta

qualquer de fazer chorar as pedras da calçada. Pobre de ti, sozinho no mundo...

– Do teu pai?

– És a escolha do meu pai para a atribuição da bolsa.

– Pensava que era o conselho que decidia.

Ela não olhou para mim.

– Pensavas mal.

– Estive mais de uma hora a responder às perguntas deles.

– E evidentemente saíste-te muito bem.

– Tenho um certo talento para dizer às pessoas o que querem ouvir.

– És sempre assim?

– Assim, como?

– Desafetado.

– Se soubesse o que isso quer dizer, respondia-te.

Ela abanou a cabeça uma vez.

– Um homem honesto em Harvard... Querem ver...?

Era a segunda vez na vida que me chamavam honesto. Tem graça, não era essa a minha impressão. Encolhi os ombros.

– Às vezes, ser franco e ser honesto não é bem a mesma coisa.

Ela olhou-me de alto a baixo.

– O meu pai vai ficar tão impressionado...

– Costumas contar-lhe tudo?

– O que eu não lhe conto, o Sr. Pickering acaba por descobrir por si só.

– Silêncio. – O dinheiro acarreta certas... responsabilidades.

– Muitos não se importariam de carregar esse fardo por ti.

Outro momento de silêncio.

– E tu és um deles?

– Se queres mesmo saber o que eu acho, quem vier a carregar esse teu fardo vai precisar de obter a aprovação do teu pai muito antes de obter a tua, e eu não quero entrar nesse jogo.

Na qualidade de uma das pessoas com menos de 26 anos mais ricas dos Estados Unidos, imagino que a Amanda não estivesse habituada a que lhe falassem com tanta franqueza e sem a deferência que a fortuna dela inspirava nos outros. Não sei se acreditava em mim ou não, mas via a minha sinceridade como uma lufada de ar fresco.

– Tens toda a razão.

– Aposto que te divertiste à brava no Secundário.

– Teve os seus momentos.

– Quantas vezes fugiste de casa?

Ela sorriu.

– Todas as noites.

Abafei o riso.

– Como agora.

Mais sinceridade. Outro gesto de confirmação.

– Sim, como agora.

Estendi-lhe a mão.

– Charlie Finn.

A Amanda apertou-me a mão por vários segundos.

– Amanda Pickering.

Dei meia-volta.

– Anda daí. Se soubesses o caminho para casa, esta conversa já teria terminado há muito tempo.

A nossa amizade – como descrevê-la? – era um curioso e divertido acaso. Ao contrário dos outros tipos que andavam literalmente atrás dela à procura de uma oportunidade para dar o bote e partilhar os seus currículos – e, com um pouco de sorte, o dinheiro dela –, eu tinha esbarrado com a Amanda sem querer e, em vez de desempenhar o papel do cavaleiro que chega para salvar a princesa, fiz pouco dela, o que me diferenciou de todos os outros. E isto, creio eu, agradou-lhe.

A razão para tal era muito simples. Já jogava póquer há tempo mais do que suficiente para saber que há sempre alguém mais capaz, com mais fichas e cartas melhores do que eu. Se a lógica ditava que as minhas hipóteses com a Amanda eram nulas, porquê agir de outra forma? Consequentemente, adotámos uma certa atitude de “tanto se me dá” um com o outro e, ao contrário do que sucedia com os tipos que faziam fila para sair com ela, passávamos imenso tempo juntos.

A cadeira de economia que eu frequentava culminou num projeto individual. No primeiro dia, o professor tinha atribuído a todos os alunos 100 mil dólares em dinheiro do Monopólio, incumbindo-nos de criar um portefólio de investimento e mantê-lo ao corrente de todas as transações. Investir na bolsa de valores nunca tinha sido o meu forte, mas investigar sim e, assim sendo, tomei algumas boas decisões, vendi umas quantas ações a descoberto, salguei-me com certas opções de compra e, em conformidade com a minha maneira de ser, detive muito poucas posições longas. Quando o semestre de verão chegou ao fim, o desempenho da minha carteira de títulos tinha superado os dos meus colegas. Isto, mais do

que o meu relacionamento com a filha, chamou a atenção de Marshall Pickering.

Um dia antes do meu regresso a Boston, a Amanda ofereceu-me uma boleia no G5 da família. Iam mais dois ou três tipos. Sabia que, por muito que me custasse, se queria ter uma hipótese com aquela rapariga *não* podia ser como os outros. Tinha de ficar na minha. Além disso, algo me dizia que o convite partira do pai, visto que eu tinha acabado de vencer o desafio dos portefólios. Assim sendo, recusei.

– Nunca viajei muito pela Europa e estava a pensar atravessar França e Espanha de comboio. Perder-me por uns dias. Experimentar a cerveja e, quem sabe, os pratos típicos.

Sabia que viria comigo se a convidasse e que queria muito fazê-lo. Mas também sabia que o relacionamento não sobreviveria à viagem de regresso ao outro lado do Atlântico. O papá encarregar-se-ia disso. Disse-lhe adeus.

– Vemo-nos em Boston. – Sorri e aponte para oeste. – Que é para aquele lado.

A Amanda riu-se, demorando a mão na minha mais do que devia, e foi então que percebi que se tinha apaixonado por mim. Era uma mulher forte, independente, extremamente inteligente e incrivelmente bonita e tinha – ou viria a ter um dia – mais dinheiro do que podia gastar em 10 vidas. Porém, era também um peão no mundo do papá. E, embora ele a adorasse, algo me dizia que gostava ainda mais do seu dinheiro.

As duas semanas seguintes contam-se entre as mais solitárias que alguma vez tinha vivido. Obriguei –me a prolongar a viagem – uma semana a mais sem contacto – para redobrar o efeito e o bluff resultou. Quando aterrei em Boston, o motorista dela estava à minha espera no aeroporto, ao lado da limusina.

– Sr. Finn?

Abriu-se uma nesga na janela atrás dele e os olhos verde-esmeralda da Amanda sorriram-me. Não saímos de perto um do outro durante quase uma semana.

Um mês depois, ela convidou-me para jantar com os pais: jato privado, helicóptero, iate, a mansão nos Hamptons, mas tudo muito informal, só para conhecer a família. Eu não era idiota. O Sr. Pickering possuía um grosso dossier sobre mim. Sem dúvida, sabia que notas tinha obtido no Básico, quantas pizzas entregara, que tinha arrancado os dentes do siso no ano em que terminei o liceu e poderia recitar o meu historial académico de cor. Ou estava disposto a receber-me para me expor publicamente diante

da filha e mostrar-lhe a fraude que eu era, ou sentia-se curioso e queria saber de que fibra eu era feito. O futuro genro seria um homem rico, mas teria de merecer cada cêntimo.

Depois de dar um beijo à filha, cumprimentou-me e passou-me um braço por cima dos ombros.

– Charlie. Bem-vindo. Entre. A Amanda fala imenso de si. – A simpatia em pessoa. A primeira coisa que me veio à cabeça foi: *O tipo é bom. Lembra-me para nunca jogar póquer com ele.*

Tarde de mais. O jogo já tinha começado.

Durante o jantar, falei pouco e só quando me dirigiam a palavra, sempre atento à mãe da Amanda, que fazia a maior parte das perguntas. Estas pessoas tinham formado uma opinião sobre mim muito antes de eu ter entrado por aquela porta, por isso, desfrutei a minha refeição e respondi a tudo com sinceridade e desenvoltura. Achei que teria mais hipóteses de impressionar os pais dela – se é que tal era possível – se não me esforçasse por fazê-lo. A pedido, ofereci uma versão resumida da minha vida – que sem dúvida já conheciam. Um pai que conduzia um táxi e que tinha acabado com a própria vida ao embater numa barreira de cimento armado com uma taxa de alcoolemia de cerca de 3,0. Uma mãe que tinha entre dois a quatro empregos ao mesmo tempo para nos sustentar, mas que se juntara ao meu pai quando eu andava no 11º ano. Resultados excecionais nos exames finais. Bolsa integral para Harvard. Média de 19 no curso, que concluiria um semestre mais cedo. Recorde pessoal de quatro minutos e sete segundos/milha.

A mãe levantou um dedo.

– Mas quem o educou depois da morte da sua mãe? Quem o sustentou?

– Eu.

– E como fazia para sobreviver? Para comprar comida? Pagar a conta da eletricidade?

– Entregava pizzas e vendia droga.

Ela riu-se, julgando que eu estava a gracejar, e o pai da Amanda encostou-se para trás na cadeira com um sorrisinho astuto – mostrando-me que sabia que não era piada nenhuma.

Serviu vinho a toda a gente à mesa, fazendo questão de descer ao nível do mordomo e certificar-se de que estávamos todos satisfeitos com o vinho “da casa” que, segundo me sussurrou a Amanda, saía do armazém a 200 dólares a garrafa. Não toquei numa gota e declinei sempre que me oferecia mais.

O Sr. Pickering registou esse pormenor ainda antes de comermos as saladas e, ao longo da noite, continuou a observar com curiosidade, enquanto o meu copo permanecia cheio.

Quando flambaram as bananas Foster, perguntou-me num tom levemente desapontado:

– Podemos oferecer-lhe outra coisa qualquer?

Cá estava. O primeiro ataque, e eu sabia-o. Estava a subir a parada. Abanei a cabeça e respondi apenas ao sentido mais óbvio da pergunta.

– Não, obrigado.

Novo ataque. Dobrou a aposta.

– Não lhe agrada, o meu vinho?

Cobri a aposta e voltei a dobrá-la.

– Não sei, não cheguei a prová-lo.

Ele hesitou, a avaliar as cartas que tinha na mão. A Amanda beberricava o vinho dela e sorria, divertida. Tocou-me no pé por baixo da mesa. Abanei a cabeça uma vez.

– Não bebo.

Ele sabia-o, mas, em lugar de o admitir, ergueu o copo e ofereceu-me um brinde, depois à filha e, finalmente, à esposa e ao mastim da Pérsia, o cão da família. Não diria que venci a mão, mas, pelo menos, ganhei um lugar à mesa dos convidados.

Depois do jantar “recolhemo-nos” ao alpendre e ficámos a contemplar a água. O Sr. Pickering ofereceu-me um charuto. Mais uma vez, recusei. Ele deslocou o dele de um lado para o outro na boca, acendeu-o e puxou vigorosamente o fumo até deixar a ponta incandescente como um ferro em brasa. Estranhamente, a cor combinava com os olhos dele. Depois de sorver várias vezes o cubano, expirou, criando à nossa volta uma cortina de fumo.

– Dir-se-ia que estou diante de um homem sem vícios.

Isto era peixe graúdo de mais para o meu barco. Qualquer idiota no meu lugar chegaria à mesma conclusão. Este homem comia tipos como eu ao pequeno-almoço e palitava os dentes com o que restava das espinhas dorsais. Algures durante o terceiro prato, a atitude rígida do pai disse-me que não veria a filha a seguir ao jantar. Não havia muito que eu pudesse dizer ou fazer para alterar esse facto. O Pickering queria alguém forte, mas não alguém disposto a desafiá-lo tão abertamente como eu fizera toda a noite. Ele sabia-o e sabia que eu também sabia.

Ao ler as cartas que me tinham calhado, voltei a decidir-me por uma

abordagem sincera. Não sei dizer porquê, mas tinha a sensação de que este homem desmontava os meus bluffs muito melhor do que eu conseguia construí-los. Além do mais, nunca tinha jantado com uma personalidade que valia cerca de um milhar de milhão. A meio do charuto, comentou:

– A Amanda diz-me que joga póquer.

– De vez em quando, sim.

Com ar de patriarca benévolo, indicou uma mesa forrada a feltro.

– Que tal um jogo?

Cruzei as pernas e pousei as mãos no regaço.

– Não é preciso.

Ele estudou o charuto e puxou uma grande fumaça. Queria-me parecer que começava a ficar irritado.

– A sério?

– Eu ganhava dinheiro a jogar contra meninos ricos que viam no póquer uma forma de entretenimento. Duvido muito que o senhor me tenha trazido aqui para o entreter.

Ele abafou uma risada gutural, admirando a ponta incandescente.

– Aproveitava-se dos papalvos.

– Digamos antes que prestava um serviço a miúdos que só sabiam torrar o dinheiro dos pais e que já tinham idade para ter mais juízo.

– Então estava a ensinar-lhes uma lição, não é assim?

– Vi uma oportunidade...

Ele anuiu.

– ... e aproveitou-a. Isso agrada-me. – O ar de inocência evaporou-se. – Pago muito bem a pessoas que sabem ler outras pessoas.

– Algo me diz, Sr. Pickering, que o senhor me lê muito melhor do que eu consigo lê-lo a si.

Ele sorriu e recolheu da mesa uma pilha de fichas imaginária.

– *Touché.*

Podia não gostar de mim, mas admirava a capacidade de desistir do jogo quando enfrentava alguém com cartas melhores. Olhou-me de soslaio. O fumo saía-lhe da garganta como de uma chaminé.

– Marshall. Trate-me por Marshall.

×

Com a aparente bênção dos pais, a Amanda e eu “saímos” durante o último ano. Em Harvard pareciam tão impressionados com o meu

desempenho acadêmico que me ofereceram uma das vagas no programa de pós-graduação em Gestão de Empresas e, embora não tivesse forma de saber ao certo, a decisão parecia acusar o dedo do Marshall. Ao fim da primeira semana de aulas, este chamou-me ao gabinete dele e fez-me uma proposta de trabalho irrecusável. Decidi jogar outra mão e aceitei.

O Marshall administrava dinheiro, o dele e o de outros, e possuía empresas por todo o mundo. Quanto melhor ficava a conhecê-lo, mais me convencia de que a história do património de um milhar de milhão estava longe da verdade em cerca de dois milhares de milhão. Havia muito em jogo. Ele tinha três milhares de milhão de razões para escolher com cuidado. Com isto em mente, recrutara para a “firma” batalhões de jovens ambiciosos como eu, a pretexto de nos treinar como mentor, de nos mostrar os meandros do negócio num gesto de boa vontade completamente desinteressado. Mas o que pretendia, na verdade, era atirar-nos aos lobos e ver de que fibra éramos feitos, como fazem os proprietários de cavalos de corrida, que enchem os estábulos com a fina flor na esperança de que daí surja o próximo campeão recordista. Como os talhantes quando martelam a carne para a tornar mais tenra. A Pickering & Sons era uma empresa de gestão de fundos de investimento altamente bem-sucedida numa era em que a maioria tinha de fechar portas. Era também uma piada que só ele entendia, pois o Marshall não tinha filhos. Agora que acumulara uma fortuna do outro mundo, o grande objetivo da vida era encontrar a única coisa que o dinheiro não podia comprar: alguém que, na sua ausência (leia-se, depois da sua morte), zelasse ciosamente pelo seu tesouro.

Levou-me ao gabinete dele, apresentou-me ao resto do pessoal e depois mostrou-me o meu cubículo como quem não quer a coisa. Não restava nem sombra do benévolo patriarca que servia o vinho ao jantar e oferecia charutos.

– Tenho várias centenas de currículos em cima da secretária, muitos deles melhores do que o teu e todos de jovens ansiosos por ocupar este lugar. – Fez girar a cadeira. – Porque não a experimentas?

A minha mãe repetia muito um ditado popular que me ficou na memória: “*A cavalo dado, não se olha o dente*”. E assim as aulas recomeçaram e, com a Amanda a fazer as vezes da proverbial cenoura, tornei-me protegido do Sr. Pickering. A fortuna Pickering constituía o incentivo mais óbvio, mas, ao contrário dos outros 40 talentos que trabalhavam para ele, eu não estava ali pelo dinheiro.

A Amanda e eu apaixonámo-nos – tanto como duas pessoas separadas por nove zeros e um pai que controla toda a gente como um mestre marionetista podem apaixonar-se. Por alturas do Natal, fomos a Vail e à Suíça no jato da família. Visitámos a Venezuela nas férias de verão e meio mundo nesse entretanto. Apliquei-me nos estudos, conseguindo manter-me entre os melhores do meu ano, ao mesmo tempo que respondia às solicitações do Marshall. Dado o meu talento para decodificar pessoas e situações, tornei-me “assessor” dele, o que implicava explorar novos territórios, novas aquisições e avaliar a santa trindade que determina o sucesso ou o fracasso de qualquer negócio: o balanço patrimonial, o conceito do produto e as chefias. Harvard podia até ter emitido o meu diploma e recebido os louros pela minha formação académica, mas foi o Marshall quem verdadeiramente me iniciou no mundo dos negócios.

No decorrer dos dois anos que se seguiram tornei-me bastante bom no que fazia, melhor do que qualquer “protegido” que o Marshall alguma vez tivesse tido. Concluí a pós-graduação e foi então que começou o trabalho a sério. O Marshall pagava-me um modesto salário de seis dígitos que eu não tinha tempo para gastar, com a promessa de um bónus no fim do ano de acordo com a produtividade. Fazia o mesmo com todos os seus cavalos. Eu tinha um apartamento de luxo num condomínio fechado em Boston, mas passava a vida no Gulfstream, o jato da empresa. No primeiro ano depois de Harvard, dormi um glorioso total de 26 noites na minha cama.

Enquanto tudo isto acontecia, nunca deixei de correr. Não era tão rápido como dantes, mas a dor precisa de um escape, por isso, os quilómetros foram aumentando. Correr era a minha forma de exorcizar com as pernas e com os pés o que não conseguia resolver na minha cabeça. Era terapêutico. A exteriorização do efeito que o Marshall tinha em mim. Se me encontrava em fuga ou em perseguição, não saberia dizê-lo.

O meu primeiro bónus rondava os 500 mil dólares. Parece muito, e era, só que o meu trabalho tinha gerado receitas na ordem dos 100 milhões. Ao regressar de uma viagem de negócios, vi que alguém tinha pendurado “#23”¹ por cima do meu cubículo. E tinham razão. Era-o aos olhos de todos, menos do Marshall.

Lembram-se de me ouvir dizer que nunca jogava com pessoas melhores do que eu? Isso só funciona quando percebemos de antemão que são melhores. Brendan Rockwell era um puto com pedigree, uma das estrelas da equipa de remo de Harvard e o melhor aluno do seu ano na Pós-graduação em Gestão de Empresas de Stanford. Isso, por si só, já bastaria

para criar uma tensão imediata entre mim e ele. As universidades de Stanford e Harvard são rivais de longa data por fazerem a mesma coisa melhor do que todas as outras. Enquanto eu percorria o continente e meio mundo de lés a lés, o Brendan ia ascendendo na hierarquia da empresa, o que lhe valera a alcunha “Nariz Castanho”, por andar sempre a lambar as botas ao chefe. O Marshall devia apreciar a atitude subserviente, porque, num abrir e fechar de olhos, dei comigo a trabalhar lado a lado com o tipo. A adestrá-lo para o negócio. Era alto e atlético, muitíssimo inteligente, articulado, matreiro, tão bom como eu (senão melhor) com os números, sabia desenrascar-se e não hesitaria em passar-me a perna assim que me apanhasse distraído. O Brendan perseguia um único objetivo que nada tinha a ver com a Amanda, mas não torceria o nariz se viesse incluída no pacote. Pretendia deitar a mão ao dinheiro à moda antiga.

No plano de guerra do Marshall eu era a força no terreno e não podia haver melhor general na linha da frente. O problema deste cenário é que estava sempre ausente, só comunicava com ele por telefone. O Brendan, por outro lado, fazia-o pessoalmente e, ao contrário de mim, cobiçava o dinheiro do velhote. Não tardou a intrometer-se em todas as minhas comunicações com a empresa e depressa se transformou na mão que dos bastidores controla as alavancas. Daí a nova alcunha, “Oz Brown”, como o feiticeiro. Bem vos disse que o tipo sabia jogar melhor do que eu. Ele e o Marshall eram farinha do mesmo saco. Depressa fiquei a saber que o Brendan se apoderava dos meus relatórios, estudava-os, apropriava-se do que lhe interessava e mais tarde utilizava factos incompletos para rebater os meus argumentos. Não é a ofensiva direta que nos mata, mas sim os ataques pela calada. Mil pequenas traições que são outros tantos pregos num caixão.

Durante o meu segundo ano na empresa, a Amanda veio ver-me ao meu gabinete. Ao partir, demorou-se à porta, tristonha. Saía sempre cabisbaixa do gabinete do pai. Encostou-se à ombreira da porta e sussurrou-me:

- Vais estar muito ocupado, este outono?
- Nem por isso.
- E que tal umas férias prolongadas... juntos?

O instinto dizia-me que não se referia a uma simples viagem de férias.

- Define “prolongadas”.

Ela veio até à secretária e beijou-me, demorando os lábios nos meus.

- “Até que a morte nos separe.”

Foi a primeira e a única vez que falámos em casamento e foi também aí que me dei conta de que o Marshall tinha o meu gabinete sob escuta, porque, depois desta conversa com a Amanda, a atitude dele comigo mudou radicalmente. Mais mensagens de voz no atendedor. Menos interação frente a frente. Na manhã seguinte, meteu-me num avião rumo a oeste. Nas oito semanas que se sucederam passei ao todo quatro dias em casa.

Depois veio o Dia de Ação de Graças, comigo convenientemente fora numa plataforma petrolífera no Golfo do México na companhia de um bando de texanos suados. A Amanda ligou-me e ouvi ao fundo o Marshall e o Brendan em amena cavaqueira. A mensagem não podia ser mais clara. A Amanda e eu estávamos presos numa máquina e as engrenagens iriam acabar por desfazer-nos. Depois da experiência no meu gabinete, não restavam grandes dúvidas de que o Marshall ouvia todas as nossas conversas ao telefone, por isso, de certa forma, disse o que disse para o provocar:

- Lembras-te daquelas férias que sugeriste?
 - Não penso noutra coisa.
 - Quando?
- Ouvi o sorriso na voz dela.
- Com a família, ou só nós os dois?
 - Isso é contigo.
 - O meu pai ia ter um ataque.
 - Ele recupera.

*

Ao chegar ao trabalho na semana seguinte, o Brendan descobriu que o gabinete dele, até então ao lado do meu, tinha passado – maravilha das maravilhas! – para o andar de cima. O mesmo do Marshall. Ao fundo do corredor, à distância de um berro. Para cúmulo, enquanto nós, rapazes, andávamos a partir pedra, o Marshall continuara a fazer da filha uma figura pública e a Amanda tornara-se o rosto da empresa. O que quer dizer que o Marshall começou a “solicitar” cada vez mais a presença dela em operações de comunicação institucional. Mais tempo sob escrutínio público. Tais exigências, curiosamente, entravam quase sempre em conflito com os nossos planos.

E foi então que se deu o fiasco da Cinco Padres Café Companhia.

¹ Referência ao número da camisola de Michael Jordan, considerado o melhor jogador de basquetebol profissional de todos os tempos e, desde 2015, o primeiro atleta multimilionário de que há registo. [N. da T.]

Capítulo Cinco

O vento forte agitava as águas, criando vagas superiores a dois metros, o que fazia da travessia noturna um desafio nada divertido. Não era a primeira vez que navegava nestas condições, mas um barco maior facilita o trabalho. Deixei o *Ilustre Carreira* no cais e zarpei com o Bertram rumo a alto-mar.

A proa oscilava na noite escura e a espuma das ondas varria o vidro à minha frente. Com um olho no radar e o outro no espelho retrovisor, ia recuando no tempo. Eu e o Colin tínhamos cruzado muitos mares juntos.

Quando Miami surgiu no horizonte, um nó no estômago lembrou-me o que a trapalhada em que estava prestes a meter-me iria custar-me, e quanto disto era culpa minha.

*

Duas horas mais tarde já tinha chegado aos cuidados intensivos na ala pediátrica do Hospital Angel of Mercy. O quarto estava escuro. Sereno. O Colin estava sentado numa cadeira com a cabeça entre as mãos. Ainda trazia o que restava do smoking que envergara na noite anterior. O casaco, o laço e a faixa tinham desaparecido e a frente da camisa estava manchada de sangue de quando transportara a Maria nos braços. Os sapatos pretos de verniz, sujos e cobertos de pó. No seu vaporoso vestido sem alças, a Marguerite dormitava numa cadeira ao lado da cama, com a cabeça nos lençóis e a mão da Maria entre as dela. A Maria estava ligada a vários tubos e tinha o rosto coberto de ligaduras como o de uma múmia, tirando um pequeno orifício por onde lhe tinham inserido um tubo na boca. Saíam-lhe do nariz outros tubos mais pequenos. Recebia medicamentos por via intravenosa de um saco de soro pendurado acima do ombro direito. As ligaduras do rosto estavam meio empapadas. As máquinas à cabeceira da

cama emitiam sinais sonoros e luminosos. Estava a dormir, mas notava-se-lhe um ligeiro tremor nas pernas e nos dedos das mãos e dos pés. Como se estivesse a correr.

Pousei a mão no ombro do Colin, mas ele não olhou para cima. Cobriu-me a mão com a dele e abanou a cabeça. A Marguerite mexeu-se quando lhe passei um cobertor por cima dos ombros. Ajoelhei-me ao lado dela para a abraçar. Ela apoiou-se a mim, repousando a cabeça no meu ombro. A Maria estremecia na cama.

A Marguerite preparava-se para narrar os acontecimentos da noite quando entraram no quarto duas enfermeiras que começaram a retirar as ligaduras empapadas com todo o cuidado. Quando terminaram, não reconheci o rosto inchado e suturado. Tinham-lhe rapado o lado esquerdo da cabeça e o topo e a nuca estavam cobertos de pontos. Quando as enfermeiras lhe levantaram ligeiramente a cabeça, a Marguerite levou a mão à boca e virou as costas. O Colin quis abraçá-la, mas algo o deteve. A Maria permanecia inerte no seu coma induzido.

Depois de substituir a gaze, as enfermeiras saíram tão silenciosamente como tinham entrado. O Colin falou por cima do meu ombro.

– Quando vos deixámos ontem à noite, fomos a uma gala, um evento de angariação de fundos. Não estivemos fora mais de uma hora. O Zaul tinha-se oferecido... – A voz sumiu-se-lhe, dando lugar a uma expressão de incredulidade.

A Marguerite falou da cama sem erguer a cabeça.

– Devíamos ter tido mais cuidado.

A ferroada magoou o Colin. Engoliu em seco e continuou:

– Não sei como é que ele soube da entrega. – Estava a dizer a verdade. Uma das marcas da genialidade dele era a quantidade de detalhes, datas e números de contas bancárias que guardava na memória – sem provas documentais. Havia as transferências, mas isso facilmente se “branqueava” através dos negócios legítimos. Das nossas atividades – o negócio pequeno e personalizado de venda e distribuição de cocaína de qualidade superior a membros abastados da alta sociedade – não existia qualquer registo.

– Fomos sempre tão cuidadosos, estes anos todos... Quem sabe se... – Interrompeu-se, continuando pouco depois. – Depois de termos saído, disse à irmã que iam dar um passeio noturno de barco. – Deixou descair os ombros. – Algo que já fizemos centenas de vezes. Como é que a pequena podia adivinhar? Preparou-se, vestiu o colete salva-vidas. Foram percorrer os canais.

A Marguerite falou.

– Já era tão bom ele estar...

O Colin fechou os olhos.

– Há coisa de um ano, o Zaul começou a meter-se no póquer profissional. Cada vez mais fígado em jogos de apostas altas. Dos que começam nos cinco ou dez mil.

Senti o nó no estômago a apertar-se ainda mais. Ele confessou, confrangido:

– Já tive de lhe salvar o couro.

Sem olhar para o marido, a Marguerite murmurou:

– Duas vezes...

O Colin continuou.

– Da segunda vez, disse-lhe... – Cortou o ar com um gesto peremptório. – Basta! Acabou-se a brincadeira. – Fez uma pausa. – Não sabemos quanto é que ele deve, mas...

Encolheu os ombros. A Marguerite acrescentou:

– Andávamos a tentar estabelecer limites que já devíamos ter estabelecido há muito tempo.

– Quanto? – quis eu saber. O Colin abanou a cabeça e voltou a encolher os ombros.

– Não sei. – Sentou-se e encostou a cabeça à parede. – Talvez uns 200 mil, por aí... – Abanou a cabeça. – Não sei como, descobriu o local da entrega. – Um olhar de fugida, outro encolher de ombros: a dolorosa admissão da nossa, da *minha*, culpa. – Deve ter calculado que podíamos absorver o prejuízo. Deitar as culpas a outros. Que seria uma questão de compensar o cliente e a coisa ficaria esquecida. O problema é que os tipos a quem ele deve dinheiro seguiram-no. Apanharam-no de surpresa na doca. – Olhou para trás. – A Maria estava a dar de comer aos peixes no ancoradouro e não deu por nada. Encontrou o teu relógio nos degraus. Reconheceu a inscrição. Com certeza estava a usá-lo até poder devolver-to.

O que queria dizer que aquilo em que nos tínhamos metido, fosse o que fosse, estava longe de ter terminado. Olhei para a Maria e murmurei para os meus botões.

– Então vieram cobrar uma dívida.

O Colin disse num sussurro:

– E o Zaul, com aquele feitio dele, resolveu armar-se em duro. Dar luta. A Maria foi apanhada no meio. Migalhas de pão numa mão. O teu relógio na outra.

Concluiu com um gesto derrotado e a Marguerite voltou a pousar a cabeça nos lençóis. Desloquei-me ao corredor e pedi à enfermeira para encostar uma cama à da Maria. Quando ela a trouxe, peguei na mão da Marguerite e ajudei-a a deitar-se. Ela esticou a mão direita por cima da cama da Maria para poder acariciar-lhe o braço e fechou os olhos. Aconcheguei-a com um cobertor e, numa questão de segundos, já dormia. Puxei o Colin a um canto do quarto e esperei que os olhos dele se concentrassem nos meus. O Colin hesitou e esfregou a testa. Olhou para a Maria por cima do meu ombro.

– Algumas pessoas numa festa lá perto ouviram os gritos. Disseram que encontraram o Zaul a ligar às emergências e a carregar a irmã até à rua, onde o helicóptero foi buscá-la.

– Onde está ele agora?

– Não sei dele, nem do barco. – Demorou o olhar na forma mumificada da filha. Coçou a dobra do cotovelo, onde o penso e a bola de algodão indicavam que tinha dado sangue. – Ela perdeu imenso sangue... A Shelly esteve oito horas... – Não conseguiu acabar a frase. Ao fim de um longo silêncio, disse: – Charlie?

Pus-lhe a mão no ombro.

– Fazes uma coisa por mim? – pediu-me ele num fio de voz.

– Tudo o que quiseres.

– Encontra o meu filho. – Encostou-se à parede de olhos colados às máquinas que monitorizavam o estado da Maria. – Foi ao cofre, levou o dinheiro e o passaporte dele. Duas das três pranchas de surf dele desapareceram e, no cartão de crédito que lhe dei, aparece uma despesa na Delta Airlines. Meteu-se num avião – olhou para o relógio – para a Costa Rica.

Um ano antes, o Colin tinha adquirido uma casa de férias na Costa Rica. Tinha-lhe custado dois milhões e meio de dólares, mas lá uma quantia dessas dá para muito mais do que nos Estados Unidos. Cerca de 1100 metros quadrados. Situada numa falésia com vista para o Pacífico. Praia privativa. Doca de águas profundas concebida para iates de grandes dimensões. Uma casa de barcos com várias embarcações. A piscina e o jacuzzi tinham sido construídos de maneira a criar a ilusão de que as águas fluíam para o oceano.

Tinham passado lá o verão inteiro e, quando regressaram, o Colin vinha convencido de ter feito grandes progressos com o Zaul. Continuou:

– No verão passado conheceu uns tipos. Surfistas. Ladrões e traficantes

de segunda. Percorrem a costa, de país em país, a roubar ou a vender o suficiente para poderem perseguir ondas maiores e melhores. – Olhou para mim. – Tendo em conta a massa com que está prestes a aparecer e a forma como gasta o dinheiro, vão ficar logo muito amiguinhos dele, mas isso só vai durar até acabar a mama. Depois... – Outra pausa. – Os gangues da zona vão farejá-lo. Ligar-me a exigir dinheiro. Acho que nunca mais vou voltar a ver... – A voz sumiu-se-lhe.

A ferida que o repúdio da Shelly causara tinha ulcerado e ardia-me cada vez mais. Olhar para a Maria era como deitar sumo de limão em carne viva. Ocorreu-me que a única coisa que eu amava verdadeiramente nesta vida jazia naquela cama de hospital, enfaixada como a múmia de um faraó, e era bem provável que nunca mais voltasse a sorrir. Assenti.

– Vou agora mesmo.

Um jogador de xadrez por excelência, o Colin estava sempre a pensar no futuro. Era o que o tornava tão bom em tudo o que fazia.

– Devias levar o Gulfstream.

O Colin possuía um avião a jato que utilizava somente para o negócio das importações, o legítimo. Nunca transportávamos droga no avião porque daria muito nas vistas e porque a Marguerite e os miúdos viajavam nele. Ao contrário de mim, o Colin nunca misturava as duas coisas. Embora fosse mais rápido ir de avião, eu sabia que, uma vez na América Central, não seria fácil encontrar o Zaul se ele não quisesse ser encontrado. Teria de andar às voltas – possivelmente de país em país – e podia fazê-lo muito melhor e com mais liberdade de barco. E, como se encontrar o Zaul já não fosse suficientemente difícil, convencê-lo a regressar seria ainda mais complicado e poderia levar algum tempo. Por alguma razão tinha fugido e a minha presença não iria fazê-lo mudar de ideias. Por muito que o Colin desejasse uma solução rápida para o problema, provavelmente passar-se-iam meses até eu voltar.

– O Bertram chega lá sem problemas e enquadra-se melhor na cultura local. Será fácil fazê-los pensar que sou um daqueles tipos na crise da meia-idade a pescar espadarte, ou qualquer coisa do género.

No decorrer da última década a distribuir drogas, tinha desenvolvido uma certa hipersensibilidade ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Se veem carimbos de mais num passaporte – aquilo a que eu chamo “vida de caixeiro-viajante” –, começam logo a ficar desconfiados. O melhor mesmo é passar-lhes ao largo, desde que não nos deixemos apanhar num país estrangeiro sem visto de entrada. Seguramente não teria problemas em

viajar de avião para fora dos Estados Unidos, mas tendo em conta os acontecimentos da noite passada e as últimas palavras da Shelly a respeito do Corazón Negro, não sabia muito bem se poderia regressar sem ser detido. Talvez até preso e condenado. Ignorava se eles sabiam alguma coisa e não seria sensato assumir que não sabiam nada. Além disso, se o Zaul decidisse manter-se em movimento, o que era bem provável, teria de me deslocar além-fronteiras. Desconhecia até que ponto os serviços aduaneiros da América Central comunicavam com a Agência de Combate às Drogas dos Estados Unidos, mas o instinto dizia-me que passar pelos controlos alfandegários de cada vez que parasse num país diferente iria deixá-los em estado de alerta. Embora não fosse tão rápido, viajar de barco era melhor do que por via aérea. E tinha a vantagem adicional de me proporcionar mais possibilidades de fuga.

A atitude do Colin revelou-me que tinha algo mais a dizer-me. Apesar do sucesso dele no mundo do crime, nunca conseguia enganar-me. Olhou pela janela, depois para a Marguerite e finalmente para a Maria. Quando olhou para mim baixou os olhos. Abanou uma vez a cabeça.

– Conteí tudo à Shelly. – Olhou-me de fugida. – Tudo. Lamento...

– Eu sei.

Voltou a sacudir a cabeça, com os olhos marejados de lágrimas.

– Para mim, chega. – Fez um gesto largo com a mão, incluindo-nos a todos. – Estou fora. – Gesticulou como se estivesse a lavar as mãos. Os olhos dele fixaram-se na Maria. – O preço é demasiado alto.

Sabia que a tendência de qualquer pessoa numa situação destas era tomar decisões precipitadas levada pela emoção. O Colin e eu fazíamos muito dinheiro a vender drogas. O único problema desta teoria é que o Colin nunca o fez pelo dinheiro. Disso tinha ele a montes. O que o motivava era o brilho na ribalta, o prestígio e o tipo de pessoas com quem privava. O Colin tinha crescido de avental, a trabalhar na mercearia do pai, a tirar pickles do barril de 200 litros à entrada da loja para as velhinhas e os seus gatos. Nunca se vira a si próprio de outra forma. Continuava a ser o tipo de avental que queria desesperadamente proporcionar aos filhos uma vida diferente e convencer a mulher de que era mais do que um merceeiro que vendia pickles a retalho, varria os soalhos e reabastecia as prateleiras. Tinha-me dito em várias conversas que, quando era miúdo, as mãos cheiravam-lhe sempre a vinagre. Para eliminar o cheiro, mergulhava-as em baunilha.

Forçou um sorriso, deixou escapar algumas lágrimas, e cheirou as

mãos.

– Nunca consegui livrar-me daquele cheiro.

Levei a mão ao bolso e entreguei-lhe o telemóvel. Era o fio que nos ligava. Sem ligação, não havia negócio. A Maria continuava a estremecer sob a luz azulada.

– Ligo-te do barco.

Dei um beijo na testa à Marguerite e ela encostou a face à minha – a admissão silenciosa de que estávamos num pântano que nós próprios tínhamos criado. Demorei-me ao lado da cama da Maria, sem saber quando tornaria a vê-la. Peguei-lhe na mãozinha diminuta. Tinham-lhe fixado o sensor de oxigénio com a sua luzinha vermelha ao dedo indicador, trazendo-me à memória a noite em que vimos *E.T., o Extraterrestre*. Visualizei-a sentada ao meu colo a espalhar pipocas por todo o lado. Beije a gaze que lhe cobria a testa e tentei falar, mas a dor que sentia no coração silenciou as palavras que tinha na garganta. A culpa era minha – afinal, *eu* é que tinha feito a entrega. Caso contrário não estaríamos aqui. Não, não tinha sido eu a atizar o cão, mas ajudara a alimentar o mundo sórdido no qual ela inocentemente tropeçara. Ao observá-la, a minha vida surgiu diante de mim em toda a sua transparência. Vivera dividido entre dois mundos, com um pé fincado em cada um e tinha-o feito com uma indiferença resignada. Ver a gaze empapada no rosto da Maria dizia-me que esses mundos tinham entrado em colisão.

Dei-lhe outro beijo, sequei os olhos, e desapareci no corredor.

Ao deixar Miami no barco, cheirou-me a sangue seco, mas não consegui determinar a origem do cheiro. Revirei tudo até que me lembrei de separar a pulseira do relógio da tampa de trás e encontrei uma crosta de sangue entre as duas. Esfreguei-a com água salgada e sabão. Acabou o cheiro, mas a mancha ficou.

Talvez com baunilha tivesse resultado melhor.

Capítulo Seis

Se havia um hábito que eu e o Marshall partilhávamos, era o café. Éramos uns autênticos snobes do café. As nossas conversas sobre o assunto eram as únicas ocasiões em que conseguia vê-lo como um ser humano. Na demanda pela melhor chávena de café que era possível encontrar-se, familiarizei-me com expressões muito em voga como “biológico”, “de origem controlada” e “do comércio justo”. Não tardou muito até começarmos a debitar nomes de fazendas em África, na América Central e na América do Sul com a mesma erudição com que os apreciadores de vinho discutem regiões vitivinícolas. Falávamos como se lá tivéssemos estado, quando, na realidade, tínhamos apenas adquirido o grão e juntado água. Isso mudou quando o Marshall decidiu estudar o negócio mais a fundo e, pouco tempo depois, dei por mim em aviões com destino à América Central. O Marshall descobrira não só uma forma de beber um café excecional, mas também de ganhar um dólar. Ou dois. Ou três.

Por culpa das nossas papilas gustativas ou por outro motivo qualquer, ambos concluímos que o café da Nicarágua era o melhor. Mais propriamente o que provinha da região nordeste do centro do país, onde abundavam vulcões adormecidos. O Marshall enaltecia-lhe o “aroma telúrico”, ao passo que eu preferia chamar-lhe “o néctar de Deus”. Mas não julguem que éramos como dois amigos de longa data a participar em provas cegas. Longe disso. Nesta altura do campeonato raramente lhe punha a vista em cima, e passava cada vez menos tempo com a filha. Na verdade, andava exausto, já começava a sentir o desgaste da profissão e, como um hamster no fim das suas forças, procurava uma forma de deixar a máquina. O problema é que não é nada fácil sair da bola de exercício quando está a girar tão depressa.

Naquela época dividia o meu tempo entre o Novo México, o Texas, o Arizona, o Oklahoma, o Alasca e o Canadá. Sobretudo explorações de

petróleo e minas, juntamente com uma empresa que fabricava pneus para a Fórmula Um. O Marshall fazia-me dormir num hotel diferente todas as noites. Convenci-me de que tinha contratado mais duas ou três pessoas só para gerir a minha agenda e inventar tarefas para me manter ocupado. Era tanta a azáfama que o meu corpo chegava aos sítios três dias antes da minha alma.

Depois, enviou-me em expedições por toda a América Central onde vários estudos indicavam que centenas de anos antes tinham ocorrido dezenas, se não centenas, de erupções vulcânicas na zona da cordilheira montanhosa de Las Casitas, depositando à superfície camadas de minerais e nutrientes, numa rica combinação que não podia encontrar-se em nenhum outro lugar da Terra. Agora, todo esse sabor estava ao alcance das nossas papilas gustativas graças às vidas e ao afã de camponeses amordaçados pela fome e pela miséria.

Passei seis semanas em cima de uma mota a percorrer as estradas poeirentas da América Central para descobrir quem produzia que café, o que o tornava tão bom, e como chegava ao mercado. Em cada povoação por onde passava – Corinto, Chinandega, León – ligava à Amanda e sugeria-lhe que pegasse no jato e viesse passar um fim de semana prolongado comigo, mas o Marshall não só tinha arranjado forma de microgerir a minha agenda, como também a dela. Nove em cada dez vezes, o Brendan passava pelo gabinete dela quando estava ao telefone comigo.

– *Diz olá à estrela de rock* – dizia ele. Estranha coincidência.

O Brendan era o jogador mais esperto de todos nós.

Para me distrair da revolta crescente e do ímpeto da bola de exercício da qual parecia não haver meio de escapar, estudava a origem e o produtor, o primeiro intermediário, o segundo intermediário, o tipo que ficava com uma percentagem dos lucros do segundo intermediário, a polícia que extorquia a sua parte só porque podia, os políticos que atraíam ao país a companhia internacional de distribuição e recebiam chorudos “honorários de consultoria” e, finalmente, a companhia de transportes marítimos que ficava com o pouco que restava. Se alguma coisa aprendi nestas minhas andanças, foi que nunca encontrei nada tão corrupto como o negócio do café na Nicarágua e ninguém, mas mesmo ninguém, saía mais prejudicado do que o camponês que produzia a matéria-prima. Em média, o café da Nicarágua era vendido aos clientes em todo o mundo a pouco mais de quatro dólares o quilo. Que parte desse valor ganhava o camponês? Num dia bom, uns 20 cêntimos.

Isso mesmo. Vinte cêntimos.

E foi então que encontrei a Cinco Padres Café Compañía.

✱

Três décadas antes, uma revolução e o sangue nas ruas consolidaram um acordo entre cinco fazendas que, apesar das suas divergências pessoais, sabiam que o melhor seria darem as mãos ou o pouco que tinham ser-lhes-ia arrancado dos dedos. Foi então que estes cinco patriarcas, com fazendas de dimensões e produção equivalentes e liderados por um homem de seu nome Alejandro Santiago Martinez, uniram forças e criaram uma empresa que detinha uma parcela das vendas, o que lhes permitiu erradicar alguns dos intermediários. Alejandro Martinez possuía uma grande plantação na encosta de um vulcão adormecido que, como mais tarde fiquei a saber, produzia o café mais procurado da Nicarágua. Rezava a história que Alejandro fora comprando os terrenos ao longo dos anos, criando uma plantação que se estendia do lago que enchia a cratera do vulcão até ao sopé das montanhas, e que plantara centenas de mangueiras nas encostas, acreditando haver uma ligação intrínseca entre o seu café e as mangas – que o gosto de um influenciava as outras e vice versa. Eu não sabia se era verdade ou não, mas podia dizer, sem sombra de dúvida, que o Alejandro's Mango Café era o melhor que já bebera na vida. E nisso o Marshall concordava comigo.

Sem reservas.

✱

O lema do Marshall era “Pelo preço certo, tudo se compra.” A parte do lema que ficava por dizer era como se segue: “Mas, se o meu preço não lhe agrada, forçarei as circunstâncias até o levar a reconsiderar as vantagens do negócio.”

O Marshall apressou-se a enviar-me com uma oferta de 10 cêntimos por dólar. Avisei-o de que nunca aceitariam aquele valor e ele fez questão de me lembrar que o dinheiro com que estava a brincar era dele, por isso, calei-me. Para me proteger das consequências – por mais ingênuo que fosse, sabia que podiam até tentar matar-me se comunicasse a oferta pessoalmente –, entrei em contacto com um advogado que, por uma

determinada quantia paga à cabeça, se prestou a fazê-lo por mim e, enquanto isso, fiquei num café do outro lado da rua a observar a entrada do banco. Como já era de esperar, o advogado entrou e saiu em menos de cinco minutos, regressando com um categórico não e uma camisa arruinada pelo estrume da bota que um dos patriarcas lhe tinha atirado.

Um não automático. Sem contraproposta. Sem hesitações. Sem conversas. Mais ou menos aquilo com que eu contava.

As fazendas dos cinco patriarcas pertenciam às respetivas famílias há mais de dois ou três séculos e havia muito mais em jogo do que a diferença entre lucros e prejuízos. Esta gente estava ligada à terra. Tal como os seus cabelos negros e a sua pele tisonada, fazia parte deles. Em poucas palavras, não estava à venda. Nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Por dinheiro nenhum.

Se o Marshall era cioso do seu dinheiro, os cinco patriarcas, liderados por Alejandro, não lhe ficavam atrás. Quando o Marshall, a contragosto, elevou a oferta para 12 cêntimos por dólar, eles encheram dois baldes de 20 litros de estrume fresco. O primeiro deitaram-no pela cabeça do advogado abaixo e o segundo espalharam-no dentro do carro. E nem sequer era daquele sólido que se pode recolher à mão. Era do outro.

O Marshall não reagiu muito bem a esta forma de não negociação e não levou muito tempo a descobrir-lhes o ponto fraco. Através de uma série de empresas-fantasma expressamente criadas com o propósito de levar a Cinco Padres à falência, a Pickering and Sons e o seu presidente, com o Brendan aos comandos e comigo a servir de carrasco, compraram a produção anual de vários concorrentes sul-americanos e começaram a vender o café a preço reduzido a todos os clientes da Cinco Padres. Naturalmente, os cinco patriarcas tiveram também de baixar o preço. A fim de infligir o maior sofrimento no menor período de tempo possível, o Marshall adquiriu o banco a que os patriarcas recorriam para financiar as suas operações durante os anos mais fracos. Com perdas crescentes e uma fatia do mercado cada vez menor, as suas linhas de crédito foram “reavaliadas” e, quando a poeira assentou, viram-se forçados a apresentar o dobro das garantias por metade do crédito, o que reduziu o poder de compra e, consequentemente, a margem de lucro da empresa. Isto significava também que o banco era agora o maior proprietário dos terrenos.

Para o Marshall, o café da Nicarágua era um interesse passageiro. Nada mais do que um pensamento ocioso filtrado pela atmosfera fumarenta de

conversas após o jantar. Ocupava no espírito dele um lugar análogo ao do golfe, do póquer ou do melhor e mais recente vinho da sua garrafeira.

O Marshall não perdia muito tempo – ou melhor, não perdia nenhum – a pesar as consequências dos seus atos para as gerações de famílias que deixava para trás. Estava-se perfeitamente nas tintas, já que as vidas e os problemas deles pertenciam a outro universo. Ficava sentado a uma secretária em Boston com um fado de 10 mil dólares e uns sapatos de 1500 dólares, a escolher paletas de cor e texturas para o seu novo iate de 200 pés e nunca se deixava afetar pelos problemas dos outros – um privilégio seu como membro das classes abastadas. Ou, pelo menos, assim acreditava. Em suma: se a tua vida não presta, problema teu; eu não tenho nada a ver com isso. Bem-vindo à realidade.

O meu papel neste drama estava um pouco mais próximo da linha da frente. Passei meses na América Central, em constante comunicação com as gentes da Nicarágua, mas nunca me ocorreu aprender a falar espanhol. Não tinha qualquer intenção de aprender a comunicar com aquelas pessoas. A minha lógica era: *Se querem fazer negócio comigo, que aprendam a falar a minha língua. Só preciso de saber contar o dinheiro deles. Já tenho preocupações que cheguem.* Lidava com quem me rodeava como se fossem migalhas numa mesa. Encarregue de vender café às toneladas, assim fiz, ao preço mais baixo e a todo aquele que quisesse comprar. Os retalhistas adoravam-me porque estava praticamente a dá-lo. Para os cinco patriarcas era uma autêntica tortura chinesa. Lembro-me de sair para a varanda do meu quarto de hotel, de apoiar os pés em cima do gradeamento enquanto espalhava a vista por León e de me rir ao receber a notícia de que tinham começado a entregar o café em carroças de cavalos pois não havia dinheiro para abastecer os camiões. Porquê? Porque isso queria dizer que, dentro em breve, poderia abandonar aquele maldito lugar. Quando liguei a transmitir o ponto da situação, o Marshall, orgulhoso, chamou-me “O Carniceiro de Boston”, pois estava, “a dar conta dos Cinco Padres sozinho”. Quase podia sentir o sabor do café. Eu estava-me nas tintas para a opinião dele e para o que iria acontecer àquela gente. Não queria saber do Mango Café nem da Nicarágua para nada.

Soube que os tínhamos encostado à parede quando me constou que o Alejandro tinha deixado de conseguir pagar aos trabalhadores e começara a matar o gado, as galinhas e os porcos para lhes dar de comer. Fiz umas pesquisas e inteirei-me da dimensão das manadas e do número de empregados e calculei que ainda se aguentaria mais um mês, mas depois,

sem comida, as pessoas fiéis e dedicadas que trabalhavam para ele não teriam outro remédio senão procurar trabalho noutras paragens para que os filhos não morressem à fome. Acertei em cheio. Ao fim de um mês, o trabalho parou, a produção cessou e as condições de vida na fazenda começaram a empurrar as pessoas para fora da montanha. Como se tudo isto não bastasse, o homem estava sentado em cima de uma fortuna em café, pois o melhor grão que alguma vez produzira pendia dos arbustos à espera de ser colhido. Face à destruição iminente, ele, a esposa, a filha e alguns parentes estavam a tentar fazer todo o trabalho na esperança de encontrar um comprador. Tal não sucedeu e, de qualquer forma, era um esforço inútil, pois precisariam de centenas de apanhadores, separadores e outro pessoal para conseguir escoar o produto. A questão é que os trabalhadores não eram cegos e sabiam que, mesmo que colhessem, seleccionassem e embalassem o café, as sacas ficariam empilhadas nos celeiros, porque outra empresa qualquer tinha sabotado o mercado e a Cinco Padres estava a dar as últimas. O velhote nunca conseguiria vender todo aquele café e toda a gente sabia disso. Todos nós o sabíamos. Fora esse o objetivo desde o início. Deixar o homem sentado numa montanha do seu próprio café.

Como o Marshall gostava de se manter bem informado e conhecia bem o poder da informação, paguei a um rapaz de mota para subir a montanha e passar um dia ou dois a bisbilhotar. Disse-lhe:

– Só quero saber o que ele anda a fazer.

Quando regressou, contou-me que o velhote não dormia há vários dias e trabalhava de dia e de noite. Corria o rumor de que se aproximava um grande temporal. Tinha começado a chover e até a família se recolhera. A última vez que o vi, o velhote estava ajoelhado na lama com grãos de café a escorrer-lhe por entre os dedos, a chorar. O rapaz disse-me que nunca tinha visto um velho a chorar. Que o ouviu gritar à chuva. Apontar-lhe o dedo, zangado e triste ao mesmo tempo. Que a filha tinha trepado a uma mangueira para velar por ele e que, quando o pobre homem começou a chorar, levou-lhe um impermeável e colocou-lho por cima dos ombros, ajoelhando-se ao lado dele. Lembro-me de rir e pensar: *Aposto que gostaria de ter vendido enquanto teve oportunidade.* E também: *Vergámo-lo. Vencemos.* E a ideia trouxe-me satisfação.

E foi então que surgiu o furacão Carlos.

O Marshall não poderia ter arquitetado um desastre natural mais oportuno. Era como se tivesse subornado o próprio furacão, que

inexplicavelmente decidiu demorar-se sobre a Nicarágua. Fustigou toda a América Central durante quatro dias e a chuva não deu tréguas. Durante esse período, o furacão Carlos descarregou mais de quatro metros de precipitação. Isso mesmo. Quatro metros. Não só dizimando as colheitas que cresciam, mas também inchando o lago que existia na cratera de um certo vulcão adormecido chamado Las Casitas. O peso das águas rachou o manto, provocando uma minierupção e um deslizamento de terras. Uma monstruosa avalanche de lama desceu pela montanha a mais de 150 quilómetros por hora, deixando um rasto de devastação que se estendia até ao Pacífico. Mais tarde, embarcações das forças navais e da Guarda Costeira recolheram sobreviventes agarrados aos destroços a 40 quilómetros da costa.

Morreram mais de três mil pessoas. De um ponto de vista meramente económico, verificou-se um recuo de 20 ou 30 anos, já para não falar da tragédia humana que assolou as famílias, pais que perderam os filhos e crianças que ficaram sem pais. Quanto à Cinco Padres, quatro das cinco fazendas foram atingidas pelo furacão. Arrasadas. Foi o fim da empresa. O patriarca que a catástrofe poupou ficou à beira da bancarrota.

*

Apanhei um avião para casa. Tomei o elevador até ao gabinete do Marshall, bronzeado da temporada a espionar ao sol. O Marshall reuniu-nos no gabinete – a mim, ao Brendan e a mais dois ou três tipos. Pediu a minha opinião. Eu disse-lhe que a oportunidade estava lá. Podia levar algum tempo, mas, se realmente desejava uma quota do mercado do café da América Central, aquele era o momento. Enquanto falava, reparei que o Marshall parecia distraído. Tinha a cabeça virada para mim, mas os ouvidos noutro lugar, três passos à frente. Fosse qual fosse a jogada seguinte, já a fizera há muito tempo. Voltou-se para o Brendan.

– Brendan?

Quando falava sobre compra e venda de ações ou outras decisões que envolviam dinheiro, o Brendan desenvolvera o hábito de fingir que disparava um revólver. Tinha praticado a rotina completa: sacar, engatilhar a arma, disparar, soprar no cano e enfiá-la no coldre. Achava que lhe dava ar de pistoleiro, alcunha que adotou para si próprio, porque não gostava da que lhe tinham posto. Brandiu o revólver invisível e declarou:

– É uma aposta falhada. Toca a fechar a loja. Cumprimos os objetivos

definidos. – Soprou o fumo do cano. – A estratégia mais sensata é minimizar as perdas e dar à sola.

As palavras “cumprimos os objetivos definidos” ecoaram-me na cabeça. E foi então que desvendi o jogo do Marshall. O café tinha sido apenas um pretexto. Nos últimos seis meses conseguira livrar-se de mim e pôr o Brendan no meu lugar. A minha experiência limitada com este último dizia-me que o Brendan era o maior admirador de si próprio e seria capaz de vender a alma pelo dinheiro do Marshall. Meu dito, meu feito. E não era preciso ser um génio para perceber que, enquanto eu estava fora a ganhar dinheiro à empresa, o Brendan tinha andado a fazer-se à minha namorada.

*

De um dia para o outro, o Marshall cobrou as dívidas aos membros das famílias da Cinco Padres que tinham sobrevivido. Sem café e sem um tostão, ficaram todos na miséria. As fazendas foram penhoradas, tornando-se propriedade do banco. Se o furacão tinha feito recuar a região duas décadas, as estratégias de negócio do Marshall fá-la-iam recuar mais cinco. Entretanto, como um homem que tinha acabado de dormir com uma prostituta, ele tomou um banho, virou costas e afastou-se. Mais um direito que o dinheiro lhe conferia.

Populações inteiras, que dependiam das plantações para trabalhar e para o seu sustento, perderam tudo. E para quê? Por dinheiro? Pela filha? Para se divertir um bocado? À medida que um gosto amargo me crescia na boca, dei-me conta de que, afinal, não tinha nada a ver com isso. A vida do Marshall era governada por uma implacável sede de poder. E este joguinho dele no qual eu me enredara e em que praticamente não passava de um peão era a sua forma de exercer poder.

Na semana seguinte, regresssei à Nicarágua para entregar a papelada que o Marshall e os advogados dele tinham assinado e para desocupar o quarto do hotel em Léon que convertera num escritório e que me tinha servido de base. Na noite em que parti, deixei a cidade e subi a montanha numa mota que aluguei para esse propósito. Até então tinha passado algum tempo a examinar armazéns onde o café era acondicionado depois de colhido e trazido à cidade para venda, mas nunca me tinha embrenhado nas montanhas até às plantações onde se cultivava. Onde viviam as pessoas que o cultivavam. Nunca tinha sujado as mãos, nem metido conversa com

nenhuma das famílias que trabalhavam nas plantações. Não sei dizer porque o fiz – fui e pronto.

Vi famílias inteiras a descer a montanha. Casais com três, quatro e cinco filhos. Descalços. Andrajosos. Sem comida. Sem nada. Traziam vidas inteiras em trouxas que carregavam aos ombros. Não os conhecia porque não me dera ao trabalho de tentar conhecê-los. Não falava espanhol nem tão-pouco procurara aprender a língua. Porém, qualquer coisa dentro de mim, algo que noutros tempos talvez se tivesse assemelhado a uma noção de moralidade, me acusou de ter ajudado a orquestrar a miséria daquela gente. Não, não tinha provocado o furacão, mas a isso eles podiam ter sobrevivido. Podiam reconstruir as fazendas. Não podiam era sobreviver ao Marshall. Nem a mim. Os olhos vazios e encovados diziam-me que tínhamos quebrado o espírito daquela gente.

Lembro-me de uma mulher em particular. Estava grávida. Trazia um cachecol negro que se confundia com o cabelo negro, o rosto macilento. Tinha a expressão de quem acabava de perder tudo o que amava na vida. Fitava a estrada mais adiante, alheia às lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Desliguei o motor, cruzei os braços e parei a observar o carreiro de gente a descer a montanha como formigas. Muitos não levavam destino certo. Iam apenas caminhando até não poder mais e passariam a noite onde calhasse, para continuar a marcha no dia seguinte. Arranquei montanha abaixo e deixei para trás aquele lugar, aquela gente e aquele país. Não queria ter mais nada a ver com a Nicarágua, com o seu café, nem com quem o cultivava.

Entrei no avião, apertei o cinto de segurança e em poucos minutos já voávamos acima dos três mil metros. Olhei em redor. Luxuosos bancos em pele. Um termóstato de ar condicionado por cima da minha cabeça. Comida na mesa à minha frente. Um bar repleto de bebidas. Em três horas aterraria em Boston, onde comeria 60 dólares de sushi – sozinho. Olhei pela janela para a paisagem verdejante da Nicarágua, ainda com uma cicatriz de 50 quilómetros no coração da terra. Abanei a cabeça. Não me tinha limitado a roubar aquela gente, tinha-os agarrado enquanto um brutamontes lhes arrancava o dinheiro do almoço e os despojava de toda a esperança.

Sentado no avião da empresa a 12 mil metros de altura, cheguei à conclusão de que o dinheiro do Marshall não valia o que me estava a custar. A filha sim, mas, por imposição do próprio, eram realidades inseparáveis. Não podia ter um sem provar que merecia o outro.

E ele não me tinha considerado digno.

*

Na véspera de Ano Novo a Pickering and Sons realizou a sua festa anual. Era também nessa noite que o Marshall distribuía os cheques dos bónus. Na semana anterior enviara-me a uma companhia de exploração de petróleo no Texas para “tomar o pulso” ao negócio e, quando regressei à cidade, a Amanda mostrou-se notoriamente distante. Fria. Tinha os olhos vermelhos. Nos últimos meses não tínhamos passado quase tempo nenhum juntos. Sempre que vinha a casa, ela estava atolada em trabalho, ou em viagem a pedido do pai. “O rosto da Pickering”. Parte de mim sofria e eu não compreendia porquê. Levei algumas semanas a perceber que aquele vazio doloroso cá dentro era o meu coração a partir-se.

Os meus dias na Pickering estavam a chegar ao fim. Não sabia bem para onde iria nem o que faria e não restavam grandes dúvidas de que a Amanda não iria comigo. Amava-me, mas havia algo que amava ainda mais.

Quando cheguei à festa, o Marshall mostrou-se tão afável como sempre. Abraçou-me e apresentou-me a quem ainda não conhecia referindo-se a mim como “os olhos e os ouvidos dele no terreno”. Uma hora depois do início da festa, chamou-me à parte e convidou-me a partilhar um charuto. Só nós os dois.

Depois de fechar a porta do gabinete, ofereceu-me um charuto e mais uma vez recusei. Esvaziou os pulmões de ar e depositou um envelope em cima da secretária que nos separava. Sorriu.

– Foi bem merecido.

Tive a nítida sensação de que se tratava de muito dinheiro e algo me dizia que não era apenas um prémio de produtividade. E não me enganei. O tom dele mudou. Olhou-me de soslaio.

– Considera isto um “presente de despedida”.

Juntei as mãos com os dedos entrelaçados sem dizer uma palavra. Deixei-o continuar.

– Depois desta noite, não voltarás a ver a Amanda. – Permaneci sentado com as mãos no colo. Ele esperava que eu pegasse no envelope, que aceitasse a proposta. O problema do Marshall era que, na verdade, eu não queria o dinheiro dele. Nunca quisera. Algo que nunca conseguiu meter na cabeça. E era o último trunfo que me restava jogar. Fiz uma pausa

antes de falar.

– Como assim? – perguntei.

Ele coçou o queixo, um sinal de que se preparava para mentir.

– Ela e o Brendan já estão a pensar em datas.

Sorri com um aceno de cabeça.

– E a Amanda sabe disso?

Ele acendeu o charuto e inalou profundamente. Ao libertar o fumo, respondeu:

– A minha filha conhece bem o papel dela.

Aguardei. O Marshall observava-me através de uma cortina de fumo.

– O Brendan vai anunciar o noivado daqui a uma hora. – Olhou para o envelope e depois para mim.

Levantei-me, abri a caixa dos charutos, tirei um e aparei-lhe a ponta. Acendi-o, puxei o fumo e olhei para longe, vislumbrando um reflexo da Amanda no espelho. Estava do outro lado da janela, junto do gabinete. Eu podia vê-la, mas ele não. Virei o charuto para baixo e encostei a ponta incandescente ao feltro da secretária. O charuto furou o feltro, encarquilhando as pontas queimadas.

– O Marshall vai ser um velho rancoroso. – Virei-lhe as costas e fiz menção de sair. Quando pus a mão na maçaneta, parei. – Ao contrário de si, e do Brendan, o dinheiro nunca me moveu. O que me movia era uma miúda de olhos verde-esmeralda.

Senti-o sorrir quando disse:

– Então escolhi bem e tu não passas de um fantoche. Deixaste que te comessem as papas na cabeça.

Voltei atrás e debrucei-me sobre a secretária. Ficámos cara a cara. O reflexo da Amanda ainda aparecia no espelho.

– Sim. – Fiz um longo silêncio. – Mas, e a si, quem é que lhe tem comido as papas na cabeça?

Sem emprego, sem namorada, sem perspetivas de futuro, saí e esbarrei com o Brendan, que estava parado à porta. Cheguei-me a ele. Queria que sentisse o meu bafo na cara.

– Um destes dias vais acabar por perceber que tens estado a disparar contra um alvo em movimento. – Olhei para o velho por cima do ombro. – E ele nunca te vai deixar acertar-lhe.

Saí pela cozinha e dirigi-me ao carro, liguei a ignição e esperei enquanto o para-brisas desembaciava. Através da janela da sala de póquer, vi a Amanda diante do pai, de envelope na mão. A abanar a cabeça e a

gritar com o velho.

Carreguei no pedal da embraiagem e engatei a primeira. Quando arranquei, a Amanda apareceu no retrovisor. Travei. Saí do carro e afastei-lhe o cabelo dos olhos. Continuou a abanar a cabeça, de queixo trémulo. As cartas que jogava agora já o pai lhas tinha atribuído há muito tempo. Quis facilitar-lhe a vida.

Os melhores jogadores sabem desistir quando é preciso travar perdas futuras. E eu já tinha perdido muito. O que restava estava em frangalhos. Dei-lhe um beijo na cara e disse-lhe:

– Liga-me se alguma vez voltares a perder-te à noite nas ruas de Londres. Vou estar sempre lá para te ajudar a encontrar o caminho para casa.

Ela assentiu e vi uma lágrima escorrer-lhe pela face, detendo-se nos lábios. Sequei-a com um beijo. A seguir, voltei a beijar-lhe o rosto.

Foi a última vez que a vi.

Capítulo Sete

O Bertram é um portentoso iate de pesca desportiva com três camarotes, duas casas de banho, cabina e posto de observação do comandante, cozinha e uma torre de pesca inoxidável. Ao todo, custou ao Colin quase um milhão de dólares. No convés, à popa, há uma cadeira para a pesca grossa, um par de *downriggers* para levar a isca à profundidade desejada seguindo o peixe localizado pelo sonar, muito espaço e acesso ao motor. É movido por dois motores Cat turbo-diesel que debitam mais de 1000 cavalos cada um. A 40 nós, consomem bastante mais de 380 litros por hora, mas, a uma velocidade de cruzeiro, bem mais modesta, de 25 a 28 nós, gasta menos de 300 litros por hora, permitindo-me poupar metade do combustível e cobrir quase o dobro da distância.

O posto do comandante, ou cabina de controlo, parecia tirado do *Star Trek*. Tinha tudo o que precisava na ponta dos dedos exceto velocidade *warp*. Todos os componentes eram novos e vinham com suplentes. Dois indicadores de cada tipo. Dois rádios. Dois radares. A única coisa que não existia em dobro era o telefone via satélite.

Indo sempre a direito, a distância de Miami ao Canal do Panamá não ultrapassa os 1800 quilómetros. O problema é Cuba – temos de passar ao largo. Do Canal do Panamá à Costa Rica são mais 400 quilómetros costa acima. Um voo de Miami ao Panamá leva duas horas. Num barco de 60 pés com uma velocidade de cruzeiro a rondar os 30 nós o mesmo percurso leva cinco dias, mais coisa menos coisa, dependendo das condições atmosféricas.

A Sul de Marathon, entrei no Golfo do México onde, por regra, os ventos e a ondulação são mais fracos que no Atlântico. Rumei a sudoeste, tendo o cuidado de evitar ser intercetado pelos cubanos. Depois dirigi-me a sul, passando Havana a oriente, Cancun a ocidente, e atravessei as Caimão pelo norte, já com as ilhas à vista. Pernoitei em Montego Bay, onde

abasteci o Bertram. Tinha combustível suficiente para toda a viagem, mas precisava de parar para descansar e ter algum combustível de reserva é sempre boa ideia. Na manhã seguinte arranquei para sul rumo ao Canal do Panamá. Tinha levado dois dias a cruzar os 1000 quilómetros do mar das Caraíbas quando finalmente alcancei as águas do Panamá. Com o corpo a pedir descanso, ancorei o barco numa enseada discreta e dormitei até ao raiar da aurora. Na manhã do quarto dia depois da partida de Miami, iniciei a travessia do Canal do Panamá. Oito horas e 80 quilómetros depois, deixei o canal, rumei a noroeste e passei outro longo dia a contornar o litoral montanhoso da Costa Rica.

Sabia que o Zaul passaria uns dias a olhar por cima do ombro. Se o seguisse de muito perto acabaria por espantá-lo e nunca o encontraríamos. Tinha de lhe dar espaço para respirar, deixá-lo baixar a guarda. Se bem conhecia o Colin, ele não cancelaria o cartão de crédito do Zaul, o que lhe dava acesso a fundos quase ilimitados. O Colin não era bom homem e não era bom pai – afinal de contas traficava drogas –, mas adorava os filhos. E continuar a financiar o Zaul era uma forma de pagar pelos seus próprios pecados. De comprar a sua própria redenção. Por outro lado, as despesas no cartão de crédito ajudavam o Colin e a Marguerite a seguir os movimentos do filho e, por muito mal que isso soe, pois tinham permitido que o Zaul se tornasse um miúdo incorrigível, era a única forma de o manter debaixo de olho.

Eu falava com o Colin todos os dias para saber do estado da Maria. Mantinham-na sedada para que descansasse e para dar ao rosto tempo de sarar. Contou-me que a Shelly passava por lá várias vezes ao dia e que a circulação sanguínea estava restabelecida. As perspetivas eram animadoras, mas a Shelly não se cansava de dizer ao Colin e à Marguerite que se preparassem, pois, embora tivesse sido reparado, o nervo que controla a capacidade de sorrir sofrera danos potencialmente irreversíveis.

A viagem ao volante de um barco em águas sem fim à vista deu-me muito tempo para pensar e dei por mim a remoer a mesma ideia vezes e vezes sem conta: O que tinha eu para mostrar ao fim de 40 anos de vida, a não ser as cicatrizes no rosto da Maria? Que diferença tinha feito? Qual seria o meu legado quando deixasse este mundo? Embora o destino da viagem estivesse à minha frente, algo arrastava o meu olhar para trás, para a esteira do barco. Quanto mais estudava o rasto de espuma, mais me apercebia de que era uma boa metáfora para a minha vida: tumultuosa no presente, mas fugaz. Quando as águas acalmassem seria como se nada

tivesse acontecido. Não restariam quaisquer vestígios da minha passagem. Não ficaria nada para trás.

Não tinha nada que me prendesse e nada alcançara que fosse digno de nota. Nem emprego, nem esposa, nem família. Um único amigo. A casa em Bimini não era um lar. Tinha ido viver para uma ilha e transformara-me eu próprio numa ilha. Um quarentão que passara a vida fechado em copas e a fugir de tudo o que pudesse atingi-lo.

Como o mar estava calmo, subi para a torre de pesca ao atum. Fiquei sentado durante horas, dois andares acima do barco, a contemplar as águas. À minha frente os peixes-voadores saltavam da água em voos rasantes de 200 ou 300 metros antes de mergulharem mais uma vez. Ainda trazia no pulso esquerdo o relógio que a Shelly me tinha oferecido. Uma recordação de outro rasto tumultuoso.

Fiz o resto da viagem nas calmas, aproveitando para poupar combustível. Admirar a paisagem. Ao meio-dia já ondulava ao sabor das ondas perto da costa, a observar o terraço da piscina do Colin através dos binóculos. As portas do alpendre estavam abertas e as cortinas esvoaçavam ao vento. Ouvia-se música alta. O fumo de uma fogueira elevava-se no ar. Alguém ali estivera. Esperei até ao cair da noite, mas em oito horas de vigilância não avistei viva alma na casa, nem no terraço.

Capítulo Oito

Nos dias que se seguiram à minha saída da Pickering recebi uma enxurrada de chamadas de caçadores de talentos a oferecerem-me empregos de sonho. Mais dinheiro do que alguma vez poderia gastar. Deixei-as ir para o *voice mail*. A Amanda ligou-me duas vezes, mas não atendi. Em plena autoestrada, quando já não podia mais, abri o vidro do carro em que seguia a mais de 150 quilómetros por hora e atirei o telemóvel contra uma barreira de cimento. *Basta*, pensei. Ainda não sabia muito bem quem queria ser, mas o homem que tinha trabalhado para o Marshall Pickering estava morto e enterrado.

Voei em direção ao sul até Jacksonville e dei por mim na minha antiga casa, sentado no cesto da gávea com uma caneca de café na mão, a estender a vista pelo reflexo do céu nas águas. Nas duas semanas seguintes passei a maior parte do tempo a dormir. Estava tão cansado que dormia como uma pedra. Chegava a apagar 18 a 20 horas por dia. Sem medicamentos. Sem álcool. Simplesmente parava até que a alma pudesse alcançar o corpo e, quando isso acontecia, o sono tomava conta de mim. Ignorava o que fazer a seguir; onde e como ganharia a vida. Tinha algum dinheiro de parte, mas um dia teria de arranjar emprego, recomeçar do zero. A única coisa que sabia ao certo era que nunca mais confiaria o meu coração a outra pessoa.

Doía de mais. Apesar de toda aquela conversa de não arriscar o que não estava disposto a perder, quis dar um passo maior do que a perna e arrisquei tudo. E perdi.

O Marshall acabou por levar a melhor.

Para cúmulo, o Marshall tinha oferecido aos “seus rapazes” a possibilidade de receberem os bónus em dinheiro no final do ano ou em ações da empresa. O “senão” era que, se escolhêssemos o dinheiro, receberíamos 50 cêntimos por dólar. Funcionava da seguinte forma: se o bónus fosse de 100 mil dólares no papel, receberíamos 50 mil menos

impostos a uma taxa que rondava os 30 por cento. Trocado por miúdos, os 100 mil passavam a 35 mil num abrir e fechar de olhos. Como seria de esperar, toda a gente preferiu as ações.

Havia um segundo senão. Para não termos de pagar os impostos, os bónus fixavam-se em acordos de cavalheiros registados em papel e o único exemplar desse registo ficava guardado no gabinete do Marshall. Tínhamos presos pelos tomates e nós sabíamos bem disso. Mas há mais: se quiséssemos comprar alguma coisa – uma casa, digamos, ou um iate, ir de férias com a família, pagar o colégio privado dos filhos, os empréstimos da faculdade, ou simplesmente liquidar as ações para podermos controlar o nosso próprio dinheiro –, tínhamos de pedir um empréstimo contra o nosso saldo pessoal. E, embora o Marshall não esperasse a devolução do dinheiro, não deixava de cobrar juros sobre o empréstimo – juros que deduzia do capital que tínhamos investido na empresa ou do bónus do ano seguinte. E, assim, não tinha de pagar impostos sobre esses pagamentos. Ficava com o dinheiro todo, não pagava impostos sobre os “prémios” e ainda auferia juros sobre dinheiro que já era nosso por direito. Um golpe de génio. Tomara eu que a ideia tivesse sido minha. Se alguém exigia receber todo o seu dinheiro, o Marshall nunca recusava, entregando-o com um sorriso e uma palmadinha nas costas enquanto lhe mostrava a porta da rua. *“Gostei muito de o ter connosco. Se pudermos ajudá-lo em alguma coisa, diga-nos.”* Como é natural, todos lhe obedeciam cegamente. Não havia alternativa. O Marshall tinha a faca e o queijo na mão. Quando arranquei da entrada da casa dele, deixei uma fortuna para trás. Abri mão de tudo.

O meu único consolo era a Amanda saber que eu lhe dava mais valor a ela do que ao milhão que deixei enterrado na empresa. E, no entanto, em vez de ficar comigo, ela tinha preferido ficar com o dinheiro. Talvez, afinal de contas, entre todos nós, a Amanda fosse a jogadora mais astuta. Com o passar das semanas, esse sapo foi-se tornando cada vez mais difícil de engolir.

✱

Deixei crescer o cabelo, a barba, queimeei os fatos e as gravatas do ofício, raramente usava camisas ou sapatos, e reduzi a minha vida a uma mala de viagem. O meu novo lema era “viajar com pouca coisa” e, embora isso descrevesse bastante bem a minha aparência física, descrevia ainda melhor

o que me ia na alma. Queria ser livre. Sem empecilhos. Sem rédeas.

Certa noite estava a comer na Third Street em Jacksonville Beach, não muito longe de casa, e ouvi um tipo a falar da ilha de Bimini, nas Bahamas. Embora tivesse crescido no nordeste da Flórida, nunca me tinha dado conta de que Bimini ficava a pouco mais de 70 quilómetros da costa da Florida. Quem vive em Miami pode deslocar-se até lá e regressar no mesmo dia, ou mesmo ir e vir várias vezes por dia. Quando o homem acabou de falar, perguntei-lhe:

– Há alguma hipótese de me dar uma boleia até lá?

Ele olhou-me de alto a baixo.

– Desde que não se importe de trabalhar umas horas no barco até lá chegar.

– Não, tudo bem.

Entregou-me um cartão de visita.

– O barco sai esta noite às dez. Se não estiver lá às dez menos um quarto, vou assumir que não vem.

Não tinha planos definidos, não sabia onde ficaria e ignorava quanto tempo estaria ausente, mas tinha a sensação de que seria mais do que algumas semanas, por isso, fechei a casa, paguei os impostos sobre a propriedade com um ano de antecedência e embarquei.

Passar-se-iam anos até regressar.

Outrora uma colónia britânica, Bimini é agora uma ilha piscatória com o vício do álcool. Como consequência do seu ressurgimento em grande número e da tendência para dar luta aos pescadores à linha, a flecha domina os baixios, mas os três principais recordes mundiais de captura de espadarte azul foram conseguidos nas águas profundas a poucos metros da praia. Os adeptos da pesca desportiva apanham de tudo entre uma zona e a outra. De barco, é uma viagem de uma hora e 20 minutos desde Miami. Menos, se o barco estiver bem equipado. Culturalmente, Bimini é tudo o que Miami não é e gostaria de ser – uma ilha. Os nativos das Bahamas possuem uma beleza exótica, uma atitude descontraída em relação à vida e a influência britânica não se faz notar apenas no sotaque. A ilha estende-se por pouco mais de cinco quilómetros num eixo norte-sul e na zona mais larga não chega a ter meio quilómetro. Há duas estradas paralelas, praticamente tantos bares como habitações e, quando ocorre um funeral, as ruas encerram, assim como grande parte da vila. Nos seus tempos áureos era uma das capitais da pesca desportiva do mundo. Hemingway passou por lá, bem como Zane Grey, o pioneiro dos *westerns*, e muitas

estrelas de cinema. A água é azul-turquesa, a areia é branca, as mulheres são morenas e sopra sempre uma aragem. No dealbar da sua história, a ilha de Bimini era habitada por uma colónia de escravos libertados. Muitos dos atuais residentes são descendentes diretos desses primeiros habitantes.

Senti-me logo em casa.

Ao chegar à ilha, respirei fundo e soube de imediato que tinha encontrado o antídoto para a Pickering and Sons. Pus a mochila ao ombro, calcei os chinelos de dedo e ajustei os óculos de sol, uns Costa del Mar próprios para desportos aquáticos. Depois de encontrar um quarto de hotel “pago ao mês”, fui dar uma volta pelas ruas. Alguns quarteirões depois deparei-me com o Legal Grounds, o café da terra.

Jake Riggings terminara o curso de Direito em Miami duas décadas antes. Após 10 frustrantes anos a exercer advocacia, já nos quarenta e tais, virou as costas ao sul da Flórida e mudou-se para a costa leste de Bimini, onde passou a fazer e a servir café e a defender um ou outro traficante de droga com dinheiro suficiente para o convencer a interromper a reforma.

O Legal Grounds foi um achado, era mesmo aquilo de que eu precisava. O Jake fazia um café de beber e chorar por mais. Começava por utilizar matéria-prima da boa – tinha um fraco pelo café da Tanzânia e da África do Sul, mas misturava-lhe também algum da América Central – que moía num moinho à antiga, daqueles de manivela. Fervia a água até deitar por fora, humedecia primeiro o café moído e depois vertia-lhe por cima o resto da água pouco a pouco para libertar os aromas. Perfeição em cada chávena. A alcunha do Jake era “Picasso” e, no que toca ao café, era realmente um mestre.

Sem preocupações na vida e após algumas semanas de sol, do café do Jake e da brisa fresca da ilha, encontrei o meu ritmo em Bimini. Ao fim do primeiro mês comprei uma cabana no extremo noroeste da ilha por alguns milhares de dólares. Ficava numa pequena arribas, à sombra de umas árvores enormes e o pôr do sol que se via do meu alpendre era o mais bonito da ilha. Tinha de renovar tudo, incluindo as paredes e o telhado, mas não havia pressa. Cinco meses depois já dormia numa cama entre quatro paredes sólidas e com um telhado por cima da cabeça. Tinha ar condicionado no quarto, mas raramente o ligava. A brisa chegava e sobrava para arejar a divisão. Não se pode dizer que tivesse planos ou objetivos, não no sentido de “saber o que queria fazer da vida”. Não tinha. Só sabia aquilo que não queria ser.

Não estava a pensar no futuro, estava a fugir do passado.

Devido às reparações na cabana, tornei-me cliente habitual do armazém de madeiras, ferramentas e materiais de construção, onde me cruzava muitas vezes com um velhote da ilha com as mãos artríticas, a pele curtida do sol, o cabelo branco, um grande chapéu de palha, rugas profundas e um sorriso constante no rosto. Estão a ver aquele não-sei-quê que alguns velhotes têm que nos faz querer estar na companhia deles, mesmo em silêncio? Ele tinha-o. Devia ter uns 80 anos, mas quase todas as manhãs desejávamos bom dia um ao outro no pátio das madeiras ou enquanto estudávamos parafusos em aço inoxidável no corredor das ferragens. De vez em quando, ele semicerrava os olhos para ler uma das etiquetas.

– Esqueci-me dos óculos de leitura – comentava. Eu indicava-lhe o preço que estava marcado e ele agradecia com um gesto de cabeça.

Mais ou menos uma vez por semana, encontrava-o no café do Jake a saborear um café enquanto enrolava o seu cigarro. Certo dia de manhã vi-o sentado com a perna direita cruzada sobre a esquerda, um rasto de fumo a elevar-se por entre os dedos, o café a arrefecer, o chapéu na mesa. Aproximei-me e estendi-lhe a mão.

– Bom dia. Sou o Charlie Finn.

Ele levantou-se, pigarreou para limpar a garganta e apertou-me a mão. Tinha o vigor de um homem de 40 anos e era seco e magro como um bacalhau.

– James J. Hackenworth – respondeu, sorridente. – Os meus amigos chamam-me Hack.

– Quase toda a gente me chama Charlie.

Acontece que o Hack era uma espécie de avô de Bimini. Conhecia toda a gente e toda a gente o conhecia a ele. Tinha nascido ali, o que fazia dele uma curiosidade, pois nunca tinha saído da ilha. Tinha passado toda a sua longa existência nestes cinco quilómetros de terra rodeados de mar até perder de vista. Era um filho da água, e não da terra, como mais tarde eu ficaria a saber.

À medida que os meses foram passando, a minha amizade com o James J. Hackenworth foi crescendo. Um dia convidou-me para ir à oficina onde construía botes de madeira. As paredes exibiam recortes amarelecidos de revistas e jornais – sucede que o Hack era bastante conhecido nos Estados Unidos e havia artigos sobre ele na *USA Today*, na *Newsweek*, na *People* e na *National Geographic*, entre outras publicações. A elite abastada de todos os pontos do país acorria à ilha para lhe encomendar botes de madeira para

a pesca à flecha. Nos últimos 40 anos tinha sido visitado por três presidentes americanos em funções, que o contrataram para os levar em expedições de pesca. O Hack era uma lenda viva na região.

A flecha é um dos peixes mais aguerridos do mundo. Vem gente de todo o mundo às Bahamas para tentar capturar um exemplar. Embora haja muitas espécies capazes de morder o isco e arrastar uns 20 ou 30 metros de linha, uma flecha dá conta de uns 90 antes de darmos por isso. São muito procuradas. Vivem nos baixios arenosos e chegar-lhes requer barcos capazes de flutuar em poucos centímetros de água. A esse tipo de barco chamamos esquife e ninguém fazia esquifes para a pesca à flecha como os do Hack.

O Hack não tinha mulher, filhos, nem família, o que queria dizer que a arte de fabricar aqueles botes de madeira morreria com ele. À medida que o ia conhecendo melhor, fui percebendo que esse facto o incomodava mais do que qualquer outra coisa.

Passaram-se meses. O Hack ajudava-me a pôr a cabana em ordem e eu ajudava-o na oficina, aprendendo o que podia. Uma das coisas que fazia dele um mestre artesão no ofício de trabalhar a madeira era a perfeição dos encaixes. Embora os botes requeressem centenas de peças de madeira, era difícil dar-mo-nos conta disso uma vez lá dentro. As juntas eram de tal forma precisas e invisíveis que era como se o Hack esculpisse cada bote a partir do tronco de uma única árvore. Se tivesse de destacar a qualidade que tornava isto possível, era a paciência. Os clientes pagavam-lhe 40 a 60 mil dólares por esquife. Ele fazia no máximo dois por ano. Trabalhava sem pressas e não era movido pelo dinheiro. Construir barcos era uma paixão. Às vezes apanhava-o de olhos fechados, a correr os dedos pela superfície que estava a polir.

Como que a ler a madeira.

Num fim de tarde na oficina, o Hack pousou a lixa e correu os dedos ao longo dos veios da madeira, com os olhos perdidos na distância. Ouvi-o sussurrar:

– É aqui que eu me liberto da minha raiva. Vou polindo a madeira e ao mesmo tempo ela vai-se esboroando, vai escorrendo até à água. E a maré leva-a para o alto-mar. – Pontuou a frase com um aceno; não era comigo que falava, mas com a memória de algo ou de alguém. – É uma purga.

Fiz um momento de silêncio antes de perguntar:

– Ainda lhe sobra muita raiva?

Ele sorriu.

- Não sei.
- Como é que vai saber quando ela acabar?
- Ainda não cheguei lá. Mas cheira-me que já não há de faltar muito.

O amor aos barcos andava de mãos dadas com o gosto pela pesca à ardilosa flecha. Ao fim de 80 anos a apanhá-las, o Hack sabia onde se encontravam, conhecia-lhes os hábitos, que correntes as levavam para onde, que engodo utilizar e como e quando fazê-lo. Também nesta arena me ia adestrando pouco a pouco. E, embora eu apreciasse realmente o meu tempo com o velhote, o instinto dizia-me que o Hack partilhava comigo o que sabia sobre barcos e sobre a pesca à flecha, sobre café e cigarros, sobre a arte de trabalhar a madeira e sobre a vida nas Bahamas, porque estava sozinho no mundo e não tinha mais ninguém com quem partilhar tudo isto. Creio que via o fim a aproximar-se e temia levar consigo para uma cova na região noroeste da ilha uma vida de experiência e saber acumulados. Isto explicava a nostalgia que eu sentia na presença dele. E, embora a minha companhia lhe desse prazer, não redimia o que perdera algures no passado. Quanto mais tempo passava com ele e o ouvia tossir, mais me convencia de que estava a dizer adeus ao mundo. Não sabia quanto tempo levaria, mas, quando o Hack veio ter comigo e me disse que queria que construíssemos um esquife juntos – um esquife para mim –, soube que seria um presente de despedida.

Quase todos os dias o Hack abria a oficina e começava a trabalhar ainda antes do amanhecer. Uma ou duas vezes por semana apareciam clientes e lá ia ele no seu bote rumo a um qualquer ponto de pesca secreto. Quando partia com os clientes deixava-me sozinho na oficina, onde acabei por travar conhecimento com os parceiros de pesca dele. Eram todos cópias uns dos outros: tipos endinheirados, a viver a vida que eu cobiçara na Pickering, em busca de paz de espírito. Paz interior. De uma pausa no ritmo frenético das suas vidas. Não eram adeptos da pesca à flecha, nem sentiam particular apreço pelo Hack. Vinham conquistar um troféu para levarem para casa as fotografias e as histórias e poderem gabar-se aos amigos. O Hack sabia-o, mas também sabia que precisavam do que ele tinha para oferecer, por isso, não lhes condenava a falta de carácter ou o facto de permitirem que a vida que levavam em casa ditasse o ritmo a que viviam, em vez de determinarem eles o ritmo a que desejavam viver e levarem a vida a esse ritmo. Quando compreendi isto, fez-se luz no meu espírito. O Hack estava a fazer o mesmo comigo. Estava a reajustar o meu relógio interno. O ritmo a que eu vivia. Cheguei a estas conclusões uma

certa manhã, sentado no meu alpendre, enquanto contemplava o Atlântico a oeste. O café tinha arrefecido. Olhei para baixo e vi meia caneca de café frio a olhar para mim. O que queria dizer que não o tinha sorvido à pressa, sem sequer o saborear. Quando trabalhava com o Marshall tinha aprendido a escolher e a preparar um café soberbo, mas só durante a minha convivência com o Hack é que aprendi a saboreá-lo.

E isso fazia toda a diferença.

Durante o meu segundo ano com o Hack, ele marcou dois clientes para o mesmo dia. Quando eles apareceram de canas em riste, esperando que o célebre James J. Hackenworth lhes “mostrasse o peixe”, o Hack virou-se para mim e disse:

– Importas-te de dar uma mãozinha a um velho?

E assim começou a minha carreira como guia de pesca à flecha.

Quando o tipo protestou, o Hack defendeu-me.

– Ele é melhor do que eu.

Ao partirmos no barco ocorreu-me que era a primeira vez em muito tempo que alguém me apoiava e, por muito que não quisesse albergar sentimentos por ninguém, senti uma pontada de afeto pelo Hack.

O meu cliente detinha uma pós-graduação em Gestão de Empresas de Stanford e era o diretor financeiro de uma das 500 maiores empresas do país. Como não queria ter de explicar como fora ali parar, decidi não divulgar o meu currículo académico. Seria menos complicado deixá-lo pensar que não passava de um zé-ninguém da ilha que, por acaso, conhecia os melhores sítios para a pesca à flecha. Ao fim da tarde, o tipo tinha fígado tanto peixe que já massajava o braço para aliviar uma câibra. Por fim, sentou-se na frente do barco, engoliu quatro comprimidos para as dores, tirou o boné e abanou a cabeça. Perguntei-lhe:

– Sente-se bem?

– Grande pescaria. Do melhor. – Pagou-me 500 dólares pelo dia e deu-me mais 500 de gorjeta. Tentei dividir o dinheiro com o Hack, mas ele riu-se.

– O que é que eu vou fazer com isso? Já nem gasto o que tenho...

Sentámo-nos a contemplar as águas, o Hack com o seu cigarro e eu com a minha garrafa de água. Era raro não trazer uma comigo. O Hack comentou:

– Bebes muito disso.

– Mais vale disto do que whisky. – Ri-me. – Ou a cerveja *light* da moda.

– Porquê com gás?

Olhei de relance para a garrafa de plástico.

– Gosto da sensação.

Ele puxou uma grande fumaça do cigarro e olhou na direção da costa da Flórida, uns 70 quilómetros à nossa frente.

– Percebo que estejas aqui a fugir de algo, ou alguém, que te fez sofrer. Mas tens de saber que, para as pessoas que se cruzam contigo – apontou com o cigarro para a minha garrafa de água –, és como essa garrafa que trazes aí. – Fixou-me com os olhos semicerrados e julguei ter visto a sombra de uma lágrima. – Não reprimas a dor dentro de ti. – Uma brisa ligeira agitou a superfície das águas e veio refrescar-nos. – Onde quer que vás neste mundo, água é vida e, não sei porquê, mas tu tens esse efeito sobre as pessoas, algo em ti as atrai. – Pegou na garrafa e bebeu um trago. – Gostam da sensação.

Como eu adorava aquele velhote.

A novidade espalhou-se e dentro em pouco tanto o Hack como eu passávamos os dias na água. Construíamos botes de manhã e à tardinha e guiávamos os clientes durante o dia. Certa manhã olhei-me ao espelho, bronzeado, com o cabelo aloirado pelo sol, uns quilos a menos e dei-me conta de que aquele estilo de vida me caía bem. Fez-me lembrar o miúdo que outrora via ao espelho. Há muito que não media a pressão arterial, mas devia estar bem mais baixa do que quando trabalhava para o Marshall.

E o Hack tinha razão. Trabalhar a madeira, deixando o tempo arrastar-se, tinha o condão de dissipar a raiva. Era capaz de imaginar a cara do Marshall sem ter vontade de o matar ou enfiar um garfo num olho e uma colher no outro. Entre os meus pais, o Secundário, ter de me desenrascar sozinho, Harvard, a Amanda e o pai dela, não sei quanta raiva fui acumulando ao longo da vida, mas trabalhar com o Hack forçava-me a lidar com ela. Não estou a dizer que tinha encontrado uma forma de me libertar da raiva, mas antes que, pela primeira vez na vida, pude enfrentá-la sem subterfúgios. A grande dádiva que recebi do Hack foi a capacidade de ser sincero comigo próprio. Com uma paciência infinita, sem esperar nada de mim, fez-me enfrentar a pedra que tapava o meu coração. E aquilo com que me deparei não era um seixo, mas, sim, a Grande Muralha da China. E embora me sentisse mais confortável na minha pele, não diria que me tornei mais sincero com os outros.

Mais tarde viria a sofrer as consequências.

Um dia de manhã apareceu na oficina um tipo pouco mais velho do que eu e entabulou conversa com o Hack. Tinha ouvido falar dos esquifes

através de uns amigos em Miami e queria saber se podia encomendar um. O Hack informou-o de que a lista de espera já ia em sete anos e, ao olhar para ele, o tipo percebeu a mensagem nas entrelinhas. Foi então que viu o meu esquife.

– É seu?

Não foi brusco, parecia apenas curioso. Interessado. Tinha ar de quem estava acostumado a conseguir o que queria. Dinheiro não devia faltar-lhe.

– Sim.

– Está interessado em vendê-lo?

– Gosta de pescar flecha?

Ele abanou a cabeça.

– Não pesco.

– Está a dizer-me que quer comprar este esquife, mas não pesca?

Ele confirmou com um aceno, sorridente.

O Hack sorriu-me e fez um ar intrigado. Limpei as mãos a um trapo e voltei-me para admirar o meu barco.

– Levei quase um ano a construí-lo e ainda só saiu um punhado de vezes. Não quero ser desagradável, mas teriam de me oferecer muito dinheiro por ele.

Um esquife feito por encomenda na oficina do Hack custava entre 40 e 60 mil dólares, dependendo dos acabamentos. O tipo sorriu.

– Duzentos e cinquenta mil, em dinheiro. Parece-lhe bem?

Olhei para ele como se tivesse perdido o juízo.

– Está a falar a sério?

– O dinheiro ser-lhe-á entregue esta tarde.

– Um quarto de um milhão de dólares? Por um pedaço de madeira com cola e tinta?

Ele sorriu.

– E muito trabalho.

O Hack acenou várias vezes e murmurou pelo canto da boca:

– Aceita o dinheiro antes que o homem mude de ideias.

Olhei para o barco e a seguir para o Hack. Finalmente olhei para o homem e estendi-lhe a mão.

– Quer que embrulhe?

Nesse dia à tarde dei por mim num dilema: que diabo faz uma pessoa com 250 mil dólares em dinheiro?

Capítulo Nove

A casa de férias do Colin fazia parte de um condomínio fechado que incluía uma estância de luxo. A estância também vendia apartamentos turísticos em regime de time-sharing com acesso aos serviços e aos equipamentos do hotel, mas os tesouros mais cobiçados eram as cerca de 30 propriedades à beira-mar, entre as quais a casa do Colin era a joia da coroa. O longo caminho de acesso, de quase um quilómetro, serpenteava até ao cabo rochoso onde a casa se situava, permitindo dois pontos de entrada por mar. A casa ficava de frente para o oceano e chegava-se à praia por umas escadinhas escavadas na rocha e um trilho nas dunas que conduzia a uma cabana de praia. Das traseiras da casa, descia-se a um porto de águas profundas, concebido para iates de pesca de grandes dimensões, situado numa enseada recôndita.

Ancorei o Bertram, fixei a amarra e passei em revista as três embarcações penduradas na casa dos barcos. Abafei uma gargalhada. O Colin não era lá muito bom piloto, sempre a ficar encalhado e a deitar abaixo as estacas sob o cais, mas isso não o impedia de comprar barcos de primeira categoria. Tinha bom olho, no que toca a barcos.

As sinuosas escadas de teca até à casa eram iluminadas por luzinhas dispostas de cinco em cinco degraus. Quem construía a casa não se poupava a despesas. Os mais de 100 degraus pareciam aflorar das saliências rochosas em curvas e contracurvas que proporcionavam vários patamares com vistas panorâmicas. À minha esquerda, havia um caminho de terra batida que partia da casa dos barcos e serpenteava lentamente encosta acima, permitindo que alguém num carrinho de golfe ou outro veículo de pequenas dimensões transportasse provisões de e para a doca sem ter de subir e descer as escadas.

As escadas iam dar ao pátio das traseiras, ao lado da cozinha exterior. Senti o calor inesperado que vinha da cozinha ao contornar o muro de

pedra que formava uma das paredes da chaminé. Uma das enormes churrasqueiras a gás – onde facilmente se poderia assar um porco inteiro no espeto – estava ligada no máximo e o respetivo exaustor absorvia grande parte do calor. A sujidade e a gordura na grelha e à volta desta sugeriam que tinha estado ali qualquer coisa a queimar. Desliguei a churrasqueira e o exaustor e estudei um misturador de cocktails praticamente cheio e em que o gelo derreteria todo. O ar cheirava a rum e a óleo de coco. Contornei o pátio e subi ao terraço da piscina, que estava iluminada. Havia um par de fatos de banho e as metades de vários biquínis a boiar na água. Na parte funda jaziam duas cadeiras de jardim. Contei mais de 100 garrafas de cerveja e whisky espalhadas pelo pátio, bem como dezenas de pontas de cigarro e igual número de charros, alguns ainda agarrados a cliques de papel. À beira da piscina, caído de lado, estava um cachimbo de água com vários tubos.

A parte de trás da casa era basicamente uma parede de vidro e alguém escancarara as portas. Uma saía do encaixe e tombara sobre uns arbustos, esmagando-os. A outra jazia feita em mil pedaços. Atravessei uma cortina rasgada que se agitava ao vento e, ao entrar na casa, fui recebido por dois odores: o primeiro era de qualquer coisa que tinham deixado queimar no forno e o segundo, de comida a apodrecer na cozinha principal. Ostras ou camarão. Uma olhadela ao lava-loiça e ao caixote do lixo confirmou ambas as suspeitas. Se eu achava que o pátio das traseiras estava caótico, ainda não tinha visto nada. O interior da casa tinha sido completamente vandalizado. A aparelhagem vomitava qualquer coisa incompreensível com um ritmo febril, por isso, desliguei-a. A mobília estava toda de pernas para o ar. A mesa da cozinha tinha uma perna partida. Alguém fizera vários buracos no reboco com qualquer coisa do tamanho de uma bigorna. Um peluche verde que parecia o Sapo Cocas tinha sido amarrado a uma das pás da ventoinha do teto e, de momento, executava cerca de 280 rotações por minuto. Alguém atirara ao televisor um candeeiro que ainda estava cravado no enorme ecrã plano, agora sem imagem.

A bancada de granito que revestia a ilha na cozinha estava rachada ao meio, mas a “melhoria” mais interessante no rés do chão da casa era a torneira aberta do lava-loiça, torcida de maneira a apontar para fora da pia. A água escorria por cima da bancada, pela parede abaixo e atravessava o pavimento até à sala, que era ligeiramente afundada em relação à cozinha e se encontrava agora mergulhada em meio metro de água – com a ajuda de uma mangueira de jardim que tinha sido arrastada para dentro pela porta

das traseiras. A água alcançara e transpusera o degrau de cima, escorrendo para o terraço por uma porta lateral até chegar à piscina. Esta, alimentada por uma segunda mangueira, enchera até cima e formava agora uma cascata que se abatia sobre uma piscina mais pequena situada noutro terraço dois metros e meio mais abaixo, que por sua vez também transbordara, criando uma cascata em miniatura sobre a escarpa que descia até à praia, uns 20 metros abaixo. Fechei a torneira da cozinha e as do jardim e subi ao andar de cima. Alguém atara uma cortina ao lustre da escadaria para se baloiçar nele. O peso desalojara-o e agora pendia do teto seguro apenas por três fios elétricos, ameaçando cair na piscina interior recentemente acrescentada.

Os sete quartos do andar de cima não se encontravam em melhor estado. Todas as camas pareciam ter sido utilizadas por várias pessoas ao mesmo tempo. Alguém estendera um resguardo de plástico sobre uma das camas e espalhara-lhe por cima qualquer coisa com uma viscosidade semelhante à de óleo de bebé. Havia roupa e peças interiores dispersas pelo chão. As casas de banho estavam encharcadas e alguém tinha enchido a banheira de hidromassagem do quarto de banho principal de cerveja, agora passada e malcheirosa, como evidenciado pelos três barris vazios empilhados ao lado da banheira.

O quarto principal devia ter assistido ao pior da festa no andar de cima, pois o colchão tinha sido arrastado até à varanda e alguém fizera uma fogueira em cima dele com os restos mortais da estrutura e da cabeceira da cama de casal. De resto, o espaço estava vazio. O sol mergulhara no Pacífico e começava a anoitecer, mas um olhar para norte por cima da varanda confirmou que a restante mobília tinha sido lançada à arriba para os lados da casa dos barcos. Grande parte jazia nas rochas feita em pedaços.

Num parapeito acima do que antes fora o quarto principal havia uma câmara de vídeo manual. Um cabo ligava-a à televisão do quarto, a única peça de mobiliário ou área da casa que não tinha sido profanada pela festa. A minha vontade de ver aquelas imagens não era nenhuma, mas pensei que talvez pudessem ajudar-me a determinar se o Zaul ali tinha estado e como eram os novos compinchas dele.

A câmara continha mais de oito horas de filmagens não editadas. Alguém dedicara bastante tempo a gravar e a narrar os acontecimentos dos três dias de pândega. A voz parecia feminina, mas não consegui entender uma palavra porque era tudo falado num espanhol muito rápido. A pessoa documentara na perfeição a escalada de violência e a destruição total da

casa do Colin e da Marguerite. Poucos minutos depois de ter começado a assistir ao vídeo, ouvi garrafas a bater umas nas outras no quarto atrás de mim. Deixei o vídeo em pausa e deparei-me com um jovem num smoking todo esfarrapado a rastejar de baixo do caixote da roupa suja no armário. Ainda estava a acordar e começava a sentir a dor de cabeça lancinante que acompanhava o que provavelmente era a pior ressaca da vida dele. Mal conseguia abrir os olhos e usou uma mão em pala para tentar protegê-los. No dia anterior devia ter vomitado para cima da própria roupa, o que explicava o cheiro. Não se podia estar ao pé dele.

Olhei para o rapaz e ele grunhiu-me.

– Ora viva.

Ele voltou a deitar a cabeça no chão, encostou uma mão à parede e plantou um pé no chão. Murmurou:

– Ai, a minha rica cabecinha. – Tinha um sotaque espanhol carregado e pronunciava mal as palavras. Ri-me.

– Estás zozzo, é?

– Bacano... – E com isto, voltou-se para o lado e vomitou o pouco que ainda tinha no estômago. Abri a torneira do chuveiro na água fria, arrastei-o lá para dentro e ajudei-o a manter-se direito enquanto a água lhe corria pela cabeça e pelo tronco. Dar-lhe-ia uns 16 anos e, a julgar pela figurinha, não devia ser um dos convidados da festa mas, pelo menos no início, alguém contratado para servir as bebidas.

Deixei a água a correr e desci à cozinha, onde improvisei um café quente com o que pude arranjar. Depois de pronto, levei-o ao rapaz, que entretanto tinha desligado o chuveiro e continuava espapaçado no chão a escorrer água. Aceitou a caneca e agradeceu-me com a voz ainda meio arrastada.

– *Gracias...*

Passei-lhe uns calções de banho e uma t-shirt que pareciam ser do Colin e regressei ao vídeo. Um quarto de hora depois o rapaz saía da casa de banho aos tropeções. Trazia a mão que segurava na caneca, trémula, a proteger os olhos, e a outra a servir-lhe de apoio e de guia enquanto se deslocava penosamente ao correr da parede. Começou a falar num espanhol atabalhado e praticamente incoerente. Ao fim de 30 segundos, levantei a mão e transmiti-lhe quase todo o espanhol que sabia.

– *No hablo español.*

O rapaz sorriu, indicou ter compreendido com um gesto de cabeça e recomeçou a falar, agora mais lentamente, num inglês macarrónico.

Consegui perceber que ele, Miguel, era (ou tinha sido, até há três dias) empregado do serviço de *catering* que fornecera o marisco e, no fim do turno, aceitara um convite para se juntar aos baristas e trabalhar em troca de gorjetas – que infelizmente já não trazia no bolso. Para seu grande prazer, o álcool, as gorjetas e as raparigas a dançar na varanda tinham chovido em abundância. Depois da comissão no bar, travara conhecimento com uma bela rapariga e tinham passado o resto da noite (isto uns dois dias antes, supunha ele) a dançar. Acordara nos braços dela, numa cadeira de jardim à beira da piscina, e tinham passado o dia na praia e a noite seguinte na farra e a última coisa de que se lembrava era de estar a encher o jacuzzi de cerveja. Pelo que via, tinha passado quase um dia inteiro inconsciente dentro do armário.

Liguei o vídeo e pedi-lhe para ajudar a narrar, ao que ele acedeu com grande prazer. Relatou as histórias das raparigas e o que cada uma tinha bebido. Quem gostava de rum. Martini. *Shots* de tequila. Estalou os dedos.

– Era semp’a dar-l’ê no *Flor de Caña*. Les gusta a todos.

Vimos a multidão a engrossar e espuma de cerveja a voar pelo terraço. Bem cedo na primeira noite um tipo de cabelo comprido e queimado pelo sol arrastou uma das mangueiras para dentro da casa e começou a encher a sala. Mais tarde, encontramos raparigas de biquíni a baloiçar-se no lustre e, pouco depois, vemo-las de olhos vendados, besuntadas de óleo, a lutar no colchão do andar de cima. Algures a meio da noite, um brutamontes de cabeça rapada – uma autêntica vela de ignição ambulante – deu em desfazer a mobília de teca do jardim em pedaços, que prontamente empilhou e regou com gasolina. Os cerca de 100 convivas puseram-se a dançar à volta da fogueira e a maioria apagou ali mesmo, perto do calor das chamas. O segundo dia foi uma repetição do primeiro com um acréscimo de tipos loiros e bronzeados. Magros, musculados, de ombros possantes. Quatro no total. Apontei-os na imagem.

– Conhece-los?

– *Sí*. – Gesticulou como se se tratasse de uma pergunta estúpida. – Surfistas, casi todos, pero... – Imitou alguém a fumar um charro. – Quieres algo, eu falar con ellos. Muy buen producto.

Sempre que o Zaul aparecia no vídeo, os outros quatro nunca andavam muito longe. Perguntei:

– E ele?

O rapaz encolheu os ombros.

– Tipo novo. Calado. Sonreía poco. Pero... – Esfregou os dedos da mão

direita uns nos outros. – Chei’ da pasta.

Com a ajuda do vídeo dava para ter uma boa noção do novo círculo de amigos do Zaul. Como o Miguel também trabalhava na estância de férias aos fins de semana, conhecia praticamente toda a gente. Menos o Zaul.

– No, esse chegou agora. Con un montón de dinero. Pagar festa. Dar-me... – Enfiou as mãos nas calças do smoking e abanou a cabeça. – Cem dólar.

Quando lhe perguntei o que era do pessoal e da festa, encolheu os ombros e apontou o armário, francamente desanimado.

– Fazes alguma ideia aonde foram?

Ele voltou atrás no vídeo e passou uma parte onde os quatro surfistas estavam a conversar com o Zaul. Falavam animadamente, mexendo muito as mãos, a tentar convencer o Zaul a ir com eles – ele e o dinheiro – a um lugar onde as ondas eram radicais e não faltavam raparigas seminuas. O Miguel traduziu:

– Oye, aquí hablan de boa onda.

– “Boa onda” ou “ondas boas”?

Ele voltou atrás e ouviu outra vez, depois confirmou:

– “Boas”, é “boas”. – Continuámos a assistir a partir daquele ponto. – Aquí, hablan de un “resort”. Al norte de Corinto. Algo de... – Abanou a cabeça, à procura das palavras. – Un arrecife de coral. Ondas de diez metros. Pero... – Estalou os dedos e pediu silêncio, ficando a escutar mais alguns minutos. Apontou para o ecrã. – Primeiro, una fiesta em León, no hotel do tio de um deles. Ficar no hotel.

– Ele dá o nome do hotel?

O rapaz abanou a cabeça. Naquele momento, um dos tipos aponta para o Zaul, esfrega os dedos uns nos outros como o Miguel tinha feito antes comigo e diz qualquer coisa com um grande sorriso. Os outros três acenam, a concordar.

– Que dizem eles aqui?

Ele escutou, tentando percebê-los. Tinham a música aos berros e havia um grupo de miúdas a cantar na piscina, mesmo ao lado.

– Algo de que van a encontrarlo com “el jefe”.

– Querem apresentá-lo a alguém?

– Sí.

– A quem?

– *Al jefe*.

– O que é isso?

Ele pensou um pouco.

– Comanda a todos. Es – ergueu um dedo – el mande-chuva.

Como percebi o que queria dizer, não me dei ao trabalho de o corrigir.

– E tem nome, o figurão?

– No, pero... – indicou um dos tipos no ecrã. – Él sabe quién es. – Continuou a apontar para o ecrã, utilizando gestos para ajudar ao discurso. – Cree – apontou o Zaul – que su dinero es muy bueno. Hacer mucho más. Para todos. – Espalmou a mão no ecrã, por cima do rosto do Zaul. – Él custeará.

Era o que eu temia.

Perguntei-lhe se precisava de uma boleia e ele prostrou-se no chão, fechou os olhos e balbuciou qualquer coisa no sentido de ter de ligar à mulher.

Vinte minutos depois, surgiu no caminho para a casa uma rapariga numa scooter. Vinha com cara de poucos amigos. Ele saiu da casa e começou a rodeá-la, como que a esquivar-se, e a rapariga, sem contemplações, deu-lhe uma bofetada bem assente, induzindo nova onda de vômitos para os arbustos. Enquanto ele bolçava em vazio, a rapariga iniciou um ataque verbal como raramente ouvi. Creio que nunca tinha ouvido alguém falar tão depressa. Depois de lavar a cara com água da mangueira, o rapaz montou a scooter atrás dela com o rabinho entre as pernas e desapareceram estrada fora. Não me parece que a mulher do Miguel estivesse muito contente com ele.

Finalmente, por volta das dez, liguei ao Colin.

Os médicos tinham reduzido gradualmente a medicação da Maria para a desabituar e despertaram-na do coma induzido. O Colin baixou a voz.

– Uma ou duas vezes, não conseguimos manter as dores controladas. Tivemos de corrigir a medicação. – Silêncio. – Tem sido... duro – sussurrou. – Sobretudo para a Marguerite.

Expliquei a situação na casa, juntando uma avaliação dos danos. O Colin ouviu sem dizer uma palavra. Quando terminei, perguntou:

– Fazes ideia aonde terá ido?

– Acho que anda atrás das ondas pela costa da Nicarágua com um grupo de fulanos que vendem droga para sustentar o vício do surf. A primeira paragem é uma festa numa cidadezinha chamada León.

A América Central é uma faixa de terra que liga o México à Colômbia, no extremo noroeste da América do Sul. É delimitada a sul pelo Oceano Pacífico e a norte pelo Mar das Caraíbas, que comunica com o Atlântico.

Entre os países que a compõem estão a Guatemala e o Belize, na ponta norte, que fazem fronteira com o México. Mais a sul chegamos a El Salvador, na costa do Pacífico, e às Honduras, do lado das Caraíbas, e depois à Nicarágua, mesmo ao centro, que confina com ambas, e a sul com a Costa Rica. A última paragem a sul é o Panamá, o mais estreito de todos os países da América Central, o que explica a existência do canal. Os adeptos do surf gostam de perseguir as ondas entre o Panamá e a Guatemala. A Nicarágua é uma bem conhecida meca do surf e a próxima paragem mais óbvia.

– Conheces Léon?

– Fui lá a negócios numa outra vida.

– Fazes alguma ideia de como tenciona lá chegar?

– Bem... não, mas ele levou-te a carrinha, por isso...

Quando adquiriram a casa o Colin tinha comprado também uma Toyota HiLux de quatro portas a diesel todo o terreno e instalara-lhe suportes para pranchas de surf no tejadilho e pneus maiores, mais desportivos e com uma aderência mais agressiva. Ele e o Zaul usavam-na para perseguir as melhores ondas ao longo da costa. Ouvi-o resmungar entre dentes.

– Eu gostava daquela carrinha...

Continuei.

– E não resta uma única prancha de surf na casa.

Ele ficou em silêncio por uns momentos.

– Liga-nos quando puderes.

– Pode demorar alguns dias.

Fez-se uma longa pausa. Ouvi a voz da Marguerite por trás. O Colin falou por cima do telefone, retomando uma conversa com a esposa a meio da nossa. Baixou ainda mais a voz.

– Quer? – Ouvi algum movimento e o Colin voltou a falar ao telefone.

– A Maria quer dizer-te olá.

Mais agitação e, a seguir:

– Tio Charlie? – Falava a custo, com a voz arrastada devido aos sedativos.

– Olá, linda. Como te sentes?

– Estou... – fez-se silêncio, seguido de uns gemidos abafados. Apanhei a palavra “dói” e o Colin pegou novamente no telefone.

– Ei. A Maria tem saudades tuas.

– Agora a sério, como é que ela está?

Silêncio.

– Nada bem. – O Colin estava a sofrer por dentro. – Charlie?

– Diz.

– Obrigado.

– Porquê?

– Por não estares sempre a dizer-me que a culpa disto é toda minha.

– Isso é porque não é.

Abafou o riso amargo com um grito de angústia à mistura. Claramente não acreditava em mim. Estava por um fio.

– Ai não?

– Não. – Espraiei a vista pelo oceano e o vazio devolveu-me o olhar.

– Então de quem é?

Se realmente havia honra entre ladrões, havia que partilhar aquele fardo.

– É nossa.

Capítulo Dez

O Colin vivia em Miami. Explicou que tinha uma empresa de perfumes e outra de importação de vinhos e licores. Este ramo de atividade punha-o em contacto com a elite de Miami – atletas, estrelas de cinema e divas da *pop* que frequentavam a casa dele. Por conseguinte, tinha transformado a casa numa espécie de museu e palco de festas. Disse que era bom para o negócio. As pessoas gostavam de admirar os brinquedos dele. Tencionava exhibir o esquife na casa dos barcos. A única condição do negócio era ser eu a transportar o esquife até à casa dele em Miami. Olhei para o Hack, que tossiu, cuspiu e fez que sim com a cabeça.

– Por essa dinheirama toda até o levamos a nado, se for preciso.

No fim de semana seguinte, o Colin enviou-nos o capitão e o imediato para nos levarem ao barco dele. Rapidamente ficámos a saber que mantinha um iate de pesca desportiva de 60 pés atracado em Bimini, que servia para entreter clientes que trazia do continente de helicóptero. Embora fosse um apreciador de barcos, que o atraíam sobretudo como símbolos de poder e dinheiro, não entendia muito do assunto nem sabia como manobrá-los, por isso, contratava um capitão e um imediato para os transportar a pouca distância da costa em busca de espadarte azul, serra-da-índia, atum, e por aí adiante.

O Hack e eu usámos a grua da marina para içar o esquife até uma plataforma construída propositadamente para esse efeito, que amarrámos à popa do iate com umas correias de fixação ultra fortes. No dia seguinte, regressei à costa da Flórida pela primeira vez em quase três anos.

Cruzámos as águas profundas, atravessámos Stiltsville, a Biscayne Bay e as lagunas que conduziam à casa do Colin. O Hack ia à frente envolvido numa nuvem de fumo, a apreciar os mangais e as raparigas de biquíni a apanhar banhos de sol.

Eu ia sentado com as pernas fora do barco, a observar o mundo que

tinha deixado para trás. Quando chegámos à casa do Colin, o Hack ficou de olhos esbugalhados. A construção ocupava três lotes de terreno e devia ter umas 40 divisões. O Hack lançou a ponta do cigarro à água e comentou:

– Devias ter pedido mais dinheiro.

Duvidava que o Colin fosse mais rico que o Marshall, mas ninguém o diria ao ver o estilo em que vivia.

– Pois devia.

A festa à volta da piscina, num terraço acima de nós, começava a aquecer. Havia beldades bronzeadas, em biquínis ultra decotados, coladas a homens de peito peludo, alguns exageradamente musculados, de óculos escuros e a pingar correntes de ouro. O DJ tinha montado o estaminé no relvado sob um toldo e estava a fazer testes de som. Uma das raparigas acima de nós debruçou-se da balaustrada e piscou o olho ao Hack. O Hack abanou a cabeça e sorriu.

– Definitivamente, estou no negócio errado.

Baixámos o barco e depositámo-lo numa base com rodas para podermos deslocá-lo à vontade, mais ou menos como faz quem transporta pianos. A casa dos barcos do Colin era maior do que muitas habitações e, como eu viria a aprender, uma espécie de museu de barcos que outros admiravam. O interior era em cedro do Canadá e a iluminação concebida como a de um museu de arte. As vigas de aço fixadas às paredes serviam de carris com rolamentos e ganchos industriais. Podia mover qualquer barco em praticamente todas as direções: para cima, para baixo, para os lados. Entrar na casa dos barcos do Colin era como entrar no Museu Nacional do Ar e do Espaço em Washington, D.C. Havia barcos pendurados por todo o lado.

Ele recebeu-nos à porta, cumprimentou-nos e fez-nos uma visita guiada, descrevendo os barcos, o valor de cada um e o que o levava a adquiri-los. Fiquei a saber que o meu esquife era o que ficara mais em conta – por uma larga margem. Perguntei:

– Passa muito tempo nos seus barcos?

O Colin abanou a cabeça.

– Nem por isso.

Tendo acabado de instalar o barco no espaço que lhe estava reservado, o Hack e eu preparávamo-nos para a viagem de regresso no iate de pesca desportiva quando o Colin perguntou:

– Têm fome?

O Hack olhou para as raparigas.

– Eu cá estou esfomeado.

Ri-me. Atravessámos o bufete e, enquanto o meu companheiro octogenário se apresentava a todas as raparigas da festa, o Colin apresentou-me à esposa e aos dois filhos. A Marguerite era uma brasa hispânica de cabelo e olhos negros, dois ou três centímetros mais alta do que o marido. Era pianista de concerto, o que explicava o Steinway no auditório acusticamente perfeito na ala da casa onde dava concertos privados. O Colin tinha-a conhecido no concurso de Miss Universo em que ela competira. O Gonzalo, ou “Zaul”, o filho de 10 anos, trazia uma t-shirt onde se lia “VIM COM A BANDA”. Era bonito e tinha os olhos da mãe. Apertou-me a mão e esgueirou-se até ao jardim, onde passou a seguir o DJ como uma sombra. A seguir, conheci a Maria Luisa, a filha de 4 anos. Também ela puxava à mãe: trazia um vestido de princesa, batom, os sapatos de salto alto da mãe e uma tiara. Se o sorriso do Zaul me provocou um calorzinho no peito, a Maria derreteu-me o coração e roubou um pedaço de mim. Ajoelhei-me e endireitei-lhe a tiara, que tinha deslizado para um lado.

– Olá.

Tinha o sorriso e os olhos azuis mais bonitos que alguma vez vira.

O Colin e a Marguerite mostraram-me a casa, com a Maria agarrada à mão do pai e a participar com coloridas descrições da casa “dela”. Quando chegámos ao auditório, o Colin convenceu a Marguerite a tocar. Ela sentou-se e correu as mãos pelo piano, produzindo muito provavelmente a coisa mais bonita que eu alguma vez tinha ouvido, enquanto a Maria rodopiava no palco sob as luzes.

Mais tarde, almoçámos e rimo-nos do Hack, que tinha todas as raparigas da festa à volta dele. Ao fim da tarde, o Colin tocou-me no ombro e perguntou:

– Tem um segundo?

Eu não era nenhum marinheiro de água doce. Sabia que tinha de haver mais qualquer coisa por trás da entrega do barco e da visita guiada. Um homem como o Colin tinha às suas ordens pessoal mais do que competente para transportar o barco, mas, por qualquer motivo, queria-nos a nós – a mim, em particular, suspeitei.

Levou-me até à casa dos barcos e trepámos pelo cordame do cesto da gávea até ao terceiro piso para contemplar Key Biscayne. Lá em baixo, o DJ levava os convidados da festa ao delírio. Estava coberto de anéis, ouro e tatuagens. O Colin disse:

– É um *rapper*. Nome artístico, “Liv-ed”. Diabo escrito ao contrário. – Abanou a cabeça. – Na realidade chama-se William Alfred Butler e, neste momento, está no topo das tabelas de venda. Esta semana vamos lançar a linha de perfumes dele.

– Gosta de rap?

O Colin abanou a cabeça.

– Eu não, mas – apontou para as pessoas na festa – eles gostam.

– Como é que o convenceu a vir?

– Da mesma forma que o convenci a si.

Resolvi falar sem rodeios.

– Costuma comprar os seus amigos?

– Os meus amigos? Não. Mas as pessoas nesta festa, sim.

No relvado lá em baixo, o William Butler ensinava o Zaul a pegar no microfone, como usar o boné e o que fazer com as mãos enquanto gritava ao microfone. A maior parte dos gestos dava a impressão de que estava furioso e tinha de ajustar constantemente as virilhas das calças. Usava o boné de lado e as calças abaixo das nádegas. Sempre que queria imprimir ênfase ao que dizia levantava o braço como se estivesse a segurar uma arma de lado e carregava no gatilho. O Zack copiava os gestos o melhor que podia. Observei-os, vagamente divertido.

– Como se chama o perfume?

– Prisão.

Passámos alguns momentos em silêncio enquanto a brisa nos secava o suor na pele. Achei que estava na hora de pormos as cartas na mesa.

– Porque não me diz o que faço realmente aqui a olhar para o mundo que você criou, mas que afinal de contas não lhe diz nada?

Ele disfarçou um sorrisinho cínico.

– Não lhe escapa nada. – Apontou para a Marguerite e os miúdos a nadar na piscina. – Para mim, só eles é que importam. – Abarcou a paisagem humana à nossa frente com um gesto. – O resto é só ruído.

– Então porque é que se dá ao trabalho de o ouvir?

– É preciso – respondeu, encolhendo os ombros. – O que me traz ao assunto de que queria falar-lhe. Não nos conhecemos de lado nenhum, mas algo me diz que a sua vida nem sempre foi construir esquifes. Anda a fugir de alguma coisa e, pelo que vejo, é competentíssimo em ambas as vertentes da vocação.

– E que vertentes são essas?

– A primeira é cortar relações com tudo e com todos.

Apontei para o Hack, que de momento tinha ao colo uma loira de um metro e oitenta e estava a aplicar-lhe bronzeador nos ombros. Havia uma fila à espera que ele lhes fizesse o mesmo.

– Menos com ele. E a segunda?

– A capacidade de guardar um segredo.

– Como é que sabe?

– Tenho ótimos contactos em Bimini e, no entanto, não arranjo ninguém que saiba nada sobre si, além de que, ao fim de quase três anos na ilha, parece dar-se bem com a lenda local e é bastante reservado. Não tem amigos. Namorada. Família.

Não reagi.

– Tenho ou não razão?

Abafei o riso.

– Responder-lhe seria contradizer a ideia por trás disso.

Ele calou-se.

– Deixe-me ser franco consigo.

Aguardei.

– Gostava de o contratar. Um extra. Não vai interferir com o que tem combinado com o Hack. E fará mais dinheiro do que consegue gastar.

Não olhei para ele.

– Para mim, o dinheiro não é um incentivo.

– E que tal aventura, barcos potentes, helicópteros, visitar outras costas e sair impune?

– Depende do que quer que faça.

– Bem, para começar, não é legal. – Esperou. – É contra a ideia?

– Sou contra ir parar à prisão.

Ele riu-se.

– Eu também. Se não quer que continue, é livre de se juntar à festa e, quando quiserem, os meus rapazes levam-vos de volta.

Entre as beldades bronzeadas de pernas esculturais, o riso descontraído do Hack, a lagosta, os cheiros a rum, óleo de coco e diesel, os barcos vistosos, as estrelas de cinema e as divas da pop a bambolear-se no relvado, sentia-me embriagado com a atmosfera de intriga e mistério.

– Sou todo ouvidos.

– O meu pai veio de Cuba. Começou com uma mercearia de bairro. Abriu várias. Depois expandiu o negócio: distribuição, transporte, armazenagem. Controlava tudo da produção ao retalho. Mantinha os custos baixos, eliminava quaisquer ineficiências e fez uma pilha de

dinheiro. Comecei bem cedo a seguir-lhe os passos. Ele ensinou-me a gerir a empresa e mostrou-me como oferecer um bom produto ao cliente. Não tenho nenhum curso superior, mas sei gerir um negócio. O meu pai deixou-me 50 milhões e, como as pessoas gostam de cheirar bem, de bebidas sofisticadas, vinho e champanhe, e de snifar pó branco, neste momento, valho cerca de 20 vezes isso. O dinheiro não me faz falta, mas gosto do estilo de vida e de privar com o *jet set* e, para ser sincero, aprecio o estatuto que o dinheiro traz. Já fui pobre, sei como é, e podendo escolher, prefiro ser rico. – Encolheu os ombros. – Dito isto, o meu negócio é uma mistura de atividades legais e ilegais. Preciso de alguém para as entregas. Alguém em quem possa confiar num meio em que não se pode confiar em ninguém.

A história intrigou-me. Observei a Marguerite a atravessar o jardim das traseiras com uma travessa de comida para um convidado.

– Ela sabe?

Ele acenou.

– Não tenho segredos para a minha mulher.

– O negócio do seu pai era legal, mas o seu não é. Como é que isso aconteceu?

– E quem lhe disse que era tudo legal? O meu pai começou com uma mercearia e, durante os meus primeiros anos de vida, vivíamos nas traseiras do estabelecimento. Lembro-me de dormir no frigorífico industrial onde guardávamos os perecíveis durante o calor de agosto. Entretanto, o meu pai arranjou maneira de importar rum dos irmãos e vendê-lo clandestinamente. Pouco depois, começámos a vendê-lo na carrinha, mais tarde em camiões e finalmente nas lojas. Plural. – Sorriu. – O negócio era predominantemente legal, sim, mas, acima de tudo, o meu pai sabia fazer dinheiro.

– Cocaína e rum são duas coisas bem diferentes. Isso não o incomoda?

– Se tem problemas com a bebida, não culpe o homem que lha vendeu. Sou um empreendedor. Forneço um serviço. Se eu não o fizer, outros o farão.

O problema com aquela linha de raciocínio é que eu concordava totalmente com ele.

– Como funciona, na prática? Tipo, qual é o modelo de negócio?

– Bem se vê que é um homem com estudos.

E, nesse momento, resolvi mostrar ao Colin uma das cartas que trazia na manga.

– Pós-graduação em Gestão de Empresas em Harvard.

Ele sorriu e acenou com a cabeça.

– Aquelas pessoas lá em baixo não passam de agarrados com dinheiro. Julgam que o dinheiro as protege. A única diferença é que estes não querem os vícios deles expostos na primeira página dos jornais, por isso, pagam-me para lhes fornecer o que querem e guardar segredo e pagam-me um extra para que assim continue. Fazem uma encomenda no valor mínimo de 50 mil dólares, algumas muito maiores, transferem o dinheiro para uma conta offshore e eu faço a entrega. Tenho vários homens em grandes cidades por todo o país. Preciso de alguém para cobrir esta zona e a Costa Leste.

– O que é que aconteceu ao anterior?

O Colin indicou um careca alto e musculado de argola na orelha com um mulherão ao colo.

– Montou uma empresa de transportes. Queria gerir o seu próprio negócio, por isso, dei-lhe um empurrão. Deixei-o seguir o seu caminho.

– Sem ressentimentos?

O Colin abanou a cabeça, mas não avançou mais informação.

– E a concorrência, como é?

– A concorrência existe quando outros conhecem o nosso mercado, a necessidade a que estamos a dar resposta. Ninguém sabe nada sobre este mercado – disse com um gesto apontando para a multidão. – Por isso, não tenho grande concorrência, se é que tenho alguma. – Voltou a encolher os ombros. – Não vendo nas ruas. Não trabalho com *gangsters* armados.

– Se de facto opera como diz, é porque os seus clientes confiam em si.

– O que também significa que, se não cumprir o que prometi, o meu negócio de nicho vai por água abaixo. Eu tenho o que eles querem e eles têm a capacidade de destruir o meu castelo de cartas com algumas palavras bem aplicadas. É uma... – inclinou a cabeça de um lado para o outro – relação delicada. Por isso, faço o que posso para manter a descontração e fazê-los sentir-se à vontade comigo. Assegurar-lhes que podem confiar em mim, quando não há muita gente em quem possam confiar. O meu negócio legítimo dá-nos uma bela vida. Todo o dinheiro que queremos. O outro dá-nos o estilo de vida, os prazeres e a aventura de que eu e a minha mulher gostamos.

– Que teria eu de fazer? Como pretende pagar-me? Calculo que não nos veríamos muitas vezes.

Ele pousou um telemóvel no gradeamento à minha frente.

– Arranjo-lhe um cartão SIM novo a cada entrega. Estará ou no barco ou noutro local combinado. Nunca fará duas entregas com o mesmo cartão...

Interrompi-o.

– Assim não vai ser fácil decorar os números.

– Eu não cheguei onde cheguei, nem permaneci neste negócio este tempo todo por ser preguiçoso ou estúpido. As autoridades da zona sabem que existo, e apenas isso.

– Você mantém as mãos limpas e eu sujo as minhas.

– Todos temos as mãos sujas. Quem lhe disser o contrário é porque quer impingir-lhe alguma coisa. – Voltou a apontar para o telemóvel. – Ninguém jamais saberá este número além de mim. Não o dê a ninguém. Nem à sua mãe, nem à sua irmã, nem ao Hack. E, muito menos, à sua namorada. Tenha-o consigo 24 horas por dia, sete dias por semana.

– Assim como uma espécie de trela.

– Precisamente. Eu envio-lhe as coordenadas, que você introduz no GPS do barco, segue as minhas instruções à risca e deixa a encomenda exatamente onde eu lhe disser. Nunca lida diretamente com as pessoas nem com o dinheiro. Só trata da entrega. Entra, sai e, enquanto isso, tem a possibilidade de ver locais paradisíacos e gente bonita.

– Qual é a minha percentagem?

– Dez por cento do valor da entrega, um mínimo de cinco mil dólares.

– Parece dinheiro a mais só para pilotar um barco.

– Não pensará o mesmo se der por si a olhar para as grades de uma prisão. De certa forma, também estou a comprar o seu silêncio. Agora, e caso isso venha a suceder. – Deu-me algum tempo para digerir a realidade daquelas palavras. – Eu trato bem da minha gente. O dinheiro será transferido para a sua conta offshore antes da entrega.

– Vai pagar-me antes de eu fazer a entrega?

Ele anuiu.

– Confia assim tanto em mim?

– Preciso mesmo muito dos seus serviços, isso sim. Quer queimar-me? Força. Fique com o dinheiro. Mesmo neste negócio é importante haver lealdade. Mas, se quiser ganhar dinheiro a sério, então faça o que lhe peço, quando e sempre que eu lho peça. – Encolheu os ombros. – Em alguns casos, por causa dos vários negócios em que estão envolvidos e por desejarem evitar registos em papel, os clientes pagam-me em dinheiro. Quando tal ocorrer, pagar-lhe-ei em dinheiro, mas nunca haverá dinheiro

e droga no barco ao mesmo tempo. Aí terei de organizar o pagamento e a entrega em separado e não lhe posso prometer que terá o dinheiro antes da entrega. – Levantou um dedo. – O que faz com o dinheiro é lá consigo, mas tem de perceber que, se quer continuar neste ramo de atividade, não pode simplesmente depositá-lo num banco.

A decisão estava tomada. Não era bem o mesmo que entregar pizzas, mas estaria a fazer algo em que era realmente bom.

– Quando quer que comece?

Ele apontou para um Intrepid negro e elegante com uns 45 pés e quatro motores *outboard*, cada um com 350 cavalos de potência. O que queria dizer que o barco tinha 1400.

– Preciso daquilo nas Ábaco amanhã ao fim da tarde.

Meti o telemóvel no bolso e apertei-lhe a mão.

– Tenho andado com vontade de visitar o arquipélago.

Foi o início de uma bela e lucrativa relação. O Colin empregou-me na Specter Import Nationale – SIN². Contou-me que só deu pelo acrónimo resultante depois de ter entregado a papelada para a constituição da empresa, mas não alterou o nome. De certa forma, encaixava na perfeição.

Antes de deixarmos o cesto da gávea, acrescentou num sussurro:

– Há uma coisa que precisa de saber desde já. Este negócio tem um prazo de validade muito curto. O tempo urge para homens que como eu, e agora você, assumem estes riscos. O truque é esticar a corda até onde der, gozando a vida e fazendo todo o dinheiro que pudermos, e sair antes das 12 badaladas. – Correu a vista pelos canais e pela vizinhança repleta de propriedades de 10 e 20 milhões de dólares. – Há de chegar um dia, mais cedo do que julgamos, em que a fonte seca. A viagem chega ao fim. Só restará o negócio legítimo. O terraço da piscina estará vazio. E, quando esse dia chegar, tem de estar preparado para virar as costas a tudo isso. Ponto final. Vamos apenas ao sabor da maré.

² SIN significa «pecado» em inglês. [N. da T.]

Capítulo Onze

Dormi numa rede que pendurei na varanda do quarto principal. Soprava uma brisa fresca e o marulhar das ondas lembrava-me a cabana em Bimini. Pensei no Hack e no riso dele, no amor que tinha pelos barcos, pela pesca à flecha, pelo tabaco e pelas mulheres – todas as mulheres. Isto trouxe-me à memória a Shelly e a dor que levava estampada no rosto quando foi ter comigo à praia. A mesma expressão que a Amanda tinha quando a vi pela última vez, parada na neve à porta da casa dos pais. Como é que eu acabava sempre por deixar as mulheres da minha vida a sofrer por minha causa? Perguntei-me que esquema doentio andaria o Marshall a engendrar. Imaginava a vida miserável que o Brendan devia levar agora, à espera que o velho esticasse o pernil para lhe ficar com o dinheiro. Acabei, como acontecia quase todas as noites, a olhar para o vazio em que a minha existência se tinha transformado. Para a sucessão de eventos isolados que iam marcando as minhas decisões perante as encruzilhadas da vida. Por vezes, tentava ligar esses pontos. Ver um à luz de outro. Em vão. Não havia qualquer relação entre eles. Não se tocavam.

Acordei ao amanhecer a desesperar por uma boa caneca de café. Ao vasculhar a cozinha, encontrei café em grão no congelador e lá consegui preparar uma caneca. Já com a bebida quente à minha frente, resolvi deixar o Bertram atracado e prosseguir por terra. Tinha de chegar a León e depois continuar até Corinto e, uma vez lá, o barco não me serviria de muito. A propriedade do Colin tinha um ancoradouro seguro e bem protegido. Agora só precisava de um meio de transporte.

Na cozinha, retirei da parede uma fotografia emoldurada do Zaul, pendurada num sítio onde sem dúvida a mãe poderia vê-la enquanto estivesse a lavar a loiça. Tirei a fotografia da moldura e meti-a na carteira.

A garagem estava vazia, mas a um canto havia uma divisão que, segundo os meus cálculos, alojava o equipamento para aparar a relva.

Experimentei o puxador, mas a porta estava trancada. Evidentemente o pessoal da festa não se dera ao trabalho de tentar abri-la. Encontrei as chaves do Colin, destranquei-a e sorri, satisfeito com o bom gosto do Colin.

– Bingo.

A propriedade fazia fronteira com um dos parques nacionais da Costa Rica. Formado sobretudo por dunas, continha quilómetros de trilhos arenosos que faziam as delícias dos entusiastas de veículos todo-o-terreno. Obviamente o Colin e a família tinham comprado a carrinha para perseguir as ondas e os outros veículos para percorrer as dunas e esta era a divisão onde guardavam todos esses brinquedos, onde não faltavam três motos-quatro e duas motos de enduro, entre elas uma KTM 600 com algumas modificações. Basicamente, era uma mota todo-o-terreno preparada para longas distâncias no deserto ou em terra batida, à qual tinham acrescentado uma placa de matrícula e luzes de sinalização para que pudesse circular legalmente na estrada.

Perfeito.

Recolhi do barco aquilo de que precisava, meti tudo numa mochila e deixei uma chave escondida para os trabalhadores que começariam a chegar na semana seguinte para iniciarem as reparações na casa. A seguir, saltei para a mota, ajustei os óculos de sol e rumei a norte.

Seis horas mais tarde, circundava a catedral em León em busca de um hotel e de um bom café.

Desmontei da mota envolto numa atmosfera saturada e um calor sufocante. O Hotel Cardinal prometia ar condicionado, água quente e Wi-Fi. Paguei o meu quarto em dinheiro e o funcionário alto e magricela que me atendeu ao balcão conduziu-me por um vestíbulo, um longo corredor, passando o parecia ser uma enorme cozinha comunitária e uma área exterior cheia de árvores enormes, até um dos dois quartos nas traseiras da propriedade. Era espaçoso e, com efeito, tinha ar condicionado. Larguei a mochila, liguei o ar frio no máximo e deixei o hotel a pé em busca de um café.

León tem 16 igrejas, mas o maior edifício da pequena cidade, como acontece por quase toda a América Central, é a catedral. Consta que, quando os espanhóis desembarcaram aqui, há quase 500 anos, julgavam ter chegado à América do Norte. Para reivindicar a posse da terra e estabelecer a nova religião, propuseram-se construir a maior catedral das Américas. E conseguiram. Só que construíram-na no sítio errado.

Percorri o passeio da catedral e avistei um café perto da entrada. O café tinha guarda-sóis que ofereciam alguma sombra e ventoinhas de pé que só serviam para transferir o calor de uma mesa para outra. Escolhi uma mesa com vista para a fonte.

Já sentado, comecei a sentir um cheiro nauseabundo. A princípio culpei o tipo suado ao meu lado, mas a ventoinha oscilou na minha direção, intensificando a sensação. Verifiquei as solas dos sapatos. Nada. Olhei para a mesa. Por baixo da mesa. Ainda nada. Finalmente o meu nariz convenceu-me de que o cheiro vinha de mim. Era insuportável. Precisava urgentemente de um banho e de um desodorizante.

O rapaz que servia às mesas parou à minha frente, a tamborilar com o lápis no bloco de notas. Embora eu não falasse espanhol, sabia o que dizer.

– *Café.*

Ele sorriu e perguntou:

– Com *leche*?

Eu sabia o que aquilo queria dizer, já tinha ouvido aquelas palavras antes, mas o meu cérebro não conseguia dar-lhes sentido. Encolhi os ombros e abanei a cabeça. O rapaz começou a gesticular como se estivesse a ordenhar uma vaca.

– *Vaca. Leche.*

Sorri.

– Leite seria ótimo.

Ele regressou alguns minutos depois com uma excelente chávena de café bem quente.

Não sabia por onde começar, mas tinha a impressão de que, se esperasse até ao anoitecer, o barulho guiar-me-ia até à festa. A experiência dizia-me que o pessoal da América Central adorava música, de preferência com o volume alto. Terminei o meu café, pedi uma segunda chávena e fiquei a ver a cidade a desabrochar à minha volta. A fonte parecia brotar dos degraus da igreja e serpenteava por um parque que ocupava boa parte de um quarteirão. Em termos de volume, continha mais água do que uma piscina olímpica.

Enquanto beberricava o meu café, reparei que tinham chegado vários carros, entre eles alguns veículos da polícia, e estacionado à minha esquerda, com vista privilegiada para o parque. Os condutores tinham saído e estavam agora sentados nos capôs. Os agentes estavam de pé, em grupos, a manusear distraidamente os cassetetes, na galhofa enquanto aguardavam que algo acontecesse no largo.

Não se pareciam nada com a polícia dos Estados Unidos. Traziam as fardas em desalinho, amarrotadas, sem armas à cintura e as camisas por fora das calças. Alguns traziam espingardas ao ombro, mas não pareciam lá muito preparados para fazer uso delas. Um deles transportava um rádio, mas era como se estivessem três a partilhá-lo ou fosse um pormenor pouco importante para os outros. Os carros refletiam o desmazelo dos agentes. Estavam sujos. Já não eram lavados há algum tempo. Pneus quase «carecas». Números e emblemas desvanecidos. O à-vontade com que conversavam com os tipos nos outros carros dava a impressão de que não estavam ali tanto para fazer cumprir a lei e manter a paz, mas antes para observar as festividades até as coisas começarem a descontrolar-se, altura em que poderiam ou juntar-se à festa ou dispersar discretamente. A amena cavaqueira entre todos deu-me a impressão de que eram simpáticos com quem queriam sê-lo.

Enquanto eu os observava, um dos tipos começou a estalar os dedos e a apontar numa tentativa de chamar a atenção dos outros, o que prontamente conseguiu. Mais adiante, no parque, tinha-se juntado uma multidão semidispersa de umas 50 ou 60 pessoas, todas de olhos fixos no extremo oposto da fonte, onde uma jovem de gabardina que aparentava ter 20 e poucos anos se equilibrava na borda da fonte.

O cabelo castanho escuro dava-lhe pelos ombros, estava descalça e apoiava as mãos no cinto da gabardina. Fez uma pirueta, depois outra, dando início a uma espécie de bailado à volta da fonte. Isto continuou por alguns instantes enquanto os apupos e os assobios do público aumentavam. A julgar pela aparência dela, não batia bem da bola. Parecia não ouvir nem ligar à multidão. Não era para eles que dançava.

Mal se detendo, desapertou o cinto do casaco, despiu-o e continuou a dançar.

Completamente nua.

Os rapazes à minha volta assistiam, fascinados, mas aquilo nada tinha de sensual. Quanto mais observava os movimentos da rapariga, mais óbvio se tornava que mentalmente ela não estava bem. Nada interrompia a sua dança íntima para um público invisível. As piruetas não eram fluidas, as voltas não eram completas nem graciosas. Não era bonita nem elegante e nunca seria capa de uma revista de moda feminina. Nada disso lhe importava.

Continuou a girar como um pião imperfeito. Embora não fosse bonita, era inquestionavelmente feminina e, apesar da falta de talento para a

dança, era por isso que vinham vê-la.

Foi cirandando até ao centro do parque e mergulhou na fonte, saltitando na água como um golfinho, expondo-se sem pejo. As pessoas observavam-na através de binóculos, máquinas fotográficas com zoom e aproximavam-se para ver melhor.

A uns 70 metros dali, enquanto o espetáculo prosseguia no parque, centenas de famílias – homens, mulheres e crianças – ascendiam a escadaria da catedral ao som do órgão que chamava os fiéis para a missa de sexta-feira à tarde.

A música do órgão enchia o ambiente, pontuando os chamamentos do público, que pedia mais cabriolas, mais movimento. A bailarina esticou uma perna no ar, voltou a subir para a borda da fonte e dirigiu-se aos degraus com uma sucessão de piruetas. Quanto mais se aproximava dos portões, mais evidente se tornava que estava a dançar ao som de uma melodia que ninguém mais ouvia, obedecendo a um ritmo que não podíamos seguir.

Antes de abandonar a fonte voltou a mergulhar, rodopiou à superfície e realizou uma série de pinos que deixaram a multidão ao rubro. Enquanto a igreja se enchia, fui notando que toda a coreografia parecia servir o propósito de a aproximar da fachada do templo, levando-a até aos degraus mais ou menos à hora a que a missa começava.

O que levantava a questão: o que fariam os padres quando a mulher entrasse na igreja completamente nua?

Não sabia a resposta, mas ia descobrir. O empregado regressou com a conta e não parecia muito interessado na dança. Ou já a tinha visto ou a mãe tinha-o ensinado a não perder tempo com distrações. Em qualquer dos casos, ao contrário de metade da polícia de León, continuou com os seus afazeres como se nada fosse. Paguei a conta e levantei-me quando a bailarina saiu da fonte e pisou o primeiro degrau. A seguir, encaminhou-se para a porta de forma bizarra. Se alguém no seu perfeito juízo realizasse os mesmos movimentos, estes poder-se-iam considerar “eróticos”, mas associados à expressão vazia no rosto dela e aos gestos descoordenados, em vez de deleite e excitação sexual, causavam-me apenas tristeza.

A mulher dançou escadas acima até ao pórtico. Da rua ouvíamos os cânticos e as rezas. Atravessou os portões ainda a dançar, ora agitando as pernas, ora esticando os braços no ar e nisto, tão depressa como surgira, desapareceu no interior da catedral. Desapontada com o fim do espetáculo, a multidão começou a dispersar. Atravessei a rua, subi a escadaria e passei

os enormes portões de madeira. Lá dentro, a congregação já afluía ao corredor central para a Comunhão. Muitos rezavam de joelhos, quer junto do altar quer nos bancos. O padre estava ao centro com as hóstias e o vinho, que oferecia a todos os que desejavam comungar.

Incluindo a bailarina.

Cheguei mesmo a tempo de a ver terminar a sua dança pelo corredor até ao sacerdote que, há que dizê-lo, nunca deixou de a olhar nos olhos. Encostei-me a uma coluna para ver no que aquilo iria dar. Como lidaria a Igreja com alguém como ela?

Um pouco de lado em relação ao padre, a mulher genufletiu e esticou a língua para fora. Ele molhou a hóstia no vinho e colocou-lha na língua, motivando uma segunda genuflexão. Mais ou menos por esta altura, tinham surgido da esquerda outros dois sacerdotes trazendo um longo manto vermelho com que lhe cobriram os ombros em silêncio enquanto ela se aproximava do altar. Ficou ajoelhada uns instantes, de olhos fechados, movendo os lábios, e eles permaneceram em silêncio ao lado dela, a oferecer também as suas preces silenciosas.

Estava eu ali a dar voltas ao miolo quando um padre me tocou no ombro, procurando incentivar-me no seu melhor inglês.

– Tu? – Fez um gesto na direção da balaustrada. – Vai.

Abanei a cabeça.

– Não.

Ele sorriu.

– És bem-vindo. Nós acolhemos-te.

Abanei novamente a cabeça.

– Não há pão que chegue, acredite.

– Tens fome? – Sorriu-me, mas a expressão nos olhos dele disse-me que a pergunta que me fizera tinha outro sentido mais profundo.

Abanei a cabeça. Ele apontou para o altar e acenou com veemência.

– *Redención*.

Afastei-me para o lado. O sacerdote sorriu, voltou a acenar e seguiu adiante, dirigindo-se a outras pessoas que estavam em pé ao fundo da igreja.

Era noite quando regresssei ao hotel. Demorei-me no duche, já a cheirar a lavado, a pensar naquele pão. A mulher na igreja estava nua. Apenas isso. Eu estava *imundo*. A água começou a arrefecer enquanto eu ouvia o eco da voz do sacerdote.

Eu cá tinha as minhas dúvidas.

Por qualquer motivo, já não comia há quase 48 horas, por isso, voltei a sair e segui o cheiro dos cozinhados até um café à beira da estrada. A proprietária era esférica. Sorridente, entregou-me um menu em espanhol e inglês ao mesmo tempo que esfregava a cabeça com uma toalha. Na época em que trabalhava para o Marshall, tinha aprendido a não comer senão pratos cozinhados e a não beber nada que não viesse numa lata que abrissem à minha frente, e nunca com gelo. Apontei para várias coisas no menu. Feijão, arroz e carne estufada. Ela acenou com a cabeça, registou o pedido na caixa e conduziu-me a uma mesa onde fiquei a beber uma garrafa de água enquanto esperava pela refeição. A comida apareceu alguns minutos depois. Tinha um aroma delicioso. Vinha bem quente e era de comer e chorar por mais. Pedi uma segunda dose e comi até não poder mais.

O rapaz que trabalhava na receção do hotel não sabia de nenhuma festa digna de nota, mas disse-me que a zona dos bares e da vida noturna em León ficava a cerca de sete quarteirões “por allá”.

Tinha deixado a mota atrás do hotel, num parque reservado aos hóspedes; um espaço muito acanhado, cheio de carros estacionados praticamente uns em cima dos outros. Para retirar a mota, enterrada num canto ao fundo, o meu jovem amigo teria de deslocar cinco carros. Quando me dei conta do que era preciso fazer, mandei-o embora com um aceno.

– Vou a pé.

✱

Tinha andado três quarteirões quando a primeira onda me atingiu. Senti um enjoo repentino e não consegui conter o vômito. Só tive tempo de virar a cara para a estrada antes de esvaziar o estômago de uma só vez. A cena repetiu-se várias vezes até me deixar de joelhos. Quando já não tinha mais nada para vomitar, a ofensiva inverteu o rumo, atingindo-me as entranhas com a força de um comboio de alta velocidade. Mesmo em casa não teria dado tempo de chegar à casa de banho. Esta expulsão também era em jato e não tinha forma de a controlar.

Não sei quanto tempo fiquei de joelhos na estrada a vomitar em seco e a fazer nas calças, mas diria que foram várias horas. O esforço deixou-me esgotado e quase a alucinar à beira do passeio. Sei que passaram por mim várias pessoas, a desviar-se de nariz tapado e a comentar em vozes abafadas. Procurei aguentar-me o mais que podia, mas acabei por

sucumbir perto de um edifício antigo, deixando um rasto atrás de mim. Sem forças e incapaz de controlar quaisquer funções fisiológicas, encolhi-me a um canto e deixei-me ficar numa nebulosa semiconsciência.

Algun tempo depois, um homem empurrou-me com uma vassoura e disse qualquer coisa em espanhol. Não entendi uma palavra, mas pelo tom não devia ser nada de bom. Com as costelas doridas, cortesia da vassoura do desconhecido, arrastei-me ao longo de um quarteirão e fui encostar-me a um edifício ainda mais sujo e decrépito. A meio da noite senti uma mão a puxar-me o braço e outra a remexer-me os bolsos. Agarrei-a, procurando deter o gatuno, mas não fui capaz.

A luz do dia trespassou-me as pálpebras e aqueceu o ar à minha volta, intensificando o fedor que emanava da minha pessoa. Estava fraco. Não conseguia manter-me de pé. Mal podia abrir os olhos e sentia umas cólicas horríveis. O único alívio vinha nos momentos em que o meu corpo renunciava ao controlo de si próprio. Vi que as pessoas me evitavam, provavelmente a falar de mim, mas nem liguei.

A única coisa que eu sabia ao certo era que sozinho não conseguia sair daquela situação.

Voltei a desmaiar. Fui acordado pelos sinos da igreja. Quando abri os olhos tinha a visão turva, mas consegui distinguir duas pessoas a passar por mim da esquerda para a direita, uma mais baixa do que a outra. Pareceu-me que iam de mãos dadas.

Estendi a mão, mas quem era esquivou-se. Ouvei uma das figuras a falar baixinho, em espanhol. Percebi a palavra “*borracho*”. Silêncio. Depois outra voz respondeu na mesma língua. Ignoro o que disseram e não sabia se falavam inglês, mas já cá andava há tempo suficiente para saber o que “*borracho*” queria dizer. Quando as vozes e os pés que as transportavam passaram por mim, estiquei o braço e disse:

– Não estou bêbedo.

Abrandaram, mas não pararam. Mais uma vez, murmurei:

– Não estou bêbedo.

Silêncio.

Era pequena. Uma criança, apenas. Ajoelhou-se, levantou a camisa para tapar o nariz contra o cheiro nauseabundo e, com um dedo, levantou-me uma pálpebra. Uma sombra maior abateu-se sobre mim e senti outro dedo, este mais forte e decidido, na carótida. Outra pausa. A voz que pertencia ao vulto maior disse:

– Há quanto tempo está assim? – O inglês dela era tão bom como o

meu, mas falava com um sotaque carregado.

- Desde ontem à noite.
 - Quando chegou?
 - Ontem.
 - Comeu alguma coisa?
 - Sim. Num café.
 - Lembra-se do nome?
 - Não.
 - O que é que comeu?
 - Feijão, arroz e carne.
 - Estava bem cozinhado?
 - Sim.
 - O que é que bebeu?
 - Água engarrafada.
- Ela hesitou novamente.
- Comeu *nachos*?
 - Duas ou três taças.

Ouvi-a sorrir ao perguntar:

- Com molho?

Foi então que percebi. Os molhos dos aperitivos são preparados com vegetais frescos, a maior parte das vezes crus.

- Duas ou três taças.

Ela tapou o nariz com a mão.

- Tchi. Você cheira mesmo mal.

Pegou num telemóvel, ligou a alguém que atendeu, falou em espanhol e, poucos minutos depois, uma carrinha encostava à berma do passeio que eu tinha conspurcado. Fez marcha-atrás e saiu de lá um homem que baixou o taipal da caixa aberta. A mulher disse-me:

- Se quer a minha ajuda, suba para a carrinha.

Rastejei até à carrinha, tentei içar-me para a traseira mas não fui capaz, o que levou o condutor a ajudar-me.

Estendi-me na parte de trás da carrinha. O motor protestou, a embraiagem patinou e adormeci com o cheiro dos gases de escape, sob o calor do sol nascente.

Lembro-me dos suores frios e da febre enquanto dormia. Dos vômitos e da diarreia. Tenho uma vaga memória de sentir uma picada no braço e mais tarde de alguém a dizer-me para rebolar para o lado e relaxar e a enfiar-me qualquer coisa pelo rabo acima sem que eu pudesse oferecer

qualquer resistência.

*

Despertei com a luz suave do fim da tarde. Acima de mim, pela fresta entre as paredes de cimento e o telhado de zinco, ouvia cães a ladrar, um porco a grunhir, vários pássaros a cantar ao longe, um grupo de miúdos a jogar o que parecia ser futebol, alguém a rachar lenha, uma fogueira a crepitar e o som de um carro que passava ali perto. Havia qualquer coisa a cozinhar e cheirava-me a fumo de lenha e a café, o que me ajudou a abrir os olhos.

A temperatura no quarto era elevada, 30 graus ou mais, e a minha pele estava recoberta de suor. Estava nu debaixo de um lençol, mas limpo. Cheirava-me a sabão. A ventoinha de pé à minha esquerda fez um clique, parou e recomeçou a girar na minha direção, empurrando uma onda de calor para cima de mim. Por cima do meu ombro esquerdo vi uma bolsa de soro. O líquido escorria gota a gota por um tubo transparente que terminava numa agulha introduzida no meu braço e presa com fita adesiva. Quis tocar-lhe, mas senti uma mão a repousar suavemente na minha.

– São antibióticos.

Era a mesma voz que me lembrava de ter ouvido no passeio, sob o repicar dos sinos. Voltou a falar.

– Acha que consegue beber um pouco de água sem vomitar?

– Tão cedo não volto a pôr nada na boca. Aliás, nunca mais.

Ela riu-se baixinho, um som luminoso e sereno. Aproximou dos meus lábios uma caneca.

– Vá, coragem. Quanto mais depressa começar a beber, mais depressa essa agulha sai do braço.

O meu estômago parecia melhor e estava cheio de sede. Levantei a cabeça e bebi um pouco.

A mulher tinha o cabelo negro preso num carrapito. Pele escura, músculos tonificados e algumas gotas de suor no lábio superior. Trazia uma saia comprida, até aos tornozelos, sandálias e uma camisa de manga curta folgada. Informou:

– É água, sumo de limão, mel e uma pitada de sal.

Engoli e encostei-me para trás. Ainda me custava a acreditar que um esforço tão pequeno pudesse exigir tanto de mim. Estava para lá de

exausto. Senti a língua inchada e humedeci os lábios.

– Sabe a lixívia.

Ela voltou a chegar-me a caneca à boca.

– Ao menos sabemos que não perdeu o paladar. – Fez um momento de silêncio. – Serve para matar as bactérias. As da água e as que tem dentro de si.

Recostei-me e fechei os olhos.

– O que é que se passa comigo? Onde estou?

– Apanhou uma amebíase, uma disenteria causada por um parasita. Está em Valle Cruces, em casa do meu tio. – Estendeu-me a mão. – Paulina Rodriguez Flores. – Nunca tinha ouvido o nome “Paulina” pronunciado daquela forma.

– É médica?

– Enfermeira. Mas aqui por estas bandas as duas funções confundem-se um pouco. – Cruzou as pernas. – Não quer dizer-me o que fazia naquele sítio? Calculo que tenha sido assaltado, pois trazia os bolsos vazios.

Pela primeira vez olhei para o pulso esquerdo. Sem relógio. Outra vez.

– Por acaso não reparou se ainda trazia relógio, pois não?

Ela abanou a cabeça.

– Lembro-me de ser revistado por alguém, mas não estava muito lúcido. Tinha ido comer qualquer coisa e depois decidi ir dar uma volta a pé.

– Que faz em León?

– O seu inglês é muito bom.

– Estudos superiores na Virgínia. Estudei medicina na Universidade de Miami. E você não respondeu à minha pergunta.

– É uma longa história, mas vim à procura de um rapaz.

– Está metido em sarilhos?

– Se não está, vai estar. E não quero ser indelicado mas, enfiou-me alguma coisa pelo rabo acima? – acrescentei.

Ela riu-se, descontraída.

– Um supositório. Estava farta de limpar a sua porcaria.

Procurei responder num tom bem-humorado.

– Faz o mesmo por todos os seus convidados?

– Não. Você foi o primeiro. – Levantou-se e dirigiu-se para a cortina que servia de porta. – Descanse. Esteve desacordado mais de dois dias.

Apontei para a única janela da divisão. A vários quilómetros de distância havia um vulcão de encostas verdejantes que se elevava um

quilómetro ou quilómetro e meio acima de nós. Mais à direita podia ver-se um vulcão mais pequeno.

– O que é aquilo?

O sotaque espanhol adensou-se ao pronunciar o nome, o que indicava que podia passar facilmente de uma língua para a outra.

– San Cristóbal.

– Está a fumar.

– Sim, é habitual.

– Porquê?

– Gosta de nos avivar a memória.

– De quê?

– De que é ele que manda e não nós. É assim a vida por estas bandas.

– Porque diz “ele”?

Ela voltou a rir-se.

– Porque uma “ela” nunca seria tão cruel com esta gente bonita que tanto ama.

– Não me diga que é uma daquelas mulheres que não gosta de homens?

– Não, não tenho nada contra os homens. Até já fui casada com um, mas, se olhar com atenção à sua volta, vai perceber que a origem de 99 por cento dos nossos problemas são causados pelos homens, e isto não é apenas a mulher que há em mim a falar.

Decidi piar mais fininho antes de arranjar sarilhos com uma mulher que não tinha problema nenhum em enfiar-me qualquer coisa pelo rabo acima.

– OK.

Ela continuou.

– Acho que devia dormir. Esteve por um fio.

Começava a sentir-me muito sonolento, mas ainda tinha a cabeça a mil. Não conseguia deixar de pensar no tempo perdido. Há muito que qualquer rasto do Zaul se desvanecera.

Mesmo antes de adormecer, ouvi uma menina a conversar com a Paulina em espanhol e o som de água a ser derramada por cima de alguém, o que sugeria que estavam a tomar banho do outro lado da cortina. Mais tarde, de manhã bem cedo, talvez, ouvi a voz grossa de um homem a cochichar com a Paulina e, embora não tenha percebido uma palavra, o tom era carinhoso, quase paternal.

Capítulo Doze

No início, quase todas as entregas eram no sul da Flórida, até que o Colin começou a enviar-me às ilhas e a outros pontos mais a sul. Ao fim de seis meses com um historial impecável, ligou-me.

– Importa-se de fazer algumas viagens para recolher mercadoria? Pode recusar, mas... o dinheiro é bom.

Bem ou mal, e por mais que tentasse convencer-me do contrário, o dinheiro tornara-se um incentivo. Isso e safar-me com algo que poucos arriscariam fazer – pois sempre que saltava para o barco estava a arriscar a minha liberdade. Por muito que o negasse e tentasse agir como se assim não fosse, o dinheiro oferecia-me algo que mais nada podia dar-me: controlo. Não ter de confiar e depender de ninguém.

– Recolher mercadoria é apenas uma entrega ao contrário. Conte comigo.

O Colin riu-se.

Também me tinha tornado um viciado em adrenalina. Sabia mais sobre barcos do que as pessoas que os faziam e, graças aos conhecimentos bastante avançados de carpintaria que obtivera ao trabalhar com o Hack, era perito em acrescentar-lhes compartimentos praticamente indetetáveis. A breve trecho dei por mim a pilotar embarcações carregadas de droga a velocidades estonteantes entre Miami e Cuba, as Ilhas Caimão, a Jamaica, El Salvador, as Honduras, Porto Rico e a Nicarágua. Por vezes até regiões a norte como Savannah e Charleston. O Colin tinha uma frota de 10 barcos, mais coisa menos coisa, e estava sempre a trocar. Sempre a comprar e a vender. Raramente, se é que alguma vez o fiz, levei o mesmo barco duas vezes ao mesmo local. Toda a frota era de topo e a maioria dos barcos valia meio milhão ou mais, tinha uma média de 45 pés de comprimento, carregava imenso combustível e era enganadoramente veloz, que é o mesmo que dizer que, quando tinham o depósito cheio (ou seja, sempre),

podiam manter velocidades de 160 quilómetros por hora durante horas e horas. O truque – que me manteria tanto tempo no jogo e a um nível tão alto – era nunca exagerar. Age como se andasses só a passear e as pessoas vão pensar que é o que estás a fazer. Era apenas mais um bluff.

Quanto mais alto o risco, maior a recompensa. Transportar droga era uma tripe de adrenalina e eu já não queria outra coisa. E era algo só meu. Não falava com ninguém sobre o que fazia, nem sequer com o Hack. Desconfio que suspeitava de alguma coisa, mas nunca disse nada. Continuámos a construir esquifes e eu ajudava-o nas expedições de pesca sempre que ele precisava. Porém, de noite, enquanto ele dormia, eu afastava-me de Bimini deixando para trás uma esteira revoltosa. Tornei-me uma barra a navegar com mapa, radar e GPS. Às vezes, se a entrega era perto e o tempo ajudava, regressava à meia-noite. Outras vezes passava um dia fora. Às vezes dois. Dado que viajava sobretudo para a América Central, teria dado jeito aprender espanhol, mas eu lá me desenrascava. Conseguia encontrar uma casa de banho e pedir uma garrafa de água, e pouco mais. O meu grande talento era manter-me invisível à vista de todos, desviar as atenções. Aprendi a iludir os radares e como evitar suspeitas e ser detetado.

Só tínhamos um problema, eu e o Colin. Se, como ele dizia, estávamos apenas à boleia de uma onda, o nosso problema era um tsunami e estava rapidamente a ganhar terreno. Era a ideia de controlo – uma ilusão, apenas, e não havia nada que pudéssemos fazer quanto a isso.

O casal acolheu-me como se fizesse parte da família, bem como os miúdos. Ensinei a Maria a apertar os atacadores, a saltar à corda, a assobiar, a pilotar um barco e a prender o isco no anzol. Sabia em que costela tinha mais cócegas, que gostava de ketchup e maionese mas detestava mostarda e tinha assistido a todos os seus 21 recitais de ballet. Ajudei-a com os trabalhos de casa de matemática, ia buscá-la à escola, acompanhei-a da primeira vez que correu cinco quilómetros sem parar e, de todos os animais de peluche que tinha em cima da cama, aquele a que se agarrava todas as manhãs era o macaco de cauda longa que eu lhe tinha oferecido.

Se alguma vez me tinha empenhado num compromisso com uma mulher, essa mulher era a Maria e sempre que ela dizia “titi Chalie” eu ficava todo derretido.

Levava-a à escola pelo menos uma vez por semana, mas não sem antes parar na loja dos donuts, onde o letreiro de néon vermelho anunciava: A

SAIR. O “tio Charlie” tornou-se o babysitter oficial e adorava. A Maria seguiu as pisadas da mãe e o Zaul apaixonou-se por duas coisas: o surf e o estilo de vida dos *rappers*.

Embora a Maria fosse o centro das atenções, o Zaul herdara o talento da mãe para a música e houve uma época em que era capaz de fazer chorar um piano. Possuía a inteligência do pai – era um prodígio a matemática, capaz de resolver problemas complexos com relativa facilidade, e sempre detestara a escola. Estava com ele da primeira vez que o pai o levou a um jogo dos Miami Dolphins e ficámos sentados lado a lado nos melhores lugares da bancada no primeiro jogo dos Miami Heat a que assistiu. Apanhámos inúmeras lagostas juntos em Bimini e nas Keys, explorámos dezenas de destroços de navios naufragados e arpoámos peixes enormes em águas pouco profundas. Ao contrário da Maria, o Zaul não se dava bem com toda a gente, mas era muito chegado aos poucos amigos que tinha.

A despeito dos esforços do pai e dos meus para tentar levá-lo por outros caminhos, havia duas coisas que atraíam o Zaul: a admiração dos outros e tudo o que brilhava. Sobretudo pessoas.

Para se integrar, para se fazer notar, saltava do telheiro da doca, três andares acima das águas. Depois, saltava e fazia um mortal para a frente. Depois para trás. Depois um duplo mortal para trás. À medida que crescia, mais ousadas eram as tentativas de impressionar as pessoas. Não demorou a tentar impressionar os convidados nas festas do pai e, embora a princípio tivesse a sua graça, vi o Colin a debater--se para controlar um filho cada vez mais problemático. E a preocupação começava a fazer-se notar no rosto da Marguerite, nas rugas por cima dos olhos. Se a vida que eu levava com o Colin era uma queimada controlada, a vida do Zaul era uma pilha de escombros em fogo lento com o potencial de se transformar num incêndio incontrollável.

Pouco depois de nos conhecermos, o Zaul começou a dar-se com más companhias. A sair de casa às escondidas. Vestia-se de forma diferente e adotou novos maneirismos. Passava os dias e grande parte das noites, 24 horas por dia, sete dias por semana, a arranjar formas de se tornar popular. Tudo o que fazia, todos os seus atos eram calculados para chamar e, com sorte, prender a atenção das pessoas. Era movido por uma inveja amarga e uma ambição egoísta. A Maria orbitava em torno da beleza, ao passo que só o poder, e detê-lo, motivava o irmão. Via o pai, os círculos em que se movia, o dinheiro que gastava e, consciente ou inconscientemente, decidiu que era essa a vida que queria para si. Passava cada vez menos tempo em

casa, saía cada vez mais às escondidas, já tinha três tatuagens quando os pais descobriram a primeira. Começou a comprar, a vender e a fumar droga antes dos 12; insultou a mãe com palavrões aos 13; usava um brinco com um diamante aos 14. Quando completou 16 anos já tinha destruído dois carros novos antes de as matrículas definitivas chegarem pelo correio.

O Colin e a Marguerite não eram pais desligados. Estavam bem cientes de que já não conseguiam controlar o filho, mas a raiz do problema jazia muitos anos atrás. Davam-lhe uma generosa mesada desde os 10. Era mimado. Faziam-lhe as vontadinhas todas. Desculpavam-lhe tudo. Tinha tudo de bandeja. Deixavam-no fazer o que queria. Se queria qualquer coisa, fazia birra e os pais acediam. Como não lhe tinham estabelecido quaisquer limites, ele não sabia o que isso era. Poucos meses antes dera 20 mil dólares por um Rolex de ouro com diamantes incrustados. Um mês depois, quando apareceu em casa com um olho negro, o lábio rebentado e sem relógio, meteu-se no carro e foi comprar outro.

A última centelha de esperança que senti com o Zaul foi logo depois de ter feito 14 anos. Eu estava sentado na doca com a Maria, a dar de comer aos peixes, quando ele apareceu com um baralho de cartas.

– Tio Charlie... ensinas-me a jogar póquer?

O Zaul vivia num mundo só dele. Era raro vê-lo e pouco interagíamos. Quase não falava com os pais. Aquele súbito interesse em mim apanhou-me de surpresa. Sabia como o Colin e a Marguerite andavam consumidos, por isso, procurava um meio, qualquer que fosse, de comunicar com o Zaul. Quando a oportunidade surgiu, agarrei-a com unhas e dentes.

Durante quase seis meses encontrámo-nos todas as semanas na casa dos barcos do pai para jogar e julgo que, à sua maneira, começou a antecipar com agrado o nosso “jogo semanal”, como ele lhe chamava. Ouviu e aprendeu até dominar as regras do jogo, mas nunca foi um grande jogador. Só era bom a perder dinheiro. Nisso, era especialista. Não seria capaz de fazer um bluff convincente para salvar a própria vida. A maior qualidade dele era também a sua grande fraqueza: apesar da couraça dura, tinha o coração meigo e sincero da mãe, o que até pode resultar num ser humano excelente, mas dá um péssimo jogador de póquer. Para compensar esta “deficiência”, estava sempre a tentar convencer-me a ensiná-lo a fazer batota. Para o manter perto de mim, ensinei-lhe dois ou três truques – estratégias de principiante, nada mais –, mas nunca me ocorreu que pudesse tentar servir-se deles num jogo a sério.

Há cerca de um ano deixara de aparecer na casa dos barcos e, desde

então, praticamente não o via.

✱

Durante esse período algo interessante aconteceu. O consumo de bebidas brancas nos Estados Unidos alterou-se e cresceu ao mesmo tempo. De um dia para o outro a procura de rum triplicou. O Colin tinha bons contactos no comércio legítimo de rum da América Central. Além de ser correio de droga, passei também a transportar carregamentos de rum. A produção de cana-de-açúcar na América Central, bem como de rum, atingira um máximo histórico. As pessoas queriam mais e mais, embora as margens de lucro do rum não se comparassem com as da cocaína, o sucesso do negócio permitia ao Colin lavar mais dinheiro através da empresa legítima. Apesar de importarmos algum para Miami e arredores através de canais legais, também alugávamos batelões para transportar rum para norte até às ilhas, onde o descarregávamos e armazenávamos até que eu pudesse trazê-lo para o continente. Em pouco tempo dei por mim a fazer a travessia de 70 quilómetros dia sim, dia não, às vezes todos os dias. Cheguei a fazê-la duas vezes por dia. Sabíamos que isto devia estar a dar nas vistas e os dois contactos bem pagos que o Colin tinha na DEA confirmaram-no. Por essa razão, nunca levava o mesmo barco nem descarregava no mesmo local duas vezes seguidas. Em três ocasiões fomos informados de que a polícia estava à nossa espera num canal a caminho das Keys. Ancorei perto da costa, regressei a Miami à boleia, levei “emprestado” um dos barcos de museu do Colin e voltei a casa por um caminho indireto, um desvio de 145 quilómetros para norte, aproximando-me de Bimini pelo lado oposto, a costa leste. A embarcação “abandonada” apareceu nos noticiários ligada a suspeitas de tráfico de droga, mas as autoridades não encontraram nada, pois, com o total consentimento do Colin, eu tinha dado de comer aos peixes.

A polícia das Bahamas não tardou a perceber que traficávamos rum através das ilhas e exigiu a sua parte. Acedemos com todo o prazer. Dávamos-lhe tudo o que eles e as famílias conseguiam beber. Às caixas. Queríamos mantê-los satisfeitos connosco e conseguimos. Nunca nos incomodavam. Não revistavam os barcos. Não me acordavam a meio da noite. Na realidade, até criavam distrações quando as agências centrais ou federais dos Estados Unidos vinham bater-nos à porta.

Em virtude do meu peculiar conjunto de talentos e competências, o

Colin dependia cada vez mais de mim. À primeira vista, o Colin e eu administrávamos um negócio de sucesso, mas, na realidade, vendíamos e entregávamos montes de cocaína a gente muito rica, que nos pagava montes de dinheiro para manter a sua identidade e os seus hábitos em segredo. E nós assim fazíamos. O negócio cresceu. Quando passei uma semana sem ver o Hack, ele veio bater-me à porta e encontrou-me a dormir. Tinha estado fora a noite inteira e só regressara cerca de uma hora antes de ser acordado com um abanão. O Hack chegou-me uma caneca de café ao nariz e disse:

– Toca a levantar. O teu alpendre chama por ti.

Sentei-me na cama e ele foi direto ao assunto.

– Já fui maluco como tu. – Libertou o ar dos pulmões e sorriu. – Contrabandeei rum antes de ser legal. Uma vez disse-te que nunca tinha saído da ilha. – Abanou a cabeça. – É mentira. Já fui a quase todo o lado neste hemisfério e comprei e vendi mais rum do que muitas empresas. – Acendeu um segundo cigarro com a ponta do primeiro. – Não te posso censurar. Se as pessoas querem encher os pulmões de pó branco, é deixá-las, mas quero dar-te um conselho. – Voltou-se para mim. – Só amei uma mulher nesta vida. Amei-a com tudo o que tinha. Uma noite uns piratas queriam ficar-nos com o barco. Era muito rum. Disse-lhes que não podiam levá-lo. – Sorveu uma golfada de ar através dos dentes cerrados. – Como não conseguiram o barco, levaram-na a ela. Deram-lhe um tiro. – Apontou para a barriga. – Foi uma morte dolorosa. Despedi-me dela em alto-mar.

Fez-se um longo silêncio.

– Já passaram quase 40 anos e a dor não melhorou. – Fez um aceno de cabeça. – Por isso, faz o que quiseses. Tens direito a isso, mas quero que saibas que o negócio em que te meteste nunca acaba bem. Ninguém... – Agitou um dedo no ar. – Absolutamente ninguém, por mais esperto que seja, fica nessa vida sem ter o que merece.

Anuí. Sabia que estava a abusar da sorte. Porém, entrar era uma coisa, sair era outra bem diferente.

Com 35 anos, consultei o saldo da minha conta offshore e descobri que tinha acumulado um pé de meia de mais de dois milhões e, embora a minha motivação não fosse o dinheiro, era bem melhor do que trabalhar para o Marshall. Alguns dias depois, acordei cedo e, a caminho da casa de banho, tropecei numa sacola com várias centenas de milhar de dólares em dinheiro. Aquilo deixou-me um tanto perplexo. Como ia eu arranjar um sítio para guardar tanto dinheiro onde ninguém se lembrasse de o

procurar? Sem saber, perguntei ao Hack e ele indicou-mo com um sorriso.

– No mesmo sítio onde eu escondia o meu quando tinha a tua idade.

O Colin e eu comandávamos uma operação eficiente. Não negociávamos em volume, mas em qualidade. E os recursos de agentes da autoridade bem posicionados e bem pagos permitiam-nos negociar apenas com clientes previamente aprovados pelo Colin. Cobrávamos um extra, mas oferecíamos em troca um produto raramente igualado e com garantia de anonimato e a promessa de que o comprador, por regra extremamente abastado, não surgiria numa qualquer lista de possíveis alvos de extorsão nem apareceria nos jornais depois de ser apanhado por uma unidade anti-narcóticos com tecnologia de ponta. O facto de quase todos os nossos clientes serem figuras públicas facilitava ainda mais o trabalho. Sabíamos quem eram porque os víamos na televisão, comprávamos os discos deles, líamos artigos sobre eles nos jornais ou ouvíamos-los em intervenções públicas. Isto fazia de nós uma empresa de sucesso, lucrativa e em constante atividade.

Um dos privilégios de traficar entre Miami e a América Central eram as minhas visitas à Costa Rica, às Honduras, à Guatemala e à Nicarágua. Saía de Bimini com um dos barcos, estabelecia um trajeto em redor de Cuba rumo a um destino definido pelo Colin, atracava e, ou deixava o produto na doca ou, caso o cliente assim preferisse, viajava para o interior. Não levava bagagem nem companhia e pelo caminho via paisagens de sonho.

Passou mais um ano. E outro. E outro.

Para justificar a vida que levava, comecei a ter conversas comigo mesmo. Grandes discussões que se arrastavam até que um dos lados dizia ao outro que “fechasse a matraca”. Sem que me desse conta, o meu conflito interior começava a agudizar-se e a paz que tinha encontrado em Bimini fugia-me por entre os dedos. Pensava para comigo que as pessoas eram livres de destruir as suas próprias vidas e que isso pouco tinha a ver comigo. Se conduzimos um carro que queima combustíveis fósseis não podemos culpar a companhia petrolífera pela poluição que produzimos. Não estou a dizer que defendo estas ideias, mas era assim que pensava.

Havia três pontos de luz no meu coração: o Hack, a Maria – que, no limiar da puberdade, era já senhora de uma beleza que superava até a da mãe – e o Zaul, que continuava a passar das marcas. A Maria era a menina dos olhos dos pais, ao passo que o Zaul não os deixava dormir descansados. Primeiro, começara com um brinco e a mãe achou que lhe dava pinta. A esse seguiu-se outro e um terceiro. Pouco depois vieram os

piercings e não tardou a meter-se nas tatuagens que, tal como os brincos, se foram sucedendo umas às outras. Da última vez que as contei, já ia nas oito e tinha planos para mais duas.

Andava sempre a tresandar a charros e a álcool. Por cada noite que ficava em casa, passava quatro ou cinco fora. Abandonou o Secundário antes do fim do 11º ano e passava os dias a ensaiar *rap* e a levantar pesos. À noite frequentava eventos *underground* de *rap* e bares de *striptease*. Sei, porque o segui. Graças à sua herança latina, a uma «barba de três dias» e ao que eu desconfiava serem generosas doses de hormona do crescimento, aparentava ter 25 anos. Quando lho perguntava dizia-me que não, mas o aspeto dos braços sugeria que injetava esteroides. Avisei que lhe iam dar cabo dos rins e que, embora pudessem inchar-lhe os braços e tornar as t-shirts apertadas, fá-lo-iam mirrar noutras partes. Ele riu-se e respondeu:

– Mito urbano.

Mas eu sabia do que falava. O Zaul estava um monstro.

Certa manhã revistei-lhe o carro enquanto ele curava a bebedeira no quarto. Guiado pela nova tatuagem de uma pistola Glock que ele exibia no peito, procurei qualquer coisa que se parecesse com uma arma de fogo debaixo do banco do condutor. Arma não havia, mas encontrei um cartucho usado para uma de 40 milímetros. Meti-o no bolso e voltei a tentar passar mais tempo com o Zaul. Debaixo daquele ar revoltado, propenso a acessos de raiva, havia um miúdo com um coração enorme a fazer de tudo para mostrar a toda a gente, a começar pelo pai, que era o maior e que merecia a admiração e o respeito de todos. Tinha crescido num mundo onde toda a gente era “alguém” e, no entanto, ele, no seu íntimo, não passava de um “zé-ninguém”. Conhecido apenas como o filho do Colin, um puto com borbulhas e um gaguejar ocasional. O problema era que o miúdo que outrora me pedira para o ensinar a acabar um cubo mágico, prender um isco no anzol e pilotar um barco, só obtinha aprovação e encorajamento nos locais errados e de gente tão perdida e insegura como ele.

O Colin e a Marguerite tinham um problema e não se resumia à cocaína e ao dinheiro enterrados no bunker debaixo da terra. O Zaul tinha tudo e não tinha nada. Mostrava ao mundo uma vida vivida ao máximo, mas na verdade era árida, e ele, um deserto do Sahara envolto em pele.

O Zaul era o rapaz mais popular da escola. Festas de arromba, conhecidas estrelas de cinema, artistas, *rappers* e estilistas de moda. O caminho de acesso à casa do pai estava sempre cheio de Lamborghinis,

Ferraris e dos modelos mais recentes da Porsche. A casa do Zaul era o sonho de qualquer miúdo. O problema é que todo aquele glamour era apenas uma fachada para as conchas vazias que lá residiam.

Eu era a exceção à regra e a única pessoa na vida dele que via além da fachada e o adorava à mesma. Embora os pais o dessem por perdido, eu via nele alguém como eu e sobre quem eu exercera uma influência considerável.

Nunca falava com o Zaul sobre o meu “trabalho”, mas ele não era parvo. À medida que a vida de *rapper* ia perdendo o interesse, o surfista revoltado e coberto de tatuagens que conduzia carros desportivos e dominava a cena por causa do dinheiro que tinha sentia-se cada vez mais fascinado com a vida que eu levava. Via os barcos que eu pilotava, que raramente usava algo mais formal do que um par de sandálias de dedo, que andava sempre com dinheiro e ia onde me apetecia. Que não precisava de picar o ponto. Que, embora trabalhasse com e para o pai, não prestava contas a ninguém e, se tinha um escritório, era na água.

Uma noite encontrei-o embriagado, a dormir na doca. Sozinho. Como não podia com ele, pus-lhe um travesseiro debaixo da cabeça, cobri-o com um lençol e fiquei a fazer-lhe companhia durante algumas horas enquanto, mais uma vez, curava a bebedeira. A meio da noite despertou desorientado e espavorido, ainda meio embriagado. Quando me viu ao pé dele apontou na minha direção e balbuciou, arrastando as palavras:

– A pessoa neste mundo que eu mais queria ser... – Abanou a cabeça. – Não é o meu pai. – Tentou tocar-me no nariz com o dedo.

O Zaul estava a afundar-se, por isso, sugeri ao Colin e à Marguerite que levassem a família para fora durante o verão. Que comprassem uma casa algures na América Central e passassem a temporada a surfar umas ondas com o Zaul e a apanhar conchas com a Maria. Dada a natureza do nosso negócio, sabia que o Colin podia gerir a empresa de importações de qualquer lado tão bem como se estivesse sentado à secretária dele. Além disso, uma pausa iria fazer-lhe bem.

E ele, há que reconhecê-lo, assim fez.

×

O Colin adquiriu uma casa na Costa Rica, à beira-mar. Ondas feitas à medida a dois passos da porta das traseiras. Levei a família até lá num dos barcos e vim embora. Tinha feito umas pesquisas e encontrei um

fabricante de pranchas que vivia a algumas horas de distância. Fazia pranchas de surf para os profissionais. Paguei-lhe para estar lá quando chegássemos e passar algum tempo com o Zaul e o Colin e moldar-lhes as pranchas que quisessem. O truque resultou. Aparentemente, o Zaul esqueceu as festas em Miami e, pelo que o Colin me transmitia quando falávamos ao telemóvel, estava mais sereno. Tomava o pequeno-almoço e jantava com a família e tudo. O Colin enviou-me uma série de fotografias do Zaul, da Maria e da Marguerite ao pôr do sol, onde apareciam a passear na praia de mãos dadas, à procura de conchas. A Maria encavalitada nos ombros do Zaul, às gargalhadas com o irmão. Ao telefone o Colin parecia feliz. De bem com a vida.

Era uma das poucas coisas boas que alguma vez tinha feito ou em que participara e, por isso, a minha alma sorriu.

Pena que não durou muito tempo.

Capítulo Treze

O galo acordou-me, mas foi o cheiro do café que me tirou da cama. Saí do barracão ocupado pela cama onde tinha dormido. Duas paredes paralelas de blocos de cimento. Tapumes de plástico no lugar das outras duas. Telhado de zinco enferrujado. Da casa vinha uma extensão elétrica cor de laranja que serpenteava pelo pátio e passava por baixo da porta para alimentar a lâmpada do teto e a ventoinha de pé. A porta era feita de ripas horizontais com intervalos de três a cinco centímetros. Não servia de muito. Recuei um passo, dando-me conta de que tinha estado a dormir num galinheiro convertido.

Atravessei o pátio até ao alpendre da casa trajando uns calções que não eram meus. Pelo que via, ela já tinha varrido o alpendre, lavado e estendido a roupa, dado de comer às galinhas e preparado o pequeno-almoço – feijão, arroz e banana-pão frita. Em cima do fogão a lenha havia uma caçarola com o que parecia ser leite a ferver em lume brando. O cheiro pairava no ar. Cumprimentei-a com um gesto, mas a voz falhou-me.

– Bom dia.

Ela estava diante de um grande lava-loiça de betão que lhe dava pela cintura. O lado esquerdo era uma secção ondulada para lavar a roupa e o direito parecia uma bancada com um ralo para secar a loiça. No meio havia uma pia funda. Ela estava inclinada sobre a pia, a verter água de um balde por cima do cabelo ensaboadado. Quando a conheci trazia-o preso num rabo de cavalo. Agora estava molhado e quase lhe chegava à cintura.

Voltou a enxaguá-lo, torceu-o para retirar o excesso de água e começou a desembaraçá-lo. Apontou com a escova.

– O pequeno-almoço está ali, se lhe apetecer comer qualquer coisa.

Apontei para o café.

– Posso?

Ela respondeu com um aceno. Algo na atitude dela me disse que estava

a gerir várias tarefas ao mesmo tempo e eu era apenas mais uma a interferir com as outras. Não que tivesse sido ríspida, mas dava para ver que estava a tentar perceber o que fazer comigo.

Servi-me do café de uma cafeteira antiga, sentei-me à velha mesa de madeira e fiquei a apreciar os vapores aromáticos que se evolavam da caneca. Estava tão esfomeado que seria capaz de comer a mesa, mas o café cheirava mesmo bem. Quando o provei, não fiquei desapontado. Ela reparou na minha reação.

– Agrada-lhe?

Fiz que sim com a cabeça enquanto o sabor se espalhava na minha boca. O impacto da cafeína foi imediato e gratificante.

– É apreciador de café?

Bebi outro trago.

– Deste, até podia pôr-mo no saco do soro.

Por cima do ombro dela avistei o San Cristóbal a fumegar ao longe. Ela indicou o vulcão mais pequeno, com uma vegetação exuberante, à direita.

– É produzido ali mesmo.

O café era inebriante.

– Sabe mesmo... Uau.

Ela fez um sorriso entendido.

– Nem podia ser de outra forma.

Acabou de escovar o cabelo e torceu-o, prendendo-o num carrapito na nuca. Encheu uma caneca para si e sentou-se. Estendi-lhe a mão.

– Já devemos ter feito as apresentações, mas a memória falha-me. Charlie Finn.

Ela anuiu e inclinou ligeiramente a cabeça.

– Paulina Flores. – Fez um gesto largo, indicando a vizinhança. – Por aqui chamam-me Lina.

– Obrigado. – Apontei para mim próprio. – Por tudo. Não me lembro de grande coisa, mas o pouco de que me lembro não foi nada agradável.

A filha surgiu de olhos ensonados, com o cabelo colado ao rosto. Aproximou-se de mim, estendeu os braços com as mãos juntas, como se estivesse a nadar de bruços, e fez uma pequena vénia. Manteve a pose por vários segundos, à espera. A Paulina disse:

– É um sinal de respeito.

Apertei as mãos da pequena entre as minhas.

– Olá, linda.

A Paulina traduziu baixinho por cima do meu ombro. A pequena

escutou a mãe e sorriu. Fiquei com a sensação de que me tinha entendido, mas esperava a permissão da mãe para se dirigir a um estranho.

– Como te chamas?

A mãe encorajou-a.

– Vá, responde.

A voz da pequena fez eco dentro de mim, levando-me de regresso ao passeio da catedral.

– Isabella.

– Bom dia, Isabella. Obrigado por me teres acolhido em tua casa.

Ela ficou toda ufana, como se soubesse alguma coisa que eu desconhecia.

– Não estás na minha casa. Estás no galinheiro. A mamã pôs-te no galinheiro para não dar que falar aos vizinhos. – Moveu o dedo indicador como uma escova de limpa-para-brisas. – Não é... – Pôs as mãos nas ancas, dando-me a entender que estava prestes a utilizar uma palavra dos adultos. Pronunciou-a de forma hesitante. – ... apropriado ter um homem a dormir cá em casa.

Procurem a palavra “precoce” no dicionário e encontrarão uma imagem dela. Perguntei à Paulina:

– Como é que o inglês dela é tão bom, se cresceu aqui?

– A vida aqui é dura. E ainda é pior se não falamos inglês. Como sabia que apanharia o espanhol naturalmente, comecei a falar-lhe em inglês desde que nasceu.

A Isabella sorriu ainda mais, pegou numa caneca vermelha de plástico, mergulhou-a no leite com jeitinho e subiu para o colo da mãe onde ficou a bebericá-lo, pintando um bigode branco por cima do lábio superior enquanto a mãe a penteava. A Lina olhou para a caçarola do leite e falou por cima da cabeça da filha:

– Sirva-se. Temos uma vaca: metade Brahman, metade Gir. A metade Brahman é robusta e adapta-se bem às condições locais, nomeadamente ao calor e às secas, mas em geral produz pouco leite. A outra metade é mais frágil, mas dá bom leite. Leite mais rico. Juntando as duas raças... – Encolheu um ombro. – Bebemos leite regularmente.

Peguei na minha caneca de café e sorri.

– Porque me ajudou?

– Não podia deixá-lo ali naquele estado. – Outro encolher de ombros. – A esta hora já estaria morto, ou quase.

A pequena falou.

– Parecias bêbedo. Tinhas estado a beber?

Ri-me. Ela voltou a sorrir, encostou-se à mãe e encolheu as pernas contra o peito. O cabelo era igual ao da mãe, bem como os olhos. Negro azeviche. Abafei outra gargalhada.

– Não.

Ela não hesitou.

– Costumas beber?

Abanei a cabeça.

– Não.

– Estás a dizer a verdade?

– Sim.

– E porque é que não bebes?

– Nunca me apeteceu começar.

– Quer dizer que és um homem bom?

Tantas implicações numa pergunta tão simples. Tinha vivido tempo de mais rodeado de mentiras. A separação entre mim e a Shelly na praia ainda doía muito cá dentro. Não tinha vontade nenhuma de sofrer outro golpe autoinfligido tão pouco tempo depois. Abanei a cabeça.

– Não, não sou.

A Paulina quebrou o silêncio confrangedor.

– Não sabíamos onde o deixar em León, por isso, trouxémo-lo para aqui.

– E onde estou eu, afinal?

– Valle Cruces. Quarenta e cinco minutos a oeste da cidade.

– Sei que estou a dever-lhe dinheiro. Tenho tudo no quarto do hotel, em León.

– Não há pressa.

– Como faço para regressar?

– Há um autocarro que sai daqui a umas horas. Vai custar-lhe dois dólares.

Apalpei os bolsos dos calções.

– Não trago nem um tostão.

– Daqui a dois dias vai uma carrinha para lá. Pode ir à boleia.

– Uma carrinha?

– É do meu tio. Hoje e amanhã trabalha, mas pode deixá-lo em León depois de amanhã.

– Mais alguma alternativa?

Ela apontou para a estrada.

– Sempre pode ir a pé, mas fazer 50 quilómetros em chinelos de dedo vai dar-lhe cabo dos pés.

Olhei para os pés. Ela continuou.

– Pode tentar pedir boleia, mas os *gringos* sozinhos com um ar perdido têm uma certa tendência para desaparecer por estas bandas.

A Paulina viu-me matutar, mas não disse nada. Não tinha muitas opções.

– Importa-se que fique até a carrinha partir?

Ela abanou a cabeça uma vez.

– Vamos estar fora praticamente todo o dia, por isso, vai ficar por sua conta.

Olhei para o telemóvel dela.

– Importa-se que ligue para o hotel?

Ela fê-lo deslizar para o meu lado da mesa e ajudou-me a entrar em contacto com o rapaz da receção. Ele atendeu e mostrou-se contente por ter notícias minhas. Disse-lhe para manter o quarto reservado em meu nome e que lhe pagaria quando regressasse dali a dois dias. Ele concordou, disse que não havia problema e que a minha mota continuava guardada nas traseiras. As coisas começavam a resolver-se.

Voltei mais uma vez a atenção para a minha hospedeira.

– Sinto-me um pouco culpado, aqui sem fazer nada enquanto a Paulina tem estado a trabalhar desde que se levantou. Posso ajudar?

Ela apertou os lábios e semicerrou um pouco os olhos enquanto considerava as minhas palavras. Olhou para a Isabella, que sorriu e acenou com entusiasmo.

– Achas que devíamos levá-lo connosco?

Incumbida de determinar o rumo do dia, a Isabella ergueu uma sobrancelha e estudou-me. Finalmente, após algum tempo de reflexão, fez que sim com a cabeça. A Paulina encostou o nariz ao da filha.

– Pode levar ele a mochila.

A pequena soltou uma gargalhada fácil. A Paulina olhou para mim.

– Se se sentir recuperado, é claro.

– É o mínimo que posso fazer.

– Vai ser um longo dia e, para ser franca, parece-me muito trabalho para alguém que tem estado tão doente. Se vier tem de prometer que me avisa caso não se sinta bem, de acordo?

– Combinado.

Ela encheu um garrafão de água, acrescentou-lhe algumas gotas de

lixívia e colocou-o à minha frente. Arrancou algumas folhas a uma planta e deitou-as na água.

– Tem de beber quase tudo antes de irmos. Duvido que recupere a força nos próximos dias, mas isto vai ajudá-lo. Dei-lhe quatro sacos de soro, mas provavelmente não foi suficiente.

Quando cheguei o garrafão aos lábios, a água cheirou-me a menta.

– Vamos assim que estiver pronto.

*

Ainda mal amanhecera e eu já estava a suar em bica. Bebi o garrafão inteiro, o que pareceu deixá-la satisfeita e não me deu vontade de urinar. Devia estar mesmo a precisar. Voltámos a enchê-lo e a Paulina começou a enfiar medicamentos, equipamento médico e comida em duas mochilas grandes e uma muito mais pequena. Entregou-me um boné meio esfarrapado e disse:

– Vai precisar daqui a umas horas. Se nos descuidamos aqui por estas bandas, o sol do meio-dia faz-nos um buraco na cabeça. – Passou-me também um velho par de sapatilhas. Eram pequenas para os meus pés, mas estavam rebentadas à frente, o que permitia que os dedos ficassem de fora. – Para onde vamos, essas sempre são melhores que os chinelos de dedo.

Pus a pesada mochila ao ombro e começámos a caminhar. A Isabella saltitava à nossa frente. A mochila dela levava uma garrafa de água e um saco de doces. A minha e a da Paulina iam carregadas de material hospitalar, medicamentos, arroz, feijão e óleo de cozinha. A que eu trazia às costas devia pesar uns 40 quilos. Olhei para a montanha lá ao longe e remexi-me sob o peso das alças, sabendo que dali a cerca de duas horas 40 quilos iriam parecer 90. A Paulina pôs a mão na mochila.

– É de mais? Podemos deixar ficar uma parte.

Corri os polegares por baixo das alças que me cortavam os ombros.

– Não, estou bem.

– De certeza?

– Esteja descansada. – Na verdade, começava a vacilar sob tanto peso, mas esta mulher tinha acabado de me trazer do mundo dos mortos. Que mais podia eu dizer? Ela sorriu e adiantou-se, com a saia a esvoaçar ao sabor da brisa quente.

Ao seguirmos a Isabella para fora do pátio, passámos pelo galinheiro. Ela debruçou-se e espreitou um canto protegido por uma rede. Lá dentro

havia uma pata a observar-nos calmamente. A pequena empurrou-a com um dedo, fazendo-a afastar-se alguns passos e revelando os quatro ovos que estava a chocar. Satisfeita, ajustou a mochila e seguiu caminho. Como nunca tinha conhecido ninguém que criasse patos, perguntei:

– Vocês criam patos?

A Lina falou por cima do ombro.

– Não. São ovos de galinha. Só estamos a usar a pata para os chocar.

Aquilo suscitou-me outra dúvida.

– Isso não vai confundir os pintos?

– A pata não faz distinções.

– De quem é, vossa?

Sem olhar, apontou para uma casa à esquerda.

– Do vizinho. Veio por empréstimo.

Fiquei ainda mais curioso.

– O que foi feito das galinhas?

A Paulina encolheu um ombro.

– Não sei. Um dia acordei e vim dar com quatro ovos no ninho e um monte de penas espalhadas pelo pátio. Nunca mais vi as galinhas.

– Que vai fazer com os pintos?

– Com um pouco de sorte, produzir mais ovos. A Isabella gosta deles mexidos.

A simplicidade e a forma corriqueira de encarar os factos da vida naquele canto do mundo era fascinante.

✱

A estrada seguia o leito de um rio. Passaram por nós um homem, uma mulher e duas crianças montados na mesma mota e várias carrinhas carregadas de gente. Quase todas da Toyota, versões mais antigas da que o Zaul roubara ao pai. Nos bancos da frente seguiam seis ou oito pessoas e nas caixas abertas acumulavam-se algumas 15 ou 20. A maioria subia a montanha. Algumas, poucas, vinham a descer. Rapazes de chapéus de palha, descalços e montados em cavalos, assobiavam e conduziam o gado ao longo da estrada, ladeada em grande parte por campos de canas-de-açúcar com mais de quatro metros de altura. Pelo caminho, vi erguerem-se da terra cruzeiros do tamanho de homens, espalhadas aqui e ali pelas florestas de ambos os lados da estrada. Pareciam dispostas ao acaso, mas não podíamos andar 50 metros sem ver outra. Algumas erguiam-se mesmo à

beira da estrada. Outras estavam pregadas a árvores. Muitas tinham sido enterradas na lama do leito do rio e rodeadas de pedras. Quase todas se aglomeravam em grupos de três ou quatro. Num sítio contei 19. As poucas isoladas apareciam dispersas na paisagem como migalhas de pão. Apontei e perguntei:

– Valle Cruces?

Ela confirmou com um aceno, sem oferecer mais explicações. Alguns passos mais adiante, voltou-se para mim.

– Charlie?

– Sim?

Indicou a estrada com um gesto largo e continuou a caminhar.

– Talvez queira usar outro nome.

– Porquê?

– É o equivalente inglês de Carlos, um nome que não é lá muito popular por estas bandas.

Um pequenito, talvez dos seus 5 anos, veio a correr ter com ela descalço e apenas em roupa interior. Tinha o rosto e o cabelo imundos, bem como tudo o resto. Trazia o nariz sujo e o ranho escorria-lhe até à boca. A orelha direita exibia uma crosta de cera amarela ressequida e um muco negro. Estendeu as mãos à Paulina, que lhe disse:

– *Buenos días.*

– Buenos días – respondeu ele com voz nasalada.

Ela ofereceu-lhe uma banana, que o pequenito aceitou de bom grado. A seguir, voltou-se para mim, estendeu as mãos e inclinou-se numa vénia como a Isabella tinha feito. Peguei-lhe nas mãos e disse:

– Bom dia.

Sentindo que cumprira o seu dever, o rapazito desapareceu a correr na direção de uma estrutura coberta de plástico que se entrevia do outro lado do arvoredo. Um homem deitado numa rede acenou à Paulina quando passámos por ele. Ela devolveu-lhe o gesto. Falou comigo ainda a olhar para o homem.

– Não toque na boca com as mãos sem as lavar. – Os olhos dela seguiram o rapaz. – Aqui não há papel higiénico.

Tentei manter conversa.

– Com que frequência faz este percurso?

– Todas as quartas-feiras. Às vezes também ao fim de semana.

– Quantos quilómetros são?

– Dez.

– Ida e volta?

– Só ida.

Pensei um pouco.

– Porquê tantas cruzes?

Ela falou sem olhar para mim.

– Aconteceu uma tragédia, há uns anos. – Ergueu a cabeça e falou enquanto observava a paisagem. A voz dela denunciou a tristeza. – Ainda está a acontecer.

Caminhámos em silêncio – com o rio a murmurar de um lado e, do outro, renques de cana-de-açúcar em molhos apertados, abertos em leque como cerdas de porco-espinho gigantes. Pouco depois a paisagem mudou, o terreno tornou-se ligeiramente mais inclinado e as árvores regressaram, algumas enormes, com 25 ou 30 metros, formando uma alameda que cobria a estrada. Outras, árvores de fruto, sobretudo, ocupavam os espaços à sombra. Numa curva da estrada com uma ligeira inclinação, a Lina agarrou num fruto que pendia de um ramo baixo e, com a outra mão, desembainhou um facalhão de mato. Tinha sido afiado muitas vezes e, em lugar da lâmina bojuda, restava apenas um fino estilete. Ela posicionou a fruta em cima de uma rocha. A Isabella esperava pacientemente. A mãe tirou da mochila desinfetante de mãos e esguichou algum para as minhas. A Isabella estendeu as mãos e ela repetiu o gesto. Só depois cortou o fruto, que era do tamanho de uma bola de futebol. Por dentro era roxo e cor de laranja e parecia um primo distante do melão. A Lina cortou-o em fatias e, tendo o cuidado de não tocar na polpa com as mãos, ofereceu uma à Isabella e deu-me outra a mim, utilizando a lâmina como se fosse um espeto.

Viu-me a olhar para o facalhão e disse:

– Foi lavado. E segure-a pela casca. Nunca toque na comida com as mãos por mais limpas que estejam.

Retirei a minha fatia da lâmina.

– Bem lembrado.

O fruto era doce e comêmo-lo em andamento, atirando as cascas para a floresta. Por trás de nós surgiu um miúdo numa bicicleta a precisar de óleo. Falou-lhes em espanhol, inclinou o chapéu na minha direção e seguiu caminho. Quando passou por nós reparei que tinha substituído o eixo da frente da bicicleta por uma curta barra de ferro fixada com duas fitas grossas de cabedal.

Terminado o melão, a Lina aproximou-se da beira da estrada e, com

uma agilidade e uma força que não lhe conhecia, cortou uma cana-de-açúcar pela base e retirou-lhe as folhas enquanto caminhávamos. A seguir, retirou-lhe a casca protetora e estendeu-ma.

– Segure na ponta.

Fiz como me pediu e ela desferiu um golpe rápido, deixando-me com 25 centímetros de cana na mão. Disse-me:

– É para chupar.

Fez o mesmo para a Isabella e para si própria, cortando vários pedaços para todos enquanto subíamos a encosta.

Sabia a rebuçado e suguei-a até ao fim.

À nossa esquerda, num campo aberto, vimos dois rapazes a apascentar um pequeno rebanho. Estavam a passar uma bola um ao outro com duas velhas luvas há muito descosidas. Ao olhar com mais atenção, vi que a bola era um limão grande.

A subida tornou-se mais íngreme e a Isabella abeirou-se da mãe e passou-lhe a mochila que carregava. Ofereci-me para a levar e ela aceitou de bom grado. Era uma mochila cor-de-rosa da Dora, a Exploradora. A garrafa de água estava vazia e o saco dos doces tinha sido aberto. Continuámos a subir por entre as árvores e as plantações de café a que a Paulina tinha aludido nessa manhã.

– Paulina, é este o café...

– Lina. E sim, é daqui que sai o café que bebei hoje de manhã.

– O que é que o torna tão bom?

Ela fez um sorriso agridoce, mas não respondeu.

Por esta altura, já caminhávamos há várias horas e tínhamos percorrido muitos quilómetros. Ela parou, ofegante, e voltou-se. Apontou a nordeste para o vulcão fumegante a alguns quilómetros de distância. Entre nós e o vulcão ativo havia um vulcão adormecido de encostas verdejantes. A cratera no topo era bem definida, tirando o que só posso descrever como uma cicatriz que descia de um dos lados. O sulco moldava-se às linhas da montanha, seguindo a direito nos planaltos, serpenteando por zonas acidentadas até se precipitar sobre o vale. Lembrei-me de estar olhar pela janela do avião do Marshall e ver a cicatriz que ia até ao oceano e foi então que comecei a encaixar as peças do puzzle.

– Há 10 anos, o Furacão Carlos pairou sobre a Nicarágua por vários dias. Durante esse tempo, descarregou quatro metros de chuva por metro quadrado. – Deu uma volta lenta. – Precisamente nesta zona. – Ergueu os olhos até à cratera do Las Casitas. – Dantes havia ali um lago magnífico. A

chuva fê-lo transbordar. O peso rachou o manto, provocou uma minierupção, rebentou a parede da cratera e criou um deslizamento de terras dali... – Com um dedo traçou a forma da cicatriz. – Até ali. Com quilómetro e meio de largura e mais de 10 metros de altura. As imagens de satélite divulgadas dias depois mostram que viajava a mais de 150 quilómetros por hora. – Voltou-se outra vez e apontou para trás de nós, para onde o mundo fendera. Dali, víamos quilómetros em redor. – E até ao mar, a uns 50 quilómetros daqui. – Calou-se por uns momentos. – Os navios da Guarda Costeira chegaram a resgatar sobreviventes a flutuar nos destroços a uns 100 quilómetros da costa.

– E as cruzes?

– Nesse dia, morreram mais de três mil pessoas. As cruzes representam os locais onde encontrámos corpos ou partes de corpos, ou pedaços de roupa ou... – interrompeu-se. Voltou-se e continuou a caminhar lentamente sem dizer mais nada, deixando a história suspensa na distância que nos separava.

– Que foi feito da sua família?

Ela falou sem olhar.

– Desses, 27 eram membros da minha família. – O fumo das chaminés elevava-se nos ares acima das árvores. Fez-me um gesto para que me despachasse. – Venha daí. Estamos atrasados.

Escalámos rapidamente por entre plantas de café tão altas como eu. A Lina correu as mãos pelas folhas e apanhou algumas vagens. Falou por cima do ombro:

– Começaram a colhê-lo a semana passada.

A Isabella corria por entre os arbustos mais adiante, divertidíssima. A Lina subia o trilho íngreme sem esforço. Já eu, não tinha recuperado ainda as forças e isso começava a notar-se. Agora não seria capaz de correr uma milha em seis minutos. Comecei a ficar um pouco para trás, avançando de forma lenta e penosa. A cada passo, o peso da mochila parecia querer enterrar-me no chão. Um pouco mais acima, a Lina olhou para mim.

– O que é que me disse que fazia?

– Não disse, mas... – deixei escapar uma risadinha constrangida. – Noutra vida, trabalhei para um homem que administrava uma empresa de investimentos em Boston. Ou seja...

Ela falou sem olhar para mim. O tom de voz disse-me que continuava a sorrir.

– Eu sei o que quer dizer. Sou pobre, não ignorante.

– Desculpe. O erro foi meu. Não queria...

Desta vez, voltou-se para olhar para mim.

– Julgar o livro pela capa?

Era fácil falar com a Lina e, embora fosse verdade o que ela disse, não o fez em tom de crítica. Não estava a tentar arranjar uma discussão.

– Fui assim tão óbvio?

Ela ergueu as sobrancelhas e estendeu-me a mão para me ajudar a subir um degrau íngreme. Aceitei.

– Mas, voltando ao assunto, o homem tinha muito dinheiro. Eu era assim uma espécie de moço de recados. Ele estava sempre a recrutar e a despedir...

Ela interrompeu-me.

– Também o despediu a si?

Encolhi os ombros.

– Mais ou menos, sim. Pode dizer-se que sim. Mas a questão é que quando ele entrevistava tipos que ou tinham sido recentemente despedidos ou estavam entre empregos, todos eles usavam a mesma expressão da moda. Sentavam-se diante da secretária dele, cruzavam as pernas, esperavam que ele não visse por baixo do verniz e diziam “Estou em transição”. Não lhe sei dizer quantas vezes ouvi o mesmo discurso tão bem treinado. – Abanei a cabeça enquanto tentava recuperar o fôlego. – Mas agora, ao escalar este Everest com 200 quilos às costas, percebo o que queriam dizer, porque é mesmo isso. Estou em transição.

Ela riu-se e continuou em frente, a serpentear por entre as árvores.

A seguir a uma curva no trilho encontrámos um velho letreiro de madeira parcialmente coberto de trepadeiras. Tinha metro e meio ou dois metros de largura e o mesmo de comprimento. A tinta estava desvanecida, a descascar, e algumas das tábuas tinham caído, sugerindo que estava há muito tempo ao abandono. Dizia: CINCO PADRES CAFÉ COMPAÑIA. Por baixo, num letreiro ainda mais velho com letras gravadas, podia ler-se: MANGO CAFÉ.

Tropecei e recuperei o equilíbrio. A Lina voltou-se para trás.

– Sente-se bem?

Fiquei estarecido a olhar para o letreiro. Empalideci.

– Sim.

Ela voltou atrás e encostou-me o indicador ao pulso, contando em silêncio. Após uns 15 ou 20 segundos afastou-se, mas ainda não estava convencida.

– De certeza?

Procurei tranquilizá-la com um gesto.

– Sim. A verdade levaria muito tempo.

– Se se sentir a desfalecer, diga-me.

Estava a sentir-me mais do que desfalecido, mas decidi não lho dizer.

Pouco depois, deixámos a floresta para trás e alcançámos o que viria a ser o planalto do Las Casitas. À minha frente, havia duas estruturas de madeira com telhados de zinco semelhantes a celeiros. Dois andares e 30 portas de um dos lados. A Lina falou enquanto caminhávamos.

– Há famílias inteiras a trabalhar no café. Ganham um dólar e meio por dia. Os trabalhadores mais qualificados, os da triagem, ganham dois dólares. – Apontou para os edifícios. – É aqui que vivem. Às vezes seis ou oito pessoas num espaço de quatro metros quadrados. Sem ventilação. Sem aquecimento. Sem ar condicionado. Aqui não há escolas nem cuidados médicos e a maioria nunca chega a deixar a montanha. Mas, ainda assim, é melhor do que a alternativa.

– Quase tenho medo de saber qual é a alternativa.

Ela fez eco das minhas palavras.

– Tem estado a saboreá-la.

– Cana-de-açúcar?

– A maldição da Nicarágua.

– Como assim?

Ela fez um gesto evasivo.

– A verdade levaria muito tempo. – Explicou o trabalho que tínhamos pela frente. – Recolhemos doações de material hospitalar e comida de igrejas desde Valle Cruces até León e trazemo-las aqui. Não é muito, por isso, temos de esticar o que há.

– Era por isso que estava em León?

– Sim. – Indicou uma mesinha à sombra de uma árvore gigantesca à nossa esquerda. – Isto vai levar coisa de uma hora. Deixamos os saudáveis vir até nós. Quando começarem a dispersar, vamos até aos doentes.

Quando pousámos as mochilas, já havia uma fila ordeira e paciente de umas 60 pessoas em redor da árvore e na direção do edifício mais próximo. A maioria dos adultos fitava-me. A Paulina reparou.

– A maior parte nunca esteve tão perto de um *gringo*.

A primeira mulher tinha um corte profundo na mão. Sujo. A Paulina deu-lhe instruções ao mesmo tempo que lhe lavava as mãos em água quente. Enquanto falava, ia traduzindo para mim:

– Estou a dizer-lhe que tem de lavar a mão em água quente várias vezes ao dia. Como não percebe realmente o que são germes é como remar contra a maré. – Enquanto ela trabalhava, fui cercado por um bando de uns 20 miúdos completamente fascinados. A Lina explicou. – Provavelmente é o primeiro homem branco que alguma vez viram.

Quase todos traziam o nariz a pingar. O muco escorria-lhes pelas caras abaixo.

– Porquê tanto corrimento nasal? Parece que toda a gente por aqui sofre de alergias.

Ela riu-se da minha ignorância.

– Vivem em casas onde tudo é cozinhado em fogões de lenha. Não as arejam porque o fumo afasta os mosquitos, por isso, a maioria dos miúdos inala fumo em excesso. Quase todos têm os pulmões inflamados e metade sofre de asma. Estamos a tentar que percebam a importância de ventilar os espaços fechados, mas eles dizem que arejar a casa deixa entrar os fantasmas da montanha. – Apontou para os miúdos à minha volta. – Talvez não dê para notar, mas estão muito mais saudáveis agora do que nos últimos anos.

– Como assim?

– As barrigas deles. Não estão inchadas.

– O que é que fez?

Ela indicou o nosso garrafão de água.

– Juntei lixívia à água deles. – Observou as mães. – Se educarmos as mães, toda a plantação muda. Há uns anos comecei a trazer lixívia e a adicioná-la aos poucos à água deles. Elas não gostavam, mas, quando os parasitas deixaram de aparecer ao mudarem as fraldas e as barrigas dos pequenos voltaram ao normal, passaram a prestar-me atenção e agora juntam lixívia a tudo.

Uma rapariga grávida, talvez com uns 15 anos, aproximou-se e falou baixinho à Paulina. Esta ouviu-a, segurando-lhe ambas as mãos, e respondeu-lhe no mesmo tom. Deu-lhe um frasco de aspirina infantil e a jovem mãe afastou-se. A seguir, chegou a vez de um velhote que começou a apontar para a anca. A Lina ouviu-o com atenção e olhou-o nos olhos. A Isabella estava sentada à esquerda da mãe e ia dando um doce a cada paciente. Os outros miúdos andavam à volta dela a tentar convencê-la a dar-lhes doces, mas ela não lhes ligava nenhuma.

– Onde vão eles buscar água?

A Paulina indicou um regato que atravessava a propriedade.

– As pessoas a quem esta plantação realmente pertence são um mistério para nós. Sabemos que foi arrendada a quem explora o terreno, mas também não sabemos quem é. Quem quer que seja emprega um capataz que controla o trabalho. O arrendatário cria gado numa pastagem para lá desta colina – isso e porcos. Tudo o que há de mais nocivo para o homem desce por aquele regato e passa pelo meio das terras, incluindo uns parasitas mesmo muito perigosos. As famílias que aqui vivem têm de descer vários quilómetros para conseguir água limpa e, depois, têm de a carregar encosta acima. Ao fim de um dia de trabalho, poucos têm energia para o fazer, por isso, consomem o que está mais à mão.

– E abrir um poço?

Ela apontou para a esquerda.

– Há um mesmo a seguir àquela elevação. Foram precisos dois homens e mais de um ano, pois tiveram de o fazer bem fundo. Usaram quatro cordas amarradas umas às outras e atingiram uma profundidade de 100 metros, o que é imenso para um poço escavado à mão.

– E a água, era boa?

– Há quem diga que Deus bebia daquela água.

– O que é que lhe aconteceu?

– O deslizamento de terras do Carlos.

– Porque não tornam a escavá-lo? Quer-me parecer que a parte mais difícil já foi feita.

– O fundo do poço é escuro como breu e ninguém quer ser o homem na ponta da corda. Além disso, as pessoas por aqui acreditam que o diabo se apodera da alma delas se escavarem um poço que Deus aterrou.

– A Paulina não acredita nisso, pois não?

– Acredito que existe uma ligação entre aquele poço e a montanha.

Observei a miséria e a imundície à minha volta.

– Mas não ajudaria estas pessoas, ter água limpa?

Ela respondeu sem olhar.

– Sem dúvida.

Falei para ela e para comigo.

– Isso não faz muito sentido.

A Paulina riu-se.

– Bem-vindo à Nicarágua.

O terceiro era uma mulher talvez na casa dos 50. Era magríssima, tinha perdido metade dos dentes, mas devia ter sido muito bonita antes do sol lhe curtir a pele. Começava a ficar grisalha e, quando sorria, os lábios

ficavam presos em dois dos dentes que lhe restavam. Quando a viu, a Paulina abraçou-a. A mulher falou depressa mas num tom discreto. A Lina ouviu-a e estendeu-me uma mão. Disse:

– Charlie, quero apresentar-lhe a minha boa amiga Ana. Vive aqui há 27 anos. – Estendi a mão e a Ana apertou-a. A mão dela era frágil, calejada e meiga. A Lina entregou-me um alicate de pontas e aproximou-a de mim. – Tem um dente que lhe tem dado problemas. Vou ali ver uma rapariguita que está grávida para ver de quantos meses está e, entretanto, é preciso arrancar-lhe o dente.

Sem mais, deu meia-volta e afastou-se.

– O quê?!

Ela riu-se por cima do ombro.

– Não se preocupe, ela mostra-lhe qual é que dói. – Levantou um dedo no ar. – Não se engane no dente. Já não lhe restam muitos.

Desapareceu atrás de uma das portas de madeira desgastadas pelo tempo e a Anna fitou-me com os seus lindos olhos azuis, de mãos cruzadas. Empunhei o alicate e perguntei:

– Qual deles é?

Ela apertou a minha mão, a que segurava o alicate, na dela e indicou um molar da mandíbula superior. A seguir abriu bem a boca e ficou a aguardar. A Isabella olhava para mim enquanto mastigava um rebuçado. A Paulina tinha desaparecido e havia uma fila de gente esperançosa, extenuada e doente à espera de que eu arrancasse o dente à Anna para chegar a vez dos outros. Abri-lhe ainda mais a boca com a mão esquerda e toquei devagarinho com o alicate no dente em questão.

– É este, o que dói?

Ela não respondeu. Insisti.

– *Sí?*

Confirmou com um aceno.

Assim sendo, preendi o que restava do dente cariado entre as pontas do alicate o melhor que pude e apertei. O bafo dela seria capaz de matar uma larva de varejeira. Sustive a respiração e tentei não vomitar. Com muito cuidado para não a magoar, puxei devagarinho. Felizmente o alicate não deslizou e o dente podre e infetado deixou o seu orifício na gengiva. Enquanto o sangue e o pus saíam, a Ana retirou o dente das pontas do alicate e enfiou-o no bolso. Sorridente, cuspiu, deu-me umas palmadinhas no ombro e foi-se embora. Durante a hora que se seguiu, arranquei nove dentes sob o escrutínio silencioso da Isabella.

Quando a fila começou a diminuir, aproximou-se de mim um rapaz que vinha a coxear. Tinha o dedo grande do pé vermelho e infetado, com um orifício do tamanho de uma mina de lápis. Pedi-lhe para se sentar e examinei o problema. Ele tentou fazer-se de forte, mas dava para ver que lhe doía bastante. A Lina encorajou-o a deixar-me ver o que se passava. Ele encolheu-se e cerrou os dentes. Parecia haver qualquer coisa enterrada no dedo, mas era impossível chegar-lhe sem o magoar. Vi-o apertar os músculos do maxilar e espremi-lhe o dedo como se estivesse a rebentar uma borbulha. A princípio, nada. Parei para lhe agarrar melhor no pé e o rapaz inspirou e conteve o ar nos pulmões. Sabia que o dedo lhe doía, por isso, tinha de haver algum corpo estranho no orifício. Por fim, apertei com ambos os polegares e ele soltou um grito contido. Começou a escorrer algum pus e vi a ponta de qualquer coisa a sair. Ele tinha lágrimas nos olhos, mas mostrei-lhe e pedi à Lina para lhe perguntar se podia continuar. Ele fez que sim com a cabeça e apontou para o dedo, tocou-me no braço e voltou a acenar. Eu interpretei aquilo como um bom sinal e espremi outra vez. Desta feita saiu um esguicho de muco branco e verde, seguido de um espinho. Peguei na pinça da Lina e retirei-lho do dedo. O rapaz arregaçou muito os olhos ao ver o espinho com perto de dois centímetros. Fez um sorriso de orelha a orelha. Lavámos-lhe o pé, massajámos o dedo com pomada antibiótica, tentando introduzir o máximo possível no orifício, e envolvemo-lo numa ligadura, com instruções severas da Lina para que não andasse descalço durante, pelo menos, uma semana. Ele assentiu e levou o espinho na palma da mão para mostrar à mãe. Quando se foi embora, ia de costas mais direitas, o peito inchado. Olhou para mim.

– *Gracias, Doctor.*

Aquelas palavras ricochetearam-me dentro da cabeça. Quando assentaram, percebi o que significavam. Virei-me para a Lina.

– O que é que ele acabou de me chamar?

Ela sussurrou:

– Acho que fez um amigo. – Lançou-me um sorriso trocista. – Mais do que um, aliás.

– Como assim?

– A Ana ficou embevecida consigo.

– É... é uma mulher e peras.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa sobre aquela mulher. Quando o marido adoeceu, o ano passado, o remédio de que precisava era muito caro. A maioria das pessoas com a doença dele acaba por morrer. Mas a

Ana trabalhava o dia inteiro na plantação de café e, à noite, descia aos campos de amendoim e trabalhava madrugada fora, ao luar, a desenterrá-lo à mão. Dormia no campo durante uma ou duas horas antes do amanhecer e, depois, escondia o saco com a colheita da noite e voltava a subir a montanha para ir ver o marido e chegar a horas ao trabalho. Levava três ou quatro dias a encher um saco de 45 quilos de amendoins e por cada saco pagavam-lhe 10 dólares.

– E o marido?

– Forte como um cavalo, graças a ela.

Quando terminámos ali, arrumámos tudo nas mochilas e deslocámo-nos até às habitações. As divisões eram do tamanho de armários, com velhos beliches de madeira tropical sem acabamento a um lado. Com o passar dos anos, o uso alisara a madeira e os óleos das mãos e dos corpos tinham-na enegrecido. Nos Estados Unidos pagariam milhares de dólares por madeira daquela. Os que dormiam em cima dela, se pudessem, pagariam milhares para se verem livres dela. A plantação ocupava um pequeno planalto no extremo sul do Las Casitas. A fazenda do proprietário rivalizava em tamanho com a casa que o Colin tinha na costa. A Paulina levou-me ao centro do edifício, uma passagem que o dividia ao meio, prova de que vivia tanta gente no interior como nas divisões que davam para o lado de fora. O ar era bafiento e o calor opressivo. Mostrou-me a sujidade, a fuligem acumulada, as crianças descalças e os narizes ranhosos.

– Não se deixe enganar pelas aparências. Esta é uma gente orgulhosa. Não têm grande coisa, mas o que têm é estimado. O pó é varrido, trouxeram do rio seixos lisos que colocam à porta para limpar os pés e receber os convidados, há bananas frescas penduradas por cima das camas, a roupa pode estar suja mas é dobrada com esmero. Os homens usam cintos e tiram o chapéu quando passam por si e as mulheres usam lenços na cabeça.

Percebi o que me estava a dizer, mas não com que propósito o fazia.

– Porque me está a dizer isso?

– Para lhe mostrar a diferença entre a miséria e a imundície.

– Como assim?

– Podemos ser pobres sem viver na imundície.

Entrámos na fileira de casas, que mais parecia um estábulo gigante com dezenas de currais onde mal cabia um cavalo. A Paulina explicou:

– Estas são para os trabalhadores mais jovens, com menos tempo na casa, ou então... – empurrou uma porta – para os mais velhos que vendem

as suas casas no exterior quando deixam de poder trabalhar.

Lá dentro, havia uma rede esticada de uma parede à outra e nela jazia o que outrora fora um homem. Só pele e ossos. Descalço. Tinha a camisa desabotoada e as calças puxadas até às coxas, mas com a zona genital e as nádegas expostas. As mãos dele eram enormes e, em tempos, tinham sido fortes e musculadas. Perto dele, no chão, havia uma garrafa de água meio vazia.

A porta abriu para trás e a luz entrou na divisão. Quando o velhote viu a Paulina, sorriu e pestanejou devagar. Tinha os lábios da cor do giz e a língua parecia inchada e presa ao céu da boca. Procurou em vão tapar-se com a fralda da camisa. A julgar pela rede ensopada e pelo cheiro forte na divisão, tinha-se sentido fraco de mais para se levantar e urinara nas calças. A Paulina pousou a mochila, pegou-lhe na mão – mantendo o indicador sobre o pulso para lhe medir a pulsação – e ajoelhou-se ao lado da rede a sussurrar-lhe baixinho, sempre olhos nos olhos. De tantos em tantos segundos o velhote acenava com a cabeça e mexia os lábios, mas eu não ouvia o que diziam. A Isabella estava atrás de mim, do lado de fora da porta, a ouvir mas sem olhar.

Sem tirar os olhos do homem, a Paulina sacou da mochila alguns toalhetes de bebé e começou a limpar-lhe o tronco, os braços, as virilhas e as pernas com movimentos suaves. A seguir, terna e delicadamente, limpou-lhe o traseiro e o pénis.

Quando terminou, o velhote deu-lhe umas palmadinhas na mão e tocou-lhe na testa como se estivesse a abençoá-la. Ela levantou-se, beijou-lhe a testa, a face e a mão.

Ao sair, deixou escapar uma lágrima. Parou junto a uma pia para lavar as mãos e recompor-se, mas não disse nada nem ofereceu qualquer explicação. Nos 10 minutos em que estivera com o velhote o sorriso nunca lhe abandonara o rosto, embora não houvesse ali qualquer motivo para sorrir. Encontrando-o descomposto, vestira-o com devoção e dignidade. E, ao vesti-lo, desnudara-me a mim.

Já vi muita coisa nesta vida e muito de que não me orgulho, mas, até então, nunca tinha avistado o rosto de um anjo. Talvez pela primeira vez, vi um naquele quarto. Infelizmente, se um anjo de misericórdia o tinha visitado naquele dia, palpitava-me que o anjo da morte não tardaria a chegar. E creio que ele também o sabia.

E a lágrima que lhe escorria pelo rosto disse-me que a Lina tinha a certeza. Reparou no meu ar desconcertado.

- Quer dizer alguma coisa?
- Não. Ou melhor, sim. É só que nenhuma destas pessoas parece muito afetada por aquele homem estar ali a morrer diante delas. Como se não fosse surpresa nenhuma.
- As pessoas aqui não se sentem no direito de ter uma saúde perfeita.
- Pois, mas deviam, não? Quer dizer, não acha que é um objetivo válido?
- Claro. Mas a que preço?
- Bem, a saúde não tem preço.
- É aí que você e eles discordam. – Levantou um dedo. – Vou partilhar consigo um pequeno segredo. Quando cheguei aos Estados Unidos para estudar, impressionou-me que todas as pessoas que eu encontrava passassem os dias a trabalhar como loucas para ganhar dinheiro suficiente para um futuro melhor. Aqui, as pessoas contentam-se com o que há – compram o que precisam hoje e deixam o amanhã nas mãos de Deus. Não se apegam demasiado à vida. Vivem-na com desprendimento porque, em primeiro lugar, sabem que não controlam nada, e... – Calou-se por instantes, pesando bem as palavras. – E também sabem, por experiência própria, que pode ser-lhes arrancada por mais que se agarrem a ela com unhas e dentes.

Enquanto ouvia estas palavras, dei-me conta da mudança de paradigma que ocorre dentro de nós em circunstâncias como esta. Há algo que cede. Como um castelo de cartas. É a derrocada dos pressupostos à luz dos quais vivíamos quando aprendemos que as mentiras que contamos a nós próprios, as máscaras que usamos no dia a dia... é tudo vaidade. Como se pudéssemos controlar o que quer que seja. Tal como a maioria das pessoas que conheço, passei a vida inteira a tentar proteger-me da verdade, da falta de dignidade daquele cubículo. A verdade é que não podemos proteger-nos. Estas pessoas não possuem as ilusões que eu construí para fugir da verdade, nomeadamente, que a morte não virá encontrar-me numa rede na Nicarágua, já sem forças para me levantar, vendo-me obrigado a urinar nas calças. Que de alguma forma mereço outra sorte. Como se o dinheiro ou o prestígio social pudessem comprar-me, garantir-me, uma morte digna. Estas pessoas sabem que nascemos, que podemos ter a sorte de crescer, casar, viver uma vida longa, rir, amar, mas também sabem que a morte nos espera a todos. Que tudo é transitório. Eu, por outro lado, procuro não pensar muito no assunto. Olhei em redor, para os olhos que fitavam aquele esqueleto vivo, consciente de que não podiam dar-se a esse luxo, nem se

esforçavam por isso. A contradição era impressionante. Toda a vida lutei contra uma torrente de forças às quais é inútil opor-me, como um homem à beira do oceano a empurrar as ondas. Tentar inverter a maré é o mesmo que tentar iluminar o sol.

✱

A Lina bateu a mais algumas portas e espreitou para dentro de divisões onde duas mulheres amamentavam os filhos. Fez um grande sorriso ao ver os bebés a empanturrar-se com o leite das mães e as extenuadas mulheres não fizeram qualquer esforço para cobrir os seios na minha presença. Resolvi ficar para trás até ela me chamar com um gesto. Deixou-lhes várias sacas de arroz e feijão e várias garrafas de óleo de cozinha que retirou da minha mochila. As mães acenaram e sorriram e agradeceram-lhe repetidamente. Uma das raparigas exibia vestígios de um olho negro que procurou esconder de mim. Durante a hora que se seguiu, fizemos várias paragens, a Lina trocou dois dedos de conversa com os habitantes e entregámos o resto das provisões que trazíamos. Ainda melhor do que a sensação de leveza proporcionada pela mochila vazia eram os sorrisos com que os que recebiam aquelas pequenas dádivas nos recompensavam.

O fumo dos fogões a lenha pairava no ar à nossa volta. Os cães observavam de longe enquanto a Isabella nos guiava pelos corredores das habitações. A certa altura, virámos em direção à cozinha, uma construção enorme dominada por uma gigantesca lareira central. Havia grandes panelas em grades de ferro suspensas por cima do fogo onde mulheres avantajadas e cobertas de suor coziavam arroz, feijão e milho, avivando as chamas de tempos a tempos com paus compridos. A um canto, duas adolescentes preparavam tortilhas a uma velocidade estonteante. Mergulhavam as mãos num balde com uma massa de farinha de milho e água, moldando uma espécie de pães achatados que dispunham em cima de uma chapa quente. Deixavam-nos dourar de um dos lados durante 60 a 90 segundos e a seguir viravam-nos.

A Paulina abraçou tanto as mulheres como as raparigas e conversou baixinho com cada uma, ouvindo e acenando. Quando lhe ofereceram comida, recusou, mas, quando uma das raparigas apontou para as tortilhas, olhou para mim e acenou. Deve ter-me visto a salivar. A rapariga apressou-se a retirar uma tortilha da chapa com as pontas dos dedos e passou-ma para as mãos. A Paulina encorajou-me com um aceno.

– Pode comer à confiança.

Uma das mulheres mergulhou uma concha na panela dos feijões e estendeu-ma. Segurei a tortilha por baixo da concha enquanto ela servia o delicioso recheio. A seguir dobrei a tortilha e dei-lhe uma grande dentada. O meu sorriso de puro deleite e imediata aprovação fê-las rir às gargalhadas e tornámo-nos instantaneamente amigos. Ofereceram mais, mas a Paulina enxotou-as com gestos benévolos e empurrou-me porta fora, risonha.

Sáímos das habitações para o que parecia ser a zona de trabalho da plantação. Havia enormes armazéns, tratores e peças de maquinaria pesada oleadas e ferrugentas por toda a parte. Acima das nossas cabeças, árvores gigantescas ofereciam sombra ao caminho. Flores de pétalas semelhantes a plumas de pavão desabrochavam nos ramos. Ao admirá-las, maravilhado, reparei nuns pássaros que voavam de ramo em ramo como caças F-16. Protegi os olhos com a mão em pala para ver melhor.

– Que bichos são estes?

Foi a Isabella quem me respondeu.

– Papagaios.

Mais ao longe, à direita, talvez a vários metros de distância, ouvi um som estridente semelhante a um guincho.

– O que foi aquilo?

A Paulina falou enquanto caminhávamos.

– Bugios. Há um mesmo aí por cima da sua cabeça.

Parei, espreitei as sombras mais acima e encontrei dois olhos a fitar-me. A Paulina estalou os dedos e emitiu um som que era parte assobio, parte clique. O macaco saltou como se o tivessem disparado de um canhão. Dançou de ramo em ramo até chegar ao solo, onde largou a correr e, para delícia da Paulina, trepou por ela acima como se fosse uma árvore, empoleirando-se num ombro.

Ajustei a mochila que trazia às costas e abanei a cabeça.

– Este sítio devia vender visitas guiadas.

Atrás de nós, o rapaz que tinha o espinho no dedo surgiu por entre as árvores. Vinha a arrastar a mãe, uma jovem muito magra com um bebé ao colo. O rapaz apontou para mim e exclamou:

– *El doctor!* – Puxou pela manga da camisa da mãe. – *El doctor!*

Acenei-lhes e ela ficou a observar-me de longe.

A Paulina afagou o animado macaco e falou-lhe baixinho enquanto este passeava de ombro em ombro e de braço em braço, passando pelo

topo da cabeça, em constante movimento. Pousou-o no chão com outro estalar dos lábios e o bugio desapareceu no meio das árvores, balançando-se de ramo em ramo, a par connosco, quando retomámos a marcha.

– Calculo que já tenham feito isto antes, não?

– Não – respondeu ela com um sorriso conhecedor, a abanar a cabeça.

– Acabámos de nos conhecer.

Entrámos numa espécie de garagem onde reparavam os tratores e a maquinaria pesada. Um homem que empunhava uma chave inglesa junto a um pneu enorme fez um grande sorriso ao avistar a Lina. Contornou o pneu a mancar e ela saudou-o como a Isabella tinha feito comigo. O homem inclinou-se ligeiramente e ela abraçou-o. Os olhos dele iluminaram-se.

A Paulina disse-lhe qualquer coisa e ele acenou e sentou-se numa cadeira enquanto ela se ajoelhava para lhe arregaçar a perna das calças, expondo uma ferida com mau aspeto. Lavou a perna com água engarrafada e desinfetou a ferida. Administrou-lhe uma injeção um pouco acima na perna, cobriu a ferida com um unguento antibiótico e cobriu-a com gaze. Terminou dando instruções ao homem, incentivando-o com um sorriso benévolo e um dedo em riste para que as seguisse à risca. Ele anuiu, pegou num pequeno saco que estava ao lado da cadeira e deu-lho. A Lina enrolou o saco e meteu-o na minha mochila, beijou-lhe a mão e guiou-me pelas traseiras da oficina.

À saída, surgiu diante de nós uma eira de cimento com metade do tamanho de um campo de futebol. Havia enormes folhas de plástico negro estendidas por cima do cimento onde trabalhadores com vassouras e ancinhos espalhavam o grão em filas individuais. A Lina explicou:

– A primeira colheita do ano acabou de chegar. Eles espalham o café por cima do plástico para ser escolhido e deixam-no a secar ao sol. Depois – levou-me pela mão –, é trazido para aqui. – Chegámos a outro edifício enorme onde uma máquina descomunal com uma correia de transporte agitava umas peneiras gigantes cheias de grãos de café. O ruído era ensurdecedor e o ar estava cheio de pó e de fragmentos de casca. O solo vibrava com o ramerrame contínuo das máquinas. – Onde é descascado.

Continuou a caminhar, conduzindo-me pelas traseiras do edifício, onde 10 ou 12 trabalhadores separavam os grãos para diferentes sacas que tinham entre as pernas.

– Seleccionam-nos de acordo com o tamanho e o grau de perfeição. Os melhores são vendidos como sendo de origem única, biológicos e de

comércio justo, embora não haja nada de justo no comércio que aqui ocorre. – Disse-o num tom azedo. Continuou. – Os grãos menos desenvolvidos ou com imperfeições são vendidos a grandes empresas de café moído por todo o continente americano.

Conversou com vários trabalhadores da triagem, que acenaram ou sorriram. Saímos pela lateral do edifício e descemos uma colina, passando por um aviário com vários milhares de galinhas.

Começava a entardecer quando a Lina me levou até junto de uma panela de água sobre umas brasas incandescentes. Testou a temperatura da água com um dedo, retirou da mochila uma barra de sabão e lavámos as mãos. Fez-me esfregar os braços quase até aos sovacos, a cara e o pescoço. A Isabella fez o mesmo. No fim, sacudimo-nos até secar, pegámos nas mochilas e começámos a descer pelo meio da plantação de café.

Já na estrada de terra batida, ainda com o aroma dos cafezeiros a pairar à nossa volta, a Paulina parou e pôs-se à escuta. Ouviu-se o ruído de um motor a diesel. Vinha na nossa direção. A Paulina puxou-nos para trás de um tronco grosso e agachámo-nos ao mesmo tempo que passava por ali uma Toyota HiLux recente com tração às quatro rodas, suportes no tejadilho e pneus de lama de rasto agressivo. A Lina espreitou por detrás do tronco para ver bem o condutor. Sussurrou:

– É o capataz. – Fez um ar carrancudo. – Não tem dinheiro para fornecer água limpa aos trabalhadores, mas para andar com uma carrinha de 20 mil dólares, novinha em folha, já há dinheiro. – Calou-se por instantes, a abanar a cabeça. – Proibiu-nos de vir aqui. Diz que somos más para o negócio. Para o moral dos trabalhadores.

– Vocês fazem tudo isto e ele não vos quer cá?

Ela fez um gesto negativo.

– Não.

Pôs-se novamente à escuta.

– Julga-se um grande jogador de póquer, por isso, frequenta um jogo todas as terças-feiras à noite em León e fica a curar a bebedeira até ao outro dia à tarde. Paga às prostitutas dele e costuma regressar à hora do jantar. – Inclinou a cabeça de um lado para o outro. – Hoje veio mais cedo, o que deve querer dizer que ganhou e quis vir a tempo de se vangloriar.

Falei sem tirar os olhos da carrinha que percorria com facilidade o terreno acidentado.

– Disse que ele gosta de jogar póquer?

Parecia irritada e tinha as veias dos braços inchadas como hastes de

rosas trepadeiras.

– Sim.

– E diz que a carrinha é nova?

Ela seguiu o veículo com um olhar reprovador enquanto este vencias as pedras e as raízes do caminho.

– Não andava com ela a semana passada. Porquê?

– Curiosidade.

Só tinha visto a carrinha do Colin em fotografias, mas duvidava que houvesse outra tão parecida. E, se era o capataz que ia a conduzi-la, o Zaul devia tê-la perdido ao jogo, o que me fazia questionar que mais teria perdido. León não era uma grande metrópole e seria de admirar se houvesse mais do que um jogo de apostas altas a uma terça-feira à noite.

A Lina olhou para as árvores, na direção da plantação, já fora do alcance da vista. Falou baixinho.

– As jovens mães que estavam a amamentar são... dele – disparou, furiosa. – Mas o patife não lhes dá um tostão. Atira-lhes as sobras da mesa quando fazem o que ele quer, mas como deram à luz há duas e três semanas não podem... – Desenhava aspas no ar com ambas as mãos. – Fazer o que ele quer.

A Isabella puxou-me a manga da camisa e agitou o indicador no ar, mais uma vez a imitar um limpa-para-brisas.

– Quer dizer que não podem dar beijinhos, porque os beijinhos fazem bebés. E, quando os bebés ficam muito grandes, saltam cá para fora pelo fecho de correr. – Deu-me uma pequena cotovelada de lado. – Eu tenho um fecho de correr porque sou menina. E a mamã tem um fecho de correr porque é menina, mas tu não tens nenhum porque és rapaz.

Assenti e olhei para a Lina.

– Um fecho de correr?

Ela encolheu os ombros.

– Ocorre-lhe alguma explicação melhor?

– Não, confesso que não.

Seguimos caminho. Para meu grande alívio, a minha mochila ia vazia. A certa altura ouvi um baque seco, depois outro e a seguir um terceiro. Finalmente, vi a causa do ruído: qualquer coisa amarela e cor de laranja a cair da árvore por cima de nós.

A Lina apanhou uma, cortou uma fatia e deu-a à Isabella, que a enfiou inteira na boca e fez um sorriso de orelha a orelha, esguichando sumo pelos cantos da boca. A mãe sorriu com uma ternura infinita, como se

aquela imagem sarasse uma ferida profunda. Ofereceu-me uma fatia também a mim e eu aceitei.

– Que me lembre, nunca comi manga.

– Nunca?

– Nada que se parecesse com isto.

Ela enfiou um bocado na boca e falou enquanto mastigava.

– É o sabor da Nicarágua.

Enterrei os dentes na polpa e o sabor da fruta sumarenta explodiu-me na boca. Nunca provara nada assim. A Lina gostou da minha reação.

– É bom, não é?

Fiz que sim com a cabeça, mas não falei para não deixar escapar o sumo. A Isabella pediu mais e, enquanto a Lina descascava outra manga, pedi-lhe:

– Fale-me do velhote na rede.

Ela fez uns instantes de silêncio.

– Chama-se Roberto. Costumava dar-me mangas quando eu era da idade da Isabella. – Olhou para cima. Tinha os olhos vermelhos. – Está a morrer.

– Não há nada que se possa fazer por ele?

Ela abanou a cabeça.

– Sofre de uma doença nos rins. É causada pelos pesticidas com que pulverizam a cana-de-açúcar. Não são legais em nenhum país civilizado, mas aqui na Nicarágua usam-nos com fartura. Antes de cortarem a cana, queimam-na para ser mais fácil de colher e isso faz qualquer coisa ao pesticida, altera-o. Transforma-o num químico ainda mais nocivo. Os homens que manipulam a cana respiram-no e é filtrado pelos rins. Há cientistas dos Estados Unidos a estudá-lo, mas nem eles fazem ideia do que se passa. Só sabem que o que é pulverizado na cana está a matar os homens que trabalham nas plantações. O Roberto começou a trabalhar na cana-de-açúcar aos 5 anos.

– Há quanto tempo o conhece?

– Desde que nasci.

– Tem família?

Ela fez que não com a cabeça.

– Os que o Carlos não matou emigraram para as Honduras.

O calor, ou então aquele sítio demente, começava a afetar-me.

– Então o que me está a dizer é que, depois de uma vida de trabalho, o coitado vai morrer sozinho naquele cubículo escuro e abafado, empapado

em urina, com meia garrafa de água e um rebuçado?

Ela fitou-me em silêncio. Inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, pensativa. Uma lágrima acompanhou o sussurro.

– Sim.

Era de noite quando descemos a montanha. A meio da viagem a Isabella cansou-se e agarrou-me a mão. Caminhámos assim algumas centenas de metros e, quando ela cambaleou, peguei-lhe e pu-la às cavalitas, o que pareceu despertá-la por instantes. Quando alcançámos a estrada, ergueu os braços no ar e contemplou as estrelas.

– Olha, mãe, consigo tocar-lhes.

Eu nunca tinha visto tantas estrelas.

Chegámos a casa delas depois das nove. A Isabella entrou a correr, e ouvi uma voz masculina lá dentro. A Lina deslocou-se até à bomba manual ligada ao poço e começou a encher um balde. No fim, deixou cair um balde mais pequeno dentro do outro e deixou tudo ao lado de uma cortina preta de plástico.

– Vou aquecer o jantar. Tome banho primeiro. – Apontou para o edifício onde eu convalescera. – Deve haver mais roupa lá dentro. Vista o que servir.

Partiu alguns ramos secos a meio e atirou-os para as brasas da fogueira, a um canto, onde tencionava aquecer o jantar, e a seguir entrou na cozinha, de onde vinha a voz masculina. Passei para trás da cortina, despi-me, encontrei o sabonete e tomei um duche de balde. Frio, a princípio, mas divinal. Despejei parte da água por cima da cabeça e olhei para mim próprio. Trazia os braços e as pernas imundos até à linha onde a roupa começava. Os tornozelos e os pés estavam brancos, relativamente limpos, mas os dedos dos pés vinham negros, cobertos de lama e poeira.

Do outro lado da cortina, a Lina entornava água por cima de uma ensaboada Isabella agachada na pia de cimento.

No meu quarto, encontrei um par de calças de ganga cortadas pelos joelhos e uma t-shirt cinzenta que me serviam. Quando regressei à cozinha, a cabeça ensaboada da Lina espreitou por trás da cortina de plástico.

– O jantar está na mesa.

– Obrigado.

Ao entrar na cozinha encontrei a Isabella à mesa na risota com um homem que devia ter uns 60 anos. O homem pôs-se de pé, apertou-me a mão e bateu no peito.

– Paulo.

Tinha, provavelmente, o aperto de mão mais forte que alguma vez experimentara, já para não falar dos antebraços. Era um autêntico Popeye em carne e osso.

A Paulina gritou do outro lado da cortina:

– Charlie, apresento-te o Paulo. Deves saber como se escreve, mas – riu-se, descontraída – aqui diz-se de uma forma um pouco diferente. Foi ele que me ajudou a meter-te na carrinha – acrescentou casualmente.

Imitei o gesto dele, batendo no peito.

– Charlie.

O Paulo sorriu, mostrando umas gengivas a que faltavam mais dentes do que os que lhe restavam. Apontou para a carrinha, no pátio das traseiras.

– Tu vomitar e estrumar a carrinha.

– Perdão?

Ele fez um gesto vago na direção da caixa aberta e depois apontou para a boca.

– Vomitar. Tu. – Abanou a cabeça e apertou o nariz. Continuou a gesticular. – Carrinha. – Apontou para os meus calções. – Tu, sujo... cheirar muito mal.

Ouvi a Paulina a rir-se atrás da cortina. Era óbvio que o inglês do Paulo não era lá muito bom, mas eu percebi o que quis dizer. Encolhi os ombros.

– Pois, isso. Peço imensa desculpa.

Ele sorriu, afável, como se aquilo acontecesse todos os dias.

– *No problema.* – Gesticulou como se estivesse a esvaziar um balde. – Eu passar água.

O jantar era arroz, feijão, uma banana-pão frita e água. Sentia tanta fome que seria capaz de comer a mesa, o cão do vizinho e a cadeira em que estava sentado, mas, quando me ofereceram mais, recusei. A Lina observava-me em silêncio, divertida. O Paulo, de cotovelos na mesa, conversava baixinho com mãe e filha, e a Lina ia traduzindo enquanto ele falava para que eu não me sentisse excluído. Ele falou-lhe do dia de trabalho nos campos de cana-de-açúcar e ela ralhoulhe e disse-lhe que não devia ter trabalhado lá hoje. O Paulo agitou um dedo no ar e disse qualquer coisa que ela não traduziu.

A certa altura, voltou-se para mim.

– Graças a si, pudemos ver perto de quatro vezes mais pessoas. Obrigada. – Fez um sorriso genuíno. – Dá uma mula de carga excelente. A

carrinha parte amanhã pouco depois do meio-dia. O Paulo trabalha de manhã e, quando regressar no autocarro do meio-dia, leva-o a León.

O tom de voz dela parecia sugerir que ia ocorrer qualquer coisa antes do meio-dia que o impedia de me levar a León logo de manhã.

– Há algo que eu possa fazer para ser útil?

Ela falou com o Paulo, que pensou um pouco na questão e fez que sim com a cabeça. A Lina disse-me:

– Podia trabalhar com o Paulo. Ele ganharia o dobro do que ganha num dia. – Encolheu um ombro. – Já ajudava a pagar o combustível.

– É o mínimo que posso fazer.

O Paulo pareceu apreciar o gesto e deu-me uma palmadinha no braço.

– Eu acordar. Nós trabalhar comigo. Bom. Muito bom. Trabalho, não difícil.

A noite estava serena e as pessoas já tinham regressado às suas casas. O cheiro a fumo era constante. Ouvi um porco a grunhir e dois cães a brincar ali perto. Ao longe, ouvia-se gente a cantar.

A Paulina levantou os pratos da mesa.

– Ele acorda-o quando for para ir.

A Isabella levantou-se da mesa de olhos ensonados. Abraçou o Paulo e, a seguir, a mãe. Depois, sem hesitar um momento sequer, abraçou-me também a mim e foi-se deitar. Só havia uma cama no espaço acanhado, por isso, devia partilhá-la com a mãe. Já dormia quando a Lina lhe passou a roupa da cama por cima dos ombros. A Lina regressou à cozinha e começou a lavar a loiça na pia de cimento. Aproximei-me.

– Eu faço isso.

Ela abanou a cabeça.

– Os homens nicaraguanos não lavam a loiça.

Fartara-se de trabalhar e ainda não tinha parado desde antes de eu acordar. Devia estar extenuada. Insisti.

– Eu não sou nicaraguano.

Ela assentiu e secou as mãos. Retirou da minha mochila o saco que o homem da zona da triagem lhe tinha dado, despejou o café para um pano e começou a escolhê-lo. Fazia-o como se de uma tarefa habitual se tratasse.

– Vai torrâ-lo?

– Se tiver tempo... este fim de semana.

O Paulo tinha ido deitar-se numa divisão ao lado. Ouvia-o a rressonar baixinho. Quando acabei o que estava a fazer, a Lina rriu-se discretamente.

– Não sei o que faz na vida, mas, se não correr bem, daria um excelente

el doctor nas montanhas vulcânicas da Nicarágua. – Voltou a disfarçar o riso. – Tem jeito.

Baixei os olhos para as mãos. Ela continuou:

– Deixei-lhe um garrafão de água ao pé da cama. Tem de se obrigar a bebê-la toda. Vai fazer-lhe falta, amanhã de manhã.

– Está bem.

– E volte a enchê-lo antes de sair.

Começou a afastar-se e, nesse momento, decidi fazer-lhe a pergunta que trazia na ponta da língua desde que a vira ajoelhada à beira da rede daquele velhote.

– Posso fazer-lhe uma pergunta?

Ela voltou-se e esperou. Olhei na direção da plantação de café no cume da montanha.

– Como é que consegue fazer aquilo que faz, dia após dia?

A Lina hesitou, seguiu o meu olhar e respondeu com sinceridade:

– Amo-os sem tentar mudá-los. Vejo o sofrimento, o desespero deles e, embora gostasse de poder resolver o problema agitando uma varinha mágica, isso não é possível. Por isso, faço o que está ao meu alcance.

– E isso quer dizer...?

– Descer à miséria em que vivem e levar-lhes amor onde quer que estejam. – Abarcou a paisagem com um gesto. – As pessoas preferem morrer tendo alguém que lhes segure na mão a viver sozinhas.

– Como é que faz para não se deixar afetar?

Ela encolheu um ombro.

– Nunca disse que não me afetava.

Ela desapareceu no interior da casa e eu murmurei para comigo:

– Não se nota nada...

Dirigi-me ao meu abrigo de paredes de plástico e deitei-me no escuro. O zunido dos mosquitos incomodava-me, por isso, liguei a ventoinha. Preferia sentir o bafo de leão no rosto à horda de parasitas sanguíneos.

Embalado pelo movimento da ventoinha, fiquei a ruminar. Como tinha eu vindo ali parar? O mundo estava virado do avesso e, no entanto, fazia mais sentido do que nunca. O problema do Zaul parecia muito distante. O Colin. A Maria. O Bertram. A minha cabana em Bimini. A Shelly. As drogas. Era outra realidade.

Embora sentisse as pálpebras pesadas de sono, havia uma imagem que não me saía da cabeça: o letreiro onde se lia, CINCO PADRES CAFÉ COMPAÑIA. Dei voltas e mais voltas na cama, sempre a reviver a mesma

cena. Na época em que trabalhava para o Marshall e ele desmantelara a Cinco Padres, regressei à minha base em León para fazer as malas, mas nessa última tarde desloquei-me de mota até às colinas. Lembro-me de parar e observar várias famílias a descer a montanha, carregando vidas inteiras às costas. Era a mesma estrada que tínhamos subido e descido hoje.

Murmurei para comigo:

– E aquelas pessoas são estas pessoas.

Capítulo Catorze

Quando completei 39 anos, eu e o Hack tínhamos feito mais dois esquifes e notei que ele começava a abrandar. A tosse piorou e produzia mais expetoração. Muitas vezes, à noite, quando estávamos a trabalhar na oficina, os acessos eram tão fortes que tinha de ir lá fora puxar e escarrar o lixo dos pulmões. Certa noite, ao fim de um violento ataque de tosse, reparei que tinha o lenço tingido de vermelho e intimei-o:

– É melhor levar-te a um médico.

Ele anuiu, agarrado ao peito.

– Talvez esteja mesmo na hora. – Dado que o Hack odiava médicos, percebi que a coisa era séria.

Na manhã seguinte, pedi um carrinho de golfe emprestado a um vizinho e levei-o à clínica da ilha, na ponta norte. Era o mais parecido que tínhamos com um hospital. Inexplicavelmente, havia um letreiro pendurado na porta a dizer FECHADO. Resmunguei para comigo:

– Como é que se fecha um hospital?

O Hack riu-se.

– Fácil: estamos em Bimini.

Em cheio. Aquilo era típico do estilo de vida nas Bahamas. Se havia qualquer coisa mais aliciante, o trabalho podia esperar. A ilha dispunha de uma farmácia, mas só tínhamos um médico, que o mais das vezes aparecia embriagado. O conceito “urgências médicas” simplesmente não existia. Era impossível obter uma receita enquanto o “senhor doutor” curava a bebedeira. Regressámos ao veículo e o Hack teve outro ataque de tosse. Passaram-se minutos enquanto ele tossia um pulmão e escarrava o restante para o chão à nossa volta. Não era bonito de se ver e senti-me um inútil, ali sentado com as mãos no colo.

Enquanto o Hack estrebuchava, passou por ali um mulherão. Fato de banho, chapéu de aba larga, chinelos de dedo, óculos de marca. Sacola ao

ombro. Na verdade, foram as pernas que me fizeram reparar nela. Embora tivesse um rosto muito bonito, vinha ensombrado, com uma expressão deprimida e resignada. Trazia os ombros descaídos, como se carregassem um grande peso, mas apesar disso, ao passar pelo Hack, parou e ficou a ouvi-lo tossir. Voltou-se para mim, já com uma máscara de profissionalismo a esconder a expressão sombria.

– Este homem pertence-lhe?

– Acho que não pertence a ninguém, mas sim, sou amigo dele.

– Quer-me parecer que tem pneumonia e num estado muito avançado. Se fosse a si levava-o já a um médico.

Apontei para o letreiro na porta da clínica. Ela semicerrou os olhos e pôs uma mão na anca. Após um curto silêncio, indicou o hotel onde estava alojada, a alguns quarteirões de distância.

– Siga-me. Quero ver como isso está.

– É médica?

Sempre atenta ao Hack, acenou e estendeu a mão.

– Shelly Highsmith. – O Hack dobrou-se para a frente, a apertar as costelas. – É melhor vir comigo.

Seguimo-la até ao hotel. Ajudei o Hack a sentar-se num banco enquanto esperávamos. Ela voltou do quarto com um estetoscópio à volta do pescoço e uma garrafa de água fresca na mão. Sentou-se ao lado dele, pôs-lhe uma mão nas costas e ficou a ouvi-lo respirar. Ele piscou-me o olho. A cara que ela fez não me deixou nada animado.

Pouco depois virou-se para mim.

– Vivem aqui perto?

Respondi com um aceno. O Hack preparava-se para enrolar um cigarro. Ela tocou-lhe na mão.

– Se deseja continuar vivo, é melhor parar com isso.

O Hack voltou a guardar as mortalhas no bolso e encostou a cabeça para trás. A Shelly continuou:

– Tem uma infeção grave e já não deve ser de agora. Está fraco e extremamente desidratado, o que só piora a situação. Precisa de receber fluidos e antibióticos por via intravenosa. Tipo, já.

Olhei de relance para a estrada.

– Calculo que haja disso na clínica, mas teríamos de arrombar a porta.

O Hack interveio.

– O sotor deixa a porta das traseiras aberta. Tem remédios em casa. Vais lá e trazes o que for preciso, que eu depois pago-lhe quando ele

acordar.

Não podíamos deixá-lo no átrio do hotel, por isso, levámo-lo para minha casa e deixámo-lo a descansar na espreguiçadeira do alpendre das traseiras com a garrafa de água da Shelly. Ficou a contemplar as ondas e prometeu não fumar enquanto nós íamos a casa do médico no carrinho de golfe.

A Shelly Highsmith era uma cirurgiã plástica. E muito competente, ao que parecia. Chefiava o departamento de cirurgia craniofacial e da fissura labiopalatal, vulgo lábio leporino, do hospital universitário de Miami, onde se especializara em cirurgia pediátrica pois, segundo ela, “Todas as crianças merecem um sorriso bonito”. Era quatro anos mais nova do que eu e, no entanto, ao contrário de mim, tinha tirado férias pela primeira vez em oito anos, instigada por um divórcio feio e inesperado.

Contou-me que estava sentada no gabinete, a admirar a baía, quando chegaram os papéis para finalizar o processo. Ao assinar, ocorreu-lhe que nunca tinha feito a travessia. Vivia há 10 anos em Miami e nunca se aventurara até à ilha.

Com efeito, o médico estava inconsciente no sofá ao lado de uma garrafa vazia do nosso rum. Optei por não incomodar a Shelly com esse pequeno detalhe. Pilhámos o armário dos medicamentos e o frigorífico e reunimos aquilo de que precisávamos. A Shelly comentou que preferia um medicamento mais específico para a situação do Hack, mas que um de largo espectro também serviria.

Encontrámos o Hack onde o tínhamos deixado, com um cigarro por acender ao canto da boca. Ela sentou-se à beira dele e passou-lhe uma bola de algodão embebida em álcool na veia do braço. Ao fazê-lo, a minissaia curta e transparente que trazia a cobrir o fato de banho abriu-se até à cintura, expondo-lhe as coxas. O Hack pôs-lhe uma mão na perna. A Shelly olhou de esguelha para a mão dele e empunhou a agulha bem à vista.

– Com dor ou sem dor? – disse, disfarçando um sorriso. O Hack recolheu a mão e comentou comigo.

– Gosto dela.

A Shelly passou o fim de semana a monitorizar a evolução do estado do Hack e, a julgar pelas costas direitas, de ombros para trás, o desaparecimento das rugas na testa e o sorriso que lhe surgia no rosto sempre que o Hack começava a contar uma das suas histórias, a atmosfera da ilha começava a surtir um efeito positivo, e nós também.

Como qualquer médico que se preze, era naturalmente curiosa. Quis

saber tudo a respeito do Hack, dos esquifes, da pesca, mas sobretudo de mim. Também tinha um fraco por bom café, por isso, dei-lhe a conhecer o Legal Grounds. No domingo à tarde, levei-a no esquife e ajudei-a a apanhar umas quantas flechas. Adorou.

Falou-me um pouco da vida dela, o curso de medicina, o casamento e o que a levava a especializar-se em crianças e nos rostos delas.

– Há qualquer coisa de muito especial no sorriso de uma criança. Vejo neles o que todos fomos um dia antes do mundo nos deitar abaixo.

Comecei a gostar imenso da Shelly e de estar com ela.

Ela quis saber mais sobre mim e contei-lhe a minha história. O Secundário. A universidade. O póquer. A vida em Londres. A Amanda. O Marshall. Como descobrira Bimini quase por acaso. O Hack. Falei-lhe do “Colin, o meu parceiro nos negócios” e contei-lhe que estávamos no negócio dos perfumes e da importação de vinhos e bebidas espirituosas. E sim, deixei de fora o pormenor mais importante. Quando nos despedimos, disse-lhe:

– Costumo ir a Miami semana sim, semana não. Importa-se que passe para ver como está?

– Gostaria muito.

No nosso primeiro encontro oficial, o Colin deixou-me levar o Mercedes emprestado, pois eu ainda não tinha carro, e levei-a ao meu restaurante preferido, o Ortanique on the Mile, na Miracle Mile da baixa de Coral Gables. Ela pediu um mojito e eu uma água. Olhou para o meu copo.

– Não bebes de todo, pois não?

Abanei a cabeça.

– Já alguma vez experimentaste drogas?

– Não, mas praticava atletismo na faculdade e competir é uma droga muito potente.

– Alguma vez fizeste algo de que te arrependes?

– Óbvio.

– O quê, por exemplo?

Esperou. A Shelly possuía uma intuição forte e devia desconfiar que nem tudo eram rosas. Eu não era esbanjador e não tinha um estilo de vida ostensivo, mas ela devia ter reparado nos barcos que eu conduzia. No Mercedes do Colin. Sabia que não lhe tinha contado a história toda.

– Nem sempre fui tão sincero como devia.

– E comigo, foste?

– Não te menti.

– Não mentir e ser totalmente sincero são coisas diferentes. – Parou para molhar a garganta. – E então, tens sido totalmente sincero comigo?

Há vários momentos na minha vida que deixaram marcas. Este foi um deles. Olhei-a nos olhos e disse:

– Sim, fui totalmente sincero contigo.

– E não estás metido em nada que possa acabar mal?

A desvantagem de ser bom jogador é que sabia ser discreto e conseguia enganar praticamente toda a gente.

– Não.

A Shelly cruzou as pernas, bebeu mais um pouco e tocou-me no pé com o dela.

– Ótimo.

Quando olho para trás e vejo a paisagem desértica da minha vida, as pessoas que fiz sofrer, aquelas de que me aproveitei e as que atraí e a quem menti, penso naquela tarde com a Shelly. Quem me dera poder retirar o que disse. Dizer-lhe que lamento verdadeiramente o que fiz. Os jogadores de póquer contam-se entre as pessoas mais otimistas do planeta. Por muito que se perca, podemos sempre recuperar tudo, e em dobro, com a aposta seguinte. Nada está realmente perdido para sempre.

O problema é que as pessoas não são cartas nem as fichas com que apostamos. Nem os momentos que partilhamos em redor de mesas de feltro verde em salas cheias de fumo.

✱

Vivemos um ano de puro deleite conjugal. Éramos felizes. Nunca levei a Shelly comigo numa entrega, mas à vinda ia buscá-la e passeávamos imenso de barco. Visitámos as ilhas todas. Ela saltava para o barco numa quinta ou sexta-feira ao fim da tarde, só com uma malinha minúscula, e perguntava:

– A que ilha vamos?

Saltitávamos de ilha em ilha, até que começámos a aventurar-nos mais longe, até à América Central.

O que a Shelly não sabia era que, escondida nas entranhas do barco em compartimentos especificamente concebidos para não dar nas vistas, havia cocaína suficiente para passarmos várias vidas na cadeia. Em certos momentos pareceu-me desconfiada, mas, se assim era, nunca se

manifestou.

E sim, pus a vida dela em perigo, um risco que estava disposto a correr. E isso diz tudo o que precisam de saber a meu respeito.

Numa sexta-feira à tarde em que tinha ficado de ir apanhá-la, cheguei atrasado. Para não variar. Não usava um relógio há oito anos, e, tirando o combinado com o Colin, chegava atrasado a praticamente tudo o resto na vida, por isso, quando fazíamos planos e eu lhe dizia que iria buscá-la a uma determinada hora, a Shelly perguntava-me:

– No fuso horário oficial ou no do Charlie?

Quando cheguei à doca quase duas horas depois do combinado, ela entrou no barco com um ar reprovador e entregou-me um pequeno embrulho. Um presente. Abri a boca para pedir desculpa, mas ela calou-me com um gesto e encostou-me um dedo aos lábios.

– Não digas nada.

Abri a caixa e lá dentro encontrei um fantástico relógio Marathon de mergulho. Parecia ser à prova de bala e constava que se mantinha à prova de água a mais de 300 metros de profundidade. Ela pegou-lhe e brincou com ele.

– Encontrei uns tipos na Internet: topspecus.com. Autointitulam-se “malucos das máquinas”. Liguei-lhes a perguntar qual era o relógio mais resistente e mais preciso que vendiam. Dizem que esta coisa é praticamente indestrutível e só perde um segundo a cada século, ou coisa assim. – Fez um sorriso brincalhão. – Pedi-lhes para o adiantarem cinco minutos. Por isso... – Sorridente, passou os meus braços em volta da cintura dela. – Nunca, jamais, enquanto vivermos... podes tornar a atrasar-te. – Inclinou a cabeça para o lado com um meio sorriso. – Certo?

Acenei, obediente.

– Certo.

Com a mão no meu rosto, fez-me virar a cabeça de um lado para o outro, instando-me a repetir com ela:

– Nunca mais.

Continuei a mover a cabeça de um lado para o outro.

– Nunca mais.

Ela sentou-se na cadeira do comandante ao meu lado.

– Ótimo. Porque, se isto volta a acontecer, não vais precisar apenas de um bom cirurgião plástico. – Sorriu. – Vais precisar de um transplante.

Ri-me.

– E só para que não te esqueças – afastou a pulseira do relógio da parte

de trás – tem uma inscrição.

Capítulo Quinze

Mal tinha acabado de fechar os olhos quando o Paulo veio chamar-me. Sussurrou:

– *Vamonos, el doctor*. Nós ir.

Ouvi-me resmungar qualquer coisa a respeito de não ser um médico a sério, mas ele já tinha saído. Levantei-me e calcei as sapatilhas, as que deixavam os dedos de fora. Quando saí do galinheiro ele fez-me parar com uma mão no meu peito e apontou lá para dentro.

– *Agua*.

Agarrei no garrafão, voltámos a enchê-lo e, depois, ele entregou-me uma catana. Segui-o até ao pátio e pela estrada abaixo sob um céu ainda negro. Caminhámos em silêncio durante quase meia hora na mesma direção do dia anterior – montanha acima, rumo ao vulcão. Quando os campos de cana-de-açúcar surgiram à nossa direita, o Paulo virou abruptamente nessa direção e atalhámos pelo meio das canas, percorrendo longas fileiras. Pouco a pouco foram aparecendo outros homens, caminhando em silêncio na noite. Todos empunhavam as suas catanas com o mesmo à-vontade com que os transeuntes transportam guarda-chuvas na Quinta Avenida, em Nova Iorque.

Ainda não tinha amanhecido. O dia ainda vinha longe e, no entanto, as pessoas estavam bem despertas, em movimento, a fazer pela vida. Acenderam-se fogueiras, havia grupos a conversar, homens a chegar ao trabalho, e tudo muito antes do primeiro raio de sol aquecer o cume do Las Casitas ou do San Cristóbal. Ao contrário do que sucedia no mundo de onde eu provinha, estas pessoas obedeciam aos ritmos da terra, em vez de tentar submetê-la aos deles.

Chegámos a uma clareira onde avistei uma carroça grande, mais ou menos do tamanho de uma carruagem de comboio. Havia um homem sentado na carroça a fumar um cigarro. À espera. Quando aparecemos, falou aos homens num tom brusco e nasalado, apontando em várias direções e dividindo-os em equipas. O Paulo indicou-me uma fileira de canas. Quando chegámos ao início da fileira pôs-se à minha frente para me mostrar como agarrar a cana com a mão esquerda, golpeá-la junto à base com a direita e arremessá-la para o lado, formando pilhas paralelas à medida que avançávamos. Fazia-o com desenvoltura e, apesar do tamanho diminuto, com grande vigor. Acenei para indicar que tinha entendido. Ele passou para a fileira ao lado, apontou novamente a catana à minha e lançou-se ao trabalho. Só então notei que tinha o braço direito muito mais musculado do que o esquerdo. Quase duas vezes mais grosso. Trabalhámos em equipa até ao amanhecer, altura em que parámos por 30 segundos para beber água dos garrafões que tínhamos trazido. Prosseguimos ao mesmo ritmo pela manhã fora. Ele trabalhava com afínco e com a força de vários homens. Eu procurava acompanhá-lo o melhor que podia. A meio da manhã já tinha as mãos cheias de bolhas rebentadas e a libertar líquido. Em carne viva, mais pareciam hambúrgueres. De cada vez que colhia uma cana, arrancava mais pele. Se o Paulo reparou, não disse nada. E eu também não.

Quando faltava cerca de uma hora para o meio-dia já tinha terminado a fileira dele e voltou atrás para me ajudar com a minha. Acabámos ao meio-dia, o que foi um alívio porque eu mal tinha forças para manusear a catana. O Paulo apontou para o caminho com a catana e atravessámos a fileira que tínhamos acabado de derrubar. Ao chegarmos à carroça do superintendente, encontrámo-lo precisamente onde o tínhamos deixado, com outro cigarro ao canto da boca. Eu não era capaz de levantar os braços acima da altura dos ombros. Ele examinou distraidamente o nosso trabalho, com pouco interesse, e passou duas notas para a mão do Paulo. Iniciámos o caminho de regresso a casa. O Paulo voltou-se para mim e tentou entregar-me uma das notas, mas eu recusei com um gesto e disse:

– Não, não. Tu.

Ele dobrou o dinheiro e respondeu:

– *Gracias*.

No regresso a casa fizemos um percurso diferente, passando ao largo do aglomerado de casas conhecido como Valle Cruces. Aproximámo-nos de um edifício e ele apontou, dizendo:

– *Escuela*.

Como não dei sinais de ter compreendido, dobrou as mãos como se estivesse a ler um livro.

– Escuela.

– Ah, *escola*. Entendi.

Chegámos à porta e encontrámos a Paulina a ensinar matemática a uma sala cheia de miúdos de várias idades e tamanhos. A Isabella estava sentada na fila da frente, com as pernas dobradas debaixo do corpo para ficar à altura da secretária. Com a mão esquerda torcia um caracol de cabelo e, com a direita, escrevinhava numa folha de papel. As cadeiras e as secretárias eram todas feitas à mão com a mesma madeira usada nas habitações lá em cima na montanha. Os assentos e os tampos das secretárias estavam gastos e engordurados. As superfícies laterais, sem acabamento, estavam lascadas.

Quando me viu, a Isabella saltou da cadeira e veio cumprimentar-nos. O ritmo estudado a que borboleteava pela sala indicou-me que mais do que a alegria de nos ver, movia-a a vontade de fazer com que todos os outros miúdos soubessem que ela – e só ela – tinha confiança com o *gringo*. Arrastar o passo aumentava a intensidade dramática. Quando notou a sala inteira a olhar para nós, regressou ao lugar, altiva. Missão cumprida. O Paulo disse qualquer coisa à Paulina, que nesse momento deu a aula por terminada. A Isabella surgiu ao meu lado e deu-me a mão. Quando sentiu as bolhas e os ferimentos voltou a palma da mão para cima e condoeu-se. Passou os dedos perto das bolhas que tinham rebentado.

– Dói muito?

Fiz que não com a cabeça.

Quando regressámos a casa, a Paulina apontou para o lava-loiças e disse:

– É melhor lavar isso ali na *pila*.

– Onde?

Pronunciou a palavra mais devagar.

– *Pi-la*. É como se chama o tanque de cimento. Não queremos que as feridas infetem.

Fiz como me disse enquanto os três carregavam a carrinha.

Vi o Paulo entregar as duas notas à Paulina, que as meteu no bolso. Com agilidade e sem mostrar sinais de fadiga, o Paulo fez marcha-atrás e pôs-se a buzinar. A Isabella e a Paulina apressaram-se a sair de casa. A filha subiu para o banco da frente ao lado do tio Paulo e a mãe sentou-se comigo

na parte de trás. O Paulo soltou a embraiagem, que patinava um pouco, e puxou pelo motor. O escape expeliu uma enorme nuvem de fumo branco, sinal de que a carrinha estava a queimar quase tanto óleo como combustível. Engatou a primeira a custo e arrancámos lentamente de Valle Cruces rumo a León.

A Paulina e eu sentámo-nos um de cada lado nas saliências formadas pelas proteções das rodas, sob o peso opressivo do calor, do pó e da humidade. Acelerámos estrada fora, deixando para trás as bandeiras, as casas, os carros e as pessoas de cores garridas. De tempos a tempos vislumbrava de passagem uma fonte coberta de trepadeiras, uma casa antiga, uma capela ou outra qualquer relíquia do passado escondida sob camadas de pó, fumo e negligência. Ao fim de alguns minutos de viagem, a Paulina pegou-me na mão e virou-a para cima, estudando-a. Disse baixinho:

– O meu tio diz que é trabalhador.

– Ele, que é 20 anos mais velho do que eu, fez o dobro do trabalho. E quando acabou ainda veio ajudar-me.

Ela riu-se.

– Disse-me que estava sempre à espera de o ver cair para o lado, mas que o Charlie se aguentou.

– Vontade não me faltou.

– Bem, obrigada.

– Quanto é que recebemos?

– Cem *córdobas*.

Fiz as contas de cabeça.

– Parece-me muito trabalho por apenas três dólares e oitenta cêntimos.

– É o dobro do que ele costuma ganhar.

Pensei em voz alta.

– Gasto mais do que isso num galão no Starbucks. Tempos houve, numa das minhas vidas anteriores, em que gastava cem vezes isso num almoço sem pensar duas vezes.

Ela continuou a olhar em frente. O vento agitava-lhe o cabelo. Acenou com a cabeça, mas não disse nada. Prosseguimos a viagem em silêncio. Decidi reatar a conversa.

– Porque é que nunca me perguntou nada sobre mim?

A Paulina fez um grande sorriso e apontou para a filha.

– Deixo que seja ela a fazer o meu trabalho sujo.

– Agora fora de brincadeiras. Eu podia ser um criminoso foragido.

Ela encolheu os ombros.

– Um criminoso foragido não teria sido encontrado tombado no passeio a borrar as calças.

– Bem visto.

– E a verdade é que carregou uma mochila com 40 quilos, 10 quilómetros montanha acima.

– De certeza que não ia mais pesada?

Ela sorriu, provando que a Isabella tinha bem a quem sair.

– Já que está a oferecer, posso pedir-lhe um favor?

– O que quiser.

– Há uma padaria em León chamada Pan y Paz. É a preferida da Isabella. Fazem uns croissants de chocolate que ela adora. Importa-se de...

– Feito. Mais alguma coisa?

– Não, chega e sobra.

Insisti.

– Não me diga que é uma daquelas pessoas que gostam de oferecer ajuda mas detestam ficar a dever favores?

Ela fez que sim com a cabeça e entalou a saia, que o vento fazia esvoaçar, por baixo das coxas, expondo por momentos umas pernas longas, bonitas e bem torneadas e afastou o cabelo do rosto.

– Pois sou. Admito.

– O que pensam fazer ao jantar?

– Regressar a casa.

– Antes de irem, deixa-me pagar-vos um jantar?

Ela hesitou.

– Quando o encontrei, não tinha nada. E, a menos que alguma coisa tenha mudado, continua sem nada. – Baixou a voz. – Como é que pensa pagar o jantar?

– Deixei o dinheiro no quarto.

– E pode dar-se ao luxo de nos pagar um jantar?

– Sim. Peço-lhe. É o mínimo que posso fazer.

A Paulina pensou um pouco. A expressão dela disse-me que não estava acostumada a aceitar ajuda.

– Desde que me deixe escolher o restaurante.

Chegámos a León e ao Hotel Cardinal, onde o jovem da receção se mostrou contente por me ver e orgulhoso por ter guardado o meu quarto, onde tudo estava exatamente como eu tinha deixado. Quando foi embora, voltei-me e reparei que a Isabella estava a olhar para o olho mágico na

porta, estarecida. A Paulina sorria.

– Nunca viu nada assim.

Peguei-lhe para que pudesse espreitar pela porta. A Paulina ficou do lado de fora a acenar. A Isabella deu um salto, chocada, ao ver a imagem distorcida da mãe e, a seguir, riu-se, procurando perceber a ilusão.

O Paulo era um homem calado. De poucas palavras. Observador, atento e deliberado em tudo o que fazia, sem desperdiçar um movimento. Eu atribuí a este temperamento aos anos a conservar energia para o que viria a seguir. Enfrentava a vida em modo de gestão de crise. Enquanto a Isabella se entretinha com o olho mágico, aguardou em silêncio numa cadeira do lado de fora da porta.

✱

Deixámos o hotel a pé, seguindo as indicações da Paulina, e um quarto de hora depois chegávamos ao Mesón Real. Era um daqueles estabelecimentos que só os habitantes locais conhecem e o cheiro que vinha da cozinha era divinal.

A empregada de mesa chegou para apontar os nossos pedidos e, dado que a ementa estava afixada na parede – em espanhol –, a Paulina perguntou:

– Precisa de ajuda?

Tentei ver se percebia alguma coisa.

– Sim.

– Quer um prato genuinamente nicaraguano ou algo mais ao gosto dos turistas?

– O genuíno.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Pode ser um tanto picante.

– Vamos a isso.

Enquanto esperávamos pela nossa comida, tentei não importunar o Paulo com demasiadas perguntas. Contou-me que nasceu a menos de dois quilómetros do sítio onde agora vive, mas que viajou bastante em busca de trabalho em plantações de café e de cana-de-açúcar. Quando mencionou que tinha trabalhado no café, comecei a ouvi-lo com mais interesse.

– Trabalhou no café?

– Sí.

– Onde?

– Honduras. Costa Rica. – Bateu na mesa com um dedo. – Nicarágua.
– Onde, na Nicarágua?
Apontou para oeste.
– Las Casitas. Perto *mi casa*.
– Algum sítio em particular?
Ele abanou a cabeça.
– Não perceber.
– Em que plantação?
– Só uma. – Quando disse isto, fê-lo num tom quente e afetuoso que não lhe ouvira antes. – Cinco Padres Café Companhia.
Engoli em seco.
– O que fazia lá?
Desenhou um círculo em redor da mesa.
– Gerir trabalhadores. – Bateu no peito e sorriu. – *El jefe*.
Abanei a cabeça e preparava-me para dizer que não tinha percebido quando a Paulina pousou a mão na minha e disse:
– Era ele que geria os trabalhadores. A plantação. Tudo.
– Era o capataz?
– Antes deste... sim, isso *fazia parte* do trabalho dele.
– Porque deixou a plantação?
Ele hesitou.
– Muita coisa acontecer.
Apontei para a Paulina, agindo como se não soubesse.
– Por causa do furacão de que me falou?
Ele cortou o ar com um gesto brusco.
– Furacão Carlos mau. Muito mau. Matar muitos. Matar os meus irmãos. As mulheres. A minha mulher. Muitos família, mas... – Abanou a cabeça. – Nós sobrevivemos ao Carlos.
A voz tremia-me.
– O que... o que é que aconteceu?
O Paulo calou-se por instantes, entrelaçou os dedos e falou num tom quase reverente.
– Empresa americana. – Cerrou um punho como se estivesse a esborrachar uma bolacha de água e sal. – Espremer-nos... obrigar-nos a pagar empréstimo. Nós não ter como pagar. E depois do Carlos, ficar sem nada. Foi-se tudo. Como nós não pagar, empresa tirar.
A minha palidez deve ter assustado a Paulina, que me pôs uma mão no braço.

– Sente-se bem? Está outra vez a fraquejar. – Virou-me o pulso para cima e mediu-me a pulsação com um dedo.

– Não, estou bem. – Limpei os suores frios do rosto. – O que fez?

O Paulo encolheu os ombros.

– Muitas casas vazias em Valle Cruces. Ir para lá. Voltar à cana-de-açúcar.

– Está a arrendar?

Ele abanou a cabeça.

– Ninguém a quem pagar renda.

– A quem pertence a casa?

– Ao meu primo. – Disse o nome com orgulho, como se estivesse a homenageá-lo. – Saulicio Mares Estevez.

– E onde está ele agora?

– Debaixo da lama.

– Perdão?

A Paulina interveio.

– A família dele em Manágua deixa-nos viver na casa.

Sentia as peças daquele puzzle a nadar-me dentro da cabeça e não havia meio de conseguir encaixá-las. Cocei a cabeça.

– Onde vivia antes disso?

Ele olhou para mim, baralhado. Apontou para a Paulina.

– *El casa.*

Voltei-me para a Paulina.

– Na casa de quem?

Ela afastou o cabelo do rosto da filha.

– Do meu pai. – Voltou-se para mim e, pela primeira vez, vi-a tocar num seixo polido que trazia ao pescoço. Disse o nome devagar e com grande devoção. As palavras entrechocaram-se dentro da minha cabeça até assentarem nas memórias que lhes correspondiam. – Alejandro Santiago Martinez.

Engoli em seco.

– Ele e outros quatro proprietários fundaram a Cinco Padres. – Indicou o Paulo, do outro lado da mesa. – O Paulo casou com a irmã do meu pai, por isso, embora não fosse um dos irmãos, confiavam nele. O meu pai tratava dos negócios. Lidava com os bancos. Os compradores. O Paulo geria os recursos humanos. – Sorriu-lhe. – Mantinha toda a gente satisfeita – riu-se – e tudo a trabalhar. Os tratores, os camiões, as correias de transporte. Até assistia aos partos. Não era?

– Ele riu-se como se a memória fosse agradável.

Quando a comida chegou, em pratos fumegantes, a abarrotar, todos comeram com gosto. O meu parecia ser *fajitas* de vaca guarnecidas com tudo o que havia na cozinha e, embora cheirasse e soubesse mesmo bem, em vez de comer, limitei-me a arrastar a comida pelo prato. A meio do jantar, o Paulo segredou qualquer coisa à Paulina, que respondeu com um aceno discreto. Sem saber o que pensar, perguntei à Paulina se ele se sentia bem. Respondeu-me:

– Perguntou-me se estava a gostar da sua comida, já que mal lhe tocou.

Quando acabou de comer, a Isabella deitou uns olhares gulosos à secção dos gelados na ementa. A Paulina ralhou-lhe baixinho, em espanhol. Pareceu-me que estava a dizer-lhe que não pediríamos sobremesa. Quando a empregada de mesa regressou, perguntei à Paulina:

– Posso oferecer um gelado à Isabella? Seria um prazer.

Ela olhou para a filha, que acenou com entusiasmo, esticou três dedos no ar e pediu:

– *Chocolate*.

Veio-me à memória a imagem do Zaul e o tiquetaque do relógio que me acompanhava desde aqueles momentos à beira da cama de hospital da Maria regressou em força. Precisava de ajuda para ontem, por isso, quando toda a gente terminou, decidi abordar o assunto.

– Gostava de vos fazer uma proposta, se me permitirem.

O Paulo fez um aceno de cabeça.

– Claro. Força.

– Gostava de vos contratar a ambos. – A Paulina olhou fixamente para mim, desconfiada. O Paulo abanou a cabeça.

– Não é preciso contratar. Tu pedir. Nós ajudar.

– O que vos vou pedir não é nenhuma insignificância. Sentir-me-ia melhor se me deixassem recompensar-vos.

O Paulo voltou a abanar a cabeça e, pela primeira vez, vi uma ponta de orgulho que não tinha visto antes. Fez um gesto com a palma da mão para baixo, cortando o ar rente ao tampo da mesa.

– Nada disso. Ajudar com muito gosto.

A tarefa que eu tinha em mente para eles impedi-lo-ia de continuar a trabalhar nos campos de cana-de-açúcar. E isso implicava uma perda de rendimentos, ou seja, a situação precária em que viviam ia piorar ainda mais. Expliquei:

– Ando à procura de uma pessoa. Um rapaz de 16 anos. É como se

fosse um sobrinho. Meteu-se com gente que não devia, fugiu de casa e veio para cá. Chama-se Zaul e os pais pediram-me para o levar para casa antes de se magoar a sério ou desaparecer de vez. É precipitado, problemático e, por muito que lhe custe a admiti-lo, um pouco ingénuo no que toca às intenções dos outros. Acha que sabe ler as pessoas, mas não sabe. Sei que veio a León e é surfista, por isso, sei que pretendia perseguir as ondas ao longo da costa, mas tenho a sensação de que a sorte dele mudou desde que chegou porque o capataz da Cinco Padres Café anda com a carrinha dele.

A Paulina fez um ar surpreendido.

– A tal carrinha nova?

Confirmei com um gesto.

– O Colin, o meu sócio, comprou-a o ano passado. O Zaul é filho dele e ele esperava que perseguirem as ondas juntos os aproximasse.

– Não deve ter sido barata.

– O meu sócio herdou um negócio do pai. Eram pobres, no início, mas tiveram um golpe de sorte quando o pai descobriu uma forma de importar rum. Mais tarde o Colin tomou conta do negócio e tem sido muito bem-sucedido desde então.

A Paulina ergueu uma sobrancelha inquisidora.

– E você?

– Eu trabalho para ele. – Fiz questão de sublinhar o “para”. – Trato das entregas. – O que não era propriamente mentira.

O rosto do Paulo iluminou-se.

– Gestão?

– Não. Trabalho sozinho. É a natureza do negócio.

Ele compreendeu.

– Não importa. Nós vamos ajudar.

– Receio que vá tomar muito do vosso tempo. No mínimo, metade do dia. Às vezes o dia todo. Estaria a afastá-lo do seu trabalho.

O Paulo quis saber:

– Quanto tempo?

– Estou a tentar encontrar um adolescente que não quer ser encontrado. Uma semana? Duas? Um mês, quem sabe?

O Paulo hesitou. Imaginei-o a calcular os custos.

– Trabalho *la caña* de manhã e vamos contigo depois do almoço.

Abanei a cabeça.

– Pelo que sei dele, pratica surf de manhã e viajam ou dormem de tarde. Teríamos mais hipóteses de o apanhar antes do meio-dia. Se

esperarmos até depois do almoço para começar, não teremos muita sorte. – Apontei para ele. – Preciso de um condutor que domine a língua e o combustível fica por minha conta.

O Paulo reviu os cálculos. A Paulina permaneceu num mutismo que começava a deixar-me inquieto. Continuei:

– Estou preparado para cobrir todos os vossos prejuízos, evidentemente.

Ela explicou:

– Não se trata disso. Se ele faltar ao trabalho, se saltar um dia, perde o estatuto na casa. O que significa que, quando regressar, não é garantido que tenha trabalho.

Comecei a compreender a extensão do problema, o incómodo que estava a causar-lhes; como um só dia perdido, uma indisposição, uma doença, um ferimento, perder o autocarro ou deixar-se dormir mais 10 minutos podia transtornar-lhes a vida durante muito tempo.

A Paulina chegou-se à frente na mesa, procurando não ser brusca, mas querendo deixar bem claras as implicações.

– Neste canto do mundo, a antiguidade na casa é um bem precioso. Mais valioso do que o dinheiro que se ganha.

Tinha-me encontrado na rua, em roupa interior. Não era de admirar que não me considerasse uma aposta segura.

– Como pretende pagar-nos?

– Em dinheiro.

– De quem?

– Meu.

– Para que precisa também de mim?

– Como intérprete e, sem querer ofendê-la, por ser mulher.

– Como assim?

– A experiência ensinou-me que, às vezes, uma mulher consegue obter informações que um homem não consegue.

A afirmação de senso comum pareceu satisfazê-la, mas continuou desconfiada. Encostou-se para trás na cadeira.

– E pode pagar-nos?

Tanto quanto sabia, eu era quase tão pobre como ela. Tinha de prosseguir com cautela.

– Sim.

Cruzou os braços.

– Se o Paulo perde um só dia de trabalho, algo a que aqui chamamos

“perder a vez”, perde o estatuto de antiguidade que levou anos a construir. O que quer dizer que tem de voltar para a fila dos homens à espera de uma oportunidade de trabalho. Esperar a vez dele. Pode ter de esperar semanas até conseguir um dia de trabalho. É assim que as coisas funcionam aqui.

– Eu pago também esses dias.

Mais desconfiança.

– Até ele poder voltar a trabalhar?

– Sim.

– Todos os dias?

– Sim.

Coloquei uma nota de 20 dólares em cima da mesa.

– E pago adiantado. – Isto chamou-lhes a atenção. – Preciso que me orientem na costa e me ajudem a procurar o Zaul. Podemos ter de cobrir grandes distâncias. Dou-lhe isto adiantado, cubro o que ganha por dia, os gastos em combustível e ainda o desgaste do veículo e todos os dias que tenha de esperar na fila. – Depositei outra nota de 20 na mesa e virei-me para a Paulina. – E a si pago-lhe o mesmo.

Ela apertou os lábios, sem saber se devia ou não acreditar em mim. Conversaram em tons abafados. A Isabella olhava de um para o outro como se estivesse a assistir a um jogo de pingue-pongue, de olho na bola. Na esperança de a convencer, pus-lhe uma nota de um dólar à frente. A mãozita dela deslizou devagarinho pela mesa e preparava-se para pegar na nota quando a Paulina a deteve e abanou a cabeça. Havia 41 dólares em cima da mesa à espera de serem recolhidos.

Coloquei outra nota de 20 na mesa. O Paulo ficou ainda mais interessado. Era mais dinheiro do que ele ganhava num mês e, dependendo do trabalho, talvez até dois meses. Sabia que tinha de prosseguir com cuidado. Queria comprar o tempo deles, não humilhá-los e algo me dizia que oferecer-lhes dinheiro a mais causar-lhes-ia embaraço.

– E gostaria de arrendar o galinheiro. – Humedeci o polegar e contei outra nota de 20. – E pagar a minha comida antecipadamente.

A quantia ascendera aos 81 dólares. Olhei para o Paulo e levantei um dedo.

– E, se o encontrarmos, ofereço-vos um bónus de 100 dólares. – O Paulo ouvia com toda a atenção. – É quase tanto como o que ele ganha num ano.

A voz da Lina tornou-se irritada, quase fria.

– Consegue comprar sempre o que quer?

– Não. Mas não posso fazer isto sozinho. Preciso de contratar alguém. Preferia que fossem vocês os três.

O Paulo dirigiu-lhe algumas palavras bruscas que tiveram o condão de a acalmar e de impedir que fizesse mais perguntas. Indicou o dinheiro como se não precisasse de mais nenhum incentivo. Apertou as mãos uma na outra.

– Eu ajudar-te? Tu ajudar-me.

Não sabia bem onde ele queria chegar com isto, mas precisava da ajuda deles. Ele apontou para um relógio de pulso imaginário.

– Eu ajudar-te até ao almoço. Tu ajudar-me até ao jantar.

Pareceu-me justo.

– Está bem.

O Paulo levantou-se, dobrou o dinheiro e meteu o maço no bolso. Estendeu-me a mão.

– Nós ajudar com muito gosto.

A Paulina pôs-se de pé ao mesmo tempo que ele nos guiava para a saída. A atitude dele dava a entender que nos queria dali para fora antes que eu mudasse de ideias, ou antes que alguém farejasse o dinheiro e quisesse assaltar-nos. Apontou para a rua.

– *Sí. Muy bueno. Vamos.*

À porta do restaurante, a Isabella enfiou a mão na minha e olhou para mim com um bigode de chocolate a pingar-lhe pelos cantos da boca. Contenta, não disse nada. Quando olhei para baixo já embalava o meu coração nas mãos.

✱

Fazia-se tarde quando regressámos ao Hotel Cardinal, por isso, aluguei-lhes os quartos adjacentes ao meu, pelo que ficaram muito agradecidos. A Isabella nunca tinha passado uma noite num hotel e o ar frio que saía de dois orifícios quadrados na parede era uma maravilha para a qual não havia palavras, tal como a caixinha dos números azuis que controlava a temperatura. Logo a seguir vinha a água quente e a ideia de que outra pessoa que não a mãe tinha lavado e secado as toalhas e os lençóis. O facto de terem deixado as toalhas penduradas na casa de banho, feito a cama com lençóis fresquinhos, deixado sabonete grátis no lavatório e de poder beber a água que saía da torneira, estava para além da sua compreensão. Quando a mãe a aconchegou na cama, disse:

– Mami, sinto-me como uma princesa.

Estava sentado no alpendre à porta do meu quarto quando a Lina desligou a luz da mesinha de cabeceira da filha e veio sentar-se ao pé de mim.

– Este miúdo que quer encontrar não é boa rês, pois não?

– Não, não é – respondi e abanei a cabeça.

– Porque se preocupa tanto com ele?

– Segundo o próprio Zaul, o pai é um cromo. Bom a contar tostões e a entreter os ricos. Eu, nem por isso. Assim sendo, acabei por lhe ensinar algumas coisa que o pai tinha negligenciado.

– Tais como?

– A andar de bicicleta, a dar nós duplos nos atacadores, a não esquecer as gengivas quando escovava os dentes, a conduzir um barco e, finalmente, um carro com mudanças manuais.

Ela apontou para a minha boca.

– Quando fala dele, há uma ternura na voz.

Era uma pergunta disfarçada de afirmação.

– Quando era pequeno e os pais davam uma festa, muitas vezes acabava esquecido. Eu revia-me um pouco nele, por isso, íamos pescar na doca. – Encolhi um ombro. – Prendia-lhe o isco no anzol. Ensinei-o a lançar uma rede. A distinguir entre desodorizante e antitranspirante. – Abafei uma gargalhada. – Ensinei-lhe porque é que as raparigas dizem uma coisa, querendo dizer outra.

A Paulina não disse nada durante vários minutos. Antes de falar, afastou dos olhos o cabelo que o vento agitara.

– Tenho de lhe dizer uma coisa e, como não o conheço muito bem e o Charlie tem sido tão gentil connosco, receio parecer dura e ingrata. Não é essa a minha intenção.

Esperei pelo resto. Ela agitou uma mão à nossa frente.

– Há um fenómeno neste país a que chamamos “a Síndrome do Gringo”. É quando gente branca como o Charlie – sem ofensa – chega a abanar um maço de notas e pessoas como eu e o meu tio, que vivem com dois ou três dólares por dia, saltam como macacos ensinados e fazem tudo o que vocês querem, porque nunca viram tanto dinheiro junto. O meu país está cheio de *gringos*. Muitos pegam nas reformas, compram uma casinha e vivem o resto das suas vidas relativamente desafogados, crendo que o dinheiro lhes dá o direito de viver e agir como bem lhes apetece, ou que podem comprar-nos porque precisamos do que eles têm. Não sou rica, mas

fui educada nos Estados Unidos. Nem sempre fui pobre. Houve um tempo em que podia fazer as compras da semana e ainda sobrava dinheiro para gelados. Talvez até para um bilhete de cinema, ou uma lâmina nova quando a velha começava a puxar-me os pelos das pernas em vez de os cortar. – Interrompeu-se por uns instantes. – Não tenho grande experiência com homens que comprem os serviços de outrem com tanta facilidade, mas já vivi o suficiente para saber que não é vulgar.

Aquela linha de raciocínio tinha um propósito, só não sabia qual.

– Em resumo...

– Em resumo, não consigo perceber porque nos contratou para fazer por si o que podia muito bem fazer sozinho.

Disse a primeira coisa que me ocorreu, esperando que fosse suficiente. Era mais uma pergunta do que uma afirmação.

– Porque preciso de ajuda.

A Paulina abanou a cabeça.

– Duvido que se lembre do que é precisar de ajuda. – Apertou os lábios.
– Só por curiosidade, quanto é que estava disposto a pagar?

Encolhi os ombros. Não queria responder-lhe.

– Quinhentos?

Fiz um aceno de cabeça, desejando aplacá-la e acabar com aquela linha de interrogatório. Falhei.

– Mil.

Outro aceno de cabeça. A mesma esperança. O mesmo resultado. Ela encostou-se para trás e cruzou os braços.

– Cinco mil?

Olhei-a nos olhos.

– Sim.

Ela ponderou o assunto.

– Não o conheço suficientemente bem para ter a certeza, mas não consigo perceber uma coisa.

– O quê?

– Não consigo perceber se é um homem às direitas – um fenómeno raro por estes lados... – Deixou a frase em suspenso.

– Ou?

– Culpado – disse, agora sem hesitar.

Fez-se um silêncio confrangedor. Ela virou a cadeira para mim, chegou-a à frente, invadindo o meu espaço pessoal, abriu as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos como um jogador no banco dos suplentes.

Eu não estava totalmente despreparado para isto. Tinha acabado de os comprar e isso era algo que ainda lhe custava a engolir.

– Charlie?

Encarei-a, mas não disse nada.

– Tenho de saber... – Meteu a mão no bolso e sacou de lá o maço de notas que eu tinha acabado de lhes dar, colocando-mo diante do nariz. – Se aceitarmos isto, estará a colocar-nos em perigo? Seja ele de que espécie for? – Lançou um olhar à janela do quarto da Isabella, abanou a cabeça, e fez menção de me devolver o dinheiro. – Porque se for esse o caso...

Fiz-lhe sinal para que parasse.

– Devo-lhe mais do que isso por ter cuidado de mim quando estava doente. É o mínimo que posso fazer.

– Não respondeu à pergunta.

– Tanto quanto sei, não estou a colocar-vos em perigo de espécie alguma, mas há sempre a possibilidade de o Zaul andar metido com as pessoas erradas. Se, ao ajudar-me, entenderem que vos coloquei em perigo, por pequeno que seja, são livres de desistir sem terem de prestar explicações.

Ela voltou a sentar-se e guardou o dinheiro no bolso. Os nossos quartos ficavam no segundo piso, tal como o alpendre, o que nos oferecia uma vista aérea limitada das luzes da cidade. Ela pôs-se de pé, sacudiu o pó da saia e esperou vários segundos.

– A padaria abre às nove, que é quando ainda está tudo quentinho e as pepitas de chocolate parcialmente derretidas. Não vai querer perder isso. É uma experiência religiosa. O Paulo vai fazer uns telefonemas bem cedo para ver o que consegue descobrir. Depois disso, arrancamos. – Pousou a mão no meu ombro, e era a primeira vez que me tocava com carinho. – Se ele estiver num raio de 150 quilómetros, ou assim, o Paulo encontra-o. Faremos o que pudermos. – Voltou-se e dirigiu-se ao quarto. Parou à porta. Inclinou a cabeça de um lado para o outro e disse:

– Para que conste, tê-lo-íamos feito a troco de nada. Só tinha de pedir.

– Já calculava.

– E, ainda assim, quis pagar?

– Tenho as minhas razões.

– Que ainda não explicou.

– Vai odiar-me quando o fizer.

Ela encostou-se à ombreira da porta e acenou e, por fim, voltou-se para mim e fechou parcialmente a porta.

– Aqui dentro estão um velho vivido e uma criança inocente a quem custaria muito acreditar nisso.

– E você, o que acha?

– Quer-me parecer que essa foi a afirmação mais sincera e reveladora que fez desde que o conheci. – E com isto, fechou a porta e desligou a luz.

E era, de facto.

Capítulo Dezasseis

Depois daquele verão na Costa Rica, o Colin voltou com a família a Miami mas decidiu ficar com a casa, prometendo regressar todos os verões até ao fim dos tempos; passar lá a reforma com a Marguerite. Tinha encontrado um segundo lar para si e para toda a família. A vida corria-lhe bem.

Nos meses que se seguiram fui dando a conhecer a Shelly à minha família: ao Colin, à Marguerite, ao Zaul e à princesa do meu coração, a Maria Luisa. Sempre que os visitávamos, a Maria vinha a correr, saltava para o meu colo, abraçando-me o pescoço e falava numa voz capaz de derreter titânio:

– Tio Charlie, que é que me trouxeste?

Eu apertava-a nos braços, fazia-lhe cócegas, cantava “How Do You Solve a Problem Like Maria?” e, ao fim de algum tempo a ignorá-la, estalava os dedos e fingia lembrar-me.

– Eu sabia que me tinha esquecido de qualquer coisa.

Ela tentava revistar-me os bolsos até que eu retirava um embrulho de um bolso escondido da camisa ou dos calções. Um colar, um anel, ou outra peça cintilante extraída em solo estrangeiro. Quando a conheceu, a Shelly abanou a cabeça.

– Ao menos agora já sei quem é a concorrência. – Sorriu. – Tem-te na palma da mão.

Assenti e disse:

– Completamente.

Quanto mais tempo passávamos com o Colin e a família, mais evidente se tornava que a ausência de crianças na vida da Shelly estava a afetá-la. Faltava-lhe essa alegria. E ela sabia-o. Sentia o vazio. Também viu que eu tinha jeito para as crianças, que gostava delas e que elas gostavam de mim. Se a isto juntássemos o amor que nutria por mim, não era difícil antever o

comboio de mercadorias que vinha direito a nós.

Uma noite, enquanto passeávamos de mãos dadas à beira das ondas na nossa parte preferida da praia, a ponta noroeste de Bimini, com a Atlântida sepultada nas águas atrás de mim, resolveu sondar-me.

– Posso fazer-te uma pergunta?

Já sabia o que aí vinha. A Shelly andava mortinha por falar no assunto.

– Sim.

– Já alguma vez pensaste em casar?

– Não.

Ela deu-me uma cotovelada nas costas.

– Estou a falar a sério.

Esta era uma daquelas conversas com as quais não me sentia inteiramente à vontade. Em que falávamos de questões do coração. Em que nos debruçávamos sobre o tampo de feltro verde para mostrar um ao outro as nossas cartas. O fim anunciado do mistério, da pura diversão, dos jogos e das brincadeiras. Em que abrimos mão das nossas fichas. Engoli em seco.

– Sim.

Ela enfiou o braço no meu.

– E já te ocorreu alguém com quem gostasses de o fazer?

– Sim... a Maria.

Ela deu-me um murro no braço, ao de leve, e apontou a água que nos banhava os tornozelos em ondas suaves.

– Queres levar uma molha?

Ri-me.

– Olha que estou a falar a sério – continuou ela.

Tinha chegado o momento. Já andava a adiá-lo há muito tempo. O jogo levava-me até ali. Estava na hora de apostar tudo, ou desistir. Virei-me para ela, peguei-lhe em ambas as mãos e ajoelhei-me. Quando estava prestes a abrir a boca, fui engolido por uma onda que rebentara perto de nós e acabei aos trambolhões. Ela fartou-se de rir. Talvez fosse a oportunidade de quebrar o gelo de que eu estava a precisar.

Levantei-me, encharcado como um pinto, e sacudi a areia da cara. Ela parou à minha frente com as mãos atrás das costas.

– Estavas a dizer?

– Vais mesmo obrigar-me a levar isto até ao fim, não vais?

Ela fez que sim com a cabeça.

A Shelly tinha deixado bem claro em conversas anteriores que, se e quando voltasse a casar, não queria pompa e diamantes. Era uma

experiência que não desejava repetir. Queria uma simples aliança de ouro. Algo que tivesse uma história, um significado especial.

Uns dois meses antes tínhamos ido a León. A Shelly julgava que estávamos lá para transportar um carregamento de rum e café em grão. E estávamos, de facto. Só não sabia da cocaína.

Uma tarde, enquanto carregavam o barco na costa, fomos passear pelas ruas da cidade e passámos por uma loja que vendia joias elaboradas com ouro de navios naufragados. Ela parou para apreciar a montra e comentou, pensativa:

– Ouro de salvados... É mesmo isto.

O dono era uma lenda local, um mergulhador da Marinha que passava os fins de semana à procura de tesouros submersos. Com o passar dos anos, fora descobrindo vários navios espanhóis naufragados perto da costa e conseguira guardar para si um pouco de ouro de cada um. Com esse ouro, mandara fazer alguns anéis. Não sei se a história tinha algum fundo de verdade, mas os anéis eram feitos à medida e o ouro do mais puro que já tinha visto.

Talvez por culpa da brisa, do diáfano vestido de chiffon que a Shelly trazia, da vida na ilha ou da proximidade da data em que faria 40 anos, dei por mim à porta da loja-museu a dizer estas palavras:

– Não custa dar uma olhadela.

Abri a porta. A Shelly olhou para o letreiro onde se lia JOIAS POR MEDIDA e disse:

– As viagens por estas portas costumam ser só de ida. Quando entras...
– Olhou-me nos olhos e aguardou.

Conduzi-a ao balcão onde os anéis estavam expostos atrás de uma vitrina. Ela cruzou as mãos atrás das costas e inclinou-se para o balcão, com o ouro a realçar-lhe o brilho dos olhos. Estava à espera de que lhe desse um sinal. Meti conversa com o homem, que colocou os tabuleiros do expositor em cima do balcão e partilhou connosco as suas histórias da caça ao tesouro. A Shelly ouvia-o com pouco interesse, concentrada nos anéis que ia experimentando. Agradecemos ao homem e saímos da loja. No dia seguinte, enquanto ela fazia uma sesta no hotel, regressei à loja e guardei a aquisição no fundo do bolso.

Apreciava a companhia da Shelly e sentia muito carinho por ela, mas não posso dizer que passei muito tempo a acalantar sonhos de partilhar o resto da vida com ela. Não pensava em ninguém dessa forma. Sei que soa mal e não, não me orgulho disso. A Shelly era uma companhia agradável e

eu queria manter a relação, mas mais a curto do que a longo prazo. O meu motivo era simples: não queria viver sem ela não por não ser capaz, pois estava sozinho há muito tempo – era um talento bem afinado –, mas por causa do que, em última análise, “perdê-la” diria sobre mim.

A lua cheia já ia alta. O luar límpido e brilhante prateava as águas. Peguei-lhe ao colo e ela apertou-me os braços em torno do pescoço. A veia no pescoço dela latejava. Podia parecer relaxada, mas tinha o coração a mil. Levei-a através das ondas até à zona calma para lá da rebentação.

– Shelly?

Anos de sonhos desfeitos e um doloroso primeiro casamento iam-se dissolvendo a cada palavra. O rosto dela iluminou-se. Retirei o anel do bolso, desfiz o abraço, e coloquei-lho na palma da mão.

– Casas comigo?

Em retrospectiva, provavelmente não era o pedido que ela desejava. Nenhuma mulher quer um pedido de casamento feito pela metade, quase a medo. O joelho no chão? Dar tudo por tudo? É importante. A Shelly sorriu, fechou a palma da mão e beijou-me. Ainda sinto o sabor das lágrimas. Na época não me dei conta, mas naquele momento ela resignara-se, resolvera contentar-se com o que eu tinha para lhe dar.

✱

Às vezes desejo que a história tivesse acabado aqui.

O que não percebi na altura é que o meu lacónico gesto tinha privado a Shelly de um pedido de casamento à altura das expectativas dela, capaz de apaziguar a dor do primeiro. De sarar feridas antigas. O primeiro marido não tinha sido fiel, não soubera dar-lhe o devido valor e mentiu-lhe com quantos dentes tinha até ser apanhado. Deixara-lhe um gosto amargo na boca. Embora nunca o tivesse afirmado expressamente, a Shelly tinha esperança de que eu remediasse isto. E o tratamento começava com um pedido à altura dos ideais românticos que ela acalentava sobre o casamento. Ideais que eu tinha alimentado e encorajado.

Neguei-lhe esse sonho.

E não seria a última vez.

✱

Perto da ponta norte de Bimini, a uns escassos 180 metros da praia, existe uma enorme rocha calcária achatada, mais ou menos do tamanho de um barco de pesca, que se ergue uns dois metros acima da água e que alguns acreditam fazer parte das formações rochosas da Atlântida. Em várias ocasiões eu e a Shelly nadámos até lá para descansar ou apanhar lagostas. A seguir ao meu patético pedido de casamento, a Shelly declarou que queria que nos casássemos na praia. Descalços. Naquela rocha, de preferência. Encontrar-nos-íamos na praia e nadaríamos juntos até lá. Uma cerimónia pequena, só com “família”. Desde que nos conhecemos, a Shelly foi-se afeiçoando ao Hack, ao Colin, à Marguerite e aos miúdos – que já não eram propriamente miúdos. Sobretudo à Maria. Até a tinha ensinado a entrançar o cabelo. Com a inclusão deles nas nossas vidas, era importante para ela que partilhassem o momento connosco. Combinámos tudo com um funcionário da conservatória do registo civil e agendámos o evento para dali a um mês.

O dia do meu aniversário.

×

Na manhã seguinte, bem cedinho, fui até à cabana do Hack para lhe contar a novidade. Por regra, era acolhido ao virar da esquina pelo aroma do café e um cigarro aceso. Esta manhã não havia nada.

– Hack?

Silêncio. Chamei um pouco mais alto.

– Hack?

Fui encontrá-lo na cama. Sem camisa. Com os pés fora do lençol. A contemplar o Atlântico. Não estava a fumar nem a beber café, estava simplesmente a mirar o oceano para leste. Quando o vi, soube que o Hack tinha pousado as cartas. Estava saturado. Nunca mais voltaria a deixar o porto.

Sentei-me à beira da cama e ele mexeu os olhos, mas não a cabeça. Com um sorriso forçado, sussurrou:

– Já não era sem tempo. – Tentou continuar, mas o esforço deslocou-lhe qualquer coisa no peito, provocando um acesso de tosse que estava fraco de mais para reprimir. Tinha sangue nos lábios. A boca seca. Fi-lo beber um pouco de água e ele pediu um cigarro. Quando comecei a ralar, disse-me, num fio de voz:

– Já sei, não me digas: o tabaco vai ser a minha morte.

Acendi-lhe um cigarro e coloquei-lho entre os lábios, onde ficou num equilíbrio precário. O Hack estava pálido e respirava a custo. Acho que tinha esperado o mais que podia para termos uma última conversa. Afofei-lhe a almofada atrás da cabeça e enfiei a mão na dele. Ele sorriu e acenou. Os músculos pareciam enfezados, calos com décadas a erodir-se. A vida começava a desvanecer-se. A escoar-se-lhe do corpo. Só restava um fiozinho. Falou com voz fraca.

– Queria pedir-te um favor.

Inclinei-me ainda mais para ele.

– Tudo o que quiseres.

Ele fitava a superfície espelhada das águas que quase lhe chegavam à porta das traseiras.

– Quero que... – gesticulou com a mão direita – ... que me sepultes em alto-mar. Junto da minha mulher.

Calou-se. Eu engoli em seco e fiz um aceno de cabeça.

Ele bateu com um dedo em duas folhas de papel à beira dele.

– Instruções. – Fechou os olhos e apertou os papéis contra o peito. – Estão assinados. Tornei a coisa legal. – Abanou uma vez a cabeça. – Ninguém vai incomodar-te. – Voltou os olhos para mim. – És a única família que tenho neste mundo.

Peguei no cigarro, soltei a cinza e devolvi-lho aos lábios agora azuis. Ele puxou uma fumaça, reteve-a, expeliu-a e disse:

– Não a deixes escapar. – Voltou a abanar uma vez a cabeça. – Viver na solidão não é viver. – Tocou-me com um dedo no peito. – E tu vives na solidão desde o dia em que te conheci.

Assenti. Começava a processar a ideia de que estava prestes a sofrer outra perda. Mais uma vez, alguém que eu amava ia desaparecer da minha vida. Ele continuou.

– Tu, eu, ela. Precisamos uns dos outros.

Uma lágrima correu-me pelo rosto. O Hack reparou e fez um sorriso trocista.

– É bom saber que tens coração.

Limpei a lágrima com o polegar, acendi outro cigarro com a ponta incandescente do anterior e coloquei-lho entre os lábios.

Com um ligeiro sorriso, ele encheu o peito e concentrou-se na respiração, deixando sair o fumo pelo nariz. Por fim, entregou-me os papéis, fechou os olhos e agarrou-me a mão. Segurou-a entre as dele, junto ao peito. Instantes depois inspirou, travando repentinamente o influxo de

ar, o corpo dele relaxou e a mão caiu para o lado, inerte, e por fim expirou lenta e profundamente, enchendo de fumo o ar à nossa volta. Quando não se mexeu nem voltou a respirar sentei-me para trás na cadeira, inalando a nuvem de fumo.

Cruzei-lhe os braços por cima do peito e tapei-o com o lençol. Ao fazê-lo, experimentei uma dor profunda cá dentro. Algo que não sentia há muito, muito tempo. Era o meu coração. Doía.

*

Enterrei o Hack em alto-mar, conforme detalhado no testamento. Por estranha coincidência, tinha sido o médico da ilha a assinar como testemunha quando fora visitá-lo na noite anterior. Vim a saber que andava a acompanhá-lo há várias semanas, aumentando-lhe a dosagem de morfina todas as noites para que pudesse suportar a dor provocada pelo tumor que lhe crescia no peito. Mais tarde, contou-me que, quando assinou os papéis, não acreditava que o Hack passasse daquela noite. Admirou-se que tivesse aguentado tanto tempo.

Na posse de uma declaração do registo civil, deposei o corpo do Hack no caixão, transportei-o para o *Ilustre Carreira* e metemo-nos vagarosamente a caminho. Tinha inserido previamente as coordenadas no GPS e foi só seguir as indicações do aparelho. Quando alcancei o xis – já em águas com mais de 500 metros de profundidade – desliguei o motor, disse adeus ao Hack, fiz deslizar o caixão por cima da amurada, deixando-o mergulhar lentamente nas águas, até que o peso se tornou incómodo. Retive-o por vários minutos, relutante em deixá-lo ir. Por fim, quando já não podia mantê-lo a flutuar, soltei-o e escorregou-me das mãos como um torpedo até desaparecer de vista.

Fiquei parado à popa, com as lágrimas a escorrer-me pela cara, a baloiçar suavemente ao sabor da ondulação. Na ânsia de ouvir a voz dele, desdobrei a carta que me tinha entregado para ler nesta ocasião:

Querido Charlie,

Ao olhar para trás, vejo que vivi uma vida longa. Uma vida boa. Mas também me arrependo de algumas coisas. Oxalá pudesse poupar-te a essa dor. Dizia-te para te agarrares àquela mulher e não

a perdeses. E para mudares de vida, que o negócio em que estás metido é muito perigoso e o dinheiro não te faz falta, muito menos agora que te deixei o meu. Hás de descobri-lo quando desenterrares o teu. Gasta-o em qualquer coisa que valha mesmo a pena. Qualquer coisa magnífica, maior do que tu e eu. A vida não é só pescar flecha e fazer esquifes, café, cigarros e pores do sol na ilha. Isso é tudo muito bom e eu gozei o meu quinhão, mas fi-lo de coração vazio, o que quer dizer que nada disso me preencheu. A minha mulher, essa sim, preenchia-me. Em mais de 40 anos, desde que ela morreu, nunca tive outra mulher. Não deu. Ultimamente tenho-a visto à minha cabeceira, à noite. Parece mais jovem. Voltou a sorrir. Está mais bonita do que da última vez que a vi. Levei muito tempo a tirar da cabeça a imagem da mancha de sangue a alastrar-lhe pela barriga, mas vê-la aqui nestas últimas noites, toda vestida de branco, imaculada e bonita em vez de crivada de balas, ajudou bastante. Senti muita falta do sorriso dela. Passei 40 anos a expiar os meus pecados. Não eram poucos.

Não sejas como eu, Charlie. Não queiras morrer assim. Não tem jeito nenhum.

Bem hajás pela tua amizade. Por te preocupares comigo. Por me teres deixado ensinar-te a fazer esquifes – tens um talento natural para trabalhar a madeira.

Bem hajás por não me deixares morrer sozinho.

Com sincero apreço,

James J. “Hack” Hackenworth, Júnior

Sentado ali a debater-me com as palavras dele e com a força avassaladora daquela carta, dei-me conta de que não tinha chegado a contar-lhe da Shelly. De nós os dois. Que nos íamos casar no dia seguinte ao pôr do sol. Arranquei para oeste a alta velocidade. Os 1400 cavalos de potência elevavam o barco acima das águas como um foguetão num voo rasante a 160 quilómetros por hora rumo a Bimini, a uns 30 quilómetros dali.

O problema de rumar a oeste ao cair da tarde era o sol. Ajustei os meus Costas e puxei ao máximo pelo motor, deixando o vento secar as lágrimas que me banhavam o rosto.

Tinha de me despachar. Começava a levantar-se vento e o mar estava picado. Tinha de ir a Miami fazer uma entrega.

Capítulo Dezassete

Quando saí do quarto, às seis da manhã, já estavam os três vestidos e prontos para sair. Deixámos o hotel pela porta principal e descemos a rua até sentirmos o aroma do pão acabadinho de sair do forno. Mais adiante, virámos à esquerda e, quando chegámos à porta da padaria, as minhas glândulas salivares já trabalhavam a dobrar. Entrámos, fomos recebidos por uma mulher loura e de pele clara com ar de sueca que dispunha travessas a fumegar atrás da vitrina do balcão. O Paulo e a Isabella sentaram-se a uma mesa enquanto a Paulina fazia o pedido para todos. Poucos minutos depois, um dos jovens funcionários atrás do balcão serviu-nos três deliciosas chávenas de café e uma travessa inteira de croissants e outros folhados doces.

Eu comi seis.

A Isabella e eu rimo-nos das figurinhas que fazíamos com os cantos da boca sujos de chocolate. Quando me preparava para devorar o sétimo croissant, olhei para ele e comentei:

– Devem mergulhá-los em manteiga.

Enquanto comíamos, o ajudante começou a limpar as mesas à nossa volta. Era um rapaz bem-parecido, bem vestido, de avental, muito empenhado, com ar de quem praticava musculação. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Pedi à Paulina para chamar a dona do estabelecimento à nossa mesa. Ela assim fez e a senhora sueca veio ter connosco.

– Está tudo do vosso agrado?

Apontei para o rapaz.

– Conhece-o bem?

– O Mauricio?

– É esse o nome dele?

– É meu sobrinho. Trabalha aqui há dois anos. É dos miúdos em quem

tenho mais confiança.

– Já alguma vez o apanhou a mentir-lhe?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não.

– E a roubar?

A expressão dela tornou-se mais fria.

– Porquê?

– Importa-se de o trazer aqui?

– Preferia que falasse comigo primeiro...

– Chame-o lá, se faz favor.

– Se tem queixas...

– Peço-lhe.

Ela assim fez e o rapaz chegou à nossa mesa a esfregar as mãos no avental.

– *Sí, señor?*

Apontei para o relógio.

– Belo relógio. – Disse-o de chofre porque queria apanhá-lo desprevenido e ver como reagia.

Ele sorriu e fez um aceno de cabeça, todo orgulhoso, estendendo o braço para eu ver melhor. Se havia culpa, o rapaz tinha mais talento do que muitos vencedores de Óscares. A proprietária da pastelaria não comentou, mas parecia pronta a atacar. Perguntei:

– Arranjaste-o cá?

– *Sí, señor.* Comprar – apontou para baixo – aqui mesmo. Homem que comer aqui dizer não precisar e vender por menos dinheiro.

Toda a gente à volta da mesa tinha os olhos colados ao relógio.

– Gostas muito dele?

Ele voltou a acenar, mas depois franziu o sobrolho, confundido.

– *Señor?*

– Na parte de trás, por baixo da pulseira, há umas palavras. Sabes o que diz?

O rapaz olhou para a tia e depois para mim. Abanou a cabeça.

– *Señor?*

A dona do estabelecimento resolveu intervir.

– Ele diz que o comprou. Se pensa que...

Escrevi num guardanapo, que dobrei e coloquei na mesa diante deles.

– Há cinco dias fui assaltado, levaram-me a roupa e tudo o que trazia e deixaram-me estendido, doente, no meio da rua. – Olhei para o rapaz. –

Duvido que tenhas tido alguma coisa a ver com isso, mas quem te vendeu esse relógio pode muito bem ter-mo roubado e, ao contrário de tudo o resto, é insubstituível. Gostava de o ter de volta.

Ele franziu o sobrolho. A dona da pastelaria disse:

– Tira-o, Mauricio. Vamos tirar as teimas.

O rapaz desapertou a fivela, afastou a pulseira da parte de trás do mostrador e leu a inscrição. Desdobrei o guardanapo e alisei-o sobre a mesa. Ele leu em voz alta:

– Nunca mais.

Apontei para o baixo-relevo da inscrição. Estava manchada e escurecida, à semelhança do reverso da pulseira.

– Isso aí é sangue. Pertence a alguém que amo.

O Mauricio deu algumas voltas ao relógio manuseando-o com delicadeza, como se fosse frágil. A dona da pastelaria transferiu o olhar desconfiado de mim para ele. Continuei:

– Posso fazer-te uma pergunta?

Ele endireitou-se e fez um aceno de cabeça.

– *Sí, señor.*

– Foste tu que me tiraste esse relógio do pulso?

O rapaz bem tentou perceber o que eu dizia, mas aparentemente falei muito depressa e a Paulina traduziu discretamente. Ele abanou a cabeça.

– Não! Comprar aqui mesmo. – Voltou a apontar para baixo.

Felizmente para o Mauricio, acreditei no que dizia. A dona da pastelaria aguardava em silêncio, querendo ver em que é que aquilo ia dar. Perguntei:

– Quanto deste por ele?

Ele olhou para a patroa e a seguir voltou a olhar para mim. Como não disse nada, insisti:

– Quanto?

Com um olhar de lado para a tia, espreitou por cima do ombro e baixou a voz.

– *Catorce dólares.*

A mulher olhou para ele, espantada, e exclamou num tom maternal:

– Mauricio? Sabes bem quantos dias levas a ganhar isso tudo!

Eu voltei à carga.

– Vendes-mo?

O rapaz estendeu-me o relógio, a abanar a cabeça.

– *Señor*, se lhe pertence...

Mostrei-lhe 20 dólares.

– Vendes-mo por esta quantia?

Ele apressou-se a aceitar.

– *Sí, sí. Muy bueno.*

Voltei-me para a dona da pastelaria.

– Está bem assim?

Ela sorriu, suspirou de alívio e encostou a mão às costas da minha cadeira.

– Quer mais café? O Maurício pode preparar-lhe qualquer coisa bem quente. Faz um galão que é uma especialidade.

Entreguei o dinheiro ao rapaz, que o dobrou e meteu no bolso. Depois de me apertar a mão regressou à máquina de café. A mulher falou-nos a todos.

– Se precisarem de mais alguma coisa, digam.

O Paulo estava pasmado a olhar para mim por cima da caneca de café. A Isabella ferrou os dentes noutro folhado doce e a Paulina observava-me com curiosidade. Coloquei o relógio e estava a terminar o meu croissant quando a vi franzir a testa, abanar ligeiramente a cabeça e disfarçar um sorriso enigmático.

– Você é uma caixinha de surpresas.

– Como assim?

– Podia facilmente ter-lhe ficado com o relógio.

– Pois podia.

– Porque não o fez?

– Tenho, ou melhor, tinha um amigo em Bimini chamado Hack. Já faleceu. Costumava dizer-me que as pessoas gastam dinheiro em três coisas: aquilo que amam, o que veneram e o que ajuda a aliviar a dor.

– Qual das três é que o relógio representa?

Passei o polegar pela aresta biselada do relógio.

– A terceira.

– Em que mais gasta o seu dinheiro?

– Bom café, água com gás e... nos Costa del Mar.

Ela apontou para os óculos de sol que eu trazia na cabeça.

– Como esses?

Confirmei com um gesto.

– Tenho uns 60 pares na minha casa em Bimini.

– Sessenta? Seis, zero?

– O Colin, o meu sócio, é casado com uma senhora chamada

Marguerite que tem um ligeiro fetiche por sapatos. Deve ter uns 200 pares. Mandou fazer um armário de cedro de propósito para os sapatos. Às vezes trocamos comentários sobre as nossas aquisições mais recentes. Somos farinha do mesmo saco.

A Paulina olhou para o Mauricio enquanto este preparava o meu galão.

– Acho que fez um amigo.

– Ótimo. Não tenho muitos.

*

A Paulina e o Paulo partilhavam um telemóvel com um tarifário pré-pago, que só utilizavam para as emergências. Ela explicou-me que praticamente não se serviam dele. Não obstante, o Paulo tinha passado a manhã com ele colado ao ouvido. Uma chamada levava a outra. Estava a falar ao telemóvel quando saímos do café e a Isabella tomou para si o papel de me orientar pelas ruas. Ao passarmos pela catedral, voltou-se para a Paulina e puxou-lhe o braço.

– Mamã, podemos ir ver o papá?

– Só uns minutinhos. Não podemos demorar.

A pequena saltou de alegria e subiu os mesmos degraus que a dançarina nua tinha ascendido a fazer piruetas uma semana antes. A Paulina reparou na minha expressão estranha, mas não disse nada. Seguimos a Isabella até ao interior silencioso e vazio do templo. O Paulo molhou um dedo na água de uma pia à entrada e genufletiu. A Paulina fez o mesmo, acrescentando uma pequena vénia ao passar pelo corredor central. A Isabella atravessou o corredor a correr e virou à direita perto do altar. Pouco acima, tinham construído um púlpito a um lado de uma das enormes colunas que sustentavam o teto, com umas escadas que conduziam à plataforma de onde o sacerdote proferia o sermão.

A Isabella correu para as escadas e, ao chegar, resvalou de joelhos no mármore. Parou e rastejou por baixo das escadas. Quando cheguei ao pé dela estava deitada de barriga para baixo, apoiada nos cotovelos, a conversar com uma placa de pedra onde se lia simplesmente GABRIEL. A Paulina apontou para lá.

– O meu marido está enterrado aqui.

Respondi com um aceno de cabeça e não disse nada.

O Paulo estava sentado na segunda fila, atrás de nós. Com as mãos juntas em oração.

Eu sentei-me nas escadas sem conseguir perceber nada, pois a Isabella falava a 100 quilómetros à hora em espanhol. A Paulina sentou-se num banco à minha frente e ouvi-la.

– Está a contar-lhe o que aconteceu desde que aqui estivemos a semana passada. Como encontramos o Charlie; que tem dormido no galinheiro, coisa a que ela acha muita graça. Que arrancou dentes e – sorriu – a noite passada.

A Isabella continuou a falar, mas a mãe não traduziu.

Ficámos em silêncio, a ouvir a conversa animada da Isabella com a lápide a poucos centímetros do rosto dela. Apontei para trás, para a cripta onde o marido jazia.

– Quando foi?

– Há 10 anos. Eu estava grávida. – Abanou a cabeça uma vez. – A Isabella não tem qualquer memória dele.

Apoiei os cotovelos nos joelhos.

– O que é que aconteceu?

– Era médico. Fazia consultas ao domicílio. Andava – agitou a mão à nossa frente – de vila em vila. Contraiu um vírus que lhe atacou o revestimento do coração. Piorou. Levámo-lo a um especialista, mas ele tinha-se autodiagnosticado e sabia que era incurável. Seis meses depois, morreu em casa. – Olhou em volta e acenou a um padre. – Era ele que acompanhava os padres e muitos dos paroquianos. Fundou uma clínica – apontou para as traseiras da catedral – que continua em funcionamento. Cerca de 10 médicos voluntários bem treinados que oferecem algum do seu tempo, um dia de duas em duas semanas. Alguns mais do que outros. Como ninguém quer contrariar a Igreja Católica, os hospitais doam medicamentos em abundância. Alguns dão-mos a mim quando podem e é assim que consigo a maioria dos medicamentos de que preciso para fazer o meu trabalho. Tirando situações de catástrofe, pode muito bem ser a melhor clínica da Nicarágua e, em alguns aspetos, funciona melhor do que muitos hospitais na América Central. A igreja honrou-nos ao enterrá-lo aqui porque era muito estimado por todos. – Apontou para a filha, que sussurrava com os lábios a roçar a pedra. – Ainda é.

– Sinto muito.

– Eu também. – Com um gesto largo indicou o edifício à nossa volta, repleto de defuntos sepultados nas paredes e debaixo do chão. – Pagaram mais de um milhão de córdobas para serem enterrados aqui. É uma grande honra. – Olhou para a filha, que continuava em animada conversa. – Tem

sempre imenso para dizer quando vem cá. – Calou-se, com um meio sorriso. Quando voltou a falar não estava a olhar para mim, mas sim através da pedra. – Todas as meninas deviam ter um papá.

*

O Paulo desligou o telemóvel e meteu-o no bolso da camisa, fazendo-nos sinal para avançar.

– *Vamos.* – Apontou. – *Vamos al océano.*

Virei-me para a Paulina, que estava a ouvi-lo com atenção. No fim, voltou-se para mim.

– O seu amigo foi visto na costa, não muito longe daqui.

– A sério? Umas quantas chamadas e já está?

Ela ergueu um dedo.

– Foi visto. – Levantou-se. – Não encontrado. Parece que gosta de dar nas vistas onde quer que vá.

*

Deixámos León rumo a oeste, em direção ao Pacífico. A Isabella ia a dormir à frente, a recuperar do excesso de açúcar e hidratos de carbono e eu e a Paulina seguíamos na parte de trás da carrinha. Já fora da cidade, disse-me:

– O seu amigo participou num jogo de cartas na cidade há uma semana. Bebeu de mais e não é grande jogador. O Paulo falou com um homem que assegurou o serviço de bar durante o jogo. E o Charlie tinha razão, perdeu a carrinha para o capataz. Mais tarde, numa aposta de... – O rosto dela contorceu-se. – Dobro ou zero?

– O dobro ou nada?

– Isso. Foi apanhado a fazer batota, tentou fugir na carrinha e o capataz, que é um brutamontes, chegou-lhe a roupa ao pelo. Depois disso, o seu amigo foi à praia. Esteve lá ontem. É tudo o que sabemos.

O San Cristóbal elevava-se, imponente, atrás de nós, com a sua pluma de fumo branco a elevar-se em espiral no céu azul até à estratosfera. Ela sondou.

– Corresponde, a descrição?

Hesitei.

- Sim.
- Não parece ser boa rês.
- Às vezes... somos levados a isso.

A Lina ficou a digerir a minha resposta, algo, do pouco que a conhecia, muito característico dela. Pensava bem antes de falar, mas essa ponderação não podia confundir-se com insegurança ou indecisão. Não tinha medo de falar.

O vento agitava-lhe o cabelo e a saia e secava-lhe o suor na pele. Não lho tinha dito – não havia motivos para o fazer –, mas a Lina era uma das pessoas mais bonitas que alguma vez conhecera, ou que já vira até, eu que privara com tantas beldades. A Amanda era mimosinha, sofisticada, tinha olho para a moda e para o design, uma personalidade marcante e era rápida a responder. A Shelly era mais alta, cultivava um visual mais natural, era mais dada às sombras do que às luzes da ribalta. Habituada às batas do hospital, possuía um estilo informal igualmente adequado à sala de operações e à praia. A Lina era uma combinação das duas. Rija e tenaz como poucas, pois o ambiente em que vivia assim o exigia, mas também capaz de grandes gestos de ternura; rápida na resposta, mas mais apta a ouvir; modesta no vestir, mas confiante e segura de si; tão bonita em silêncio e em repouso como, ou talvez ainda mais, em movimento. E tinha ainda algo de que nem a Amanda nem a Shelly podiam gabar-se: presença. Inspirava respeito e obediência porque, primeiro e antes de mais, estava sempre pronta a ajudar as pessoas à sua volta. Era um estatuto arduamente conquistado. A diligência com que se ajoelhava para limpar as partes baixas de um homem conspurcado de fezes e urina e a seguir beijar-lhe a testa punha-a num pedestal acima de todos os outros. Não me sentia à vontade na presença dela, não porque a Lina me fizesse sentir constrangido, mas porque ao pé dela sentia-me uma fraude. A prontidão com que se prestava a servir o próximo em situações de imundície, constrangedoras e embaraçosas, deixava-me ao Deus-dará, porque eu não faria o mesmo. Sempre tinha vivido em função do meu próprio bem-estar, não do bem-estar dos outros. A Lina era o oposto. Sentia-me perseguido por uma estranha emoção ao percorrermos aquelas estradas de terra batida aos solavancos por terras de ninguém. Não sabia que nome dar-lhe, mas “sentir-me indigno” era uma boa aproximação. A segunda emoção tomava a forma de uma pergunta: como podia alguém tão puro e altruísta estar sentado a centímetros de alguém tão sujo e egoísta?

Ao fim de uma hora de viagem por trilhos poeirentos e acidentados, quase sempre orlados de cana-de-açúcar com perto de quatro metros de altura, tomámos um acesso em coquina, uma rocha sedimentar composta de fragmentos de conchas, e fomos envolvidos pela maresia e pelo piar das gaivotas. Oitocentos metros adiante chegámos a uma pequena estância de férias na praia: uma fileira de *bungalows* em betão com redes esticadas entre os pilares de sustentação, pranchas de surf encostadas às paredes, vários fatos e calções de banho a secar em estendais, um homem e uma mulher recostados em insufláveis na piscina a bebericar cervejas frescas com rodela de lima e gotas de condensação a escorrer pelo vidro, quatro tipos bronzeados com o cabelo queimado do sol a contemplar um oceano relativamente calmo. Um tipo americano mais ou menos da minha idade – com uma barriga de cerveja, óculos de leitura na ponta do nariz, calções de banho descorados pelo uso, descalço e camisa havaiana toda desapertada – atarefava-se de quarto em quarto e a servir os clientes na zona da piscina. Quando nos viu, acenou e disse com um sotaque do Midwest:

– Já venho atender-vos.

Enquanto aguardávamos, a Isabella deu uma volta à piscina, a observá-la com olhos ávidos. Eu, o Paulo e a Paulina ficámos à sombra de um guarda-sol, à espera.

Instantes depois, o homem apareceu à nossa frente, ofegante, a transpirar, mas sorridente.

– Em que posso servir-vos?

Mostrei-lhe a fotografia do Zaul que tinha trazido da casa do Colin.

– Viu este rapaz?

Ao ver a fotografia o homem fez que sim com a cabeça e limpou o suor da testa com a mão, sacudindo-o para o chão. Fez um ar carrancudo. Fitou-me de olhos semicerrados.

– Quem me dera não ter visto.

– Importa-se de me dizer quando?

– A noite passada e hoje de manhã.

– Aqui?

Ele apontou para um dos *bungalows* e descreveu um círculo à volta da piscina.

– Ele e os amigos, se é que podemos chamar-lhes isso, deram-me cabo da cabana, estiveram ao pé da piscina na farra até altas horas da

madrugada e espantaram-me dois clientes. Ainda ando a limpar a barafunda.

– Ainda está por aí?

– Sinceramente, espero que não.

– Sabe se conta voltar?

– Eu disse-lhe que se voltassem a pôr aqui os pés, dava-lhes um tiro assim que lhes pusesse a vista em cima.

– Foi assim tão mau?

– Destruíram-me um ecrã plano novinho a estrear e perdi três casais em estadias prolongadas: dois com reservas de uma semana, outro que ia ficar um mês. Não costumo admitir miúdos da laia dele, porque geralmente consigo topá-los à distância, mas foi a rapariga que trabalha para mim que fez a reserva.

– Para onde foram, faz alguma ideia?

O homem apontou na direção da praia.

– Fretaram uma lancha para os levar ao recife. Têm-se apanhado lá umas belas ondas nos últimos dias. Mais de seis metros.

– Sabe onde apanharam a lancha?

– Não faço a mínima ideia.

– Sabe se tinham transporte próprio? Um carro, ou assim?

Ele espetou o polegar para cima.

– Tanto quanto pude ver, andavam à boleia, o que deve ser um pincel para cinco tipos com pranchas.

– Importava-se de me ligar se, por acaso, voltar a vê-los?

– Não se você não se importar que lhes dê um tiro primeiro.

Virei-me para a Paulina.

– Posso dar-lhe o número do seu telemóvel?

A Paulina deu o número ao homem e ele regressou aos seus afazeres. O Paulo fez inversão de marcha, mas, quando nos preparávamos para partir, a Paulina viu que a Isabella não estava na carrinha. Olhámos na direção do mar e fomos dar com ela ao fundo do terraço da piscina, diante das dunas que demarcavam a praia. A Paulina chamou-a e disse-lhe que entrasse na carrinha. A Isabella continuou imóvel a fitar o oceano. A mãe voltou a chamá-la, mas a pequena não reagiu. Perguntei:

– Passa-se alguma coisa com ela?

– Não, é a primeira vez que vê o mar. Disse-lhe que voltaríamos quando houvesse mais...

Saltei da carrinha e fui ter com a Isabella, que estava de olhos

esbugalhados a roer uma unha. O vento que lhe agitava o cabelo amplificava o som das ondas que rebentavam na praia. Estendi-lhe a mão.

– Anda daí.

Ela deu-me a mão e percorremos o trilho dos surfistas até à praia. Quando lá chegámos, livrámo-nos dos chinelos de dedo e caminhámos até à água. As ondas batiam na areia e, para admiração dela, lavavam-lhe os pés com espuma e conchinhas pequenas. A água estava fresca, de um azul profundo, e ela assistia, muda, ao vaivém constante da ondulação. Uns instantes depois a Paulina surgiu à esquerda da filha e murmurou:

– Cuidado, ela não sabe nadar.

Uma hipótese que nem me tinha ocorrido. A Isabella avançou até ficar com água pelos joelhos. Quase até meio das coxas. Falei mais para comigo do que para a Paulina.

– Que espécie de criança é que não sabe nadar?

A Paulina respondeu-me sem tirar os olhos da Isabella. Pronta a acorrer ao mínimo problema.

– A espécie que nunca teve acesso à água e nunca foi ensinada.

A Isabella deu meia-volta e veio ter connosco com uma expressão deliciada. Respondi.

– Temos de remediar isso.

A Paulina olhou-me, mas não disse nada.

Metemo-nos todos na carrinha e estávamos a sair da rampa de acesso quando bati na capota da cabina e disse:

– Dê-me um segundo.

Encontrei o dono da estância no gabinete dele, a falar ao telefone. Quando desligou, perguntei:

– Em quanto ficou o prejuízo que aquela malta lhe causou, faz ideia?

Ainda estava irritado, mas fez os cálculos à mesma.

– Um ecrã plano, 400 dólares. Dois casais, estadia de uma semana a 60 dólares por noite. O outro, um mês. Fiz-lhes um desconto. – Inclinou a cabeça para o lado. – Dois mil e setecentos dólares, mais coisa, menos coisa.

Contei 30 notas de 100 dólares e entreguei-lhas. Ele olhou para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

– Peço... desculpa pela maçada.

De olhos esbugalhados, queixo caído, o homem enfiou o dinheiro no bolso e acompanhou-me até à carrinha.

– Ei.

Voltei-me para trás.

Ele apontou para o bolso onde eu trazia a fotografia do Zaul.

– Conhece o rapaz?

– Sim.

– É importante para si?

– É.

Ele semicerrou os olhos sob a luz forte do sol e hesitou antes de falar, como se lhe custasse fazê-lo.

– Não parece ter nada a ver consigo.

– Tive muito a ver com o ele ser como é. – Indiquei a estância com um gesto largo. – Se quer culpar alguém pelo que aconteceu, pode culpar-me a mim.

Ele acenou com o pedaço de papel onde tinha apontado o número da Paulina.

– Eu ligo-lhe se voltar a vê-lo, mas o mais certo é... – Abanou a cabeça.

✱

Depois de o Paulo ter metido a quarta, a Isabella ter adormecido novamente no banco da frente, o vento ter secado o suor, e com o sal e o sol nas nossas caras, a Paulina indicou a estância com um aceno de cabeça e perguntou-me com a mão em pala por cima dos olhos.

– O que é que fez lá dentro?

– Umas perguntas sobre o Zaul.

– E?

– Só isso.

– Tem a certeza?

– Sim.

Acho que não acreditou em mim, mas não estava preparado para lhe contar a verdade.

✱

Já no hotel, paguei a conta, dei uma gorjeta de 20 dólares ao rapaz da receção e fui às traseiras buscar a mota. Quando me viu montado nela, a Isabella arregalou muito os olhos. Voltou-se para a mãe com uma expressão de súplica, pedindo sem pedir. A Paulina tentou abanar a cabeça

discretamente, querendo evitar-me o incómodo. Falei baixinho:

– Eu não me importo, se a Paulina não se importar.

A Isabella não precisou de ouvir mais nada. Pôs-se ao lado da mota de braços no ar. Perguntei à Paulina:

– Sabe andar de mota?

– Sim – disse ela com a maior naturalidade.

Desmontei da mota e fiz-lhe sinal para tomar o meu lugar. Ela sorriu, saiu da carrinha e subiu para a mota, levantando a saia e entalando-a debaixo das coxas para evitar uma cena à Marilyn Monroe. Peguei na Isabella e fi-la sentar-se na depressão entre o tanque e o assento. Dei os meus óculos de sol à Paulina e o capacete à Isabella, apertando-o e baixando-lhe o visor por cima dos olhos para afastar os insetos.

O Paulo manteve-se dentro dos limites de velocidade e a Paulina seguia atrás de nós. O sorriso da Isabella mal cabia dentro do capacete e o da mãe não lhe ficava atrás. Eu ia à frente com o Paulo – na cabina sem ar condicionado. Onde deviam estar uns 50 graus. O suor que me escorria pela cara, pelo pescoço, pelas costas e pela parte de trás das pernas deixava-me colado ao assento como uma ventosa. Já o Paulo, imperturbável, conduzia tranquilamente.

A meio do caminho, parou perto de uma loja à beira da estrada que vendia telemóveis e cartões pré-pagos. Fez-me sinal para que o seguisse e eu assim fiz. Quando chegámos ao balcão comprou um novo cartão pré-pago para o telemóvel dele e apontou para os telemóveis em exposição.

– Tu comprar?

Tinha razão, era boa ideia. Ajudou-me a negociar o preço de um telemóvel e um cartão de chamadas com o dono do estabelecimento. Depois de pagarmos, ligou para o meu número para o ver a tocar. Acenou satisfeito, sabendo que agora já podia entrar em contacto comigo, e fez-me sinal para avançar.

– *Vámonos.*

A Paulina tinha razão. Quando precisávamos de alguma coisa, o Paulo era o homem a quem recorrer.

Dentro da carrinha o ar era mais abafado e o suor voltou a colar-me a roupa à pele. Sem dar por isso, o Paulo sentia-se cada vez mais à vontade comigo. De tantos em tantos minutos, enquanto falava animadamente em espanhol, apontava pelo para-brisas para qualquer coisa que queria que eu visse ou percebesse e, embora eu não entendesse uma palavra do que ele dizia, sabia que as palavras eram simpáticas. Ternas. Estava a partilhar o

mundo dele comigo.

Durante os 40 minutos que se seguiram mantive-me de olho nas “miúdas”, pelo retrovisor, ouvi o Paulo, acenando como se estivesse a perceber tudo e perdi dois quilos em suor.

Foi uma bela conversa.

✱

A seguir ao jantar, usei o telemóvel novo para ligar para o telefone fixo da casa do Colin. Ele atendeu ao primeiro toque. Eu disse:

– Ronnie? – e desliguei.

O Colin mudava o cartão SIM de poucos em poucos dias e ninguém sabia o número, pois não se destinava a receber chamadas. Se precisasse de falar com ele, ligava-lhe para casa, dizia o nome de um presidente qualquer e desligava. A seguir ele ligava para o número que aparecia no identificador de chamadas. Tínhamos uma década de prática. Segundos depois, o telemóvel tocou e atendi.

– Como vão as coisas por aí?

– Melhor. – A voz dele parecia diferente, tinha até alguma leveza. Falou baixinho, quase a sussurrar, por isso, devia estar alguém a dormir por perto. – Está a recuperar devagarinho, mas qualquer progresso é bem-vindo. Descobriste alguma coisa?

– Muito pouco.

Voltei ao princípio e contei-lhe o que se tinha passado em León. Falei-lhe da Isabella, do Paulo, da fazenda de café, da carrinha dele e concluí com o que tínhamos ficado a saber na estância balnear. O Colin ficou algum tempo em silêncio e depois disse:

– O que é que vais fazer agora?

– Amanhã tinha pensado saltar para a mota e varrer a costa para um lado e para o outro. Os surfistas gostam de um tipo muito específico de ondas, por isso, não deve ser difícil. Onde houver ondas boas, há de haver surfistas. Espero é que ele ainda esteja com eles.

– Achas que pode não estar?

– Enquanto o Zaul tiver dinheiro vão continuar a servir-se dele. Perdeu a carrinha e aposto que está a ficar sem dinheiro, o que quer dizer que a vida útil dele está a esgotar-se, se é que isso já não aconteceu.

O Colin concordou com um resmungo. Tentei mudar de assunto.

– Sabes alguma coisa da Shelly?

– Tem vindo ver a Maria todos os dias. A cirurgia foi milagrosa. Costuma passar por cá a caminho de casa.

O que era estranho, porque a casa dele não ficava propriamente em caminho. Pelo meu silêncio, o Colin percebeu que eu estava a remoer o assunto. Continuou:

– Tem... passado imenso tempo com um ortopedista lá do hospital. Quando lhe perguntei sobre ele, disse-me: “É uma aposta segura. Tem uma casa no canal.”

Aquilo apanhou-me de surpresa.

– Desejo-lhe as maiores felicidades.

O Colin tossicou para desobstruir a garganta.

– Ao que parece o tipo soube que ela tinha desistido do casamento e abordou-a no trabalho. Foram jantar fora. Todas as enfermeiras dizem que parece mais feliz.

– Espero que sim.

– Está diferente. Menos ansiosa.

Ouvi comoção ao fundo. Estava a tentar perceber o que podia ser quando o Colin disse:

– Espera. Há aqui alguém que quer falar contigo.

Entregou o telemóvel à Maria. Parecia estremunhada. Arrastava as palavras como se tivesse acabado de vir do dentista e a anestesia ainda estivesse a fazer efeito.

– Tio Charlie! Tenho saudades tuas.

– E eu tuas, princesinha. Como te sentes?

– Bem. Já não dói tanto. Encontraste o Zaul?

– Não, mas ainda não desisti. Ele sempre foi bom a jogar às escondidas.

Ela reprimiu uma gargalhada.

– Eu lembro-me. Tio Charlie?

– Diz, fofa.

– Quando o encontrares, dá-lhe um abraço da minha parte. Sentimos a falta dele. A mãe não para de chorar.

Engoli em seco.

– Tu, trata de ficar boa. Vemo-nos depois.

– Trazes-me qualquer coisa?

– Claro!

Ela devolveu o telemóvel ao pai. Ficámos em silêncio. Um minuto depois, comentei:

– Tens uma miúda fora de série.

O Colin fungou. Assoou o nariz.

– Tenho pensado muito ultimamente e não consigo perceber uma coisa.

– O quê?

– O que é que um tipo como eu fez para merecer um milagre como ela.

Boa pergunta. Andava a debater-me com emoções muito semelhantes. Não consegui responder-lhe.

– Eu ligo-te quando souber mais alguma coisa.

Desliguei e fiquei estendido na cama, a ouvir os sons da noite. Nas casas à nossa volta as pessoas conversavam em tons abafados. Os cães ladravam. Os porcos grunhiam. Ouvi um cavalo a relinchar e um gato a guinchar na direção oposta. De tempos a tempos, ouvia um baque seco lá fora. A certa altura, ouvi um estrondo no telhado de zinco do galinheiro que parecia uma bomba a explodir por cima da minha cabeça e dei um grande salto. Saí para o terreiro enluarado e olhei para a árvore. Vi um macaco a colher as mangas e a arremessá-las ao chão, onde se tinham juntado vários cães. Quando me aproximei do tronco endireitou-se e ficou a olhar para mim. De entre as mangas que estavam no chão, escolhi uma que me pareceu madura e lavei-a na *pila*. Depois de lavar também a faca da Paulina, descasquei-a, levei os pedaços à boca e fiquei a saboreá-la, em êxtase. O aroma, o sabor, o sumo, a textura faziam daquela uma experiência verdadeiramente multissensorial.

Aquela manga era um reflexo dos meus últimos dias ali. Outrora bela, em exposição para todo o mundo ver, tinha sido arrancada do seu galho, atirada ao chão onde rebolara no estrume e na imundície e deixada a apodrecer. E, embora tivesse ficado suja e um pouco pisada, não mudara por dentro e continuava a ter muito para oferecer, pois uma vez descascada, guardava uma inexplicável doçura por descobrir, saborear e consumir até ao último pedaço. Só havia um senão: tínhamos de estar dispostos a sujar as mãos, a senti-las peganhentas, enquanto a escolhíamos, lavávamos e descascávamos. E durante grande parte da vida raramente me dera a esse trabalho.

Esta linha de raciocínio foi interrompida por outra, uma questão que andava há algum tempo a incomodar-me. Quer encontrasse ou não o Zaul, o que faria eu a seguir? A determinada altura a busca acabaria e, quando isso acontecesse, para onde iria? O que faria e com quem? O Hack tinha morrido. Bimini não tinha nada para me oferecer. Nunca me sentira em casa em Miami e, embora tivesse nascido lá, Jacksonville não era a minha

casa. Não havia local nenhum que me atraísse nos Estados Unidos. Ninguém à minha espera. A aguardar notícias minhas. Se nunca mais aparecesse, ninguém sentiria a minha falta.

O fruto da minha vida era não haver nenhum.

Acabei de comer a manga. Trepei para o telhado de zinco, que ainda retinha algum do calor do dia e deitei-me a olhar para as estrelas e a contar os satélites que se deslocavam pelo céu.

Uma hora mais tarde desci e nunca me tinha sentido tão preenchido e tão insignificante ao mesmo tempo.

Capítulo Dezoito

O amanhecer de segunda-feira trouxe consigo o glorioso aroma do café. Segui o meu nariz e fui encontrar a Paulina e o Paulo sentados no alpendre de trás, uma área de terra batida ao lado da casa onde o telhado de zinco tinha sido prolongado como uma tenda dura suportada por dois postes. Era um abrigo da chuva e meio suadouro. Conversavam sobre o dia enquanto a Isabella dormia. A Paulina contou-me que a ideia do Paulo era dividirmo-nos em duas “equipas” enquanto a pequena estivesse na escola. Dividir para conquistar. Ele levaria a carrinha numa direção; eu e ela saltaríamos para a mota e seguiríamos noutra. Sentia que, dessa forma, cobriríamos uma área maior. Nós começaríamos no extremo norte do litoral e deslocar-nos-íamos para sul enquanto ele regressaria a León, de lá iria até à costa e depois para norte. Deste modo, cobriríamos todo o litoral e, no final da semana, encontrar-nos-íamos algures no meio. É certo que o Zaul poderia deslocar-se para zonas onde já tínhamos passado, mas, pelo menos, obteríamos informações dos locais que pudessem tê-lo visto.

Pareceu-me boa ideia. Perguntei à Paulina:

– Não se importa de ir atrás de mim na mota?

Ela sorriu.

– Já estou habituada. Ou melhor – encolheu um ombro –, estava.

O Paulo disse:

– Encontramo-nos aqui depois do meio-dia. Depois ajuda-me?

Não percebi bem o que me estava a perguntar. A Paulina esclareceu:

– Quer pedir-lhe um favor. – Calou-se por uns instantes. – Está hesitante porque não é a mesma coisa que trabalhar na apanha da cana-de-açúcar.

Voltei-me para o Paulo.

– Claro. Estou à sua inteira disposição.

O Paulo acenou e saiu enquanto a Paulina preparava a Isabella para a

escola, deixando-me a saborear o meu café. Já tinha bebido café muito bom na vida e considerava-me um conhecedor, da mesma forma que outras pessoas apreciavam vinho, mas o aroma daqueles grãos e o café resultante pareceram-me os melhores que alguma vez provara. A Lina sorriu.

– Bom, não é?

Falei sem tirar os olhos da caneca.

– Acho que nunca bebi melhor.

– Deve ser mesmo verdade. É a segunda vez que diz isso. – Levámos a Isabella à escola e, no regresso, parámos no quintal a olhar para a montanha, lá longe. Ela apontou. – Vê aquele ponto escuro abaixo da cratera, onde a vegetação é particularmente exuberante?

Fiz que sim com a cabeça. Ela colocou a mão em pala por cima dos olhos.

– Há 40 anos o meu pai andava por ali e descobriu que o lago da cratera alimentava aquela zona. Um processo de irrigação natural que depositava grandes quantidades de minerais no solo. Também encontrou café silvestre. A terra não valia muito. Ninguém a queria porque ninguém acreditava que pudesse servir para alguma coisa, mas ele não pensava da mesma forma, por isso, comprou o planalto com as poupanças de uma vida e cultivou o café. Acreditava que havia qualquer coisa especial na combinação da água vulcânica, da sombra daquelas árvores gigantes e do solo. Eu nasci alguns anos depois e, nessa época, já tínhamos plantas de café a jorrar de tudo o que era vasos e outros recipientes que não estivessem pregados ao chão. – Abanou a cabeça. – Eu própria subi aquela montanha umas mil vezes e plantei 10 mil pés de café. À mão. – Fez uns instantes de silêncio. – O que está a beber provém de algumas das plantas originais. – Sorriu. – Mas é preciso saber onde procurar e fazê-lo longe da vista.

– Roubou-o?

Ela considerou a minha pergunta.

– Como posso eu roubar o que me foi dado? – Enfiou o capacete e apertou a correia e, a seguir, pôs aos ombros uma mochila com água e comida. – O negócio correu bem. O meu pai comprou mais terras e plantou mais café. Empregava centenas de pessoas neste vale, tinha criado uma economia que afetava milhares. Se o chefe da casa lucra, a comunidade cresce, e os homens caminham de cabeça erguida porque a família tem o que comer no fim do dia. Em tempos chegou a ser o maior produtor e fornecedor de café do norte da Nicarágua. Exportávamos para

todo o mundo. Europa. África. América do Norte. Havia plantações maiores, que produziam mais, mas não eram negócios de família. – Sorriu. Os olhos dela brilhavam. – Os salários eram bons, mas o meu pai não se ficou por aqui, criou boas condições de trabalho, partilhava os lucros, construiu uma escola onde ensinava as crianças de graça, atraiu médicos à região e proporcionava assistência médica às famílias. – Riu-se. – Até assistiu a alguns partos e há mais Alejandro neste vale que em qualquer outro lado. Estas pessoas nunca tinham visto um homem como o meu pai. A bondade dele espantava-os porque eram tão massacrados há tanto tempo que tinham perdido tudo. Pior: tinham perdido o mais importante e ele devolveu-lhes isso. Amava este país, estas gentes, amava a minha mãe e amava-me a mim, mas não foi isso que lhe granjeou a reputação de que gozava. Ainda hoje se fala dele porque deu a estas pessoas algo que ninguém lhes tinha oferecido antes. Nem o governo, nem o exército, nem líderes militares, nem revoltas. – Fez um curto aceno de cabeça. – Deu-lhes esperança, a moeda de troca do amor. Por isso, admiravam-no tanto. – Tornou a abanar a cabeça, risonha. – Meteu na cabeça que se plantasse manga e café juntos, partilhariam o sabor uns com os outros, por isso, plantou centenas de mangueiras por toda a encosta e, à medida que cresciam, milhares de pés de café à sombra delas. Curiosamente, tinha razão. Se a isto juntarmos o rico solo vulcânico e a irrigação natural proveniente da cratera, o resultado é um café com notas de manga e mangas com um travo a café. Únicos no mundo. E foi o meu pai, um homem sem instrução, que abandonou a escola no terceiro dia da segunda classe, que chegou lá.

Tropecei nas palavras ao perguntar:

– O que é que correu mal?

– Duas coisas: primeiro, uma companhia americana quis comprar o negócio do meu pai por uma ninharia e, como ele não quis vender, e isto são apenas suposições, compraram a concorrência e escoaram o café a preços ridículos, inundando o mercado com café barato com o qual era impossível competir. Como não puderam comprar-nos, destruíram-nos, distribuindo o café ao preço da chuva para levar o meu pai à falência. E resultou. Sentindo-se em falta com os trabalhadores, endividou-se até ao pescoço e hipotecou a montanha para pagar e dar de comer à sua gente. Mais tarde, quando já lhe tinham espremido tudo e perdera quase 20 quilos a matar-se a trabalhar na tentativa de ressuscitar qualquer coisa do nada, veio o furacão Carlos. – A voz dela transformou-se num sussurro.

Fez um longo silêncio.

– Estávamos todos reunidos lá em casa e o papi disse que tinha de levar comida às pessoas na montanha. As poucas que restavam. Sabíamos que estavam a tiritar de frio, de fome e de medo. A mami foi com ele. Lembro-me de ficar a vê-los afastarem-se. Sabia que, para poder oferecer a comida que levava na mochila, passaria uma semana sem comer. Ele deu-lhe a mão enquanto caminhavam à chuva. Felizes. – Um curto aceno. – Lembro-me que, apesar de tantas desgraças, eram felizes. – Abanou a cabeça uma vez. – Desceram a montanha à chuva pela estrada que passava junto do poço e nunca mais voltei a vê-los. Depois só me lembro de ouvir qualquer coisa parecida com helicópteros e... o mundo ficou em pantanas. O deslizamento de terras. Durante os meses seguintes, eu, o meu marido e o Paulo tentámos salvar o que pudemos, mas imensa gente acabou por morrer. Perdemos 90 por cento dos trabalhadores da quinta. O meu marido era médico. Passámos semanas a tratar dos feridos e dos doentes. O Paulo começou a fazer caixões e a partir dos 200 perdeu-lhes a conta. A produção parou. Não nos passava pela cabeça produzir café quando tínhamos de lutar tanto para sobreviver e ajudar outros a fazer o mesmo. Havia... – fez um gesto largo que abarcou todo o vale entre nós e a montanha – morte por todo o lado. O cheiro durou semanas. A certa altura, a situação tornou-se de tal forma incomportável que tivemos de empilhar e queimar os cadáveres e as carcaças do gado para impedir a propagação de doenças. As pessoas que trabalhavam para nós não eram apenas assalariados ao nosso serviço. Faziam parte da família. Custeámos mais de 200 funerais e ajudámos a reconstruir Valle Cruces para que as famílias que restavam tivessem um teto, um sítio onde viver. Demos o equivalente a apólices de seguros de vida às famílias que tinham perdido alguém porque era o que o meu pai havia de querer. – Abanou a cabeça. – Como é que se calcula o valor de uma vida humana?

Após um longo intervalo, continuou:

– Entretanto, fiquei grávida. O Gabriel, o meu marido, queria chamar-lhe Isabella porque significa “consagrada a Deus”. Lembro-me de o ver parado num socalco não muito longe daqui a olhar para aquela enxurrada de lama de proporções apocalípticas e de o ouvir dizer que, no meio daquele inferno, tinha de haver algo ou alguém consagrado a Deus, porque a fé abandonara o vale. Trabalhava sem parar. Passava dias e dias sem dormir. Com o sistema imunitário enfraquecido, acabou por contrair o vírus que lhe atacou o revestimento do coração. Seis meses depois,

enterrámo-lo. Apenas mais uma morte num mar delas. Grávida e destrozada, ainda tentei juntar os cacos. Fui ao banco e pedi outro empréstimo, basicamente contra o bom nome do meu pai, porque só nos restava a casa da fazenda, para manter à tona da água o que outrora tinha sido o coração da Mango Café e da Cinco Padres Café Compañia. Embora partilhasse com o meu pai o amor por esta gente, não herdei a cabeça dele para os negócios. Estava desesperada, não li as letras miudinhas e, quando o banco vendeu a dívida, o novo proprietário – fez aspas no ar – cobrou a totalidade do empréstimo. Quando me ligaram do banco para me informar, tive de perguntar o que é que aquilo queria dizer. Não fazia ideia que se podia “anular um empréstimo”. – Encolheu um ombro, triste. – Executaram a hipoteca sem apelo nem agravo. Três semanas depois descemos a montanha. Tínhamos perdido tudo. Se não fosse o Paulo, não sei o que seria de mim agora. É... é alguém muito especial para mim. Para a Isabella.

Naquele momento só me apetecia enfiar-me num buraco e desaparecer de vez. Ela prosseguiu:

– A princípio, foi duro perder a montanha do meu pai, mas já lá vão 10 anos e, às vezes, a minha vida lá em cima não passa de uma memória distante.

– O que é que a levou a ficar? Porque não partir? Começar de novo noutro sítio qualquer?

– Eu adoro esta gente. Perder a fazenda mudou a forma como demonstro isso, mas não o que sinto. – Apontou uma pequena elevação no planalto verdejante que outrora pertencera ao pai. – É ali que fica o poço que o meu pai escavou. Fê-lo, ainda eu não passava de uma miúda. Mais pequena do que a Isabella. Cavava à luz de uma lamparina a óleo, a uns 100 metros de profundidade, e fazia sair a terra em baldes que ficavam suspensos por cima da cabeça dele. E é por isso que temos de confiar no homem que segura a corda. Enfim... Passava o dia inteiro lá em baixo, a cavar e a enviar os baldes para cima. Eu desprendia um da corda, carregava-o até ao jardim e, quando regressava, já o Paulo tinha outro balde para mim. À noitinha, quando começava a sentir-me cansada, farta de carregar pesados baldes de terra por cima do ombro e pedia para ir brincar com os meus amigos ou fazer outra coisa qualquer, ele escrevia-me uma mensagem e prendia-a ao balde. Eu lia-a quando chegava à superfície.

– Que dizia a mensagem?

– *Este es el amor com las piernas.* – A seguir traduziu sem ser preciso

pedir-lhe. – Isto é amor com pernas. O meu pai costumava dizer que podemos dizer a uma pessoa que a amamos até ficarmos roxos, mas temos muito que andar até isso querer dizer alguma coisa. Daí a expressão “amor com pernas”. – Fez um sorriso enorme. – Todos os dias saía daquele buraco coberto de lama da cabeça aos pés. Só se via o branco dos olhos. Quando finalmente encontrou água, o Paulo puxou-o para cima e deu à bomba enquanto ele se lavava ali mesmo. A água começou por sair castanha e lamacenta, mas, quanto mais o Paulo dava à bomba, mais pura e cristalina se tornava. Quase rebentava de orgulho ao terminar o poço, com uma tampa de cimento e uma bomba manual. Enquanto o cimento ainda estava mole, pegou num ramito e gravou na parede “Agua de mi corazón”. – Apontou com o pé. – Que quer dizer “Água do meu coração” – Soprou uma brisa quente que refrescou o suor que me escorria pelas costas. – Quando me levava à escola, passávamos por lá e ele pegava-me na mão e apontava com um sorriso de orelha a orelha. “Aquilo que ali vês é amor com pernas. Aquilo é que é amor com pernas.” Tinha orgulho de muitas coisas, mas sentia-se especialmente orgulhoso daquele poço.

– Percebo que se sinta ligada a esta gente, mas como pode viver aqui com tantas memórias dolorosas?

– Tal como o Paulo e a Isabella, sou filha da terra. É aqui que a minha alma respira. Na cidade não consegue respirar. Já experimentei.

– Na cidade podia ganhar mais dinheiro.

– O dinheiro não compra o ar de que preciso.

Não sabia o que responder a isto. A Lina contemplou o vale, a encosta do vulcão, as casas dispersas pela paisagem e continuou:

– Todos fomos afetados por guerras, furacões, secas e escassez de recursos. O resultado é uma doença. Uma epidemia chamada “desespero”. Circula pelo ar à nossa volta e o meu papel é combatê-la.

Custava-me falar. Senti-me esmagado pela enormidade da tarefa.

– E como tenciona fazê-lo?

Não olhou para mim.

– Com o antídoto.

Eu nunca tinha sentido tamanho fervor em relação a nada na vida, disso não tinha dúvidas. Perguntei, hesitante:

– Que é?

O olhar dela encontrou o meu e não vi uma gota de pretensiosismo ou derrota.

– A minha vida. – Montou a mota e esperou por mim. – O antídoto é a

minha vida. É tudo o que tenho para dar.

✱

Passei uma perna para o outro lado, com cuidado para não lhe acertar no queixo, e dei à chave. Ficámos parados em ponto morto, com o olhar perdido nas montanhas. A Lina continuou a falar por cima do meu ombro e as palavras dela faziam mover as placas tectónicas da minha vida. Não havia terreno firme.

– De tempos a tempos, ao trabalhar numa horta ou a escavar um poço encontramos outro corpo, ou um osso, ou qualquer coisa que alguém identifica como tendo pertencido a alguém que ama. Quando isso acontece, erguemos outra cruz. Fazemos outro funeral. Para tudo. Podem ter morrido há uma década, mas a dor continua bem viva. Às vezes, enquanto subo a montanha que o meu pai comprou com suor e sangue, tenho de me lembrar que ele está lá em cima a ver o meu suor misturar-se com o dele. Espero que esteja satisfeito com a minha contribuição. – Sorriu e abanou uma vez a cabeça. – Mas que sinto saudades do café dele, lá isso sinto.

Sáímos de Valle Cruces para norte e apanhámos a autoestrada principal e, depois disso, segui o dedo da Paulina por estradas de terra batida até à costa. Parámos em todos os destinos de surf, tascas e antros que encontrámos – e não eram poucos. A Nicarágua é o paraíso de surf da América Central. Falámos com alguns 10 surfistas loiros e bronzeados, com pranchas de comprimentos e tamanhos diferentes. Ninguém tinha visto o Zaul nem ouvido falar dele. Evidentemente, ainda não se tinha deslocado tão para norte.

Regressámos depois do almoço e reunimo-nos com o Paulo em casa. Eu estava impaciente por voltar à estrada, mas a Paulina lembrou-me o acordo que eu tinha com o Paulo. Procurou tranquilizar-me, assegurando:

– Nada acontece na Nicarágua entre o almoço e o jantar, a não ser uma data de sestras. Além disso... – Com um gesto, indicou o Paulo, que trazia nos braços três rolos de corda nova e um arnês de aspeto robusto.

– *Jefe*, vamos cavar?

Virei-me para a Paulina.

– *Jefe*?

– Patrão.

Apontei para as cordas.

– Ele vai enfiar-me naquele buraco, não vai?

Ela confirmou com um aceno.

– Acha que, se conseguir mostrar às pessoas que o Charlie não tem medo de descer ao poço...

– Já que não passo de um *gringo* ignorante.

– Basicamente, sim. Não terão razões para ter medo.

– Ou seja, o meu cadáver pendurado naquela corda vai envergonhá-los e levá-los a escavar o poço de uma vez por todas.

A pureza do riso dela não era como nada que alguma vez tivesse ouvido.

– É mais ou menos essa a ideia. – Encolheu os ombros. – Não é obrigado a fazê-lo. – Silêncio. – Mas... mais vale.

– O que foi feito de “não acontece nada neste país entre o almoço e o jantar”? Estava a pensar fazer uma sesta.

– Estão uns 35 graus dentro do galinheiro. Acha que consegue dormir?

Corri a corda por entre os dedos, como se conhecesse uma forma de lhe testar a resistência. Como se pegar-lhe pudesse convencer-me de que tinha força suficiente para aguentar comigo. O Paulo esticou uma secção de corda entre os punhos.

– Forte. Muito forte. Sem problema. – Agarrou-me o braço e apertou. Copiei-lhe o gesto e senti-o retesar o músculo firme sob a pele. Manteve-o assim. Um Popeye de carne e osso. – Eu segurar a corda. – Bateu no braço com a outra mão para mostrar que era forte. Não desviei os olhos dos dele.

– Seguras a corda?

– *Sí*.

– Então está bem.

Sorriu, expondo os poucos dentes que lhe restavam.

– *Vámonos* – bradou, cheio de entusiasmo, na direção da casa. – *Vámonos*.

Capítulo Dezanove

A carrinha não subiria a montanha, mas a mota sim. O Paulo montou atrás de mim e metemo-nos ao caminho. A Paulina e a Isabella acompanharam-nos na carrinha até os pneus começarem a derrapar e depois seguiram a pé. Eu disse à Paulina que estava bem e que não era preciso, mas ela abanou prontamente a cabeça.

– Está a gozar? Não posso perder isto.

Parámos à boca do poço. Por baixo, a inscrição estava gasta mas ainda legível: “Agua de mi corazón”.

O deslizamento de terras tinha arrastado a tampa de cimento e rachado a parede do poço. Ao longo dos anos tinham tentado sinalizá-lo ou impedir que as pessoas caíssem lá dentro bordejando-o de árvores. Limpámos o terreno à volta. Parei junto do buraco escuro e larguei uma pedrinha no interior. Não a ouvi bater no fundo. Ao meu lado estava a bomba da água, uma espécie de baloiço sobe-e-desce com cerca de metro e meio e um manípulo em cada ponta, ligado a um cano em PVC com 10 centímetros de diâmetro. O Paulo apontou.

– Uma vez, poço transbordar. Para cima. Para fora. Água erguer-se do chão. Depois, um dia, montanha tremer. – Por gestos, descreveu um terramoto. – Menos água. Depois, mais gente vir para a montanha. Mais café. Mais vacas. Todos gastar mais água. Precisar de mais água. Meter cano. – Imitou o movimento de alguém a dar à bomba. – Nós trazer água para cima. Água muito boa.

Havia crianças a sair do meio das árvores à nossa volta. Primeiro duas, depois mais três. Em pouco tempo formou-se uma multidão, a murmurar entre si.

O mais impressionante não era o que jazia no subsolo, mas o que crescia à superfície. A maior mangueira de toda a Nicarágua crescera em redor do poço. Literalmente. Era um portento. O Paulo indicou as copas

das árvores e as raízes sob os nossos pés, descrevendo a forma como estas últimas tinham rodeado e crescido por cima da tampa de cimento. Apontou o canto do olho, indicando os canais lacrimais. Falava um inglês fragmentado, alongando vogais curtas e encurtando as longas. Parecia mais um índio americano do que hispânico.

– Há muito tempo, árvore chorar na água. Raízes fazer muitas lágrimas. Água saber a manga. Muito, muito boa. Muito doce. – Fez um movimento agressivo, como o de uma misturadora. – Mangueira limpar água. Boa para saúde. Medicinal. Muita gente vir de longe beber aqui.

De momento, a minha preocupação não era a água nem a que sabia. Preocupava-me o arnês, isso sim. Enfie a estrutura de correias e apertei tudo. O Paulo atou a corda ao cabo entre as minhas omoplatas e coloquei a lanterna de cabeça. Ele pegou na corda e explicou, dando-lhe dois puxões:

– Eu subir. – Puxou uma só vez. – Dar mais corda. – Depois, puxou mais prolongadamente. – Eu subir imediatamente e depressa.

– Entendido.

O Paulo lançou a corda por cima da roldana enferrujada acima da minha cabeça e fê-la encaixar nos sulcos. A seguir, passou-a à volta de uma árvore próxima para produzir fricção durante a descida. Entregou-me um balde de cinco litros, que prendeu ao arnês. Passou-me para a mão um bloco de notas e uma lapiseira e disse:

– Para falarmos.

Por fim, entregou-me uma colher de pedreiro, ou uma pazinha, e um martelo e deu-me uma palmadinha nas costas, seguida de um empurrão vigoroso.

– Tu ir.

Abeirei-me da entrada do poço enquanto o Paulo esticava a corda, segurando-a junto à anca, com os restantes 120 metros cuidadosamente enrolados aos pés dele. Quando a Paulina e a Isabella alcançaram o topo da colina, perguntei-lhe:

– Vai segurar a corda, não vai?

Ele fez que sim com a cabeça. Olhou para o buraco.

– Tu, ir.

Sentei-me no arnês, testando-lhe a capacidade de aguentar com o meu peso, até ficar agachado diante do buraco. Depois, com toda a cautela, soltei um pé e depois o outro até ficar suspenso por cima da abertura, sentado no arnês como se estivesse numa rede. Agarrado ao balde, fiz sinal ao Paulo, que começou a baixar-me aos poucos. A última imagem que vi à

luz do dia foi a Paulina a olhar para mim. Falou para dentro do poço enquanto eu mergulhava na escuridão.

– Posso não ter sido inteiramente franca sobre as razões de as pessoas não quererem descer ao poço.

– Oh, não brinque...

– Pois, é que temos cá umas cobras que...

– Pare. Não quero ouvir mais nada.

– Gostam do frio.

– Está mesmo a falar a sério, não está?

Já não vi o gesto que fez, mas o tom de voz disse-me que era um sim.

– Mas não se preocupe, não são venenosas.

Senti a pele do pescoço e dos braços a arrepiar-se.

– Agora é que me diz...

Ainda bem que tinha a lanterna. Ao descer, ia revelando o trabalho diligente do pai da Paulina e o que tivera de perfurar para fazer ali o poço – quase tudo rocha. De quando em quando, havia umas reentrâncias na parede onde cabia a mão ou o pé de um homem.

Demorei vários minutos a chegar ao fundo – ou o que passara a ser o fundo a seguir ao deslizamento de terras, juntamente com o que se fora acumulando desde então. Tinha a sensação de que a base original ainda ficava a uns 30 metros. E, para meu grande alívio, antes de pousar os pés na lama seca e endurecida, procurei e não vi quaisquer cobras. O que era bom, pois não sabia bem o que faria se tivesse encontrado alguma.

Passei a tarde inteira a trabalhar, enviando para a superfície um balde cheio – numa segunda corda, mais pequena – de poucos em poucos minutos. O balde deve ter feito umas 30 ou 40 viagens de um lado para o outro. A lama estava cheia de pedregulhos, era densa e, em muitos sítios, dura como pedra. A humidade e a pressão tinham transformado a lama vulcânica numa rocha praticamente impenetrável. Fiz subir um recado, a pedir uma picareta ou algo parecido com que pudesse trabalhar num espaço tão acanhado. Mandaram-me um martelo rombo.

Levei uma eternidade a perfurar a rocha.

Ao fim de cerca de seis horas estava esgotado e o arnês começava a cortar-me as ancas e os sovacos. Tinha perdido a conta ao número de baldes que enviara para cima. Ao aproximar-se a hora do jantar, puxei duas vezes a corda e o Paulo começou a içar-me. Fiz o que pude para o ajudar escalando os pequenos “degraus” que o pai da Paulina tinha escavado na parede várias décadas antes. Quando cheguei à superfície,

tinha-se juntado uma multidão de umas 50 pessoas. A Paulina levou a mão à boca e riu-se da minha aparência. Vinha coberto de lama da cabeça aos pés. Muitos dos miúdos riram-se. Alguns fugiram com medo. Um deles aproximou-se e tocou-me, como que para determinar se era mesmo um homem ou se o diabo me tinha roubado a alma. O Paulo perguntou:

– Bom?

Fiz que sim com a cabeça. Ele deu-me umas palmadinhas no braço.

– Tu cavar forte. *Bueno*. Muita distância.

A Paulina surgiu ao meu lado.

– Como se sente?

– Um duche nunca me pareceu uma ideia tão boa.

Ela voltou a rir-se da minha figurinha.

– Muitas mulheres pagam fortunas por um banho de lama assim.

Apontei para a corda.

– A que profundidade descí?

O Paulo agitou a mão de um lado para o outro.

– Sessenta.

– E cavei até onde?

– Dois metros, dois metros e meio.

O resultado era desanimador.

– Mais pareciam 15.

A Paulina levou o Paulo e a Isabella na mota até à carrinha. O Paulo levou a Isabella a casa e a Paulina voltou para vir buscar-me.

Ao chegar à casa, vi que o Paulo tinha enchido dois baldes de água para o meu banho atrás da cortina de plástico. Um “duche” normal gastava cerca de meio balde. Acho que estava a tentar dizer-me qualquer coisa. O banho demorou 20 minutos. Ao olhar para a água lamacenta que escorria para o ralo improvisado no cimento, percebi que não era só da lama vulcânica que estava a livrar-me.

Devorei o meu arroz com feijão e devo ter comido umas 10 tortilhas, seguidas de duas bananas-pão. Ouvi uns ruídos nas traseiras e, a seguir, a Lina espreitou por detrás da porta e chamou-me com um gesto. Quando cheguei lá fora, tinha uma mão sobre uma rede esticada entre a mangueira e uma outra árvore de madeira exótica.

– Tem de aprender a baloiçar numa rede.

– Está a gozar?

Ela sorriu.

– Experimente, vá.

Eu só queria dormir, mas subi para a rede, sentei-me com uma perna para cada lado e encostei-me para trás. A Lina tinha razão. Era divinal. Ela sentou-se ao meu lado numa cadeira de plástico, a embalar-me de mansinho na rede e, pouco a pouco, senti as dores e o peso que carregava a desvanecer-se com o suave balanço da rede de lona.

Era cada vez mais difícil manter os olhos abertos, mas tinha a sensação de que havia loiça ou roupa por lavar ou outra tarefa qualquer à minha espera. Perguntei:

– Não devíamos estar a fazer qualquer coisa?

Ela apoiou os pés na orla da rede e riu-se.

– E estamos.

Não me lembrava de estar tão cansado. E há muito tempo que não me sentia tão bem.

Capítulo Vinte

A Paulina acordou-me com uma caneca de café a fumar debaixo do meu nariz e, a seguir, colocou-a na mesa ao meu lado. Disse:

– O Paulo já saiu e a Isabella está na escola. Temos de ir andando. – Olhei para o relógio. Já eram oito da manhã. Tinha dormido 10 horas.

Arrancámos na mota para retomar as buscas do ponto onde as tínhamos deixado no dia anterior. Sentia as mãos e os braços doridos de tanto cavar, como aliás quase tudo o resto. Seguíamos um trajeto paralelo à costa, quase sempre em terra batida ou junto às dunas, com o som das ondas do outro lado. Parámos em várias estações de serviço, bares, restaurantes, onde quer que alguém pudesse ter motivos para parar. Ninguém reconheceu o rapaz da fotografia. Ao meio-dia, o Paulo ligou e disse que tinha falado com o gerente de um hotel à beira-mar que expulsara cinco tipos que lhe tinham dado cabo de dois quartos e partido uma data de garrafas no terraço da piscina. Viajavam num velho Chevrolet descapotável e um deles tinha levado uma sova e andava com um olho inchadíssimo. Quando o Paulo lhe perguntou como era o rapaz, o homem descreveu o Zaul.

Almoçámos nas dunas, à sombra de uma mangueira que já não tinha uma única manga. A brisa era agradável e cheguei a passar pelas brasas. Ao acordar, avistei a Paulina a caminhar no meio das ondas com o olhar perdido na distância. Quando regressou, não disse nada. Tive a sensação de que não fazia nada assim há muito, muito tempo, e isso deixou-me a pensar. Isso e a Isabella não saber nadar.

Tirando o fio que trazia ao pescoço, a Paulina não usava adornos. Por aqueles lados poucas mulheres o faziam. É certo que custam dinheiro, que era escasso na região, mas algo me dizia que se tratava mais de uma questão cultural. O fio que ela trazia era uma corrente longa que raramente se via a menos que andássemos à procura dela. E admito que dava muitas

vezes por mim a observá-la. Usava o cabelo comprido – o que parecia ser a tendência geral. Embora as mulheres o prendessem sempre num carrapito, não o cortavam. Por regra, dava-lhes pela cintura quando o deixavam solto, depois do banho ou quando o escovavam ao deitar. A Paulina sentou-se ao pé de mim à sombra da árvore e resolvi satisfazer a minha curiosidade.

– Porque é que usa o cabelo tão comprido?

– Aqui acredita-se que o cabelo de uma mulher é a sua coroa. Onde Deus revela a sua glória.

– Então porque é que o prendem nuns carrapitos tão apertados que vos puxam as orelhas para trás?

Ela riu-se.

– Porque aqui faz muito calor e tanto cabelo no pescoço só piora as coisas.

– A função acima da estética.

Mais risos.

– Mais ou menos isso.

– E joias, ou bijutaria? Não se vê nada disso por aqui.

– Somos ensinadas de pequenas a não dar nas vistas. A deixar sobressair a nossa beleza natural. Não tentar melhorar o que já de si é perfeito, pois foi criado por Deus.

Apontei para o fio.

– E isso?

Ela sorriu.

– Isto é a exceção à regra.

– Já tinha reparado.

Ela colocou na palma da mão o seixo polido que pendia da corrente.

– Uma noite, no fundo do poço, ao fim de meses a escavá-lo e começando a pensar que nunca encontraria água, o meu pai achou duas pedrinhas lisas. Quando lhes pegou, viu brotar água da terra. Só têm valor para nós, mas ele mandou-as engastar. As correntes são em ouro da Nicarágua. Ofereceu uma à minha mãe e deu-me a outra a mim. Desde então, nunca a tirei, já lá vão mais de 30 anos. Com a minha mãe, era igual. Não tem qualquer valor, mas para mim é preciosa. – Cruzou as pernas e fez uma expressão de curiosidade.

– Fale-me de si. De como veio aqui parar. Do seu trabalho, do que faz quando não está aqui.

– Nos meus tempos de universitário ganhava a vida nas mesas de

póquer, mas, quando percebi que havia gente melhor do que eu, troquei as minhas fichas e meti o dinheiro ao bolso.

– Esperto.

– Com isso chamei a atenção de um homem que administrava uma firma de capitais de risco. Passei algum tempo no mundo da alta finança, mas acabei por ser despedido por não querer alinhar no jogo do patrão.

– Porquê?

– Digamos apenas que não lhe bastava ser dono do meu tempo.

– O que é que fazia para ele?

– Viajava imenso. Calculava o valor das empresas, para tentar perceber em quais valia a pena investir e quais era melhor desmantelar e vender por partes, dependendo do que lhe rendesse mais dinheiro.

– Ganhava bem?

– Podia ter ganhado, mas ele ficou com tudo quando deixei a firma.

– Parece haver aí uma história.

– Mais ou menos.

– Alguma vez trabalhou fora dos Estados Unidos?

– Sim.

– Onde?

– Europa. As ilhas. Ásia. América Central, também.

– Já cá tinha vindo? À Nicarágua?

Desviei os olhos com descaso.

– Não.

– Como é que foi parar a Bimini?

– Quando deixei a firma, andei uns tempos ao Deus-dará. Até que dei por mim num barco de pesca de camarão que ia para Bimini, onde remodelei uma cabana e comecei a trabalhar com um velhote que fazia esquifes de madeira por encomenda. Construíamos uns dois por ano.

– Percebe de carpintaria?

Respondi com um aceno.

– Aparentemente, tenho jeito para a coisa.

– Um autêntico homem dos sete instrumentos.

– Quanto a isso, não sei. – Não me sentia à vontade a falar sobre mim, por isso, tentei despachar a conversa. – A partir daí também ajudei a organizar expedições de pesca à...

– Também era guia de pesca?

– Nada de extraordinário em Bimini. O peixe é bastante previsível.

– O Charlie começa a tornar-se interessante.

– Conheci o meu atual sócio quando ele veio pescar à ilha. Contou-me que a família tinha um negócio de importações e disse-me que, se alguma vez eu quisesse ou estivesse a precisar de um emprego, punha-me a trabalhar. Por isso, encarregou-me da logística e do transporte das importações. Sobretudo aquisições e entregas.

– Uau, tantas palavras caras – disse ela, sorridente. – O que é que importavam?

– Vinho e bebidas destiladas, sobretudo. Ultimamente começou a expandir-se para o azeite.

– Alguma vez foi casado?

– Não.

– Mas porquê? – continuou ela, na brincadeira. Cada vez mais à vontade comigo. – Não parece má pessoa. Usa desodorizante, traz as unhas cortadas e não lhe vejo muita comida nos dentes.

Esfreguei os dentes da frente na camisa.

– Podemos falar de si durante um bocado?

– O quê, agora que o Charlie se estava a tornar tão interessante?

– Receio que a parte interessante já tenha acabado.

– E o seu amigo, o Zaul?

A pergunta tinha implicações profundas.

– O que é que tem?

– De que tipo de miúdo é que estamos a falar?

– Tem telemóvel e cartão de crédito desde que começou a gatinhar. Os pais estragaram-no com mimos, por isso, não tem qualquer sentido de responsabilidade. Além do mais, como cresceu no mundo dos super-ricos e das elites sociais, tem uma noção um tanto deturpada da realidade.

– Parece uma receita para o desastre.

Apontei para o San Cristóbal, que fumegava ao longe.

– Nem mais.

– Porque veio ele para cá?

– Isso não sei, mas a família tem uma casa na Costa Rica e ele conhece a cena do surf na região.

– Porque o mandaram a si? Porque não veio o pai?

– Está muito curiosa.

Ela sorriu, mostrando uma dentadura imaculada que filtrava o riso irreprimível. O problema aqui era satisfazer-lhe a curiosidade sem revelar demasiada informação e sem me aproximar de mais da verdade.

– O Zaul saiu de casa quando a irmã foi parar ao hospital. Sente-se

responsável por isso e acredita que os pais pensam o mesmo.

– E é?

– Em última análise, não. Mas foi por isso mesmo que eu vim. O pai não conseguiria convencê-lo do contrário.

– E você consegue?

Encolhi um ombro.

– Não sei, mas tenho mais hipóteses do que o Colin. Se há alguém a quem o Zaul ainda dá ouvidos, esse alguém sou eu. O que não deixa de ser um grande “se”.

– Mais uma pergunta?

– Força. Hoje está com a pedalada toda.

Palpitava-me que a Lina tinha estado apenas a lançar o isco, com uma série de perguntas mais ou menos inconsequentes até chegar ao que queria mesmo saber. À pergunta que andava há dias a querer fazer-me. Os olhos dela diziam-me que tinha chegado o momento.

– Quando o encontrar, como é que sabe que ele volta consigo?

Era uma questão pertinente. Andava há algum tempo a perguntar-me o mesmo.

– Não sei.

O olhar dela não vacilou.

– E, no entanto, está aqui. – Era uma pergunta em tom de afirmação.

– Sim.

– O que leva um homem a tentar algo que sabe ser praticamente impossível?

Respondi, esperando que a coisa pudesse ficar por ali.

– Adoro o miúdo.

Não tive essa sorte, porém.

– Aposto que o pai dele sente o mesmo. – Calou-se por uns instantes, a observar-me com atenção. – Se o conhecesse melhor, diria que está a esconder-me alguma coisa.

Era extremamente intuitiva em relação às pessoas e estava a ler-me como um livro aberto. Havia nela uma meiguice que me atraía. Mais do que isso: agradava-me ser desvendado e, pela primeira vez na vida, havia alguém que me conhecia a fundo. Não estou a dizer que me agradava o que ela sabia sobre mim, não me orgulhava de nada, mas de alguma forma ela estava a pôr-se na minha pele e, no entanto, eu não sentia vergonha ao olhar para esse reflexo. Optei por fugir à questão.

– Não custa tentar.

Não sei se a resposta a satisfez ou se apenas suscitou mais perguntas, mas durante o resto da viagem limitou-se a observar-me, estudando o meu rosto e não disse mais nada.

Capítulo Vinte e Um

Regressámos a casa a tempo de ir buscar a Isabella à escola. Eu e o Paulo carregámos rapidamente a carrinha e voltámos ao poço, onde ele me deu uma palmadinha nas costas e voltou a baixar-me até ao fundo com um sorriso que dizia mais do que mil palavras. Antes de saltar do muro baixo, suspendendo-me acima da boca do poço, já se tinha juntado uma multidão. Miúdos. Velhos. E não parava de crescer. O Paulo disse:

– A notícia espalhou-se. O *gringo* a escavar o poço do Alejandro.

Trabalhei toda a tarde como um robô, a encher baldes de terra e a martelar a lama seca e a rocha o mais que podia num espaço tão acanhado e com tão pouca liberdade de movimentos. A luz da lanterna começava a fraquejar e eu também. Entre a cana-de-açúcar, o calor opressivo e o poço, não faltavam razões para andar esgotado.

Por volta da hora do jantar – ou, para ser sincero, quando já não tinha forças para levantar o martelo nem mais uma vez, puxei a corda duas vezes e o Paulo içou-me até à superfície, onde me recebeu com umas palmadinhas de aprovação nas costas. Tinha sido um dia produtivo. Avançara mais três metros e meio.

A seguir ao jantar, o Paulo transmitiu-me a informação que eu lhe tinha pedido e ainda me disse que tinha conseguido reservar-me um lugar à mesa. Não falei com a Paulina antes de sair, sabendo que a atitude reprovadora dela iria afetar a minha concentração.

Cheguei a León três quartos de hora depois e dei umas voltas até encontrar o restaurante onde o jogo se iria realizar. O La Playa era um restaurante sofisticado na zona nobre da cidade: toalhas brancas, empregados com camisas engomadas, tudo. Incluía um salão privado nas traseiras a que se acedia por umas escadas. Estacionei a mota debaixo dos degraus e reparei na HiLux do Colin estacionada nas sombras ao correr da vedação. Subi as escadas e fui parado por um jovem de fato e óculos

escuros, totalmente desnecessários às nove da noite. Apontou para a frente do restaurante sem abrir a boca. Disse-lhe:

– Póquer? Cartas? – E aponte para a porta atrás dele.

– *Su nombre?*

– Charlie.

Ele estendeu uma mão e disse:

– Cinco mil.

Passei-lhe cinco mil dólares para as mãos.

Ele acenou, satisfeito, e desviou-se para o lado. Entrei na divisão cheia de fumo e deparei-me com sete homens sentados à roda de uma grande mesa. Havia duas mulheres em trajes reveladores a servir bebidas e uma terceira sentada ao colo do maior pavão ali presente. O capataz, aparentemente. Ainda eufórico com os ganhos da semana anterior, regressara todo inchado como um herói conquistador. Não sabia nada sobre a perícia dele ao póquer, nem se seria bom a fazer batota, mas aquela arrogância jogava em meu favor. Estava ali para obter duas coisas: informações sobre o Zaul e a carrinha do Colin.

Como eu era o “novato” e praticamente não falava espanhol, os clientes habituais cumprimentaram-me com um aceno de cabeça e continuaram a conversar somente em espanhol. Eu era um alvo fácil e os lobos tinham farejado sangue fresco.

Fiz-me de burro e entrei logo a perder, encarnando na perfeição o estereótipo do *gringo* ignorante. O álcool jorrava a rodos, reinava a boa disposição e, durante três horas, tal como muitos dos outros, perdi vários milhares de dólares. Nenhum dos presentes se distinguia particularmente ao póquer, mas o capataz era um batoteiro de primeira apanha e, por isso, os outros perderiam de qualquer das formas.

Ao fim de algumas horas de jogo o capataz já nadava em fichas e as três “raparigas” revezavam-se ao colo dele ou a massajar-lhe os ombros. Um a um, com alguma ajuda da minha parte sem que ele desse por isso, os restantes jogadores foram abandonando a mesa. Mais tarde vim a saber que um dos homens era o chefe da polícia e outro o presidente da câmara. À meia-noite o grupo de jogadores estava reduzido a três: eu, o capataz e o dono do restaurante, que era o maior perdedor da noite, mas estúpido ou orgulhoso de mais para o bem dele.

A certa altura dei-me conta de que estavam a falar de mim e, pareceu-me, a comparar-me com outro jogador, presumivelmente o Zaul. Se esperava obter informações tinha perdido o meu tempo, pois o inglês deles

era tão escasso como o meu espanhol. Mas ainda podia recuperar a carrinha.

Por volta da uma da madrugada parei de perder fichas, encostei o dono do restaurante à parede e saquei-lhe tudo o que tinha em três mãos. O capataz observava-me disfarçadamente, mas, por esta altura, tinha bebido tanto que já tinha as ideias turvas. E, embora fossem menos os jogadores à mesa, ninguém abandonara o salão. Todos tinham perdido parte ou a totalidade dos cinco mil, por isso, não havia ninguém com pressa de chegar a casa. O que queria dizer que o jogo tinha agora 11 espectadores: o croupier, seis desistentes, as três raparigas e o brutamontes à porta. Quando limpei o dono do restaurante, o capataz passou a beber água e pediu um trapo húmido.

Às duas da madrugada estávamos empatados e, meia hora depois, o meu rival nadava num mar de incertezas. Eu tinha o dobro das fichas e ele estava a suar as estopinhas apesar do ar condicionado. Perto das três da manhã, aumentei a pressão. O capataz apostou tudo e a minha sequência bateu-o na última carta quando o croupier serviu um rei.

Vencido, envergonhado e de bolsos vazios, semicerrou os olhos e amaldiçoou-me. Sorri – o que só serviu para o deixar ainda mais furioso, mas era mesmo essa a intenção. Se queria que arriscasse a carrinha tinha de o fazer perder a calma.

Converti as minhas fichas junto do croupier, enfiei o grosso maço de notas no bolso e levantei-me como quem se prepara para ir embora, ignorando o capataz por completo. Quando o fiz, ele encostou-se para trás na cadeira, bateu com o copo vazio na mesa e falou de modo a ser ouvido por todos. Não percebi o que disse, mas tinha todos os olhos postos em mim. Ele repetiu, ainda mais alto:

– *Doble o nada.*

Embora não fosse difícil adivinhar o que o capataz pretendia, encolhi os ombros como se não fizesse a mais pequena ideia.

– *No hablo español.*

O brutamontes deu um passo em frente.

– O dobro ou nada.

Deixei escapar uma gargalhada de troça, sempre de olho no capataz.

– Com quê? – Dei umas palmadinhas no bolso. A mensagem era óbvia, tinha-lhe ficado com o dinheiro todo.

Não querendo ficar mal visto e desesperado por um último golpe de sorte – que não ia conseguir –, o capataz olhou em redor para ter a certeza

de que tinha a atenção de todos e sacou do bolso a chave da carrinha, que lançou para cima da mesa com grande pompa. Era a sua forma de me desafiar para um duelo e conseguiu o que queria – ser o centro das atenções. Um a um, os outros foram aproximando as cadeiras da mesa, com os olhos fixos em mim.

Encolhi os ombros como se ignorasse a que veículo pertenciam. Dando a entender que não tinha ouvido as histórias, que desconhecia a fama do meu rival. Apontei para as chaves e abanei a cabeça na direção do parque de estacionamento, como se não soubesse. O capataz fez um gesto ao segurança e este abriu a porta, desceu as escadas e ligou a ignição da HiLux. Quando regressou, perguntei:

– Quanto vale?

O brutamontes olhou para o meu bolso.

– Tudo.

Por acaso não valia, mas não discuti com ele. Quanto maior o risco, melhor, pois não só estava prestes a tirar a carrinha ao capataz, mas também a arruinar-lhe a reputação – e, conseqüentemente, a destruir o poder dele.

Cheirava-me que ele tinha subornado o croupier. A coisa tinha-lhe corrido bem de mais. O que queria dizer que o *flop*, o *turn* e o *river*, as cartas comunitárias, iriam “dizer-me” com que mão pretendia jogar.

Mesmo antes de o croupier começar a distribuir as cartas, agitei a mão e disse:

– Não. – Virei-me para o dono do restaurante. – Dá você as cartas?

Sabia que o homem não estava nada contente comigo, mas também não estava contente com o capataz, por isso, não tinha motivos para não ser imparcial. O capataz tinha uma veia saliente na testa que latejava como um balão prestes a rebentar, mas, para salvar o orgulho, não reagiu.

Como as apostas já estavam feitas não havia razão para passar, mover as fichas, nem subir as apostas. Ambos sabíamos o que estava em jogo. Toda a gente à volta da mesa sabia. O dono do restaurante deu-nos duas cartas a cada um e depois mostrou o *flop*, um rei de ouros, e fez uma pausa. A seguir veio o *turn*, um quatro de espadas, seguido de uma pausa ainda maior. Finalmente mostrou o *river*, um ás de copas. O suor escorria do sobrolho carregado do capataz. Quando viu a terceira carta, sorriu, exibindo os dentes manchados e os olhos injetados de sangue. Tinha sido uma longa noite e estava prestes a tornar-se ainda mais longa. Aliviado, encostou-se para trás na cadeira e acendeu um charuto, puxando

demoradamente e enchendo o ar à nossa volta de fumo. Como era inútil fazer bluff calculei que tivesse pelo menos um par de ases.

Sorte a dele.

O croupier pediu para ver as nossas mãos e, com uma lentidão teatral, o capataz depositou na mesa um sete de copas e um ás, o que dava ao meu feio amigo um par de ases.

Uma excelente mão, realmente. Mas previsível.

Não tirei os olhos do capataz porque queria ver a reação dele, mesmo num jogo manipulado de terça-feira à noite.

Quando pus as cartas na mesa – rei, ás –, ele empalideceu e começou a cuspir veneno, pois dois pares vencem sempre um par. Não percebi as obscenidades que lhe saíam da boca, mas algo me dizia que estava a amaldiçoar-me a mim e às cinco ou seis gerações que me precediam.

Apoderei-me das chaves, lançando-lhe um último olhar, e meti-as ao bolso. O tipo até espumava da boca. Não tinha contado os meus ganhos, mas oito jogadores com cinco mil cada um dava 40 mil mocas. Querendo pôr mais lenha na fogueira, tirei o grosso maço de notas do bolso e separei 10 mil dólares – o dinheiro com que eu e o capataz tínhamos começado. Isto chamou a atenção de todos os presentes e ficaram estupefactos quando entreguei 30 mil ao dono do restaurante e lhe disse que “devolvesse o dinheiro a todos menos a ele”. Curiosamente, o inglês deles melhorou como que por artes mágicas, pois perceberam exatamente o que eu disse.

O capataz levantou-se, atirou o copo contra a parede e saiu numa fúria – sem qualquer uma das raparigas. Acho que a maré de sorte dele tinha chegado ao fim e ele sabia-o. Eu não era ingénuo a ponto de pensar que tinha feito amigos naquele salão, mas também não eram meus inimigos e aposto que, se me tivesse apetecido jantar, o dono do restaurante tê-lo-ia preparado.

✱

Quando encostei às traseiras da casa com a mota na caixa da carrinha e estacionei ao lado do galinheiro, vi surgir uma sombra dos lados da mangueira. Era a Paulina. Tinha estado sentada numa cadeira de plástico, encostada à árvore. Afastou o cabelo dos olhos e prendeu-o à pressa num carrapito.

– Presumo que tenha ganhado.

– Sim.

Ela correu os dedos pelas laterais da carrinha.

– O capataz estava lá?

Fiz que sim com um aceno de cabeça.

– Fê-lo passar vergonha?

Hesitei.

– Sim.

Ela aproximou-se.

– Sair com o rabo entre as pernas?

Inclinei a cabeça para o lado.

– Podemos pôr as coisas nesses termos, sim.

– Isso pode ser mau para as pessoas que trabalham para ele. – Uma das qualidades que mais apreciava na Paulina, do pouco que a conhecia, era a garra com que protegia aqueles que amava. – Havia mais gente?

– O dono do restaurante onde jogámos, o chefe da polícia e o presidente da câmara, entre outros.

A Paulina abanou a cabeça.

– Charlie, as pessoas sabem que está aqui. – Parecia exasperada. – Dá muito nas vistas. O capataz e outros como ele não hesitarão em descarregar em nós todo o mal que lhes fizer. Há consequências. Não pode humilhá-los desta maneira.

– Então não deviam pôr-se a jeito.

– Está a aproveitar-se deles.

Não respondi.

– Fez batota?

– Não, tive sorte com as cartas. Mas tê-lo-ia feito sem pensar duas vezes.

– Descobriu mais alguma coisa sobre o Zaul?

– Não.

Ela abanou a cabeça e entrou em casa.

– Daqui a poucas horas vai ser de dia.

Capítulo Vinte e Dois

Ao contrário da maioria das mulheres que conhecia, a Paulina não possuía muitas peças de vestuário e o que tinha usava vários dias seguidos. Tanto quanto me era dado ver tinha três pares de sapatos: umas sapatilhas velhas, um par de chinelos de dedo reparados com fita-cola e um par de sandálias que também faziam as vezes de “calçado formal”.

Voltou a acordar-me com uma caneca de café e um sorriso. Chinelos de dedo e o vestido do dia anterior. Pousou o café e chegou uma cadeira à cama.

– Quer contar-me o que se passou durante o jogo ontem à noite?

Sentei-me na cama e esfreguei os olhos. Tendo em conta a nossa última conversa, não sabia bem onde é que ela queria chegar, por isso, preparei-me para revelar o mínimo possível. Ela continuou:

– Omitiu alguns detalhes...

– Tais como?

Cruzou as pernas.

– Que ganhou tudo e depois devolveu o dinheiro aos perdedores. Menos a um.

Beberriquei o café, evitando o olhar dela. A Paulina pôs-se de pé.

– Diz-se por aí que é doido varrido.

– E a Paulina, o que acha?

– Acho que tem razões que a razão desconhece.

– Não estou a tentar aproveitar-me desta gente, Paulina. Só quero encontrar o Zaul.

Ela fez um aceno de cabeça.

– Podemos estar mais perto do que julga. – Saiu, falando por cima do ombro, entre risos. – Esta manhã vieram entregar-nos o pequeno-almoço à porta.

Passei água na cara e entrei na cozinha, onde encontrei o Paulo com a

sua chávina de café, todo sorridente. Apontou para duas sacas no chão e uma gaiola do lado de fora da casa de onde se ouvia cacarejar. Uma das sacas vinha cheia de mangas e a outra vinha cheia de café. A gaiola continha uma dúzia de galinhas. A Paulina apontou. Não cabia em si de contente.

– Galinhas poedeiras. – O rosto dela iluminou-se. – Sabe há quanto tempo não temos galinhas? Isto significa ovos! Todas as manhãs!

Esfreguei os olhos mais uma vez.

– De onde veio tudo isto?

– Dos seus amigos na plantação de café.

– O quê?

A Paulina veio ter comigo – invadindo o meu espaço pessoal –, pousou-me uma mão no ombro e beijou-me no rosto com ternura. O Paulo continuou a acenar e sorriu ainda mais.

– Para que foi isso?

Ela explicou:

– O capataz não foi trabalhar esta manhã. Consta que era um batoteiro do pior e alguém o desmascarou. Como enganou vários oficiais de alta patente, o mais certo é nunca mais voltar a dar a cara.

– E o que é que isso tem a ver comigo?

– As condições de vida e de trabalho na plantação dependem do capataz. Se ele espirra, a plantação inteira apanha uma constipação. Se sorri, todos riem com ele. Se desaparece, respiram de alívio e festejam.

✱

Deixámos a Isabella na escola e continuámos para oeste até à costa na carrinha do Colin. Ia o Paulo a conduzir. A Paulina inclinou-se para a frente no banco de trás e segredou-me:

– Há muito tempo que não o via tão feliz.

Passei os meus Costas ao Paulo, que os aceitou e usou com orgulho.

Chegámos a uma enseada na praia onde várias agências transportavam surfistas até aos recifes ao largo da costa, onde frequentemente se apanhavam ondas de seis metros em condições ideais. Como as do dia anterior. Havia palmeiras aqui e ali nas dunas e entre duas delas uma velha rede esfarrapada a baloiçar-se ao sabor da brisa. Aproximámo-nos de um americano – pele e osso, cabelo comprido e queimado do sol, pés descalços em cima do tabliê – sentado numa velha Ford com oito pranchas de surf de

vários tamanhos no suporte do tejadilho. Estava entretido com um livro de bolso. A rádio passava Led Zeppelin. A vida corria-lhe bem, mas o negócio andava fraco. Saltou da carrinha quando nos viu a chegar.

– Posso ajudar-vos? – perguntou. Mostrei-lhe a fotografia do Zaul.

– Viu este rapaz?

Ele estudou-a e, por fim, fez que sim com a cabeça.

– Vi. Ontem.

– Onde?

O tipo apontou para a rede.

– Ali.

– Falou com ele?

O americano negou com um gesto.

– Não. Saí com os quatro que vinham com ele – apontou na direção do recife –, durante umas horas. Ação brutal. Épico.

– Não foi com vocês?

– Não, ficou ali. – Levou a mão ao peito. – O bacano ‘tava aleijado. Espatifou-se, ou assim. Vinha a coxear. Népia surfar naquele estado.

– Há mais alguma coisa que me possa dizer sobre ele?

O tipo riu-se.

– Sim. Quando voltámos, tinha desaparecido.

– Onde foi?

– Não faço a mínima. Os amigos também não sabiam. Pareciam contentes por se terem livrado do bacano. Não morriam de amores por ele.

Aquilo queria dizer que a fonte tinha secado.

– Sabe onde ficaram alojados?

Ele abanou a cabeça.

– Lamento.

Desloquei-me até à rede e, embora não tenha encontrado nada que pertencesse ao Zaul, vi que havia sangue entranhado no tecido e também uma crosta do lado direito da rede. E não era pouco. O Paulo passou os dedos pelo sangue e cheirou-o. A Paulina fez uma expressão preocupada, mas não disse nada. Percorremos a costa até à hora do almoço, mas não descobrimos mais nada. A Paulina ligou para o hospital em León, mas nenhum paciente que correspondesse à descrição do Zaul ou com o mesmo tipo de ferimentos tinha dado entrada no hospital.

Ao almoço, regressámos a casa. Sentia-me desanimado, sabendo que nada podia fazer para ajudar o Zaul. Deslocámo-nos na carrinha do Colin até à plantação, onde fomos recebidos por uma multidão sorridente. Havia mais de 100 pessoas à espera na fila. A Paulina voltou-se para mim.

– Parece que arranjou um clube de fãs.

– Porquê?

– Todos querem conhecer o homem que fez ao capataz o que sempre desejaram fazer-lhe.

– O quê?

– Humilhá-lo.

A Paulina começou a examinar os doentes na fila e, enquanto isso, o Paulo desenrolou a corda e estendeu-me o arnês. Apertei tudo muito bem e desci para o buraco, onde passei a tarde a cavar, preocupado com o Zaul e a perguntar-me como diria à mãe que o tinha encontrado morto numa valeta, ou pior, que não o tinha encontrado sequer.

O Paulo puxou-me para fora do poço ao cair da noite e descobri que, em vez de diminuir, a multidão tinha aumentado, empunhando archotes que iluminavam a noite. A Paulina estava a conversar com uma jovem mãe e a embalar um bebé que dormia. Quando saí do poço, aproximaram-se. O Paulo deu-me as costumeiras palmadinhas nas costas e mostrou-me a corda. Quatro metros e meio. Acenou.

– Bom trabalho.

Enquanto a multidão observava a uma distância segura, a Ana Julia, a mulher a quem eu tinha arrancado um dente na semana anterior, chegou ao pé de mim com um grande sorriso desdentado, colocou-me um rebuçado na palma da mão, apertou-me os dedos à volta dele e deu-me uma palmadinha na mão.

Como não queria sujar a carrinha do Colin, saltei para a caixa enquanto o Paulo fazia inversão de marcha. Quando se preparava para arrancar, as pessoas começaram a entrar ou a subir para o veículo. Um após outro, os homens apertavam-se na parte de trás ao pé do *gringo* enquanto as mulheres mais velhas e as mães com bebés de colo subiam para o banco traseiro. Quando o Paulo começou a descer a estrada da montanha, havia nove mães na cabina com ele e 18 homens comigo na caixa, de pé ou sentados onde calhava. Todos a conversar animadamente comigo em espanhol – sem que eu entendesse uma única palavra. O que entendia, e interpretava na perfeição, era o riso da Paulina no banco da frente.

Quando estudava em Londres, eu e a Amanda fomos passar um fim de semana a Viena para ouvir os Três Tenores. Em particular, Pavarotti. Não que fosse grande fã de ópera, mas, quando aquele homem cantava “Nessum Dorma”, algo em mim, adormecido desde sempre, respondia ao chamado. Despertava. Quando ele soltava aquele último dó agudo a plenos pulmões, nascia no meu íntimo uma vontade imensa de libertar a voz embora um gato a arranhar um vidro produzisse um som mais agradável. Sentia ganas de subir ao palco e dar-lhe com a alma. Juntar-me àquele portento, unir a minha voz à dele. Não que pudesse ter acrescentado alguma coisa. Longe disso. Só teria arruinado o espetáculo, mas não é essa a questão. A questão é que quis fazê-lo e esse querer resultava do impacto que aquela voz e aquela melodia tinham no meu espírito. Com a Julie Andrews acontecia o mesmo e talvez fosse por isso que *Música no Coração* nos dissesse tanto a mim e à Maria.

Só senti essa emoção uma outra vez na minha vida e foi enquanto descia da montanha na caixa daquela carrinha, coberto de lama vulcânica e rodeado de nicaraguanos suados que não entendia, a ouvir o riso mais belo que alguma vez conheci.

Se alguma vez um coração cantou de alegria, foi o dela. Ali. Naquele momento.

Nunca tinha chorado na vida, tanto quanto me lembro. Posso ter deixado escapar uma lágrima ou duas, mas chorar a sério, com lágrimas que jorram de um coração sentido, nunca. Não chorei quando o meu pai morreu, nem quando perdi a minha mãe. Não chorei quando rompi com a Amanda, quando o Hack morreu, nem quando a Shelly me deixou. Nem sequer chorei quando a Maria gritou por mim da cama do hospital. Nunca, mesmo. A parte de mim que era capaz de sentir, onde a alma e as emoções se cruzavam, tinha sido desligada da parte que reagia. Para chorar, tinha de me dar às emoções livremente e isso nunca tinha acontecido.

Não até àquela viagem montanha abaixo.

Quer fosse por me sentir impotente em relação ao Zaul, à Maria, ao Hack, à Shelly, ou ao vazio que se tinha apoderado da minha vida... Deixei-me levar, banhado pelo luar, com o vento no rosto, e uma cascata de lágrimas a escorrer-me pelas faces. Não lhes chamaria lágrimas de alegria nem de pesar. Não sei o que lhes chamar. Só sei que resultavam de uma reação emotiva. Traziam consigo um sentimento ou uma emoção que envolvia alguém além de mim. A prova está na origem. Não caíram da minha cabeça, mas sim do meu coração.

Há uma grande diferença.

Percorri aqueles gloriosos 10 quilómetros entre homens que precisavam urgentemente de um banho e desodorizante, mas, para ser sincero, não sei se o que me chegava ao nariz era o meu cheiro ou o deles. Curiosamente, nem pensei no assunto. Não me distinguia dos restantes. O que me abalou foi uma sensação que provavelmente nunca tinha experimentado: senti-me limpo, finalmente. Aqueles momentos em andamento banharam-me em risos, luar, nas minhas próprias lágrimas e no assombro de perceber que, talvez, o meu coração morto, frio e estéril não fosse afinal assim tão frio e estéril como sempre acreditei. O banho que se impunha – aquele que o meu coração pedia, capaz de desfazer o negrume – não requeria água de fontes externas, da que vem canalizada ou em baldes, ou em que mergulhamos, mas da que mana de uma fonte interna.

A minha vida era um deserto do tamanho do Saara mas, naquele momento, na parte de trás daquela carrinha no sovaco da Nicarágua perguntei-me – pela primeira vez – se não haveria um rio a correr bem dentro de mim.

Se assim era, a água que havia de me lavar não viria da cabeça, onde aprendera a justificar a minha indiferença. Seria, isso sim...

Água do meu coração.

Capítulo Vinte e Três

A euforia da noite desvaneceu-se na madrugada seguinte quando a Paulina me acordou a chorar. Olhei para o relógio. Eram 3:17. Ela disse-me:

– Importa-se de me levar lá acima? É o Roberto. Está... – Não conseguiu concluir a frase.

Saltei da cama.

– Claro.

O Paulo pediu a uma vizinha para olhar pela Isabella, que dormia, e deslocámo-nos os três à plantação na carrinha do Colin. Meia hora mais tarde, entrávamos no quarto do Roberto, onde decorria uma vigília. Havia velas acesas e, por entre os sussurros, ouvi cânticos. Etéreos, angelicais. As vozes das mães e de muitas das crianças. As mulheres traziam lenços a cobrir a cabeça.

Deixei-me ficar para trás enquanto a Paulina e o Paulo se aproximavam de mansinho por entre a multidão. Uma mulher sentada ao lado do Roberto abanava um leque enquanto outra o embalava na rede. Estava pálido sob a luz fraca, de olhos entreabertos. A Paulina atou um lenço à volta da cabeça e entrou no quarto com o Paulo, mas não eram os únicos. A morte também lá estava.

A Paulina ajoelhou-se à beira do moribundo e pegou-lhe na mão. O lado direito do rosto dele iluminou-se por instantes. Noutras circunstâncias aquilo seria um sorriso. Tinha a roupa e a pele enxutas. Sem mover a cabeça, ergueu a mão direita e chamou-a. Ela inclinou-se e encostou a cabeça ao peito dele e ele pousou-lhe a mão na cabeça. O movimento roubou-lhe as forças e ficou alguns minutos a recuperar o fôlego. Por fim, sussurrou-lhe ao ouvido. A Paulina acenou, a chorar e a tentar sorrir ao mesmo tempo. Ele voltou a segredar-lhe qualquer coisa. Ela chorou ainda mais e a dor apagou-lhe o sorriso. Levantou a cabeça com as

lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. O Roberto tocou-lhe na testa com o polegar, fazendo o sinal da cruz. Três vezes. Inconsolável, a Paulina afagou-lhe a cabeça mirrada entre as mãos e beijou-lhe a testa e o rosto. Quando o fez uma última vez o velho relaxou, expirou e morreu. Com a mão entre as dela.

A Paulina ficou a abraçá-lo durante vários minutos enquanto a multidão continuava a cantar. Enterrou a cabeça nas mãos e chorou compulsivamente. Os gritos angustiados ecoavam pela divisão e tive a sensação de que algo além do sofrimento pela morte do Roberto lhe saía do corpo.

Alguns minutos depois, o Paulo ajudou-a a pôr-se de pé, lado a lado com os restantes a murmurar um cântico triste. Quando terminaram, alguém cobriu o corpo com um lençol sujo e esfarrapado e, em silêncio, foram saindo um a um da acanhada divisão.

No exterior, o Paulo pediu-me:

– *Mi hermano...* – Procurava as palavras certas. – Por favor, posso conduzir? – Apontou para a Paulina. – Ela pede-te para caminhar.

Dei-lhe as chaves da carrinha e segui a Paulina a pé. Ela caminhava com os braços apertados em redor do corpo como se sentisse frio embora a noite estivesse quente. Acompanhei-a em silêncio, procurando desviar-me dos pedregulhos que era difícil distinguir na noite de lua nova. Ela transpirava e a blusa empapada colava-se-lhe às costas. Durante os primeiros quilómetros, não disse nada. A meio do caminho parou, olhou para mim e, a seguir, para o Las Casitas, ao longe. Hesitante. Abanou a cabeça, com as lágrimas a secar-lhe no rosto, ainda a escorrer lentamente uma após outra a intervalos de poucos segundos, pendendo-lhe do queixo ou do canto dos lábios antes de cair. Parecia nem dar por elas.

À nossa volta, nas árvores, os papagaios e os macacos saudavam a primeira luz do dia com uma cacofonia de sons e atividades matinais. A Paulina não pôde ou não quis falar até estarmos a poucas centenas de metros de casa. Por fim, após 10 quilómetros de silêncio, encarou-me com uma expressão torturada. Disse:

– Pergunto-me se poderia fazer-me um favor.

– O que for necessário.

– Temos de fazer um caixão. Esta manhã. Será que podia ajudar o Paulo?

– Com certeza. – Hesitei. – Mais alguma coisa?

– Gostava de... – Sondou a minha expressão. – Nós costumávamos... o

funeral...

Entreguei-lhe 200 dólares.

– Que mais posso fazer?

A Paulina pegou no dinheiro e reprimiu um soluço. Recompondo-se, disse:

– Obrigada.

*

Quando o Paulo me mostrou as ferramentas rudimentares com que trabalhava e um caixão que tinha construído meses antes para um homem que ainda não tinha morrido, perguntei-lhe se havia uma loja de ferramentas nas redondezas. Respondeu:

– León.

Fomos à cidade, comprei as ferramentas de que precisávamos e a seguir o Paulo levou-me a uma serração onde adquirimos umas belas tábuas de madeira nobre da Nicarágua, da mais bonita que alguma vez tinha visto. O Hack tê-la-ia adorado.

De regresso a casa, o Paulo percebeu que eu tinha alguma experiência com trabalhos em madeira, por isso, tive o cuidado de não passar por cima dele nem fazê-lo sentir que o caixão que já tinha não era suficientemente bom quando começámos a construir o caixão do Roberto. Quando terminei o meu primeiro encaixe rabo-de-andorinha, que ficou perfeito, o Paulo endireitou-se e deu-me umas palmadinhas no ombro.

– Tu acabas.

A meio da tarde já tinha terminado o caixão. O Paulo correu os dedos pelas arestas suaves, os cantos arredondados, a cruz que ficaria por cima da cabeça do Roberto e acenou.

– Honras-nos, *mi hermano*.

Subimos a montanha para o começo da procissão. As mulheres, de lenço na cabeça, tinham preparado o corpo do Roberto, vestindo-lhe uma camisa e umas calças brancas que a Paulina tinha comprado com algum do dinheiro que eu lhe dera. A seguir, depositaram-no sobre um colchão fino, por cima de um cobertor que uma das mulheres mais velhas da plantação tricotara à mão. Quando as mulheres começaram a cantar, a procissão de perto de 200 pessoas transportou o Roberto em ombros por um caminho adjacente aos vestígios do deslizamento de terras. Os homens mais jovens partilhavam o fardo, passando-o lentamente de uns para outros. A

procissão prosseguiu em silêncio, com a exceção do canto quase inaudível das mulheres. Vagarosa. Reverente. A Paulina e o Paulo seguiam à frente, junto do corpo, e a Isabella permaneceu ao meu lado e enfiou a mão na minha.

Quando alcançámos terreno plano, deixámos as árvores e penetrámos num vale erizado de altas cruzes brancas. A um lado havia um grupo de três e alguém preparara uma quarta cova. Acercando-se, os homens depositaram o caixão em cima das ripas que atravessavam a cova. O sacerdote falou durante vários minutos, seguido do Paulo, que acrescentou algumas palavras. Por fim, a Paulina aproximou-se e, sem mais, começou a cantar uma canção que eu nunca tinha ouvido mas que nunca esquecerei. Era pungente, lúgubre, e as outras mulheres juntaram-se a ela no refrão.

Sem precisarem de instruções, os homens introduziram lentamente o caixão do Roberto na cova e, uma a uma, as pessoas benzeram-se, sussurrando palavras que não entendi e lançaram um punhado de terra para cima do caixão. No fim, o Paulo entregou-me uma tosca pá de madeira e eu ajudei-o a tapar a cova. Quando terminámos, a multidão tinha deixado o vale em silêncio e regressara à encosta.

Quando me virei para trás, a Paulina, a Isabella e os outros tinham desaparecido sem que tivesse dado por isso e só restava uma mulher ao meu lado. A Ana Julia. Puxou-me a manga da camisa e falou-me. O Paulo ficou a ouvi-la e, no fim, fez-lhe um aceno de cabeça e ela deu meia-volta e seguiu os restantes pela encosta acima. A seguir, o Paulo explicou-me:

– Era um belo caixão. Ela nunca tinha visto um assim. Diz que Deus não vai deixar de o aceitar e que até os anjos vão invejá-lo.

Eu não conhecia o Roberto, mas era evidente que todos os outros o conheciam e era estimado por jovens e velhos, como pude testemunhar pela reverência com que o trataram. Raramente presenciei tamanha ternura para com vivos ou mortos, se é que alguma vez aconteceu.

No regresso à plantação, encontrámos o início de um banquete a todo o vapor. Mesas com enormes panelas fumegantes de arroz e feijão e altas torres de tortilhas caseiras. Um porco inteiro a assar no espeto, com quatro rapazes a fazê-lo girar à vez, e mulheres engorduradas e empapadas em suor a retirar a carne do osso.

Os festejos solenes continuaram pela noite fora e todos comeram até não poder mais. A Isabella recrutou-me para a ajudar a fazer o café, a mexer o ponche refrigerado e a servi-lo em copos de papel. Por volta da meia-noite, quando parei de limpar, transportar comida, servir ponche e

tudo o mais, para beber um pouco de ponche e limpar o suor da testa, a Paulina surgiu ao meu lado. Empapada em suor, com o lenço colado à testa e um sorriso cansado e satisfeito no rosto, enganchou o braço no meu e encostou-se a mim. Ficámos em silêncio a observar a festa à nossa volta. Vieram ter com ela várias pessoas mais velhas, falando baixinho, acenando-lhe e segurando-lhe nas mãos. Ela respondia-lhes no mesmo tom, cumprimentando-os a todos com acenos de cabeça e abraçando muitos deles. No fim, voltou-se para mim.

– Obrigada por isto.

Já tinha conhecido mulheres muito bonitas, mas nunca um ser humano cuja beleza interior tivesse o efeito que a da Paulina exercia sobre todos à sua volta. Por fora possuía uma beleza inigualável, mas era a beleza interior dela que me deixava sem palavras. Não respondi. Apontou para a multidão com um gesto largo.

– Não comiam assim desde... desde que o meu pai era vivo. Estavam a agradecer-me. – Encarou-me. – Por isso, obrigada.

×

Eram quase três da madrugada quando chegámos a casa. A Isabella tinha adormecido no banco da frente da carrinha do Colin umas três horas antes. O Paulo foi deitá-la. No galinheiro, deixei-me cair na cama, cansado de mais para tirar os chinelos de dedo.

Capítulo Vinte e Quatro

Na manhã de sexta-feira só o Paulo acordou antes de mim. Bebemos o nosso café em silêncio enquanto a Paulina e a Isabella dormiam e, depois, liguei ao Colin. Estava na hora de o pôr ao corrente da situação. Contei-lhe do jogo de póquer, da carrinha, que encontrara uma pessoa que tinha visto o Zaul – e do sangue na rede. Tinha pensado ocultar esta última parte, mas não me competia a mim filtrar a informação. O Zaul não é meu filho.

O Colin ouviu em silêncio e concordou que, se o Zaul estava sem dinheiro e possivelmente ferido mas reticente em ir ao hospital, o mais certo era regressar à casa na Costa Rica para recuperar, pegar no dinheiro que lá tinha deixado e pensar num plano B, visto que o plano A tinha falhado. Disse-lhe que partiria dentro de poucas horas e que estaria lá à noite. Conversámos sobre a Maria, os progressos dela, e ele contou-me que iam marcar uma segunda cirurgia com a Shelly para reduzir algumas das cicatrizes, mas que ainda não tinham dito nada à Maria. Antes de desligar, perguntei-lhe:

- Será que podias fazer-me um favor?
- Claro.
- Conheces algum advogado neste canto do mundo?
- Precisas de um advogado?
- Talvez, mas não por nada ilegal. Pelo menos para já. – Expliquei-lhe tudo e, quando terminei, ele ficou em silêncio por uns segundos. Por fim, declarou:
 - Dá-me uns dias.

*

Pouco depois das onze a Isabella acordou, arrastou-se para o colo do Paulo e voltou a adormecer. Alguns minutos mais tarde chegou a Paulina.

Não parecia muito repousada. O café não chegou para lhe abrir completamente os olhos.

– Tive uma ideia e gostava que me dessem a vossa opinião.

Os adultos olharam para mim com cordialidade, mas a Isabella entreabriu um olho e fitou-me com desinteresse.

– É provável que o Zaul tenha regressado à casa dos pais na Costa Rica. Tenho de ir ver. Se não se opuserem, gostava de vos levar comigo. Há uma piscina onde talvez pudéssemos ensinar a Isabella a nadar e quilómetros de praia de um lado e do outro da casa.

Para variar, a Paulina esfregou a cara e não consultou ninguém antes de declarar:

– Excelente ideia.

O Paulo e a Isabella concordaram. Saímos ao meio-dia. O senão da excursão é que, embora eu pudesse fazer-me passar por um vagabundo com pouco dinheiro, de calções de ganga deslavados e chinelos de dedo, a casa do Colin contaria outra história. Era uma das propriedades mais bonitas da Costa Rica. Ao levá-los lá, a disparidade entre a minha vida e a deles tornar-se-ia evidente e isso daria origem a perguntas a que talvez não pudesse responder.

Percorremos a costa com o Paulo a servir de cicerone, mostrando-me facetas do país que nunca aparecem nos roteiros turísticos. E tinha razão, era lindo – sobretudo os sorrisos das pessoas. Durante quase sete horas seguimos por estradinhas secundárias, deixando para trás nuvens de pó e só conduzimos no asfalto para o atravessar a caminho de outro trilho de terra batida. O Paulo nunca precisou de mapa. Conhecia o país como a palma da mão.

Chegámos à propriedade poucas horas antes do pôr do sol. Se passar o portão de segurança não fez soar alarmes, percorrer o longo caminho de acesso até à casa deixou-os estarrecidos. Quando parámos à porta, a Paulina perguntou, de queixo caído:

– Qual é mesmo o negócio do seu sócio?

Os olhos da Isabella pareciam duas moedas de prata. O Paulo estava pasmado a olhar para cima com as duas mãos no volante. Ri-me.

– Venham daí.

✱

A casa estava limpa, arrumada, quase como dantes. Faltavam alguns

acabamentos, mas parecia habitável. Era como se o empreiteiro ainda não tivesse concluído a lista de tarefas pendentes. Enquanto lhes mostrava o interior, seguiram-me em silêncio e com medo de tocar em alguma coisa. A casa estava praticamente como a tinha deixado, só que mais limpa, e ainda não havia sinais do Zaul – a menos que estivesse escondido. Mostrei-lhes os quartos onde iam ficar e disse-lhes que depois iria ter com eles à piscina. A Paulina declarou:

– Não tenho fato de banho.

A possibilidade não me tinha ocorrido, por isso, conduzi-a ao armário da Marguerite.

– Há de encontrar aqui qualquer coisa. Percebo pouco de tamanhos, mas você e a Marguerite devem ter mais ou menos as mesmas medidas.

– A Marguerite é a esposa do seu sócio?

– Sim.

– E não se vai importar?

Abanei a cabeça.

– Não.

A Paulina apontou para uma fotografia pendurada dentro do armário que mostrava a Marguerite em fato de banho, a exhibir uma tiara após ter acabado de ganhar um de muitos concursos de beleza em que participou.

– É ela?

– É

– Boa...

✱

Não demoraram muito a trocar de roupa. A Isabella, com um fato dois tamanhos acima do normal que descaía na zona do rabo, aproximou-se da beira da piscina, onde eu a esperava na parte rasa. Estendi uma mão.

– Anda.

Ela abanou a cabeça.

– Eu seguro-te.

Ela inclinou-se, com os pés fincados na borda da piscina e deixou-se cair nos meus braços. Enquanto eu a mantinha a flutuar e lhe explicava como bater os pés e dar aos braços, a Paulina chegou. Trazia um fato de banho bastante modesto e uma saída de praia atada à volta da cintura. Em minha defesa, consegui manter o autodomínio até ela tirar a saída de praia, dobrá-la, deslocar-se até aos degraus e entrar na piscina. Devo ter ficado de

queixo caído. Ela fechou-me a boca, disfarçando um sorriso.

– Nunca viu uma rapariga em fato de banho?

– Assim, não, não vi.

Não sei quem estava a namoriscar com quem, mas, naquele momento, ela passou de uma mulher a ajudar um homem a encontrar alguém a uma mulher atraente e a questionar-se se esse homem estaria interessado.

E ele estava.

✱

O Paulo veio juntar-se a nós alguns minutos depois. Nadámos, tentei ensinar a Isabella a nadar o melhor que sabia e, ao pôr do sol, descemos os degraus escavados na rocha até à doca e mostrei-lhes a casa dos barcos e o Bertram. O Paulo correu os dedos pela estrutura aerodinâmica do barco, maravilhado. Dali, seguimos a Isabella até à praia, onde a maré estava baixa e a brisa fresca e agradável. Caminhámos até o sol mergulhar na linha do horizonte. Em Bimini assisti a pores do sol magníficos, mas nenhum tão belo como aquele.

✱

Preparei o jantar – esparguete – e conversámos pouco enquanto comíamos. Depois do jantar, a Paulina apontou para a porta de uma divisão em que não tínhamos entrado e perguntou:

– O que há ali?

– É a sala de cinema.

– Sala de cinema?

Levei-os até ao anfiteatro de 12 lugares. Desconheço as dimensões do ecrã, mas sei que ocupava a parede inteira, e a parede era enorme. Dispostas como num estádio, as cadeiras em cabedal eram uma luxuosa indulgência: de massagem, reclináveis e com apoios para os pés. A Paulina apontou para a estante de DVD que cobria uma parede.

– Mostra-nos o seu preferido?

Fiz a minha escolha, pus o filme e deixei as freiras a lamentar o problema que era a Maria. Ficaram os três colados ao ecrã.

✱

Liguei ao Colin, informei-o das condições em que encontrara a casa e disse-lhe que não havia sinais do Zaul, mas que passaríamos lá o fim de semana. Falar do Zaul era doloroso para o Colin, pois lembrava-lhe constantemente de que fracassara como pai. Para desviar a conversa, sugeriu-me que levasse os meus três convidados a passear nas motos-quatro no dia seguinte. Os trilhos arenosos que começavam nas traseiras da propriedade estendiam-se por quilómetros ao longo da costa.

– É uma das paisagens mais bonitas da Costa Rica.

Quando comecei a trabalhar para o Colin, o Zaul era apenas um miúdo de 10 anos. Conhecia-me como o homem que ia e vinha no barco do pai, por isso, foi com naturalidade que um dia de manhã, com 11 anos, esperou por mim na doca da casa em Miami e me pediu:

– Posso pilotar o barco?

Meti-o num dos barcos mais pequenos do pai, um Pathfinder de 24 pés, pois era mais fácil de manobrar, e enfiámos pelos canais em direção a Stiltsville. O Zaul ia aos comandos, a olhar pelo para-brisas em bicos de pés, com o pescoço esticado, uma mão no acelerador e a outra no volante. Eu fiquei de pé ao lado dele, a observar. Tinha um talento inato e, ao contrário do pai, muito jeito para pilotar barcos. Uma coordenação motora soberba. Era muito habilidoso e, com a motivação certa, gostava de trabalhar e não tinha medo do trabalho árduo. Deixámos os canais e atravessámos o aglomerado de casas que compõe o que resta de Stiltsville. Para noroeste avistámos vários *kite surfers* a cavalgar as ondas da famosa rebentação que existia a cerca de quilómetro e meio da costa. Soprava uma brisa agradável e não se via uma única nuvem no céu.

Lembro-me de o ver a olhar para as casas, pasmado com a forma como se erguiam acima das águas sobre estacas, para os *kite surfers* suspensos em voo, às cambalhotas e a rodopiar pelos ares com desenvoltura, para si próprio a pilotar o barco. A admirar a água azul-turquesa e as toninhas a brincar ali perto. Lembro-me de o ver feliz. Sorridente. Um miúdo normal a divertir-se. O problema é que, depois disso, não tenho grandes memórias de o ver feliz ou a divertir-se. E era nisto que pensava ali sentado, a contemplar o oceano, quando a Paulina surgiu sorrateiramente por trás de mim. Não sei há quanto tempo ali estava, mas, quando me virei para trás, perguntou-me:

– Em que é que estava a pensar?

– Estava a apreciar a vista.

– Mente muito mal.

– Obrigado, mas a verdade é que sou um mentiroso excepcional. Fiz do engano uma arte.

Ela sentou-se ao meu lado.

– Bem, então diga-me uma coisa sobre si que seja verdade. O que é que se lembra da vida que tinha quando era pequeno?

Pensei na questão por uns instantes.

– Não me lembro de não me sentir sujo. Não por fora, mais uma sensação opressiva nas entranhas. Um peso constante. Algo com que tinha nascido ou que acordava comigo todos os dias. Para combater essa sensação, surfava muito pensando que talvez o mar a levasse. No Secundário comecei a praticar atletismo, pensando que talvez pudesse livrar-me dela através da transpiração. O mesmo na universidade. Depois disso, passei a viver em aviões e hotéis, pensando que, se não parasse, deixá-la-ia para trás. Que a novidade iria substituí-la. Por fim, como nada disso resultou, mudei-me para uma ilha no meio do oceano e comprei uma cabana onde podia assistir ao pôr do sol todos os dias e adormecer todas as noites ao som das ondas.

– Resultou?

Abanei a cabeça.

– Não. E quer ouvir uma coisa engraçada?

– Sim.

– Em toda uma vida de trabalho, viagens, ócio forçado, depois de tanto andar e fazer, nunca me senti tão “limpo” como quando me vi coberto de lama vulcânica, pendurado na corda do Paulo no fundo daquele poço escuro e húmido.

Ao contrário do que tinha feito no hotel em León, não tentou saber mais e ficou apenas a fazer-me companhia. A apreciar a vista. Alguns minutos depois, disse-me:

– Obrigada por hoje. Foi um dia muito especial, sobretudo para a Isabella.

Sorri.

– Não sou a pessoa mais qualificada para lhe dar conselhos, mas, se me permite, devia pensar em usar fato de banho mais vezes. Fica-lhe bem.

A Paulina abafou uma gargalhada.

– Há muito que não o fazia.

– Garanto que ia apimentar as coisas em Valle Cruces. Meia hora a andar por lá assim vestida e o Paulo não ia ter mãos a medir com tantos homens a bater-lhe à porta.

– Não é esse o tipo de homem que me interessa.
– Importa-se que vire o jogo e lhe faça uma pergunta?
– À vontade.
– É viúva há mais de uma década, mas não parece muito interessada em mudar isso. É bonita, ri-se com uma descontração invejável, sacrifica-se pelos outros, dá tudo o que tem, só não sei...

Ela interrompeu-me mais uma vez.

– O que é que se passa comigo?
– Pois... – Ri-me. – Por mais voltas que dê à cabeça, não lhe encontro defeitos.

– Tenho os meus momentos.
– Bem... – Cocei a cabeça. – Ainda não dei por nada. Agora, fora de brincadeiras, que tipo de homem é que procura?

– Não do tipo que só se interessa por mim porque gosta de me ver de fato de banho.

– Lamento informar, mas... fica mesmo gira de fato de banho e não vou pedir desculpa por ter reparado.

Outra gargalhada descontraída.

– Que alívio. Há muito tempo que não tentava impressionar alguém.

– Sem querer intrometer-me, tem saído com alguém?

– Ainda não estou morta.

– Isso não responde à minha pergunta.

Ela fez um sorrisinho sarcástico.

– Você é perspicaz.

– Não se deixe enganar pelos chinelos de dedo.

– É melhor...

– Está a tentar distrair-me. Que tipo de homem?

– O tipo que nunca telefona quando descobre que tenho uma filha.

– OK, vamos supor que podia encomendar o homem perfeito *à la carte*.

Ela considerou a questão

– A sério?

– Sim.

– Alguém com quem possa caminhar lado a lado, de braço dado, que não tenha medo de arrancar dentes, de descer a um poço, de trabalhar com o Paulo na cana-de-açúcar, capaz de andar de mão dada com a minha filha sem ficar constrangido, que não se queixa de um banho de balde, que faz frente ao brutamontes da vizinhança e, a seguir, devolve mais dinheiro do

que alguma vez ganhei na vida e... – pôs um dedo no ar e sorriu de orelha a orelha – que saiba andar de mota. Para começar, um tipo assim.

– E quantos homens assim é que conhece?

Ela desviou o olhar.

– Um ou dois.

– A sério? Como é que se chamam?

– Pronto, é só um, mas não o conheço muito bem e algo me diz que há muita coisa que não sei sobre ele.

Antes que aquela conversa fosse longe de mais, respondi:

– E tem toda a razão.

– Então, se calhar é melhor deixar as coisas como estão, não vá eu descobrir a verdade e ficar desiludida consigo.

– Como é que sabe que a verdade sobre mim vai desiludi-la?

– Diz-mo o Charlie, sempre que olho para si.

Se alguma vez tivera talento para o póquer, para fazer bluff, para esconder a minha mão dos outros, tinha desaparecido. Ao conversar com a Paulina naquele terraço com vista para o mar, soube que nunca mais voltaria a jogar. Os outros jogadores iriam ler-me como um livro aberto e levariam tudo o que mais amava.

Ela endireitou-se, cruzou as pernas e os braços e estendeu a vista sobre o mar.

– É só uma suposição, mas eu diria que passou grande parte da sua vida a fingir indiferença, como se não quisesse saber dos assuntos do coração. Mas pergunto-me se não os sentirá mais profundamente do que os outros.

A conversa começava a incomodar-me. Sempre fora bom a descobrir os pontos fracos dos outros e a Paulina era boa a ler o sofrimento alheio. A disparidade entre nós era gritante.

✱

No dia seguinte de manhã saímos todos nas motos-quatro. Percorremos quilómetros de costa, regressámos pela mata e explorámos a praia e as dunas. O Paulo nunca tinha andado numa moto-quatro, mas tomou-lhe rapidamente o jeito, e com grande entusiasmo. E, embora o Paulo não temesse nem mesmo a mais íngreme inclinação, a Paulina – instigada pela filha – era o demónio da velocidade.

Regressámos para o almoço, um mergulho na piscina e, a seguir, levei-os no Bertram para uma tarde no Pacífico. A água estava espelhada e

ficámos bem à vista da costa para evitar enjoos. Lancei a rede, apanhei peixe pequeno para servir de isco e ajudei o Paulo a pescar serras-da-índia e vários atuns. Ele preparava e lançava o anzol e depois puxava a linha ao som dos guinchos deliciados de uma Isabella ansiosa por ver o peixe, mas não necessariamente tocar-lhe. A Paulina ficou sentada no deque superior a cheirar a óleo de coco, com o fato de banho da Marguerite e os meus Costas, a acompanhar as festividades no convés.

Ao entardecer, o Paulo preparou o peixe e cortou-o em filetes com uma rapidez e eficiência que teriam rivalizado com as do Hack e grelhámo-los no terraço da piscina com uns vegetais que a Paulina comprara num mercado ao fundo da estrada. Ao pôr do sol, reclinámo-nos à mesa de barrigas cheias e sorrisos fáceis. A Isabella brincava na parte rasa da piscina, testando a sua recém-descoberta coragem. O Paulo terminou a terceira dose de peixe, raspou o prato e limpou-se com o guardanapo. A satisfação dele era palpável. Deu-me umas palmadinhas no ombro, bateu no peito e disse:

– *Mi corazón está lleno.*

Sabia que eu não ia entender, mas tive a sensação de que o disse em espanhol para sublinhar a ideia. Encolhi os ombros e ele disse-o novamente.

Como continuei sem perceber, a Paulina traduziu:

– O que ele disse foi, “O meu coração está cheio.”

Há algum tempo que não me divertia tanto.

✱

Pouco depois das nove, a Isabella adormeceu e o Paulo foi deitá-la. A Paulina seguiu-os e aproveitei para ligar ao Colin. Falei-lhe sobre o dia, a casa, os progressos nas limpezas e disse-lhe que ainda não tínhamos encontrado sinais do Zaul. Expliquei-lhe que agora, separado dos amigos, era como procurar a proverbial agulha no palheiro e, por mais difícil que fosse, a melhor estratégia era esperar ali. Ele concordou e ficou em silêncio. Estava sombrio, calado. Por fim, disse:

– Lembras-te daquele favor que me pediste?

– Sim.

– Tenho alguma informação para ti... – Ouvi com atenção enquanto me transmitia o que descobrira.

E as notícias não eram boas.

Desligámos e fiquei sentado a olhar para o reflexo da lua na água. Alguns minutos depois, a Paulina regressou e sentou-se ao meu lado. Mais perto, desta vez.

– Onde é que nós íamos?

Havia uma jovialidade infantil na voz dela e uma inocência no olhar que me disse que estava a gostar do fim de semana e, acima de tudo, da minha companhia. Tive a sensação de que não costumava sentir-se tão à vontade com todos os homens que conhecia. Confesso que me sentia atraído por ela. Muito atraído. Mais do que muito. Mas tinha um historial de magoar os outros e algo em mim não queria que ela fosse mais uma. Queria protegê-la de mim.

Sentado naquele terraço, contemplei mais uma vez a esteira da minha vida, os desastrosos relacionamentos, dispersos nas águas agitadas, com pessoas que usara para conseguir o que queria. No presente não tinha muitas certezas, não sabia para onde iria ou o que iria ser de mim quando encontrasse o Zaul e o devolvesse aos pais, mas, fosse como fosse, não queria que a Paulina se tornasse mais uma vítima da guerra em que a minha vida se tinha transformado. Talvez seja um produto da dor e, embora eu tentasse escondê-la e fingir que não sofria, estava em sofrimento. A minha dor determinava os meus atos e era a fonte daquilo que me fazia sentir sujo. Não era dado a grandes momentos de introspeção, mas naquele instante, envolto no aroma a coco, suor e o mais absoluto deleite de uma mulher a desabrochar diante dos meus olhos, tive a presença de espírito de saber que a Lina merecia melhor do que eu. Podia não conseguir desfazer-me da imundície, mas não tinha de a arrastar para a lama comigo. Encarei-a.

– Quando vim à procura do Zaul, não esperava encontrá-la. Não esperava nada disto. Ainda não sei o que vou fazer quando encontrarmos o Zaul e tiver de ir embora. Adorei estes últimos dias consigo, mas, antes de ir mais longe e fazê-la sentir que sou alguém que não sou, tenho de lhe explicar que tipo de homem tem à sua frente. E, se me permitir, gostava de dizer tudo o que tenho a dizer antes de me virar as costas. Porque é o que vai acontecer. É o melhor que tem a fazer, se tiver bom senso. – Engoli em seco. – Quando lhe disse que tinha feito do engano uma arte, estava a dizer a verdade. – Inspirei fundo sem saber por onde começar. Resolvi ser direto. – Paulina, sou traficante de droga. Ou melhor, fui. – Ela não reagiu, por

isso, prossegui. – Lidei com mais cocaína do que qualquer outro indivíduo no sul da Flórida, tirando a máfia e os cartéis. Eu e o meu sócio gerimos, ou melhor, geríamos, um serviço de aquisição e entrega num mercado de nicho. Era dinheiro fácil e o negócio corria bem. Há alguns anos, na casa em Bimini, levantei-me de noite para ir à casa de banho e tropecei em várias centenas de milhar de dólares em sacos de plástico. Tinha de arranjar onde escondê-los, pois não podia simplesmente depositar o dinheiro no banco. – Comecei a fazer girar os polegares um à volta do outro. – Nunca me considereí má rês, mas também não sou um homem honesto. Os homens honestos não têm uma vida como a minha. Há um par de semanas, no que era para ser a véspera do meu casamento com uma mulher que me amava, ou pelo menos o que conhecia de mim, fiz uma entrega. A mesma rotina de uma década, alguns quilos para uma festa em Miami. O Zaul envolveu-se e, por consequência, a irmã dele, a coisa mais próxima que eu tenho de uma sobrinha e, provavelmente, a única mulher neste mundo que realmente gosta de mim, meteu-se entre ele e um pit bull. – A Paulina encolheu-se. – O cão atacou-lhe a cara e o pescoço e lesou o nervo que nos permite sorrir. A minha noiva foi a médica responsável pela cirurgia reconstrutiva. Até então, não sabia o que eu fazia. Vivia uma vida secreta que ela desconhecía. Não tenho família, uma ocupação digna desse nome, tenho um único amigo e a minha contribuição a este mundo é uma esteira de negócios arruinados, relacionamentos destruídos, vício e sofrimento. – Abanei a cabeça. – Há umas noites, estava no quarto do hospital quando as enfermeiras retiraram as ligaduras do rosto da Maria e cheguei à conclusão de que não há forma de desfazer o mal de uma vida como a minha. Duvido que seja possível. Mas, se pudesse fazê-lo, gostava de devolver o Zaul são e salvo à família. E, se para isso tivesse de gastar todo o dinheiro que fiz na vida, e fiz milhões... – tirei do bolso um maço de notas perfazendo vários milhares de dólares e coloquei-lho na palma da mão. – Fá-lo-ia de bom grado, e roubaria dez vezes mais.

A desconfiança desapareceu-lhe do rosto, substituída pela compaixão. Encostei-me para trás.

– À noite, quando me revolto contra tudo isto, penso no homem que soltou o cão, mas as mãos que vejo a segurar a trela são as minhas. Lavo-me para tentar livrar-me da imundície, mas não consigo. – Enterrei a cara nas mãos. – Neste preciso momento, anda por aí um miúdo a fazer-se duro e a imitar os *gangsters* que vê no cinema e está muito mal. Está ferido, revoltado e cheio de medo. Não quero dourar a pílula: o rosto da Maria, fui

eu o responsável. E fui eu que fiz isto ao Zaul. Por isso, quando olha para mim e conversamos, é bom que saiba que espécie de homem tem à sua frente, de onde vem e o que arrasta com ele.

Ela encostou-se para trás e cruzou os braços, mas não parecia preocupada nem amedrontada. Estava pensativa. Uns instantes depois, pediu:

- Diga-me uma coisa de que se orgulha.
- Ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer?
- Responda à pergunta.

Encolhi os ombros. A Paulina sorriu.

- Só uma.
- Tem a certeza de que quer ir por aí?
- Tenho.

– Há uns seis, não, sete anos, fui a Cuba carregar mercadoria. Um dia de viagem, ida e volta. Estava literalmente a deixar a doca quando apareceu um homem num fato andrajoso com um saco de dinheiro, a mulher e três filhos. Mostrou-me o dinheiro e disse-me num inglês macarrónico que tinham de sair dali o mais depressa possível. Perguntei-lhe se tinha documentos e ele abanou a cabeça. A 150 quilómetros de distância, na Flórida, o Colin tinha um “amigo” que arranjava documentos. Pela quantia certa, podia transformar-nos em cidadãos bem estabelecidos dos Estados Unidos. Olhei para aquela mulher em pânico, aqueles miúdos amedrontados e aquele homem suado e perguntei ao homem: “O que fez?” Ele olhou para a mulher e depois para mim e abanou a cabeça. Disse: “Não me verguei.” Por isso, aponte para o barco e eles esconderam-se imediatamente no interior. Não sabia o que fazer com eles, mas falei com o Colin, que veio ao nosso encontro com o tal amigo. Pelo que soube da última vez, o Juan, como agora se chama, vendia tapetes orientais no sul da Flórida e estava a sair-se muito bem. De vez em quando, quando vou comprar café a uma padaria cubana em Miami, encontramos-nos. Ele sorri, paga-me o café e conta-me como está a correr o curso de medicina da filha na Universidade de Miami. Quando nos despedimos, demora-se a apertar-me a mão e fica com os olhos marejados de lágrimas. – Fiz um aceno de cabeça. – Disso, orgulho-me.

- E a pior coisa que já fez?

Bebi um pouco da garrafa de água que partilhávamos.

- Está a falar com um traficante profissional.
- Escolha uma.

– O Colin não estava a conseguir fazer passar pela alfândega um carregamento da Argentina. Fui lá e comprei 100 cabeças de gado argentino com destino a um matadouro nos Estados Unidos. Paguei-as a peso de ouro, mas não era nada em comparação com o que ganharíamos com a droga. Antes de as expedir, embrulhei a droga em plástico grosso e inseri-a nas fêmeas. Recebemos as vacas, recuperámos a droga e vendêmo-las a um rancheiro da Flórida que possuía uma cadeia de churrascarias no sudoeste.

– Tirando a questão das drogas, qual foi a parte má?

– Durante a viagem dois dos embrulhos rebentaram, por isso, tivemos de atirar as vacas aos tubarões... Não me orgulho disso.

– Não o incomoda que as pessoas enfiem a droga pelo nariz acima, mas sente-se culpado pela morte de algumas vacas que, em todo o caso, iam morrer semanas depois?

– Não me sinto particularmente orgulhoso por nenhuma das duas, só lhe contei a primeira coisa que me ocorreu quando me perguntou sobre algo de que não me orgulhava. Quero que saiba que, até há pouco tempo, via o negócio simplesmente como uma forma de fazer chegar drogas recreativas a pessoas que as utilizavam para fins recreativos. Para me proteger das repercussões e sem grandes escrúpulos, diga-se de passagem, fazia vista grossa aos casos em que o uso ultrapassava esses fins. Se não sabiam controlar-se, problema deles. Não meu. Costumava ver-nos como dois contrabandistas a explorar as falhas do sistema. A verdade é que vendemos veneno, um veneno que afeta toda a gente, menos a nós. De alguma forma, somos imunes. Ou éramos.

O suor perlava-lhe o lábio superior.

– Charlie Finn, tu não me metes medo. Aquilo que vês ao espelho e aquilo que eu vejo são homens diferentes. Há um desfazamento, uma contradição. Várias vezes nos últimos dias vi a minha filha dar-te a mão enquanto descíamos a montanha ou andares com ela às cavalitas como se fosses uma parede de escalada. Vi-te pagar a um homem por danos numa estância quando não tinhas qualquer intenção de ficar lá hospedado.

– Não sabia que tinha visto isso.

– Já te disse: sou pobre, não ignorante. Vi-lho no rosto quando saiu. Vi-te pendurado por uma corda a escavar um poço do qual não contas beber quando por mais de uma década nenhum homem da região se prestou a fazê-lo. Todos os dias te vejo a passar um país a pente fino por um miúdo que nem sequer é teu filho. E agora olhas para mim e

perguntas-te se uma rapariga como eu alguma vez se poderia interessar por um rapaz como tu. Por isso, perdoa-me se o que vejo desmente o que tu dizes.

Olhei para o relógio, que me entretinha a desapertar e a apertar. A prova do meu talento para a mentira e o engano estava patente na fé inocente que ela depositava em mim e na minha bondade inata. No facto de ainda ali estar. Tinha a sórdida verdade – o meu papel no fracasso da Cinco Padres Café Companhia – na ponta da língua e, no entanto, por razões que não consigo articular, não fui capaz de lhe contar tudo. Se calhar não o fiz porque não suportava a ideia de perder outra mulher por culpa da minha verdade. Talvez ainda pudesse mudar. Talvez a verdade fosse dura de mais e mais valia continuar a escondê-la para não magoar quem já sofrera tanto. Para quê pôr sal na ferida? Muitas vezes olhava para os meus relacionamentos e perguntava-me: “Qual era o problema delas?” Porém, sempre que o fazia, o único denominador comum entre mim, a Amanda, a Shelly e agora a Lina, era eu. Elas não eram o problema.

Não abri a boca.

Ela pôs-se de pé, chegou-se a mim e beijou-me. Primeiro na face e depois afastou-se um pouco, afagou-me o rosto com a mão, beijou-me o canto da boca e depois os lábios. Um beijo demorado, terno, cheio de doçura. Convidativo. Enquanto isso, o dilema continuava a torturar-me. Parte de mim queria salvá-la das minhas garras.

A Paulina não sabia da missa a metade e era isso que estava a dar cabo de mim.

Aos poucos afastou-se e passou-me o polegar pelos lábios com um sorriso de satisfação. Sussurrou:

– Quero que saibas que não beijava um homem desde que o meu marido morreu. Durante muitos anos, simplesmente não quis, e durante muitos mais não encontrei ninguém que valesse a pena. Andava há muito tempo a guardá-lo.

Quando entrou em casa fiquei a admirá-la: os ombros, a veia que lhe latejava no pescoço, a covinha ao fundo das costas, o ângulo das ancas, a linha dos tornozelos. Não estava a convidar-me a segui-la, mas também não desejava que eu desviasse o olhar. À maneira dela, estava a dar-me permissão para olhar, beber aquela visão, para a apreciar enquanto mulher e algo me dizia que também não o fazia há uma década.

A minha reação emotiva à Amanda e à Shelly era um desejo profundo de lhes aliviar a dor, de deixar para trás os remorsos, de não estar sozinho,

não ter de enfrentar a vida sozinho e o que isso dizia sobre mim. Claro que gostava delas. Profundamente. E nem todas as minhas razões para estar com elas eram egoístas, mas muitas eram. A melhor forma de descrever o que sentia por elas era “uma profunda afeição”. Um produto da conveniência, da proximidade geográfica, das minhas próprias necessidades. E ali sentado naquele terraço com vista para o Pacífico, a ver a Lina subir os degraus até à casa, não podia dizer com toda a sinceridade que a amava – julgo que não saberia reconhecê-lo quando e se alguma vez viesse a amar alguém –, mas o que sentia por ela era diferente a todos os níveis. E a intensidade dos meus sentimentos convenceu-me de que, embora tivesse dito tanto à Amanda como à Shelly que as amava, não era verdade.

Longe disso.

×

Perdi a noção do tempo, ali sentado à beira da piscina. Eram duas da madrugada quando pensei em ir para a cama. Fui até à borda da piscina e estava prestes a desligar a luz quando ouvi um ramo a estalar, passos, qualquer coisa a arrastar-se e um queixume. Depois, outro passo. Mais movimento. Novo gemido. Escondi-me nas sombras e avistei uma figura solitária a subir as escadas de pedra até ao terraço em direção à piscina. Alcançou o último degrau e apoiou-se ao corrimão para manter o equilíbrio. Quando comecei a aproximar-me, deu um passo e caiu de cabeça na piscina. O corpo imóvel ficou a flutuar de bruços, tingindo de sangue a água à sua volta.

Capítulo Vinte e Cinco

Gritei pela Paulina ao mesmo tempo que me atirava à água. Mergulhei, apanhei o Zaul pelos ombros, virei-o para cima, amparei-lhe a cabeça e comecei a puxá-lo para a borda da piscina. Quando cheguei aos degraus já ela tinha ligado as luzes e estava ao pé do corrimão. O roupão dela esvoaçava com a brisa. Viu-nos e desapareceu.

Arrastei o corpo do Zaul para fora da água e deitei-o no terraço da piscina. Estava desfigurado. Tinham-lhe arrancado os *piercings*. Uma das orelhas estava retalhada. Tinha os olhos inchados, um golpe profundo na testa e outro debaixo de um dos olhos. Alguém resolvera aperfeiçoar uma das tatuagens que trazia no braço com um objeto afiado e um dos ombros parecia desalinhado em relação ao outro, deslocado. Estava agarrado ao peito e, quando lhe levantei a camisa, percebi porquê. Estava coberto de equimoses pretas e azuis. Parecia arrastar uma das pernas. Alguns dedos estavam inchados e um deles parecia partido. Mas o pior ainda estava para vir.

O ferimento mais grave era um golpe no abdómen que se estendia até às costas, infetado e a sangrar abundantemente. Tinha péssimo aspeto. Ele tapara a ferida com toalhetes de papel e uma faixa de pano que mal se distinguia do resto. A julgar pela palidez do rosto dele, tinha perdido muito sangue e as crostas na roupa e na pele indicavam que já estava assim há um bom bocado.

A Paulina aterrou ao meu lado mais ou menos na altura em que percebi que não estava morto. Pelo menos para já. Delirava e vinha a si de vez em quando, murmurando vagamente. Ao mesmo tempo que lhe encostava dois dedos à carótida, a Paulina abriu-lhe um olho com a outra mão. O exame não demorou muito. Verificou os ferimentos, incluindo o do abdómen, e abanou a cabeça:

– Está muito fraco e a combater uma infeção – declarou, apontando

para o rosto, o braço e o golpe na barriga. – Vai ter de levar uns 100 pontos. Está desidratado. Precisa de ir para o hospital, mas – levantou o indicador –, se o levamos para o hospital e descobrem que cometeu algum crime enquanto aqui esteve, a polícia prende-o e atira-o para uma cadeia na Costa Rica e, por mais ricos que sejam, nem tu nem os pais voltarão a pôr-lhe a vista em cima.

O rosto dele escorria sangue. Saquei do telemóvel e comecei a marcar o número do Colin. Ia falando à medida que marcava o número:

– O Colin consegue chegar aqui em menos de uma hora. Aterrar o jato num aeroporto próximo ou ali mesmo na autoestrada, a poucos quilómetros. A esta hora da noite nunca há trânsito.

Assim que disse isto, o Zaul levantou a mão e cobriu a minha e o telemóvel ao mesmo tempo, impedindo-me de fazer a chamada. Abanou a cabeça. As palavras saíam-lhe abafadas e não percebi o que queria dizer à primeira, mas depois cheguei lá:

– Não vou para casa.

Aproximei-me ainda mais.

– Vais morrer esta noite se não te levamos ao médico.

Ele confirmou com um aceno. Depois voltou a abanar a cabeça.

– Não vou para casa – repetiu e deixou cair a cabeça para trás, ainda a apertar o telemóvel.

Enquanto eu tentava pensar numa forma de o convencer a deixar-me levá-lo para casa, a Lina interveio:

– Se houver uma farmácia aqui perto, talvez consiga arranjar medicamentos suficientes para o aguentarmos até León e, lá, vai precisar de algum tempo para recuperar.

– Não pode ser aqui?

– Os ferimentos são muito graves. Mesmo que o avião pudesse aterrar aqui, não sei se ele deveria voar. A pressão arterial está perigosamente baixa. Precisa de soro, antibióticos, morfina, raios X. Uma avaliação das hemorragias internas. Imensos pontos. E não vou conseguir nada disto na Costa Rica, porque não me conhecem aqui, mas em León, sim. O tempo que teríamos de esperar numa urgência sobrelotada aqui perto dá para o levar à clínica em León e fazê-lo entrar pela porta das traseiras e de lá, se for preciso, ao hospital. Lá os médicos conhecem-me. – Continuou num tom de voz ainda mais premente. – Precisa urgentemente de cuidados médicos. E a única garantia de que vai recebê-los está em León.

O Zaul tinha os olhos fechados e respirava a custo.

– Vai buscar a Isabella. Eu ponho-o na carrinha.

Carreguei o Zaul nos braços até à carrinha enquanto a Paulina acordava a Isabella e o Paulo. A seguir, trouxe-me cobertores, várias almofadas e uma pilha de toalhas. Dez minutos depois já seguíamos para norte na autoestrada até León com o Paulo ao volante. A autoestrada estava escura e não havia um único carro à vista. A Isabella espreitava pelo vidro traseiro e a Paulina ia encolhida na parte de trás comigo. Enquanto eu tentava imobilizar o Zaul para que não sacudisse com os solavancos da viatura, ela serviu-se do pouco material de primeiros socorros de que dispúnhamos para lhe aplicar um penso na barriga e lhe limpar as feridas o melhor que pôde. Parecia muito preocupada. Segurei a lanterna e ajudei-a conforme pude. O Zaul, por sua vez, passou a maior parte do tempo inconsciente, o que era bom. Se estivesse acordado, sentiria as dores, por isso, mais valia estar inconsciente. Durante uma hora, a Paulina mediu-lhe a pulsação a intervalos de poucos minutos e parecia cada vez mais desesperada.

– A febre está altíssima.

E tinha razão, o Zaul ardia em febre. Sentia-lhe a pele quente ao toque e os lábios dele começavam a ficar azuis. O Paulo parou numa estação de serviço e comprou um saco de gelo, que distribuímos pela parte de trás do pescoço, pelos sovacos, a barriga e a zona das virilhas.

Enquanto viajava no escuro, a olhar ora para o Zaul, ora para a expressão da Paulina, com a luz de uma ou outra casa ao longe por entre as árvores à beira da estrada, comecei a ver tudo com mais clareza.

Porém, era uma clareza que não me trazia paz. Não cheguei onde estou na vida como resultado de um planeamento refletido da minha parte. Também não posso dizer que tenha seguido sempre o caminho mais fácil, embora por vezes tenha sido esse o caso. Quase sempre optei pelo caminho que me fazia pensar “isto promete” ou “porque não?” ou “vamos ver onde é que isto vai dar”. Nunca me guiei por um conjunto de valores morais e, até há bem pouco tempo, não me considerava má pessoa. Sentado ali, na caixa daquela carrinha, com o Zaul a esvair-se em sangue nos meus braços, a vida a fugir-lhe por entre os dedos, senti o peso de toda uma vida a esmagar-me e, ao contemplar a sequência dos acontecimentos, as escolhas que tinha feito e as inevitáveis consequências, a minha reação foi de puro desdém. Amargura. Um sabor acre na boca. O meu pecado não foi tirar vidas. Não defraudei milhões. Não orquestrei nenhum holocausto. Não matei uma dúzia de miúdos numa escola. Não violei ninguém. Não saqueei

aldeias. Porém, à medida que revia a história da minha vida, questionei-me pela primeira vez se as minhas ações não seriam ainda piores.

Não precisava sequer de formular a pergunta. Já sabia a resposta.

Podia não estar à altura dos grandes vilões da história, mas, ao longo da vida, tinha feito vista grossa, seguido o meu caminho como se nada fosse; nada fiz para prevenir ou impedir – ou socorrer. Não fui parte ativa, mas assisti passivamente. Cúmplice, até. Essa passividade serviu de catalizador. Era isto que mais me custava a engolir. A minha vida servira para multiplicar o mal, não retardá-lo, e muito menos erradicá-lo.

Até então, vivia no meio de uma densa névoa, às apalpadelas, mas ali, naquela carrinha, a névoa dissipou-se e a luz inundou o espaço à minha volta. Bastava uma palavra para me definir.

Indiferente.

Ao olhar para o Zaul, para a nódoa sangrenta das minhas decisões, soube que não podia continuar a alegar ignorância e a manifestar indiferença. Os meus pecados eram inumeráveis. Olhei para o relógio para ver as horas, mas o mostrador estava sujo de sangue.

Olhei para a Lina e senti no peito uma ânsia por algo que desconhecia, talvez uma esperança renovada para o tempo que me restava. Só sobrava uma pergunta a que não sabia responder.

Assim que chegámos à catedral em León, a Lina correu para o interior e fiquei sozinho com o Zaul. Sem mexer a cabeça, ele abriu de repente os olhos e olhou para as mãos. Abanou a cabeça e disse:

– Desta vez é que fiz mesmo asneira da grossa.

Tentei dizer qualquer coisa que o distraísse das dores, que o fizesse pensar noutra coisa qualquer.

– Fizeste de tudo para seguir as pisadas do teu pai. Melhor é impossível.

A cabeça pendeu-lhe e revirou os olhos. Tinha de se esforçar para não desmaiar. Concentrou-se em mim e agarrou-me a camisa, puxando-me para si. Com os dentes cerrados e um gorgolejar alarmante, resmungou:

– Não estava a tentar ser como o meu pai. – Abanou a cabeça e tocou-me no peito. – Estava a tentar ser como tu.

Deixou-se cair para trás, extenuado devido ao esforço. Fechou os olhos e murmurou:

– Como tu.

Nem sequer tentei esconder as lágrimas quando a Lina regressou com dois padres que envergavam hábitos castanhos cingidos com cordas brancas. Tirei o Zaul da carrinha, atravessámos o templo e percorremos

um corredor de laje até à clínica, repleta de instrumentos em aço inoxidável, onde havia uma cama já preparada. A Lina preparou de imediato o braço esquerdo do Zaul, inseriu uma agulha e passou-me um saco de soro.

– Aperta-o. Para entrar na circulação.

Quando começou a cortar-lhe as roupas, disse:

– O médico deve estar a chegar. Ficou de trazer algumas chapas. Têm aqui uma máquina de raios X antiquada, mas serve. Até lá, temos de o limpar e começar as suturas.

Passada uma hora, já o tínhamos lavado e desinfetado e dormia serenamente sob o efeito da morfina. A Paulina começou a cosê-lo, a começar pelo ferimento que lhe atravessava o abdómen. Era preciso fechar os tecidos internos bem como os externos. Ela executava a tarefa com mão firme e os pontos saíam quase perfeitos. Trabalhava como um cirurgião experiente.

– Foi o teu marido que te ensinou a fazer isso? – quis eu saber.

Ela abanou a cabeça sem tirar os olhos do que estava a fazer.

– Não. Foi a necessidade.

Depois foi subindo até ao rosto, ao olho e ao braço. Realinou o dedo partido e encaixou o ombro deslocado. Quando ouvi o estalido do ombro a voltar ao sítio, perguntei:

– Foi a necessidade que te ensinou a fazer isso?

A Paulina fez um meio sorriso.

– Não. – Continuou a massajar o ombro para estimular a circulação sanguínea. – Foi o meu marido.

Quando o médico chegou com as chapas prontas a utilizar, os padres trouxeram a máquina de raios X, alinharam a câmara fotográfica horizontalmente e eu ajudei a posicionar o Zaul para poderem obter as melhores radiografias. Tiraram várias. Depois das chapas reveladas, a Paulina e o médico analisaram-nas e concluíram que havia quatro costelas partidas, mas, como tinham fraturado longitudinal e não transversalmente, embora provocassem desconforto, não havia o risco de perfurarem os pulmões e requeriam apenas repouso. O médico estava confiante de que o Zaul não sofrera múltiplos traumatismos internos para além das contusões, mas o tempo o diria. Inicialmente, devido ao aspeto do abdómen, temiam que tivesse o baço perfurado, mas a suspeita acabou por não se verificar. Durante a hora que se seguiu, submeteram-no a exames bastante minuciosos, tarefa nada fácil com o Zaul a dormir e sem poder responder a

perguntas do tipo “Aqui dói?”.

Por volta das dez da manhã a Lina e o médico tinham feito tudo o que podiam. O Zaul precisava de muito repouso, soro, antibióticos e de saber que estava em boas mãos e que ninguém lhe faria mal.

– E podem ter a certeza – disse o médico, com o dedo em riste. – Alguém quis causar-lhe grande sofrimento físico. – Levantou a parte do lençol que cobria o abdómen, expondo equimoses profundas, roxas e azuladas. Indicou o corpo do Zaul e continuou: – Isto são os sinais de Grey Turner e Cullen.

– Não estou familiarizado com...

– Derrames intra-abdominais causados por traumatismos violentos. Podem ser indícios de hemorragias internas. – Voltou-se para a Lina. – Vigiem-no de perto.

A Lina assentiu, indicando que percebera. O médico regressou ao hospital, mas não sem antes prometer que voltaria ao fim da tarde. Ao sair, voltou-se para trás e avisou-nos que o Zaul teria de ficar acamado por uns tempos e que devíamos começar a fazer planos para um recobro demorado.

Dirigi-me ao lavatório para esfregar os braços e o relógio. Mais uma vez, dava por mim a arrancar o sangue incrustado nas fissuras do aro biselado. Apesar de termos encontrado o Zaul, as coisas tinham ido de mal a pior.

E estava na hora de ligar ao Colin.

Capítulo Vinte e Seis

Liguei-lhe, disse “George” e esperei uns segundos que me devolvesse a chamada. Quando o fez, fui direto ao assunto.

– Encontrámo-lo. Ou melhor, ele é que nos encontrou. Seja como for, está aqui connosco.

– Como é que ele está?

– Bem... está vivo e há de recuperar, mas está mal.

– O jato vai já para aí. Devo chegar...

– Não me parece que isso vá ajudar.

Ele calou-se por uns instantes.

– Precisas de dinheiro?

– Não, não preciso de nada. O médico acabou de sair. A Lina está a tomar conta dele. Calculo que precise de umas duas semanas de descanso forçado. Deram cabo dele. Está muito mal.

– Falaste com ele?

– Pouco. Tem estado quase sempre inconsciente. Agora está a dormir. O médico deu-lhe qualquer coisa para o ajudar a dormir. – Engoli em seco.

– Ainda vai demorar algum tempo a recuperar, mas fica descansado. Tiro umas fotografias nos próximos dias e envio-tas. Para vocês terem qualquer coisa a que se agarrar.

– Isso era bom. Isso era bom.

– Falamos depois.

O Colin tossiu para limpar a garganta.

– Sabes aquele outro assunto?

– Sim.

– É complicado.

– Como assim?

– É possível consegues o que queres, mas não sei se vais querer fazer o que tem de ser feito para o consegues. Nem se tens condições para isso.

Enquanto ele me explicava tudo ao pormenor, fiquei ali sentado a ponderar as ramificações e as consequências. Quando terminou, disse:

– Manda-nos algumas fotografias, se te lembrares. A Marguerite ia adorar.

Quando desligou, fiquei imóvel com a cabeça entre as mãos, convicto de que nunca me sentira tão vazio em toda a minha vida.

*

A Lina passou o dia junto à cama do Zaul, a registar a progressão do estado dele: temperatura, pressão arterial, medicamentos administrados e quaisquer alterações. O Paulo, vendo que nada podia fazer ali, levou a Isabella para casa, deixando-nos na catedral, onde passaríamos a noite antes de voltarmos a transportá-lo.

Ao anoitecer, o meu estômago lembrou-me que não tínhamos comido nada o dia todo. Espreitei para o quarto onde a Lina estava a auscultar o peito do Zaul com um estetoscópio.

– Vou jantar. Queres alguma coisa?

Ela fez que sim com a cabeça, sorriu e disse:

– Sim, mas nada de molhos.

Levantei um dedo.

– Tomei nota.

A Lina riu-se.

Saí, percorri as ruas de León, comprei duas doses de comida em recipientes de takeaway e um par de garrafas de água no Mesón Real e regressei à clínica. A Paulina tinha adormecido num catre junto à cama do Zaul. Deixei uma das embalagens numa mesa ao lado dela e tapei-a com um cobertor. Daí, decidi deslocar-me à cavernosa catedral. Escolhi o banco mais recuado e sentei-me a admirar os vitrais e a debicar o meu jantar sem grande apetite.

À minha frente havia um retábulo com alguns três metros de altura e metade disso em largura. A pintura era antiga, estava cheia de fissuras e tinha sido mal restaurada. Retratava uma venda de escravos com um homem nu, a sangrar dos golpes de um azorrague, de pé numa plataforma e o leiloeiro ao lado. Por cima da cabeça dele, havia uma lança ensanguentada a pingar para o chão. A toda a volta, homens em fúria faziam licitações diante do homem indefeso. Na base do retábulo havia uma placa gravada: VENDIDO SOB A LANÇA.

Deitei-me no banco. Havia outro retábulo no teto. Por baixo, alguém gravara uns dizeres na pedra: VENDESTES-VOS A TROCO DE NADA E NÃO SERÁ O DINHEIRO A REDIMIR-VOS.

Fechei os olhos e abanei a cabeça. A ideia era inconcebível. Como podia tal coisa ser possível? Não via como.

Doze horas depois, a Lina acordou-me, sorridente. Por perto estava um padre a passar uma esfregona no chão.

– Está a chamar por ti.

Quando entrei no quarto, o Zaul estava sentado na cama. Ainda tinha o rosto inchado. Falou assim que me viu entrar. Tinha a voz arranhada.

– Como está a Maria?

– Está melhor. Tem perguntado por ti.

– E a cara dela?

– O teu pai disse-me que a Shelly fez um trabalho esplêndido. Mal se nota.

Deixei-o à vontade, sem fazer perguntas. Ele desviou a cara com os olhos marejados de lágrimas.

– Pediste-lhe desculpa por mim?

– Podes fazê-lo tu próprio.

– Não quero voltar para casa.

À primeira vista, o Zaul era um adolescente de 17 anos, musculado e agressivo, mas, por dentro, continuava a ser um miúdo. Tirei o telemóvel do bolso.

– Há pouco mais de 100 anos houve um génio que inventou uma coisa chamada telefone. Entretanto, passou por várias versões, mas tenho um mesmo aqui à mão. Serve para falarmos com outras pessoas a longas distâncias. – Apontei para o auricular. – Quando encostamos aqui o ouvido, dá a sensação de que estão mesmo ao nosso lado. E, quando falamos para aqui – voltei a apontar –, podemos dizer-lhes coisas tais como pedir-lhes desculpa e dizer-lhes que gostamos muito delas... que esperamos que estejam bem.

Ele acenou com a cabeça, riu-se, voltou a acenar e limpou os olhos ao lençol.

– Fiz asneira da grossa.

Aproximei o banco da cama e sentei-me.

– Pois fizeste. – Pus-lhe a mão no ombro. – Mas, se vamos estabelecer comparações, eu fiz muito pior.

Por muito que se armasse em valentão, o Zaul tinha a sensibilidade da

mãe. Tentava mascará-lo com esteroides, tatuagens, *piercings* e palavrões de fazer corar um marinheiro, mas tudo não passava disso mesmo: um disfarce. Uma forma de esconder as suas inseguranças. O rapaz à minha frente não era nada disso e a carapaça dele tinha rachado. O verdadeiro Zaul estava à mostra. Parecia um daqueles miúdos que aparece na sala de estar com o roupão e os chinelos do pai. Simplesmente não lhe serviam.

Abanou a cabeça, suspirou e agarrou-se às costelas.

– Sinto-me como se tivesse sido passado a ferro por um camião.

– Queres contar-me o que aconteceu?

– Por onde é que queres que comece?

– Que tal começares pelo início? Depois de eu ter feito a entrega.

O Zaul olhou de fugida para a Lina, sem saber até que ponto podia falar à vontade.

– Ela sabe. Eu contei-lhe.

O Zaul explicou que seguia as minhas entregas através do telemóvel do pai. Descobria onde, quanto e tudo o mais. Uma tarde, inadvertidamente, facilitei-lhe a tarefa ao retirar o cartão SIM do meu cacifo nas traseiras da casa e atirar o velho ao caixote do lixo sem ver que ele estava lá. Desde então, andava a seguir-me, a tentar aprender como fazia o que fazia, ao mesmo tempo que tentava descobrir onde o pai armazenava o grosso da droga para poder desviar alguma e fazer dinheiro por conta própria. Pensou que, depois de todas as broncas que tinha causado, o pai apreciaria a iniciativa. À medida que as perdas se acumulavam, foi percebendo que não tinha futuro no póquer e começou a dar-se com uns tipos que organizavam lutas de cães. Daí, os pit bull. Dinheiro fácil. Pensou pagar uma dívida de jogo com outra aposta segura e, assim, comprou um cão e pagou a um tipo para o treinar, mas logo na primeira luta sofreram uma derrota devastadora. Tinha apostado uma boa maquia em péssimas probabilidades. As perdas nas lutas de cães juntaram-se às perdas no póquer e, quando deu conta, tinha os credores à perna. Por isso, uma noite, levou a Maria num passeio ao luar, segundo lhe disse a ela e a nós, e eles seguiram-no e apanharam-no desprevenido. O cão era para ele. Ligou para o número de emergência e esperou até o helicóptero aterrar na estrada, com medo de olhar para a cara da irmã.

Ficou em silêncio durante um bocado. Depois disse que a mãe e o pai já o tinham safado de tantas trapalhadas que não teve coragem de voltar a encará-los, por isso, fugiu para o único lugar que lhe ocorreu. Quando aterrou na Costa Rica, ligou a uns surfistas que tinha conhecido durante o

verão anterior. A situação não tardou a descontrolar-se e, quando se apercebeu, tinha 200 pessoas a destruírem a casa dos pais. Tentando ser como nós, mais uma vez, pensou começar a comprar e a vender para recuperar tudo o que tinha perdido, o que o levou a León. Chegou a alimentar fantasias em que regressava à casa dos pais em Miami com dinheiro suficiente para lhes restituir tudo o que tinham gasto para o safar. Em León, soube do jogo de póquer e ostentou dinheiro suficiente para ser convidado. Perdeu tudo num abrir e fechar de olhos e, quando tentou fugir, o capataz mandou a segurança atrás dele. A pé e praticamente sem dinheiro, ele e os “amigos” começaram a viver em pousadas e estâncias, que deixavam em mau estado antes de partirem. A certa altura, meteu-se numa rixa num bar com um homem que tinha uma navalha, o que explicava os ferimentos no abdómen. Quando o dinheiro acabou e ele se recusou a ligar ao pai a pedir mais, os supostos amigos viraram-se contra ele, o que explicava os golpes na testa e as costelas partidas. Como uma alcateia de lobos, atacaram-no quando já estava ferido e ainda fizeram pior. O resultado era o que tínhamos à nossa frente. Levaram-lhe o pouco dinheiro que lhe restava, deixaram-no tombado numa valeta e, daí, ele rastejou até à autoestrada, viajou para sul à boleia e seguiu a pé quando o camião chegou à Costa Rica. Disse que já calculava que eu andasse à procura dele e que, mais tarde ou mais cedo, havia de o encontrar, ou ao corpo dele, na casa de férias.

Quando chegou ao fim do relato estava exausto. Encostou-se para trás e fechou os olhos. A Lina aconchegou-o e sugeriu-lhe que dormisse um pouco. Falaríamos mais tarde.

Já tinha adormecido quando saí do quarto. A Lina veio ter comigo à porta.

– Está muito fraco. Tem de ficar aqui mais um dia. – Apertou as mãos atrás das costas e balançou-se em bicos de pés. – Não te ia saber mesmo bem agora um croissant com chocolate?

Precisava de algum tempo para processar tudo aquilo. Disse-lhe:

– Volto já.

×

O dia passou com o Zaul a dormir o tempo todo. À noite, depois de os padres terem fechado os enormes portões da catedral e ido deitar-se, a Lina encontrou-me a dormir no banco do costume. Sacudi-me um pé.

– Tens um segundo?

Endireitei-me no banco.

– Claro.

– Não quero ser chata, mas quais são os teus planos?

Encolhi um ombro.

– Ele não quer ir para casa. Posso obrigá-lo, mas não sei por quanto tempo, nem de que serviria. Posso levá-lo para a casa na Costa Rica e deixá-lo recuperar lá, mas não vai fazer-lhe bem estar num sítio onde fez tanta asneira, sempre a lembrar-se da tensão com os pais, e só estaríamos lá nós. Acho que daríamos em doidos até recobrar as forças. Podemos ficar no hotel cá na cidade, mas, assim que pudesse levantar-se e andar por aí, teríamos o mesmo problema. Já para não falar das probabilidades acrescidas de encontrar algum dos amigalhaços, coisa que nenhum de nós precisa. Posso levá-lo comigo para Bimini, mas isso só iria reforçar as ilusões sobre a vida dos traficantes de droga. E, pessoalmente, não me agradaria nada regressar agora.

A Lina sentou-se ao pé de mim.

– E que me dizes a passarem umas semanas connosco em Valle Cruces? Podíamos pôr mais uma cama no galinheiro. Tu e o Paulo podiam dar-lhe uns retoques. Já vi que percebes de carpintaria. Talvez pudesses dar-lhe um ar mais... – riu-se – acolhedor.

– Paguei-vos para me ajudarem a encontrá-lo, não para cuidarem dele.

– Não estou a sugerir que nos pagues.

– Eu sei, não quis...

– As feridas do Zaul são muito mais profundas do que parecem. É um miúdo desorientado que nem sequer sabe quem é.

Tinha toda a razão. Assenti.

– És muito perspicaz.

– Sou mulher.

Sorri.

– Lá isso, és.

– Quando era pequena, mais pequena do que a Isabella agora, o meu pai levava-me com ele para as montanhas onde cuidava das plantas de café. Às vezes, encontrava uma planta que se recusava a florir. Por mais que lhe fizesse, não havia meio de dar fruto. Em vez de a arrancar pela raiz e deitá-la fora, desenterrava-a com todo o cuidado e transplantava-a para um solo diferente. Amparava-a com uma guia mais forte do que ela, regava-a, fertilizava-a, dando-lhe tempo de criar raízes num sítio diferente. Às vezes,

só precisamos de uma mudança de ares.

– Com todo o respeito pelo teu pai, uma mudança de ares não implica necessariamente uma melhoria das circunstâncias. A experiência diz-me que os problemas têm tendência a perseguir-nos, quer estejamos em Boston, Miami, Bimini ou na Nicarágua.

Ela estendeu uma toalha no regaço, tirou da mala uma manga do tamanho de uma pequena bola de rãguebi e começou a descascá-la. O sumo escorria da faca para a toalha. Ofereceu-me uma fatia, que aceitei, e cortou outra para ela. Falou com a boca cheia.

– A experiência diz-me que não é sensato deixar que a minha experiência dite a dos outros. – Voltou-se para mim. – Não sou perita no assunto, mas sei o que é sofrer. E vejo o mesmo quando olho aquele miúdo nos olhos. O corpo dele há de sarar, é o coração que me preocupa.

Sorri e ela ofereceu-me outra fatia. Dei por mim também a falar com a boca cheia.

– Foi o teu pai que te ensinou isso?

– Isso, o quê? – Fez um sorriso travesso. – A descascar mangas ou a dar conselhos que ninguém me pediu?

– A parte dos conselhos.

Abanou a cabeça uma vez, com o sumo a escorrer-lhe pelo queixo.

– A minha mãe.

– Era uma mulher sábia, então.

Ela apontou-me a faca.

– Teria gostado de ti.

– Duvido muito.

Ela riu-se e pôs-se de pé.

– E então, está decidido?

– Tenho quase a certeza de que já estava decidido antes de começarmos a ter esta conversa, mas, só para sentir que tive algum voto na matéria, tenho de falar com o Colin. Acho que não se vai opor e imagino que já deves ter previsto essa possibilidade.

– Sim.

– Sei o que faria se o Zaul fosse meu filho, mas não é, por isso, estou entalado entre ele, deste lado do telefone, e o pai, do outro.

– Se o Colin for inteligente, verá que neste momento tens mais influência sobre a vida do Zaul.

– É muito inteligente.

– Nem por isso, se foi ele que te aliciou a entrar no negócio da família.

– Pois, teremos sempre isso... – Encostei-me para trás no banco, cruzei as pernas e apoiei as mãos nos joelhos. – Posso fazer-te uma pergunta?

– Força.

– Foi a tua mãe que te ensinou a orientar a conversa para onde te convém, algo que nem os peritos em Harvard dominam?

– Andaste em Harvard?

– Foi lá que me licenciiei.

– A sério?

– A sério.

– Então deves ser um cérebro, não?

– Não diria isso, mas tenho uma grande capacidade de adaptação.

– É de quê, o teu curso?

– Economia. E uma pós-graduação em gestão de empresas.

Isto espantou-a.

– E com um currículo desses acabaste a passar droga?

– Agora já não.

– Se tu o dizes...

– Sim.

Depois de pensar um pouco, voltou à minha pergunta.

– Perguntaste-me se tinha sido a minha mãe ou o meu pai. – Abanou a cabeça. – Nenhum dos dois.

– Então quem foi?

– Não é quem, mas o quê.

– Então o que é esse o quê?

Uma bem merecida gargalhada.

– A vida. Depois de perdermos a plantação, havia tão pouco que eu pudesse controlar, que tive de aprender a proteger a Isabella, a proteger-me a mim e ao Paulo quando perdeu a mulher. Aos três. Aprende-se a comunicar, a fazer perguntas. Não que com isso se obtenha mais controlo, mas, ao menos, aprendemos a distinguir e a reconhecer quem não tem controlo sobre nós de quem o tem.

Dirigiu-se à clínica e deixou-me a ruminar tudo o que tinha dito. Destaquei duas reações. Primeiro, tinha sido eu a criar as condições que levaram à perda da plantação. Ao interiorizar este facto, senti uma dor como nunca sentira. Em segundo lugar, adorava observá-la enquanto falava. Havia uma harmonia entre o que dizia e como o dizia. Talvez seja a forma como o espanhol é falado pelos nativos da língua que a torna tão fascinante. E, confesso, talvez houvesse uma terceira reação: no fundo,

sabia que a Paulina estava a tentar convencer-me a fazer algo que, em todo o caso, já queria fazer.

Capítulo Vinte e Sete

Na manhã seguinte, ajudei o Zaul a deixar a clínica, amparei-o e deixei-o apoiar-se em mim ao sairmos para a luz do dia. O Paulo e a Isabella estavam sentados no banco da frente com o motor a trabalhar. Sem poder acreditar no que via, o Zaul ficou pasmado a olhar para a carrinha do pai.

– Como é que tu...

– Ganhei-a num jogo de póquer.

– Bateste aquele tipo?

Encolhi os ombros.

– Não te sintas diminuído. Ele tinha um acordo com o croupier. Foste levado por dois profissionais da vigarice.

– Isso explica muita coisa. – Sorriu, manquejou até à carrinha e preparava-se para entrar quando avistou pelo canto do olho duas vestes castanhas. Parou e voltou atrás, regressando à porta da catedral, onde havia dois padres parados a observá-lo com curiosidade. Apoiou a mão esquerda na porta como um marinheiro embriagado, estendeu-lhes a direita e disse:

– *Muchas gracias.*

Depois voltou à parte de trás da carrinha, onde a Lina pendurou o saco de soro, através do qual lhe administrou antibióticos e analgésicos, num cabide por cima do banco. Talvez só se tenha dado conta de como estava fraco quando se sentou, encostando a cabeça para trás, e fechou os olhos. Começava a transpirar e só a muito custo conseguiu recuperar o fôlego. Se eu acalentara a esperança de um recobro rápido, estava francamente iludido. O Zaul tinha perdido mais sangue do que anteriormente julgávamos e aquilo ia levar tempo. Sentei-me à frente, a cismar no que acabara de ver. Nunca o tinha visto a agradecer nada a ninguém.

Regressámos a Valle Cruces e instalámos o Zaul no galinheiro, facto ao qual, sob o efeito da medicação, ele achou muita graça. Virou-se para mim.

– Se precisar de ti, faço o quê? Cacarejo?

Passou a tarde a dormir enquanto eu e o Paulo fazíamos várias viagens ao armazém dos materiais de construção para comprar madeira, placas de zinco, uma porta e uma cama. Ao anoitecer, já tínhamos reparado o telhado do galinheiro, tapado buracos nas vigas, instalado uma porta a sério e uma cama nova para mim e comprado uma segunda ventoinha. O fim do dia foi encontrar-nos a todos sentados em cadeiras de plástico sob a mangueira, em silêncio a ouvir o Zaul a dormir.

Já conheci na vida momentos de repouso. De paz. De serenidade. Porém, raramente experimentei os três ao mesmo tempo. Sentado sob a copa daquela árvore senti-os, talvez pela primeira vez, a convergir. E a única forma de descrever tal soma é “estar de bem com a vida”.

E, embora isso retratasse o meu estado de espírito, eu sabia que o mesmo não seria verdade para o Zaul se tentasse levá-lo para casa. O Colin e eu precisávamos de ter uma conversa e esperar não adiantava nada. O que eu tinha a dizer-lhe dependia, em última análise, do que ele decidisse, mas tinha de deitar tudo para fora. Marquei o número, disse “Billy”, desliguei e ele ligou-me de volta. Atendi. O Colin disse:

– Como é que ele está?

– Está melhor. – Ele aguardou, percebendo, pelo meu tom de voz, que ainda havia mais a dizer. Tossi para limpar a garganta. – Eu sei que queres que o leve para casa, para junto da família, mas não creio que o Zaul esteja preparado para isso. Posso obrigá-lo, se quiseres, enfiá-lo no avião, mas ele vai fugir outra vez. Encontrámo-lo, é verdade, mas não fizemos nada para reparar o que está mal. Vai voltar a acontecer o mesmo e um dia, simplesmente, não vamos conseguir encontrá-lo.

– O que é que me estás a dizer?

– Não estou a dizer. Estou a pedir.

– A pedir o quê?

– Que o deixes ficar por aqui uns tempos. Que me deixes cuidar dele. Dá-me umas semanas, um mês. Dois, talvez. Estou a pedir-te que me confies o teu filho.

Ouvi-o a suster o fôlego, sobressaltado. A longa pausa. O arrastar de pés. A fungadela disfarçada.

– Achas que se aguenta por aí?

– Não sei. Mas palpita-me que ficaria mais tempo por aqui do que em

casa.

Por muito que lhe custasse, ele sabia que eu tinha razão.

– Faz como te parecer melhor.

– Queres que fale com a Marguerite?

– Não, eu digo-lhe.

*

Na manhã seguinte, acordei cedo. Ainda estava escuro. Olhei para o relógio: 4h27. Levantei-me da cama, dei uma vista de olhos ao Zaul e fui chamar o Paulo, que ainda estava a dormir. Abanei-o de mansinho. Ele despertou e fitou-me enquanto eu imitava um homem a cavar.

– Vamos lá? Cavar?

Ele sentou-se na cama e pousou os pés no chão.

– *Sí, sí.* Nós cavar. Cavar fundo.

*

Passámos a manhã no poço. Eu numa ponta da corda, ele na outra. Emergi à hora do almoço, partilhámos uma sanduíche e estive a entreter os miúdos que tinham vindo para assistir aos trabalhos. A seguir, voltei a descer. Quando já não podia mais dos braços, puxei duas vezes a corda e o Paulo voltou a içar-me enquanto eu escalava a parede interior do poço como o Homem-Aranha.

Isto continuou durante toda a semana.

Enquanto a Lina e a Isabella cuidavam do Zaul, eu e o Paulo cavávamos. Trabalhar no fundo de um buraco nas profundezas da terra, onde o ar era rarefeito e a única fonte de luz a fraca lanterna do capacete, deu-me muito tempo para pensar. Às vezes, pensava na corda, a minha única ligação ao mundo de luz à superfície enquanto labutava nas trevas. Muitas vezes, agachado no fundo ou encostado à parede enquanto esperava que o balde voltasse a descer, desligava a lanterna e deixava-me ficar imóvel até os olhos se habituarem ao escuro, mas isso nunca acontecia. Por mais que insistisse e por muito que piscasse ou esforçasse a vista, não conseguia adaptar-me à escuridão até voltar a ligar a lanterna ou subir na direção do ponto de luz lá longe. Até o fazer, só me restava tatear às cegas. Influenciado, quem sabe, pela falta de oxigénio, a fadiga muscular

ou o cansaço, sentia-me fascinado com a absoluta ausência de luz naquele buraco lamacento. Chamem-me simplista, mas era difícil não ver ali uma lição: se está escuro e queremos luz, temos de recorrer a uma fonte externa – nada do que eu trazia dentro de mim poderia iluminar aquele buraco. E, no meio do silêncio, não podia silenciar a voz que me perguntava quando é que pensava revelar à Lina o meu papel no colapso da Cinco Padres. Sempre que descia ao fundo do poço, lá estava ela à minha espera. Quanto mais cavava, mais alto a ouvia. E não sabia o que lhe responder.

*

Na sexta-feira à noite, saí finalmente do poço depois de ter passado boa parte da semana no subsolo. O Paulo apontou para a corda enrolada aos pés dele e tocou-lhe com o pé. Com um sorriso de satisfação, saudou-me com umas palmadinhas no ombro.

– *Trescientos.*

Calculei que estivesse a referir-se a uma medida, mas tinha-o dito tão depressa que não pude perceber. Abanei a cabeça.

– *No comprende.*

Ele sorriu e disse:

– Trezentos.

Assim já percebia. Na última semana tinha escavado 30 metros.

*

Ao fim do dia, caminhava com o Zaul. A princípio, só íamos do pátio das traseiras até à frente da casa. Depois, até ao fim da rua. Depois disso, dávamos a volta ao quarteirão. A presença de dois *gringos* numa aldeia remota de uma região onde poucos se aventuravam era como ver o circo chegar à cidade, por isso, era frequente formar-se um cortejo atrás de nós. O que mais me surpreendia era a forma como os miúdos pareciam orbitar em torno do Zaul. Tentavam trepar por ele acima como se fosse um aparelho de exercícios num parque infantil até a Isabella os enxotar. Se estavam a jogar à bola, passavam-lha. Se vinham a comer um chupa-chupa, ofereciam-lhe uma parte. Se tinham um brinquedo, queriam partilhá-lo. Eram como moscas no mel. Uma tarde regressei do poço, coberto de lama e, quando saí do banho, o Zaul estava sentado num balde virado ao

contrário com outro à frente e duas baquetas improvisadas. Os miúdos à volta dele estavam sentados no chão, com paus nas mãos e baldes ou bacias, ou qualquer outra coisa que se assemelhasse a um instrumento de percussão e o Zaul estava a dar-lhes lições de bateria. Nem sabia que ele tocava bateria. Fiquei a ouvi-los com a Lina e vi um miúdo sair pouco a pouco do casulo negro em que se encapsulara há muito, muito tempo. Quanto mais batia naquele balde como se estivesse a tocar bateria, mais os pequenos sorriam. E, quanto mais eles sorriam, mais o Zaul desabrochava. Quando os outros se juntaram a ele em coro, deixou-se levar à rédea solta. Agitava os braços no ar e fazia rodopiar as baquetas, sorridente. Caminhando em círculos à volta dele e da turma, gravei um pequeno vídeo da aula que enviei ao Colin. Pouco depois respondeu-me com uma única palavra: “Lágrimas.” Escrevi-lhe: “Aqui também.”

✱

No domingo à tarde, encontrei o Paulo a alimentar o forno de lenha que havia atrás do galinheiro, semelhante a um daqueles enormes fornos de tijolo onde as pizarias cozinham as pizzas a temperaturas altíssimas. Pouco depois, já o fogo crepitava e algumas achas depois tivemos de recuar, tal era a intensidade do calor. O forno tinha duas aberturas do tamanho de uma janela que o Paulo cobriu com pedaços de zinco canelado pouco maiores, deixando uma pequena fresta para o oxigénio entrar. A chaminé libertava plumas de fumo branco. Enquanto ele preparava o forno, a Lina e a Isabella, ambas de avental, surgiram carregadas de taças e tabuleiros, óleo de cozinha e sorrisos. A Lina chamou-me com um gesto.

– Anda daí. Tens de sujar as mãos.

Lavei as mãos e aproximei-me da mesa. A Lina apertou-me um avental à volta da cintura, o que fez rir a Isabella. Olhou para mim com um sorriso e encolheu um ombro.

– Não estou a rir-me de ti. Estou a rir-me contigo.

A Lina ensinou-me a preparar e a amassar o pão. Preparar a massa era fácil, mas suei as estopinhas a amassá-la. Obviamente, o tipo de pão que estávamos a fazer não podia ter bolhas de ar, por isso, tive de esticar, prensar, esmurrar a massa e atirá-la contra a mesa até não restar uma única bolha. Quando terminei, nem sentia os braços.

Dividimos a massa em bocados do tamanho de donuts, que achatámos como tortilhas e polvilhámos com açúcar amarelo, pepitas de canela e um

queijo malcheiroso e farinhento que me fez torcer o nariz, convencido de que não valia a pena prová-lo. A seguir, dobrámos a massa como um guardanapo em triângulo.

Enchemos os tabuleiros com os cerca de 40 triângulos e, em seguida, o Paulo afastou os dois pedaços de canelado de zinco com um pau comprido, empurrou as brasas para o chão pela abertura principal e, depois de as apagar com vários baldes de água, serviu-se de uma espécie de vassoura para varrer toda a cinza do forno. No fim, tínhamos um forno limpo com temperaturas que oscilariam entre os 400 °C e os 500 °C durante a próxima hora.

A Lina entregou-lhe os quatro tabuleiros e, com um utensílio diferente, o Paulo meteu-os no forno tal como faria um cozinheiro numa pizaria. Voltou a tapar as aberturas com o canelado de zinco e ficou ali parado, impaciente, a bater o pé. Noventa segundos depois empurrou os pedaços de zinco para o lado e serviu-se do cabo do utensílio para retirar os tabuleiros do forno. A Lina, com uma pega em cada mão, colocou-os na mesa para arrefecerem. Feito isto, depositou um dos bolinhos castanhos e empolados num guardanapo e entregou-mo com ar de desafio. Peguei-lhe, hesitante em provar até que o delicioso aroma me chegou ao nariz, e dei logo uma grande dentada.

Em 10 minutos, devorei sete. Satisfeito e inchado como um melão, encostei-me para trás.

– O melhor pão que já comi. Sem dúvida.

Encostado à parede nas traseiras da casa, eufórico devido ao excesso de açúcar, que não tardaria a produzir o efeito inverso, admirei-me, mais uma vez, com a simplicidade da vida por aqueles lados.

A Lina abafou uma gargalhada ao ver que eu mal conseguia manter os olhos abertos e acenou na direção da rede.

– O melhor é dormir até passar.

Deixei-me cair na rede e nem sequer me lembro de fechar os olhos.

Três horas mais tarde, quando levantei a cabeça a custo e olhei à minha volta com um olho semiaberto, a Lina estava sentada ao meu lado a coser uma espécie de remendo numa peça de roupa. Sentei-me de repente, mas depois decidi que tinha sido depressa de mais e voltei a deitar-me com uma perna pendurada por fora da rede, os dedos a arrastar pelo chão. Ela apontou-me a agulha e sorriu, semicerrando um olho.

– A Nicarágua fica-te bem.

Na segunda semana, o Zaul sentiu-se com força suficiente para se aventurar montanha acima até onde a Lina dava as consultas. O Paulo levava a corda, eu o que restava de uma pá embotada e a Isabella era o centro das atenções. Entre sextas na caixa da carrinha do pai, o Zaul assistia a Lina, conversava com o Paulo, enviava-me mensagens cómicas presas ao balde e tocava a bateria improvisada enquanto a Isabella dançava com as outras crianças. Escavar aquele poço era um processo estupidamente repetitivo que envolvia andar constantemente às voltas, agachado e a cavar o solo debaixo dos meus pés. Era de loucos. Os meus pés estavam sempre em movimento, nunca em terreno regular e sempre cheios de terra e de lama. Já nem me lembrava de como eram os meus dedos dos pés. E dizer que as costas me doíam seria um eufemismo. Quanto mais cavava, mais me convenciam de que talvez aquele poço tivesse sido propositadamente selado. Tendo em conta as histórias que ouvira sobre a quantidade de água que dantes fornecia, não me saía da cabeça que, se conseguisse desobstruí-lo, a água irromperia como um gêiser pelo cilindro de 120 metros de profundidade e transportar-me-ia até à superfície.

Na quarta-feira seguinte ao fim do dia, estava enterrado em lama até aos tornozelos, cada vez mais convencido de que tinha debaixo dos pés um míssil de água prestes a lançar-me pelos ares assim que a pá atingisse o detonador oculto. Comecei a mover-me e a escavar como se estivesse em terreno minado. Enquanto enchia o que jurei a mim próprio ser o último balde do dia, a luz da lanterna iluminou-me os pés por alguns instantes e pareceu-me ver qualquer coisa a brilhar. Vasculhei a lama, mas não encontrei nada. Estava estafado e sem paciência para procurar melhor, mas, quando o Paulo começou a puxar a corda, ajudando-me a escalar a parede do poço, soube que definitivamente tinha visto qualquer coisa lá em baixo. O problema é que, ao passo que outros teriam ficado extasiados ante a perspectiva de encontrar um objeto valioso, algo me dizia que eu não queria descobrir o que aquilo era e, secretamente, estava a torcer para que não fosse nada – um mero produto da minha imaginação – ou então desaparecesse antes de voltar a descer ao poço.

Quando cheguei à superfície, vi o Zaul a dançar com a Isabella de um lado e a Ana Julia do outro. A Lina e os restantes 40 ou 50 membros do público batiam as palmas e entoavam uma canção com uma letra que nunca tinha ouvido, mas cuja melodia me era muito familiar. O Paulo

ajudou-me a sair do poço, sacudi o pó da minha roupa e apontou para a corda com um sorriso enorme. Já faltava pouco, estávamos quase lá. Mal podia levantar os braços. Ele apertou-me o músculo do braço duas vezes, testando-o.

– Tu cavar bem. Tu gringo às direitas.

Nessa noite, enquanto descansávamos em silêncio sob a mangueira, a Lina perguntou-me:

– Estás bem? Pareces... distante.

– Desculpa. Estou só cansado.

– Estás a mentir-me – censurou ela, pouco convencida.

Admiti com um aceno fatigado.

– Bem, mas que estou cansado, estou.

Ela não insistiu, mas tinha razão. Havia qualquer coisa a incomodar-me e eu tinha quase a certeza de que sabia o que era. Mal ou bem, ficaria a saber dentro de poucas horas. Por precaução, substituí as pilhas da lanterna e meti uma segunda lanterna no bolso.

✱

Na manhã seguinte, enquanto o Paulo verificava a corda e se preparava para me ajudar a descer ao poço, perguntei à Lina:

– Vais estar por aqui?

Ela olhou-me com estranheza e abanou a cabeça.

– Tenho de ir aos celeiros ver uns miúdos. Talvez tenha de lhes administrar um anti-helmíntico.

– Importavas-te de ficar só uns minutos?

No rosto dela, a esperança deu lugar à preocupação. Tocou-me na face com as costas da mão.

– Estás bem?

– Sim, não, tudo bem. – Fiz um gesto de descaso. – Esquece. Eu venho cá acima à hora do almoço.

Desapareci no interior do poço, mas o olhar dela e a sobrancelha erguida disseram-me que não a tinha convencido. O que era bom.

Quando cheguei ao fundo, não demorei muito a encontrá-lo. Estava no mesmo sítio do dia anterior e era exatamente o que eu pensava: um seixo polido num encaixe dourado preso a um fio de ouro – igualzinho ao que a Lina usava. Segurei o seixo enquanto soltava cuidadosamente o resto do fio, mas nisto a pá bateu em qualquer coisa dura abaixo da superfície da

água. Escavando com os dedos, apanhei o objeto e aproximei-o dos olhos. Era um osso. Ao apontar a luz para os pés, dei-me conta de que estava em cima de uma pilha de ossos. Observei o fio com atenção para me certificar de que era realmente idêntico ao da Lina. Confirmava-se. Não sabia bem o que aquilo significava, mas algo me dizia que tinha acabado de encontrar a mãe da Lina e, se continuasse a procurar, provavelmente acabaria por encontrar também o pai. Agachei-me, encostado à parede, enquanto pensava no que fazer a seguir. Não podia simplesmente meter tudo misturado no balde e mandá-lo para a superfície sem falar com ela primeiro. Tinha de ir lá acima e contar-lhe. Tinha de lhe mostrar o seixo.

Puxei a corda e o Paulo começou de imediato a içar-me até à superfície. Sentia qualquer coisa a obstruir-me a garganta e não havia maneira de me livrar do desconforto. Quanto mais me aproximava, mais a obstrução ameaçava sufocar-me. Saí do buraco e a Lina estava lá à minha espera. A multidão estava em silêncio, porque aquilo era invulgar. Por regra, só saía ao almoço e ao anoitecer, mas esta manhã só lá tinha estado em baixo alguns minutos. Toda a gente sabia que aquilo queria dizer alguma coisa. Não sabiam o que era, mas sabiam que era importante. Foram-se chegando até que o Paulo se viu obrigado a fazê-los recuar.

Chamei o Paulo e a Lina à parte com um gesto. Queria falar, mas o que podia eu dizer para não a magoar? Sem saber o que fazer, pus-lhe o seixo na mão. A princípio, limitou-se a fitá-lo, sem perceber o que via. Quando reconheceu o fio, sobressaltou-se. Tocou no seixo com a ponta dos dedos enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces.

Pouco depois, tremia e soluçava de forma descontrolada. A multidão à nossa volta, normalmente contente com a nossa presença e a possibilidade de que o poço um dia voltasse a ter água, ficou em silêncio. Ninguém disse uma palavra, ninguém se mexeu, ninguém produziu um único som enquanto a Lina chorava. Após quase um minuto em que não se ouviu nem respirar, a Lina deu largas à mágoa e ao sofrimento que guardava dentro de si há quase uma década e o pranto lancinante ecoou por toda a montanha. Novos e velhos começaram também a chorar – um testemunho do apreço que sentiam por ela e da vontade de partilharem a sua dor, ou até de a carregarem por ela.

Com o fio entre os dedos e o seixo polido a pender-lhe da mão, a Lina levou-o aos lábios e beijou-o e, a seguir, apertou-o contra o peito. Finalmente, de cabeça baixa, esticou o braço no ar virado para a multidão. Uma revelação que não requeria qualquer explicação. As mulheres mais

velhas desataram os lenços que traziam ao pescoço e cobriram a cabeça.

O Paulo abraçou a Isabella, que se agarrou ao pescoço dele. Eu e o Zaul permanecemos imóveis, sem saber o que fazer. Instantes depois, a Lina agarrou-se a mim e chorou no meu ombro. Apertei-a nos braços, oferecendo o consolo possível, mas temia que não servisse de muito. A dor era profunda e a minha amizade só podia ajudar até certo ponto. As feridas da tragédia, a perda de tantos amigos e familiares, a perda dos pais, da plantação, do marido – caiu-lhe tudo em cima ao mesmo tempo quando lhe coloquei aquela pedra na mão. Estava inconsolável. Quando se deixou cair, amparei-a. Resvalámos juntos até ficarmos sentados no chão, encostados à parede do poço, com a mangueira por cima de nós, os pais dela sepultados lá em baixo. Rodeada por uma comunidade num silêncio reverente e que crescia a olhos vistos, a Lina chorava.

Alguns minutos depois, pôs-se de pé, resolvida a descer no arnês. Incoerente, começou a dar instruções ao Paulo para que a baixasse para o buraco. Toquei-lhe na mão.

– Lina. – Nada. – Lina – insisti. Não obtive qualquer reação. – Paulina.

Voltou-se e olhou para mim. Pedi-lhe:

– Deixa-me ser eu a fazer isso.

Ela abanou a cabeça com veemência.

– Não, o meu pai...

– Lina, se ele estiver lá em baixo com a tua mãe, devias estar tu aqui para os receber, não nós.

Isto deteve-a. Sabia que eu tinha razão.

Enfie-me no arnês e desci. A minha preocupação, uma vez lá em baixo, era não perturbar muito a disposição dos ossos. Trabalhei com toda a cautela, procurando libertá-los delicadamente da lama. Soube que tinha encontrado o pai quando desenterrei uma aliança. Ao vê-la, lembrei-me da primeira e única vez que tinha visto o pai da Lina.

Quando o Marshall me enviou pela primeira vez à Nicarágua para fazer a oferta à Cinco Padres, há uma eternidade, levei a proposta ao advogado que nos servia de intermediário e lembro-me de estar sentado num café do outro lado da rua, escondido atrás dos meus Costa Del Mar, desejoso de ver a reação do dono da empresa. Vi-o chegar ao escritório do advogado e sair três minutos depois. Trazia um chapéu de palha que já vira melhores dias, a pele tisonada de um camponês e o peso do mundo às costas. Lembro-me de olhar para aquelas mãos fortes e de pensar que os ombros largos dele sabiam bem o que era o trabalho árduo. Os pés de galinha ao canto

dos olhos davam-lhe uma aparência sorridente. Lembro-me de o ver descer aquelas escadas e, apesar da dor que trazia estampada no rosto, parou para meter conversa com uma anciã. Tirou-lhe o chapéu, sorriu e inclinou-se ligeiramente. A seguir, cumprimentou da mesma forma um homem da mesma idade e um casal. Quando chegou ao passeio, já tinha parado para falar com sete grupos de pessoas. Todos queriam cumprimentá-lo, apertar-lhe a mão. Lembro-me de pensar que, apesar das botas coçadas, da camisa suja e puída, das calças de ganga esfarrapadas, tinha um porte mais distinto do que o Marshall. Do que qualquer um de nós. Não tinha comprado o respeito e a consideração com que o tratavam aqueles que passavam por ele na rua. Tinha-os merecido. E também me lembrei de outro pensamento que me ocorreu nessa tarde: não o conhecia, nunca nos tínhamos cruzado e nunca nos cruzaríamos, mas... aquele homem era amado. A prova estava nos rostos das pessoas que ia encontrando. Tinha-lhes dado algo e todos queriam uma oportunidade para lhe agradecer. À medida que se afastava, percebi o que era. Algo que nem o Marshall nem eu podíamos oferecer. Algo para além da nossa compreensão.

Tinha-lhes dado esperança. Bem vistas as coisas, era ele o bilionário e nós os agricultores de subsistência.

Ali sentado na lama, com as lágrimas a escorrer-me pelo rosto, recordei o período da minha vida em que trabalhara para um homem que fingia ser alguém de vulto, convencido de que a fortuna que tinha lhe conferia importância. E, no entanto, não era digno de engraxar as botas do homem que eu vira a atravessar a rua à minha frente. O Marshall não chegava aos calcanhares de Alejandro Santiago Martinez. A reação dos que o conheciam dizia tudo. Olhei para a lama, cabisbaixo, e lamentei não me ter levantado, tirado o chapéu e cumprimentado.

O Marshall nunca tivera aquele efeito sobre mim. Nunca.

No fundo daquele buraco, ligado ao mundo por uma corda empapada e lamacenta, afastei a lanterna, tossiquei e falei àqueles ossos.

– Quero dizer-vos a ambos, sobretudo a si, Alejandro, que, embora não tenha tido nada a ver com esta lama, tive muito a ver com o que aconteceu depois disto. A sua família sofreu muito e pode dizer-se que foi por minha culpa. Se estivesse no seu lugar, estaria furioso comigo. Peço desculpa pelo que fizemos. Pelo que fiz. Por não ser um ser humano melhor. – Calei-me, sem saber o que dizer a seguir. – Iria orgulhar-se muito da Lina. Ela não... bem, não sabe nada disto, toda a vida vivi numa área cinzenta, de mentiras

e meias-verdades. Quanto mais tempo passo com ela, mais quero passar, mas há certas coisas que ela não sabe sobre mim, a começar por todo o mal que fiz aqui. – Olhei para mim próprio, coberto de lama da cabeça aos pés. – Toda a vida fui assim, por dentro. – Abanei a cabeça. – Quero que saiba que lamento profundamente todo o sofrimento que vos causei e... – levantei os olhos para o ponto de luz lá em cima – que ainda vou causar.

Desenterrar aquele casal rasgou qualquer coisa dentro de mim. Icei-os para o balde às cegas, tolhido pelas lágrimas. Não sei dizer porquê, mas a certa altura veio-me à memória algo que me aconteceu quando era pequeno. Tinha 5 anos, talvez 6. Vinha a sair da praia, com a prancha debaixo do braço, o sabor do sal nos lábios e o cabelo queimado do sol no rosto. Atalhei pelas dunas e comecei a atravessar o relvado em direção a casa. Os primeiros três passos ocorreram sem incidentes, mas, ao quarto, soltei um grito arrepiante que fez com que a minha mãe saísse de casa a correr. O carrapicho é uma erva daninha rasteira que se esconde no meio das outras plantas e é difícil distingui-la se estivermos distraídos. Produz umas bolinhas minúsculas com 15 ou 20 espigões cada uma, capazes de perfurar o couro mais rijo e pisá-las é como deslizar sobre lâminas e estilhaços de vidro. Crescem rapidamente e podem surgir em qualquer lugar. Atravessara aquele relvado inúmeras vezes e nunca tal me tinha acontecido, mas naquele dia acertei-lhes em cheio. Assim que pousei o pé no chão soube que tinha enterrado alguns 500 espigões na planta do pé e o pior de tudo é que não podia mexer-me. Tinha de ficar ali a suportar a dor até que alguém com sapatos viesse resgatar-me daquele campo minado. A minha mãe atravessou a rua, pegou em mim e levou-me ao colo para dentro de casa, onde passou as duas horas seguintes a arrancar-me os espigões do pé com uma pinça. Extraiu várias centenas, examinando-os à luz um a um para ter a certeza de que tinha tirado tudo.

Encher o balde com os restos mortais daquele homem e daquela mulher e depois puxar pela corda e vê-los ascender à superfície revelou-se uma experiência muito semelhante. Foi, pouco a pouco, arrancando os estilhaços de vidro que tinha cravados no coração e, no final, fiquei a perguntar-me se teria tirado tudo ou se ainda restaria alguma coisa.

×

Enchi e enviei para cima cinco baldes com grandes pedaços de lama vulcânica convertida em rocha envolvendo os ossos dos pais da Lina, como

fósseis ancestrais a retratar uma história de afetos, de um abraço final depois de uma década na forja, de amor vivido em pleno. Quando tive a certeza de que tinha desenterrado tudo, subi e encontrei a Lina a olhar para um pedaço de rocha que tinha acabado de lavar num balde de água. Os ossos de uma mão sobressaíam das extremidades da rocha porosa. Aos poucos, a lama ia-se erodindo até revelar duas mãos entrelaçadas, a maior a afagar a mais pequena e, na primeira, a Lina encontrou a aliança do pai.

A reação da Lina foi mais do que qualquer um de nós podia tolerar. Alguns desviaram o olhar, outros levaram as mãos à boca, abismados. Eu ajoelhei-me à beira dela sem saber como ajudar. Por fim, virou-se para mim com as mãos dos pais entre as dela. Não precisou de dizer uma palavra. Por entre lágrimas de agonia, mostrou um sorriso triste. A imagem dispensava legendas: tinham morrido juntos. A multidão à nossa volta formou um cordão até ao ribeiro, transportando balde após balde de água para que pudéssemos retirar o excesso de lama da amálgama de rocha e osso. Ao encaixar os fragmentos de rocha como jaziam no fundo do poço, conseguimos reconstituir os últimos momentos da vida dos pais da Lina. Com a torrente de lama a aproximar-se, tinham descido ao poço julgando que os protegeria. E assim foi, até que uma onda de 10 metros engoliu tudo, soterrando-os. O pai da Lina não pôde suportar o peso dos dois por muito tempo. A julgar pelo círculo protetor de osso branco a envolver o frágil e diminuto esqueleto da mãe, tinha tentado escudá-la enquanto a lama cáustica enchia o espaço em redor deles e os empurrava para baixo. Onde o último minuto de vida juntos ficara para sempre registado na pedra. Não cheguei a conhecê-los, por isso, não saberia dizer que tipo de pessoas eram em vida, mas sei como morreram. A cabeça da esposa repousava no ombro do marido. Era inegável. Tinham as mãos entrelaçadas, um gesto íntimo. Quando as pessoas à nossa volta avistaram o quadro, sobressaltaram-se e abanaram a cabeça. As mulheres mais velhas carpiam. As mais jovens tapavam a boca. Os velhos tiraram os chapéus e benzeram-se. Na minha opinião de leigo, o casal tinha morrido perto da superfície, engolido pela lama. À medida que arrefecia e secava, a lama endureceu e comprimiu-se e, tendo em conta o seu peso e as paredes escorregadias devido à água, desceu até ao fundo do poço como uma bala gigante, percorrendo perto de 120 metros até colidir com a camada rochosa acima do lençol de água, selando o poço como uma rolha de pedra e sepultando os pais da Lina.

A notícia espalhou-se rapidamente. O *gringo* no fundo do poço tinha encontrado os corpos de Alejandro Santiago Martinez e da mulher. A estrada não tardou a encher-se de peregrinos vindos de todas as partes da montanha para oferecer condolências e prestar homenagem ao casal. Pela noite fora foram surgindo a pé, em carroças e de autocarro. Perto da meia-noite, olhámos para baixo e vimos uma maré de gente a subir a montanha como formigas. A Lina pasmou ante aquela visão inaudita, enganchou o braço no meu e a tristeza e o desgosto transformaram-se em sorrisos e uma alegria sem fim. Em abraços dados e recebidos. Durante horas, agradeceu aos que tinham subido a montanha para prestar uma última homenagem aos pais.

Quando amanheceu, pediu-me para a levar ao cimo da montanha na carrinha do Colin e, ao ver quantas pessoas ainda se lembravam da mãe e do pai, quantas pessoas tinham passado a noite acampadas à beira da estrada, quantas ainda estavam a chegar, algo sarou dentro dela e o luto deu lugar ao júbilo. A certa altura, pediu-me para deixar o Paulo levar a carrinha e subimos os últimos cinco quilómetros a pé até à fazenda, onde se tinham juntado mais de cinco mil pessoas.

Ao ver a massa, a horda de gente, voltei-me para o Paulo e entreguei-lhe todo o dinheiro que trazia comigo. Vários milhares de dólares em dinheiro vivo. Ofereci-lhe tudo. Ele sorriu, deu-me umas palmadinhas no ombro e abanou a cabeça.

– Não precisas. – Indicou o mar de rostos com um gesto largo. – A Nicarágua paga.

E tinha razão. A luz de numerosas fogueiras encheu o ar da manhã, tal como o aroma da preparação de tortilhas, feijão e arroz. Os porcos eram trazidos à trela e abatidos às dezenas e, uma vez esquartejados, homens cobertos de suor assavam-nos lentamente no espeto, sobre brasas incandescentes que iam alimentando e avivando constantemente ao longo do dia. Num celeiro ali perto, várias mulheres labutaram incansavelmente durante horas, moendo café suficiente para que todos pudessem mais uma vez provar e recordar o café do Alejandro. Grupos de senhoras de aventais e lenços na cabeça lavavam e cortavam hortaliça, outras faziam pão que dispunham em pilhas dentro de cestos enormes. A Lina pegou-me no braço e caminhámos por entre tendas, redes e fogueiras, acompanhando os preparativos. Agradeceu a centenas de pessoas que conheciam o pai ou a

mãe ou que tinham sido influenciados pela vida dele. As vidas de ambos. Estava imparável. Era um dia solene, de uma melancolia reverente que geraria júbilo e regozijo. Inúmeras crianças, jovens mães e velhos foram ter com a Lina para lhe oferecer um abraço ou um aperto de mão. A honra que lhe concediam era algo nunca visto.

Devido ao elevado número de pessoas e as que continuavam a chegar da capital e de mais longe ainda – oito horas de autocarro –, o funeral foi adiado para o dia seguinte. O problema, e era grave, era a água. Havia comida e latrinas suficientes, mas a água potável na montanha era um bem escasso. A Lina veio ter comigo ao meio-dia, preocupada e coberta de suor.

– Quanta água é que a carrinha será capaz de transportar?

– Várias centenas de garrações, porquê? O que é que se passa?

– Isso não chegaria sequer para a tarde e, provavelmente, não daria para um quarto destas pessoas. – Abanou a cabeça, frustrada, tirou o lenço da cabeça e esfregou a cara e o pescoço. – Estas pessoas gastaram grande parte da água que traziam para subir a montanha. Está um calor dos diabos e até amanhã vão ficar desidratadas e, depois, ainda têm de voltar para casa. A sede vai ser tanta que vão começar a beber do regato que vem lá de cima das pastagens e muitas vão adoecer e regressar a casa pior do que chegaram aqui.

Voltei-me para o Paulo, igualmente preocupado. O Zaul vinha com ele.

– Vocês os dois, sentem-se com forças?

O Paulo encolheu os ombros.

– *Hermano?*

O Zaul abanou a cabeça.

– Ainda me sinto um bocado fraco, mas estou disposto a fazer o que for preciso.

Comecei a dirigir-me ao poço.

– Tenho uma ideia. É um tiro no escuro, mas pode ser que resulte. – Voltei-me para o Paulo. – Vou precisar de um pedaço comprido de aço, algo semelhante a uma cunha das que se usam para rachar lenha. Um machado. Uma lança. Qualquer coisa comprida, forte e pontiaguda.

Ele levantou um dedo e desapareceu na direção do celeiro dos tratores enquanto eu ajustava o arnês. A Lina não parecia ter muita fé em mim. O Paulo regressou com um pé-de-cabra de metro e meio, afiado numa ponta e achatado na outra onde costumavam bater-lhe com uma marreta. O problema é que também precisava de um martelo, mas o cabo não podia ser muito comprido, pois, nesse caso, não teria espaço para o manejar. A

seguir entregou-me uma marreta de 30 centímetros, o comprimento suficiente para a minha mão e a cabeça metálica.

Prendi as ferramentas ao arnês e baixei-as para o buraco para ficarem penduradas por baixo de mim enquanto descia. Antes de deixar a superfície falei com o Paulo e com o Zaul. A Lina ouvia com atenção.

– Preciso que vocês os dois me façam um favor. Quando puxar com força, têm de me puxar para cima o mais rápido que puderem.

O Paulo despiu a camisa, cuspiu nas mãos, lançou a corda por cima da roldana e, a seguir, passou-a duas vezes à volta da árvore e retesou-a contra a anca.

Depois de verificar a lanterna, afastei-me da parede, parei por breves momentos e o Paulo baixou-me para dentro do buraco no que eu esperava que fosse a minha última viagem. À medida que a luz lá em cima ia desaparecendo e a escuridão me envolvia como um manto, pensei na inconsequência da minha vida. Quase nada fazia sentido.

A corda acima de mim estava esticada como as de um piano. Como era precária a minha existência ali, preso por um fio. Se a corda partisse, era possível que conseguisse trepar a parede, mas, se escorregasse, seria a última vez que o fazia.

Finalmente, as ferramentas bateram na rocha do fundo e os meus pés pisaram terra firme. Fiquei parado uns instantes, com água pelos tornozelos, procurando orientar-me. Era difícil perceber se a água vinha de cima ou de baixo. O espaço à minha volta era um pouco mais amplo. O poço em si devia ter pouco mais de um metro de diâmetro, mas ali tinha mais uma mão a toda a volta. As paredes eram lisas onde a pressão da água ao longo dos anos escavara a rocha.

A água era fria, diferente da água a que me tinha habituado desde que começara a escavar o poço, uma mixórdia morna e enlameada. Esta era fresca e límpida como água de uma nascente nas montanhas. Ajoelhei-me e corri os dedos pela rocha para tentar perceber se havia água a correr, um ponto qualquer onde houvesse movimento. Embora não sentisse qualquer corrente, havia um sítio onde a água e a rocha estavam mais frias.

As ferramentas preocupavam-me. Se encontrasse água e tivesse de escapar dali à pressa, não queria deixá-las no fundo do poço a enferrujar e a envenenar quem a bebesse, por isso, certifiquei-me de que estavam bem amarradas. Ignorava o que aconteceria quando perfurasse a rocha, mas não ia ser bonito.

Adotei uma postura de equilíbrio e posicionei a ponta do pé de cabra

no centro. Apertei a marreta com firmeza e ensaiei os movimentos várias vezes, certificando-me de que tinha espaço suficiente e perguntando-me onde acabaria a marreta se falhasse o alvo, o que não só era possível, como provável.

Já tinha hesitado que baste. As pessoas tinham sede. Com o pé-de-cabra na mão esquerda, ergui a marreta acima da cabeça com a mão direita. Não sei se foi graças à posição semiagachada, mas um reflexo na rocha ao nível dos olhos chamou-me a atenção. Havia palavras gravadas numa secção de rocha polida. Não pude lê-las porque estavam cobertas de lama, mas, após alguns minutos a raspar a rocha, sorri, admirado com o velhote. Obviamente era mais baixo do que eu e, embora não tivesse assinado o nome dele, a autoria era inequívoca. Passei água na parede várias vezes. Li: “AGUA DE MI CORAZÓN”

Pensei arrancar a rocha e levá-la à Lina, mas fazia parte do todo e nem o próprio Michelangelo teria sido capaz de arrancar aquele pedaço da parede. O lugar dele era ali. Se tivesse o telemóvel podia ter tirado uma fotografia, mas os aparelhos eletrónicos não foram feitos para buracos frios e húmidos debaixo da terra, por isso, tinha-o deixado na carrinha. Teria de ficar entre mim e o velhote.

O tempo urgia. Ergui a marreta, firmei o pé-de-cabra e desferi um golpe com toda a força, enterrando o pé-de-cabra na rocha.

Nada.

Esperei, pensando que talvez demorasse um pouco a ceder.

Ainda nada.

Tentei outra vez, em vão. E outra. Silêncio e ainda nada de água. Assentei mais seis ou oito pancadas no pé-de-cabra. Depois, outras 20. Ficou tudo na mesma. Passei a hora seguinte a furar e a atacar furiosamente a rocha, lascando-a pouco a pouco, praticamente sem resultados. Já não tinha força no braço direito e o braço e a mão esquerda estavam doridos das vezes que a marreta resvalara. Sentia-me cada vez mais frustrado porque a água “nova” parecia indicar que estava muito perto. Esgotado, mas relutante em desistir, sentei-me e mergulhei as mãos na água que agora me dava pelas canelas. Sabia que não era tanta quando cheguei. Tinha de vir de algum lado, porque havia mais. E não era de cima. Teria tido mais sucesso contra o Rochedo de Gibraltar. Encostei-me para trás e olhei para o ponto de luz ao longe e foi nesse momento que senti o gotejar. No pescoço.

Virei-me para trás e, mesmo por baixo da rocha onde o Alejandro

tinha gravado a inscrição, havia uma pequena depressão, ou reentrância, por estranha coincidência ao nível do coração. Não era preciso ser um génio para perceber que a rocha no meio da reentrância era diferente da que a rodeava. Estudei as antigas marcas do martelo e do cinzel nas orlas da rocha mais dura e a diferença tornou-se evidente. A rocha mais recente era mais mole, mais porosa. Não apresentava quaisquer marcas do cinzel. Levei algum tempo a perceber que a força e a pressão do deslizamento de terras tinha tornado o poço estanque. Sem grandes hesitações, dei-lhe uma pancadinha com a marreta e o gotejar aumentou. Com uma segunda pancada, transformou-se num fio de água. Farto de ali estar, puxei o braço para trás e atirei a marreta contra a rocha.

Péssima ideia.

Naturalmente, tanta martelada tinha conseguido soltar o material que obstruía o poço e só precisava de mais um leve toque de persuasão. O pedregulho do tamanho de uma bola de bólingue passou-me rente à cara, seguido de um potente jato de água que me atirou contra a parede oposta com tanta pressão que nem me conseguia mexer. A minha cabeça fez ricochete na parede e ficou tudo às escuras – não só perdi a lanterna, como tive de lutar para não perder os sentidos. O buraco encheu rapidamente e, quando dei conta do que estava a acontecer, a água já me dava pelo pescoço.

No escuro, levantei o braço e dei um esticão à corda. Após uma ligeira pausa, a corda retesou-se sem pré-aviso e puxou-me para fora da água. Aproveitei para inspirar profundamente pela primeira vez em meio minuto e agarrei-me com toda a força à corda acima de mim. Os meus pés tinham acabado de passar a linha da água quando senti qualquer coisa a prender-me ao fundo. A corda começou a apertar-me e dei por mim preso entre uma força que me puxava para cima e outra, a reter-me no fundo, que não cedia nem um milímetro. A água não parava de subir à minha volta e, em poucos segundos, vi-me submerso na corrente impetuosa, suspenso, incapaz de me libertar. Levei uns segundos a dar-me conta de que a corda a que tinha amarrado o pé-de-cabra estava esticada até ao limite, o que queria dizer que a ponta tinha ficado presa na rocha e era isso que me impedia de escapar. Às apalpadelas, acabei por dar com ele atravessado e entalado na zona em que a parede estreitava. A única solução era voltar lá abaixo e isso era precisamente o oposto do que o meu firme puxão na corda significava para o Paulo e para o Zaul. Estavam lá em cima a puxar-me com toda a força, julgando que era isso que eu queria.

O tempo estava a esgotar-se e eu continuava a debater-me e a contorcer-me no poço, apanhado entre os homens que me puxavam para cima e a barra de aço que me impedia de subir. Nesse momento, ocorreu-me que podia muito bem morrer ali afogado e só aparecer à superfície dias, ou talvez semanas, depois, quando finalmente aquilo que me prendia se soltasse da rocha.

A minha reação a esse pensamento foi estranha. Não tinha medo, nem sequer entrara em pânico quando percebera o que estava a acontecer. Quer dizer, preferia estar vivo, mas, se me afogasse naquele buraco escuro, posso dizer com toda a segurança que seria bem merecido. Qualquer pessoa concordaria. Não era um homem às direitas, nunca o fora, e as consequências dos meus atos para resto do mundo não tinham sido positivas. À medida que o filme da minha vida passava diante dos meus olhos, vi mais lágrimas do que sorrisos. Mais raiva do que alegria. O meu maior pecado tinha sido, e continuava a ser, a indiferença e, naquele instante, sentia-me indiferente perante a própria morte. Tinha de haver algo de profundamente disfuncional dentro de mim.

O choque da água fria abrandou-me os movimentos e as tentativas de me libertar eram, na melhor das hipóteses, fracas. Cada vez mais cansado e a precisar desesperadamente de ar, senti acima de tudo tristeza. Angústia, até, ao pensar no sofrimento que a minha morte iria causar à Lina. Estava prestes a tornar-me a terceira pessoa da vida dela a morrer naquele poço e mais uma vítima entre as três mil que tinham perdido a vida naquela montanha. Outra cruz branca cravada no solo como uma agulha no coração da Lina.

Embora me fosse indiferente o que pudesse acontecer-me, não era indiferente à Lina e esse pensamento acordou o gigante adormecido que havia em mim.

Desesperado, estiquei os braços para os lados e exerci pressão sobre as paredes lisas do poço numa tentativa de contrariar a força ascendente. Estavam a puxar-me com mais força, o que indicava que outras pessoas estariam agora a ajudá-los. Por razões que ainda hoje não entendo, pararam de puxar por instantes e a corda afrouxou um pouco. Não durou muito, mas, nesse intervalo, desatei a escoicear para tentar rodar o pé-de-cabra como os ponteiros de um relógio. Tudo para o libertar daquele cativeiro. Ao mesmo tempo que a corda voltou a retesar-se, desta feita com um ímpeto renovado, dei um último pontapé no pé-de-cabra. A ponta soltou-se e o cabo ficou na vertical e a força dos braços na extremidade

oposta da corda arrancou-me das entranhas da terra em direção à superfície da água. Incapaz de os ajudar e no limiar de perder os sentidos, encolhi os braços e tentei oferecer o mínimo de resistência possível.

O meu último pensamento foi a memória da milha mais rápida que alguma vez tinha corrido. Foi à noite, sozinho numa pista. Tinha feito quatro minutos e sete segundos duas vezes em competição, mas estava a ter dificuldade em ultrapassar a barreira dos quatro minutos. Frustrado e impaciente, calcei as sapatilhas de pitões, posicionei-me na linha de partida, carreguei no botão de partida do cronómetro que tinha na mão e arranquei. As primeiras três voltas foram dolorosas, mas não tanto como a quarta. Lembro-me de fazer a última curva e, a 150 metros da meta, o mundo pareceu querer emparedar-me e o meu campo de visão estreitou-se. Devo ter feito os últimos 20 metros num estado de semi-inconsciência. Atravessei a linha da meta, caí e rebolei para o lado e só então parei o cronómetro. Momentos depois, quando recuperei o fôlego, vi o meu tempo: 3:58. Lembro-me de ficar parado na pista, meio zozzo, e de olhar para o mostrador do cronómetro uma última vez antes de carregar no botão para reiniciar. Tinha conseguido. O resto era história.

Entalado naquele poço, enquanto o meu corpo esgotava os últimos resquícios de oxigénio alojado nos pulmões, lembrei-me daquele momento e do que senti. Era uma boa memória. Calhava bem ser a última. À medida que a luz do meu espírito se ia desvanecendo, deixei-me ir. Já não tinha forças para resistir.

Não sei quanto tempo estive naquele limbo, porque nem tenho bem a certeza de ter lá estado. Numa estranha mudança de perspetiva, lembro-me de olhar do alto da mangueira para o Paulo, o Zaul e a Lina e uma dezena de outras pessoas que estavam energicamente a puxar a corda. O Paulo tinha as mãos a sangrar e parecia em pânico. A Lina gritava. O Zaul puxava pela corda com todos os músculos que tinha e lembro-me de pensar: *Uau, ele é mesmo forte.*

Que sensação tão estranha.

Não sei se morri, se apenas perdi os sentidos, ou se o meu espírito estava a abandonar o corpo, mas senti um aperto e uma pressão no corpo como nunca antes sentira, acompanhada de um negrume que não conseguia explicar. Nisto, sem aviso ou motivo aparente, o poço cuspiu-me para o meio de quase 130 metros de corda amontoada no chão e uma multidão ofegante. Lembro-me de me fazerem respiração boca a boca e de alguém a comprimir-me o peito. Finalmente, lembro-me de vomitar e, a

seguir, de aspirar a mais esplêndida e doce lufada de ar que alguma vez experimentara.

À medida que recuperava os sentidos e estes voltavam a enviar sinais ao meu cérebro, ouvi gritar, rir e chorar e lembro-me de umas mãos pequenas agarradas ao meu pescoço e de um rosto bonito, mais velho mas idêntico, a encostar-se ao meu.

Lembro-me de regressar daquele mundo frio, escuro, silencioso e sujo a este mundo de luz e som, com a Lina a apertar o rosto risonho e choroso, coberto de lágrimas e ranho, contra o meu.

O parto foi um sucesso.

Quando recuperei o fôlego e abri os olhos, o Paulo ajudou-me a levantar e tive de me esforçar ao máximo para manter o equilíbrio e ajustar os olhos à luz. Ele continuou a amparar-me com aquelas mãos poderosas e ensanguentadas. Sacudiu-me a roupa, fez um aceno satisfeito e esfregou a lama na cara. Tentou falar, mas faltaram-lhe as palavras. Por fim, agitou-me o indicador diante dos olhos como um limpa-para-brisas e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

– Tu não escavar mais.

Lembro-me de rir às gargalhadas e de pensar para comigo: *Combinado*.

×

A hora seguinte à volta do poço foi divertida. Nem os mais velhos se lembram da pressão da água do poço ser tanta como agora. Jorrava pelo orifício da tampa em jato, descrevendo um arco até ao chão e criando um lençol de água que nos cobria os tornozelos e que encheu o leito do antigo ribeiro que outrora formara.

Com a novidade de uma espécie de parque aquático instantâneo, surgiram cerca de 100 miúdos. Esticavam ambas as mãos para eu os agarrar e brincar com eles e ríamos todos. Nunca antes tinha assistido a tão esplêndida diversão. Os mais velhos, os que se lembravam do poço em tempos idos, vinham até mim a sorrir, apertavam-me a mão e abraçavam-me. A Lina ficou ao pé de mim a traduzir. O Paulo, com a ajuda de um grupo de homens da plantação, tratou de assegurar as condições de segurança no acesso ao poço, improvisando uma tampa de madeira para afastar as crianças até poderem construir algo mais permanente. E, embora me sentisse agradecido por toda a atenção, houve algo que me agradou ainda mais. A Lina passou a tarde toda ao meu lado e a mão dela nunca

largou a minha.

*

A tarde deu lugar à noite e as pessoas não paravam de chegar. O Paulo tinha organizado uma equipa responsável pelo acesso ordeiro à fonte e para ajudar os mais idosos com os seus baldes. E funcionava. A montanha – tanto as pessoas como a terra – estava hidratada. Eu incluído. Aliás, dispensava mais água naquele dia.

Eu e a Lina caminhámos pela encosta, sob as árvores, por entre as tendas, as redes e as fogueiras de todos aqueles que tinham ocorrido ao funeral do pai. Foram às centenas as histórias que ouvimos sobre as boas ações ou a gentileza que a todos dispensava.

Como o *gringo* que “apunhalou a terra e fez jorrar a água”, fui tratado como uma estrela de rock. As pessoas queriam tocar-me, abraçar-me, apertar-me a mão, ou oferecer os seus serviços em honra e tributo. Por volta da meia-noite, o Paulo conduziu-nos montanha abaixo até casa. A Lina perguntou-me se queria tomar banho antes de me deitar. Abanei a cabeça, horrorizado, e disse:

– Acho que já tive água que chegue por hoje.
Segundos depois, já tinha adormecido.

*

Acordei na manhã seguinte com o aroma da fogueira e do café acabado de fazer e o baque de uma manga a cair no telhado de zinco. Três das minhas coisas preferidas. O Zaul dormia ali perto. Parecia melhor. Tinha recuperado a cor, o cabelo estava mais comprido e, de uma forma geral, já não parecia tão zangado com o mundo. A Isabella tinha-o domesticado. E a Nicarágua também devia ter ajudado.

Saí do galinheiro cambaleante, mas pelo meu próprio pé, e encontrei a Lina à minha espera com um sorriso e uma caneca de café. No resguardo do quintal, tinha feito algo que raramente fazia: soltara o cabelo. Antes de eu acordar, tinha tomado banho, lavado o cabelo e agora estava sentada a desembaraçá-lo. Era uma janela privada para a vida dela. Sabia o suficiente sobre a cultura daquele povo para ter noção de que as mulheres só mostravam este à-vontade com um grupo restrito do qual, por regra, só

faziam parte outras mulheres, o marido e os filhos. Era como uma confiança partilhada por poucos. Sentei-me, provei o café e apreciei o momento.

*

A Lina queria que os pais fossem sepultados no mesmo caixão, mas que houvesse duas cruzes, por isso, o Paulo, o Zaul e eu fomos à cidade da parte da tarde, comprámos madeira e construámos o caixão e as cruzes. Fiquei contente por já termos alguma prática com o caixão do Roberto, já que pudemos fazer algumas melhorias neste. As arestas ficaram mais perfeitas e a tampa selava melhor. O Hack teria ficado impressionado. Tanto o Paulo como a Lina pareciam contentes e era isso que interessava. Quando carregámos o resultado do nosso trabalho para a caixa da carrinha, o Zaul perguntou:

- Ensinas-me a fazer isso?
- Claro. Gostas de trabalhar com madeiras?
- Não sei. Nunca experimentei. Mas gostava de experimentar.

Para quem crescera rodeado de privilégios, havia muita coisa que o Zaul não tinha feito. O que só prova que o dinheiro não compra experiência de vida.

*

No meio de tanta azáfama, a Lina tinha arranjado tempo para nos comprar, a mim e ao Zaul, camisas brancas de manga comprida, o traje oficial masculino na Nicarágua. Tomámos banho e, a seguir, partimos os cinco na carrinha do Colin. O Zaul e o Paulo tinham-se tornado os melhores amigos. O Zaul percebia bastante mais de mecânica e de como as coisas funcionam do que eu julgava inicialmente. O Paulo percebeu e muitas vezes pedia-lhe ajuda para concertar qualquer coisa, pois na Nicarágua há sempre qualquer coisa avariada. Tinham-se tornado inseparáveis e, em resultado disso, creio que o Zaul nutria um respeito e um carinho muito especial pelo velho agricultor da cana-de-açúcar.

Eu ia sentado no banco de trás ao pé da Lina e da Isabella e o Zaul ia à frente, a olhar ora para a estrada, ora para o Paulo a conduzir. Acenava lentamente, com aprovação, e o sorriso dele indicou-me que estava

satisfeito com o que via. Conseguia ver-lhe as rodas dentadas a girar dentro da cabeça e percebi o que tencionava fazer, mas adivinhei também um dilema crescente. O Zaul queria oferecer a carrinha ao Paulo mas, tendo já recebido tanto do pai, sabia que não tinha o direito de pedir mais ou dispor do que não lhe pertencia. Um tanto desanimado, olhou pelo vidro do passageiro e mordeu o lábio. Toquei-lhe no ombro.

– Em que é que estás a pensar?

Respondeu-me sem olhar para trás.

– Estou a pensar na bronca que dei.

– Como assim?

– Perdi e desperdicei montes de dinheiro e, agora que quero fazer qualquer coisa positiva com ele, não o tenho, nem posso pedir mais.

Inclinei-me para a frente, sorridente. Olhei para o Paulo.

– Fica o máximo a conduzir a carrinha, não fica?

O Paulo continuou atento à estrada. Como praticamente não falava inglês não percebeu que era o tema da conversa. O Zaul concordou, carrancudo.

– Pois fica.

– Então, força – incitei, com um gesto encorajador na direção do Paulo.

O Zaul abanou a cabeça.

– Mas já fiz tanta...

– Eu trato do assunto com o teu pai. Não te preocupes. Faz uma boa ação, para variar.

Ele virou-se para mim e depois para o Paulo. Matutou durante uns minutos até chegarmos ao topo da montanha, onde parecia que metade da população da Nicarágua tinha aparecido de um dia para o outro, para assistir ao funeral. Saímos da carrinha e, antes que o Paulo pudesse entregar as chaves ao Zaul, este perguntou-lhe:

– A carrinha é das boas, não?

O Paulo concordou animadamente e limpou o suor da testa com um lenço encardido.

– Gostas dela? – insistiu o Zaul.

As mãos do Paulo ainda estavam inchadas do dia anterior e uma das palmas ainda estava em carne viva por causa da corda.

– A melhor carrinha da Nicarágua. – Voltou a acenar. – É Deus que a guia.

O Zaul aceitou as chaves, sopesou-as na mão e, depois de uma breve hesitação, puxou-lhe pela manga da camisa quando já se afastava. Pegou-

lhe na mão e entregou-lhe as chaves.

– É tua.

O Paulo pareceu não entender. O Zaul enrolou-lhe os dedos à volta das chaves e fechou-lhe a mão devagar.

– Agora é tua. Ficas tu com ela.

O Paulo olhou para mim e depois para o Zaul com um sorriso constrangido.

– Não...

O Zaul afastou-o com um gesto.

– Eu... – disse ele e fez um gesto vago na minha direção. – Nós queremos que fiques com ela. É tua, agora. – Cortou o ar com um movimento da mão paralelo ao solo. – Para sempre.

O Paulo olhou para as chaves, para a carrinha, para a Lina e depois para mim. Fiz um aceno de cabeça em concordância.

– Acho que devias ficar com ela.

Expirou profundamente, disfarçando uma hesitação, e limpou a testa, uma coisa que fazia quando transpirava e também quando precisava de tempo para pensar. Dobrou o lenço, devolveu-o ao bolso e pôs a mão no ombro do Zaul, fitando-o durante vários segundos. Via-se que tinha a cabeça a mil à hora, mas não disse uma palavra. Tentou falar várias vezes, mas não foi capaz. Por fim, assentiu com um gesto, puxou a aba do chapéu desgastado, meteu as chaves ao bolso e dirigiu-se a um amontoado de gente. A Isabella deu-me a mão e ficámos a vê-lo afastar-se. A Lina passou um braço em redor dos ombros do Zaul e disse:

– Não leves a mal. Não sabe como agradecer. Foi a primeira vez que alguém fez uma coisa assim e está para além do entendimento dele.

O Zaul sorriu de orelha a orelha. Era a primeira vez em quase uma década que o via realmente feliz. Ficou a ver os ombros largos do Paulo endireitarem-se ainda mais à medida que se afastava.

– Gosto de dar cenas. É melhor do que receber. Além disso, sei que vai tratar dela melhor do que eu.

✱

Nem os mais velhos se lembravam de um funeral com tanta gente. A fila de pessoas que vinha a seguir o caixão estendia-se por mais de um quilómetro. Do velório até ao cemitério, onde a Lina enterrou duas novas cruzes na lama de Valle Cruces, o cortejo levou mais de uma hora. A igreja

que servia a plantação tinha instalado um microfone e umas colunas de som enormes, permitindo-lhe falar à multidão, o que fez com uma elegância e uma serenidade sem precedentes.

No fim da cerimónia, o Paulo e eu baixámos os pais dela para a cova e a Lina – querendo que os que tinham vindo de tão longe pudessem participar no enterro dos pais – convidou cada um dos presentes a deitar uma mão cheia de terra sobre o caixão. Até à última, as pessoas dispuseram-se a esperar noite fora pelo momento em que finalmente encontrariam paz. Se uma montanha pode sarar, a Lina sabia que, ao continuar a receber as condolências da infindável fila de enlutados, ajudando-os a cobrir os pais com a mesma terra que os tinha matado, estava a ajudar a acelerar a cura. Se a alma daquela gente se tinha despedaçado com a morte dos pais, os abraços ajudavam a juntar os pedaços. As feridas abertas começavam a fechar, graças à Lina.

Até àquele momento não poderia descrever o que nela me atraía. Era bonita, claro. Fascinante, até. Mas isso era só o princípio. Havia mais qualquer coisa e, ali parado nas sombras, sentindo-me sujo e indigno ao ver uma mulher curar a alma de milhares de pessoas e de uma região, percebi que a Lina irradiava luz aonde quer que fosse. Era um farol ambulante. Um comboio a chegar. Um sol radiante. Penetrava as trevas sem receio e, em resposta, as trevas encolhiam-se como um pergaminho.

✱

Era tarde quando chegámos ao piquenique. As pessoas arrastavam-na de um lado para o outro e a Lina dançava, ria, comia e ria ainda mais. A Isabella dividia a atenção entre a mãe, eu, o Zaul e o Paulo. Estava toda lambuzada e, pelas dez da noite, levei-a à piscina onde os pais lavavam os filhos e lavei-a a ela também. Adorou.

Fiquei a observar a Lina à distância. Sentia-me cada vez mais inseguro da decisão de lhe contar sobre o meu papel no declínio daquela região. Que importava agora? Os pais tinham sido encontrados, ela estava feliz. Toda a gente encontrou paz e ela sabia que a amavam. Seria egoísta da minha parte querer contar-lhe? Tirar esse peso da minha consciência e atirá-lo para cima dela sob pretexto de ser sincero quando, na realidade, só queria ficar em paz comigo mesmo? Não pude responder. Só sabia que carregava um peso e ignorava o estrago que faria quando me desfizesse dele.

Mas eu sabia que não era bem assim. Pela primeira vez na vida, a

verdade estava a roer-me por dentro. Como gasolina num copo de esferovite, corroía-me de dentro para fora. Até o Zaul percebeu o meu desassossego.

– Estás bem, tio Charlie?

Enquanto observava a Lina, lembrei-me da primeira vez que a vi. Tive um vislumbre do passado distante.

Tinha sido aqui, nesta montanha, na estrada mais abaixo. Quando, depois de executarmos a hipoteca, aluguei a mota e subi ao mesmo tempo que a multidão vinha a descer a pé. Avistei uma mulher grávida e sozinha. O rosto vazio causara-me uma forte impressão nessa altura e, tantos anos depois, ainda tinha o mesmo efeito. Era a Lina.

Fiquei a vê-la a passar mesmo ao meu lado. Com um peso enorme, invisível, a tolhê-la e a prendê-la ao chão como uma estaca. Senti um aperto no peito ao recordar o olhar alheado e sem vida que me lançou ao passar. Segundos depois, indiferente, acelerei na mota e deixei aquela montanha e aquele povo a respirar o meu pó. Embarquei no avião do Marshall e contemplei com arrogância este mundo de uma altitude de 35 mil pés, deixando-me envolver pelo aroma a jato novo que me protegia do inferno que tinha deixado para trás, onde a Lina tinha acabado de sepultar o marido. Onde tinha sepultado tudo.

O Zaul deu-me uma cotovelada, à espera da minha resposta.

– Sim, estou ótimo – menti.

Mas ele percebeu. O meu rosto traiu-me. Estava longe de estar bem. Até um jogador inexperiente como ele conseguia ler o meu bluff. Tinha de contar tudo à Lina. Se queria estar com ela, teria de abrir a porta do armário onde guardara este esqueleto. Vendo-a dançar e a rodopiar, transpirar e cantar, compreendi que não podia fugir-lhe. A prova do que sentia era a reação instintiva de que *não* podia manter a minha vida em segredo, tinha de lhe contar tudo. Contar-lhe de imediato para evitar fazê-la sofrer mais tarde.

Decidi que, assim que houvesse uma oportunidade, iria abrir a porta e ligar a luz. Contar-lhe tudo. Salvá-la do meu verdadeiro eu.

Infelizmente, não foi bem assim que aconteceu.

Capítulo Vinte e Oito

A terceira lei de Newton é algo que ouvimos muitas vezes, mas que nunca entendi realmente: para cada ação há uma reação igual e oposta. Em Valle Cruces decorria o funeral de um dos fazendeiros mais estimados da Nicarágua. A notícia espalhou-se, bem como a informação de que havia dois *gringos* na montanha – um deles jovem, tatuado, a recuperar de uma sova – e que tinham tido um papel ativo nos acontecimentos. Ao saber disto, os homens predispostos a atos de crueldade tiveram uma reação oposta à da maioria da população. Seria de pensar que, após uma década a viver no medo, tal me tivesse ocorrido, mas não. Nem sequer me passou pela cabeça. E, enquanto a maioria dos nicaraguanos se juntou à celebração, comendo e bebendo até não poder mais, rindo, cantando e dançando, outros estavam descontentes. Esses esconderam-se no meio das árvores.

Nem dei por eles.

*

O Paulo indicou a mesa do ponche, onde a bebida tinha esgotado. Peguei em dois baldes e dirigi-me ao poço. O Zaul seguiu alguns passos atrás. Na orla das luzes das festividades, onde a estrada se estreitava e se tornava ligeiramente menos inclinada, ouvi passos arrastados. Pensei que talvez o Zaul tivesse tropeçado, mas não. Quando me virei para trás, ele sorria. Vinha a assobiar, saltitando de pedra em pedra ao luar. Pensei que talvez fossem miúdos a brincar nas árvores. Estava enganado. À minha frente surgiram três brutamontes, mais um de cada lado, perfazendo cinco. Vinham munidos de bastões ou algo do género. Pareceu-me que um deles trazia uma catana. Com um movimento furtivo, o tipo à minha frente – o líder, o mais afoito, ou ambas as coisas – atacou-me como um batedor de

basebol a arremessar a bola para as bancadas, quase me arrancando a cabeça, mas eu esquivei-me e gritei ao Zaul:

– Foge!

Nisto apareceram outros dois atrás de mim, ainda mais corpulentos. O primeiro tinha agido prematuramente e calculado mal o ataque, ao passo que estes foram mais pacientes e calcularam os deles na perfeição. O golpe seguinte fez-me voar para trás e senti o crânio a estalar. Os outros aproveitaram e caíram-me todos em cima. Fui golpeado na cabeça, na cara e recebi um terceiro golpe, este mais profundo, por cima do olho. Tentei levantar-me para fugir, mas tinha o olho muito inchado e não via nada. A seguir, esmagaram-me a clavícula, deslocando-me o ombro. Rebolei para o lado, soergui-me apoiado no outro braço, mas tinha perdido a visão por completo. Aproveitaram a minha hesitação, reorganizaram-se e um deles atacou-me pelas costas.

Estão a ver aqueles filmes em que o herói do povo, em minoria e desvantagem, é atacado à traição e, logo de seguida, com a força de um Hércules, recupera e ergue-se, rechaçando e dominando uma horda de malfeitores? Como se os traumatismos cranianos e as nódoas negras servissem apenas para o tornar mais feroz, mais perigoso, libertando finalmente a força sobre-humana oculta no âmago do seu ser? Esqueçam. Há um motivo para chamarem a Hollywood a terra do faz-de-conta e todas as cenas de luta serem coreografadas. Não tinha grande noção do estado em que estava, mas sabia que eles eram de mais e muito mais fortes do que eu. E tinham-me apanhado de surpresa. Numa rápida avaliação, conclui que não podia dar-lhes luta. Além do mais, com a dor horrível que sentia dos ombros para cima, só queria arrastar-me até à cama e esconder-me debaixo dos cobertores.

Voltaram a cair-me em cima e nada pude fazer.

✱

Quando recuperei os sentidos, havia gente a gritar à minha volta e senti o calor das luzes, mas, quando tentei abrir os olhos para ver o que se passava, não consegui. Ainda movia os dedos das mãos e dos pés, mas sentia uma dor de cabeça insuportável e era difícil manter-me acordado. Estava constantemente a perder a consciência. Alguém me apertava nos braços, num pranto, a amparar-me a cabeça enquanto outra pessoa exercia pressão sobre as feridas no meu rosto. À distância, ouvi o motor de uma

carrinha. A voz da Lina soou perto do meu ouvido. Dizia:

– Aguenta-te, não durmas.

Mas isso não dependia de mim. Tinha as ideias turvas. Ouvia a voz dela de forma intermitente e tinha a sensação de que estavam a despejar-me água quente por cima da cabeça. Por fim, ouvi o Zaul a chorar e a gritar desesperado.

Estendi uma mão às cegas e ele agarrou-a. Não parava de pedir desculpa. Tentei acalmá-lo, mas estava inconsolável. Puxei-o para mim, pus-lhe a mão na cabeça e agarrei-lhe no cabelo, aproximando o rosto dele do meu.

– Zaul!

– Tio Charlie, olha o que eles... – A Lina estava a dizer qualquer coisa a alguém por cima do meu ombro. Creio que era o Paulo. Apanhei a frase a meio.

– ...morrer em Manágua. Não estão equipados para... – Os gritos abafaram o resto. – ... sangrar até à morte antes de lá chegar.

O ambiente à nossa volta era caótico.

– Zaul... Liga ao teu pai. Pede o jato. – O sangue escorria-me para a boca e dificultava o discurso. – Que o aterre – aponte para oeste – na estrada. – Cuspi sangue. Queria dizer “Leva-me para Miami”, mas só se ouviu “Miami”.

A Lina viu que o que eu estava a tentar dizer fazia sentido. Se ele ligasse ao pai, eu estaria em Miami em três horas e, se partíssemos agora, levaríamos quatro horas até Manágua sem garantias de que me admitissem no hospital ou de que pudessem ver-me quando lá chegasse. Percebendo onde eu queria chegar, voltou a atenção para ele.

– Zaul, liga ao teu pai.

Virei-me na direção da voz dela. Tinha algo a obstruir-me a garganta, por isso, disse apenas uma palavra:

– Miami?

A Lina começou a chorar e a abanar a cabeça.

– Charlie, não sei se...

Ouvi uma agitação a alguns metros. Parecia um bando de homens aos gritos. Tinha perdido imenso sangue em poucos minutos. Encostei a mão dela à cara.

– Faz-me só...

– Não sei se... – Ela também estava um pouco desorientada. Estávamos todos desorientados.

Estava zozinho e era cada vez mais difícil concentrar-me. Remexi no bolso, à procura do telemóvel e estendi-o sem ver a quem. Uma mão tirou-mo. A da Lina, acho eu. Tentei recitar o número do Colin.

Logo a seguir perdi os sentidos.

Depois disso não me lembro de grandes detalhes. Tenho vagas memórias de uma viagem acidentada numa carrinha e de sentir qualquer coisa fria na cara e na cabeça. Recordo-me de sentir a Lina a embrulhar-me a cabeça em qualquer coisa. Lembro-me do choro da Isabella e da voz do Paulo, mas não percebi o que disse. Lembro-me de umas luzes fortes, da sensação de ser embalado nos braços e de ter a cabeça encostada ao peito de alguém e do bater de um coração aflito junto ao ouvido. Lembro-me de ouvir uma voz a sussurrar-me, mas não percebi o que dizia nem a quem pertencia, embora me parecesse familiar. A seguir, lembro-me da sensação de ser transportado, estendido numa superfície plana, de sentir como que o chão debaixo de mim a levantar-se e de voltarem a pousar-me com movimentos apressados. A Lina chorava e apelava a quem quer que a ouvisse com a voz embargada. No meio do caos e da correria, o ar parecia carregado de eletricidade.

Num derradeiro momento de lucidez, talvez auxiliado pelos últimos resquícios de adrenalina, encostei-lhe um dedo aos lábios para a silenciar. A Lina chegou-se a mim e afagou-me o rosto entre as mãos. Senti a respiração dela no rosto. Estava a tremer e tinha as mãos escorregadias.

– Às vezes, temos de pagar pelos nossos pecados.

Ela gritava quando o mundo voltou a desaparecer.

✱

Algures acima dos 40 mil pés de altitude, quase a romper a barreira do som, entre gritos, transmissões de rádio, pedidos de permissão para aterrar e qualquer coisa acerca de “ter B positivo a postos”, começou a projeção de slides na minha cabeça. Como sempre gostei de filmes, agradou-me assistir a um sobre mim. Não estava nada à espera. Vi a minha mãe; tive um raro vislumbre do meu pai dentro do táxi, sorridente; vi-me a surfar e a entregar pizzas, assisti a um combate de luta livre no liceu, alcancei a linha da meta em várias competições de atletismo, visitei salas de aula em Boston, joguei póquer com os ricos e poderosos e ganhei um carro. Vi-me a aterrar em Londres, onde conheci a Amanda numa corrida à meia-noite; no jantar com os pais dela; com o Marshall e o Brendan; a espreitar pela

janela quando a Amanda abriu o envelope e gritou com o pai; a vê-la desaparecer no retrovisor; a reconstruir a cabana em Bimini; a esbarrar com o Hack no armazém da construção; a observá-lo a fumar um cigarro atrás de outro enquanto eu bebia uma caneca de café; a construir um esquife e a pescar flecha nos baixios. Vi o Colin a levar-me numa visita guiada à casa dos barcos, onde olhámos pela janela para o mundo que ele criara, mas em que tinha pouco interesse; a Marguerite; a Maria a cantar; o Zaul a pilotar o barco. Vi-me a tropeçar num monte de dinheiro na cabana e a escondê-lo na ilha. Ouvi o Hack a tossir. A primeira vez que vi a Shelly, entregas noturnas em Miami, lanchas velozes, os agentes Spangler e Beckwith, a Shelly a colocar-me o relógio na mão, o rosto mumificado da Maria no hospital, o Colin com a cabeça entre as mãos, passar ao largo de Cuba no Bertram, o Canal do Panamá, a piscina na sala da casa, a Isabella a levantar-me uma pálpebra e a dizer “*borracho*”, a Paulina, o galinheiro, sumo de manga a escorrer-me pelo queixo, o bafo de leão no rosto, os braços do Paulo a brandir a catana e a empilhar cana-de-açúcar, extrair dentes e o cheiro a pus, “*el doctor*”, os braços da Lina à minha volta enquanto percorríamos estradas de terra batida de mota, o melhor café que alguma vez bebi na vida, a maior mangueira da Nicarágua, a Isabella a dar-me a mão, eu a descer o poço, ossos brancos meio enterrados na lama, vibrar um martelo no escuro, um fio de água no pescoço, água gelada a engolir-me, o som de risos, as mãos ensanguentadas do Paulo, uma camisa branca, o cheiro das fogueiras, a luz refletida no rosto suado da Lina enquanto ela dançava e rodopiava, fogueiras na vertente da montanha e chuveiros de centelhas como pirilampos.

O último slide mental foi algo que aconteceu quando eu era pequeno. Devia ter uns 7 ou 8 anos. Tinha estado a surfar, ou melhor, a tentar. Ainda estava a apanhar-lhe o jeito. A minha mãe estava a apanhar sol e a esfregar óleo bronzeador num tipo que eu não conhecia e não suportava. Parecia um gorila de tão peludo que era nas costas e no peito. Tinha o capachinho torto e deu-me vontade de lhe dar um puxão de lado para o endireitar. Trazia várias correntes de ouro bem grossas e uma tanga de banho dois tamanhos abaixo do dele. Mas a minha mãe estava cega e emocionalmente de rastos. Andava à procura de um penso rápido. Ela e eu. O único problema era aquela fraude ao lado dela. Quando acabou de o besuntar, ele devolveu-lhe o favor com grande espalhafato. Eu tinha caído na rebentação e vinha a subir o areal a arrastar as duas metades da prancha. A cabeça doía-me. Tinha sangue a correr-me pela perna abaixo. A minha mãe viu-

me a chegar e enxotou-me com um gesto, distraída.

– Vai lavar isso.

Ali de pé, à beirinha daquele vasto oceano, zozinho, com o corte a arder devido ao sal e a segurar dois pedaços que nunca mais formariam um todo, fui assaltado pela emoção. Enquanto a água em redor dos tornozelos se tingia de vermelho e a prancha partida me escorregava dos dedos e era levada pela corrente, sussurrei:

– Charlie, estás sozinho e hás de estar sempre sozinho.

Naquele momento, em que era apenas um miúdo a sangrar na praia, a vida ensombrou-me a alma.

As luzes do avião enfraqueceram e senti um rosto perto do meu. Lágrimas a cair-me nas faces. Uns lábios contra os meus. Ar a encher-me os pulmões à força. O peito a expandir. Algures entre este mundo e o próximo, vi como a Solidão tatuara o meu ADN. Entre todos os dias da minha vida, aquele dia na praia era o único que eu queria de volta. Queria poder pegar naquele miúdo, apertá-lo nos braços, tratar-lhe da perna, limpar-lhe as lágrimas e o ranho da cara, comprar-lhe uma prancha novinha em folha e afagar-lhe a alma.

À medida que me esvaía em sangue, manchando a alcatifa nova daquele jato de sete milhões de dólares, a verdade revelou-se e deixou-me as feridas a nu. Era de uma simplicidade assombrosa. Tinha passado a vida inteira a medicar *aquela* ferida. Foi *aquela* o momento em que decidi que isolar-me aliviaria a dor e que a indiferença era a cura para a rejeição.

Não tardei a ver a luz: o isolamento é uma prisão e a indiferença uma mentira. Nenhum dos dois funciona.

Ao mesmo tempo que o ar me saía dos pulmões e o choro e os gritos esmoreciam como a sirene de uma ambulância a afastar-se, o vídeo da minha vida chegou ao fim com uma sequência de slides em tons de sépia. O primeiro mostrava-me à beira-mar, um miúdo destroçado e a sangrar, de cabelo queimado pelo sol, pele bronzeada e com os primeiros músculos firmes nas costas. Estava a trepar para o esquife que eu e o Hack tínhamos construído e a sulcar as ondas rumo ao mar alto. Mas, enquanto lutava contra a corrente, estoico e orgulhosamente só, a Lina agarrou-se à popa e puxou o barco para trás com os calcanhares enterrados na areia. Abanava a cabeça.

– Não faças...

Porém, não podia competir com a corrente da minha vida e escorreguei-lhe dos dedos. Ao vencer a rebentação, olhei para trás. A Lina

mexia os lábios, mas as ondas que nos separavam engoliam as palavras. Quando alcancei a linha do horizonte, onde o mar escorre para fora da Terra, virei-me e vi-a ainda no mesmo lugar com a mão em pala por cima dos olhos. Um pontinho à beira do mar. Com um safanão, o esquite começou a agitar-se de um lado para o outro, precariamente equilibrado no fio da navalha em que outrora, tão indiferente e cheio de certezas, mantinha a minha vida e aqueles que estimo. Estiquei o pescoço para a ver, vacilando no limiar do mesmo precipício para onde dantes me dispunha a lançar outros caso surgissem circunstâncias contrárias à minha liberdade. Como se fossem lixo. A Lina chamava-me:

– Charlie... Por favor...

A proa afundou-se e a popa empinou-se acima das águas, ocultando a vista da praia. As trevas engoliram o mundo, mas senti a respiração dela no rosto. *Charlie, deixa-me dar-te um pouco de mim.*

De repente, senti duas mãos a virar-me a cabeça para a Lina e violentos golpes a dilacerar-me o peito. Voltei-me para baixo e preparei-me para morrer afogado nas rochas do fundo quando o Hack surgiu no barco. De pernas cruzadas. Tranquilo e bonacheirão. Tinha o cabelo mais comprido. Do amarelado dos cigarros, nem sinal. Estava alvo como a neve. A pele parecia mais jovem, sem rugas. Sem pés de galinha. Mergulhou o balde do Alejandro na água e segurou-o, com o líquido a chapinhar na borda, por cima da minha cabeça.

– A solidão sai na lavagem, Charlie. – Apontou para o mar com um gesto largo. – Foi para isso que Deus criou a água. – Solto uma longa e vigorosa gargalhada ao virar o balde ao contrário. Eu estava a contar com água quente e salgada, mas, em vez disso, era fria, doce e sabia a manga. A princípio, escorria de mim negra como tinta da China. Tal como esperava. Determinado, o Hack continuou a entornar-me água por cima da cabeça, a remover a nódoa. Pouco tempo depois, a cor começou a mudar e, ao mesmo tempo, a dor ia acalmando. Quando a água ficou vermelha, a dor passou por completo.

Ao terminar, o Hack passou-me o balde e deu-me umas palmadinhas no ombro, contendo outra gargalhada. Lançou um olhar à Lina, parada à beira da água e ergueu ligeiramente uma sobrancelha.

– Fomos feitos para percorrer o caminho da vida “com”. Não “sem”.

Espreitou por cima da borda do esquite para o precipício, inclinou a cabeça para o lado e perguntou:

– O que é isso aí na tua mão?

Comecei então a remar de regresso à praia.

Capítulo Vinte e Nove

Sempre imaginei que, quando morríamos, íamos para um sítio cheio de gente vestida de branco com anjinhos a cantar o coro do Aleluia. Nada disso. Não via um palmo à frente dos olhos e música só se fossem os sinais sonoros e os alarmes hospitalares e um aparelho de medir a tensão a apertar-me o braço direito. Despertei na mais completa escuridão. Nem um raio de luz me chegava aos olhos. Porém, sentia uma mão em cada uma das minhas.

Acima de mim, à minha esquerda, ouvi sussurrar:

– Está acordado.

Depois ouvi conversas e pés a arrastar-se e o quarto pareceu encher-se de gente. Ouvi a voz da Lina à minha direita, bem perto do ouvido.

– Charlie? Estás a ouvir-me? – Ao mesmo tempo apertaram-me a mão direita, levando-me a pensar que era ela quem estava ali ao pé de mim a apertar-me a mão. À esquerda, a Shelly repetiu:

– Está acordado. – E, a seguir a estas palavras, senti alguém a apertar-me a mão esquerda e a dar-lhe umas palmadinhas. Num instante estava a remar, com a chuva no rosto e no seguinte estava a acordar com a Shelly de um lado e a Lina do outro.

Bizarro.

Aos meus pés, ouvi as vozes do Colin, da Marguerite, do Zaul e o sussurrar angélico da Maria perto do meu ouvido esquerdo.

– Tio Charlie, a Tia Shelly diz que agora somos gémeos.

Ergui a mão para lhe tocar e ela pegou-me na mão e beijou-a.

O mundo estava em paz.

Não podia falar porque tinha um tubo enfiado na garganta. Fiz sinal de que queria escrever qualquer coisa. Puseram-me uma caneta na mão direita e papel na esquerda. Escrevi: “Tirem-me esta coisa da garganta, p.f.”

Gargalhada geral.

Ao longo do dia, fui sabendo da história aos poucos.

✱

Tinha sido atacado pelos amigos do Zaul que, de alguma forma, se tinham cruzado com o capataz e sido contratados por ele. Péssima combinação. Infelizmente para eles, depois de me matarem, viram a fuga dificultada por várias centenas de camponeses da região e mais tarde foram entregues, também em muito mau estado, aos meus bons amigos, o comandante da polícia e o presidente da Câmara de León. O futuro deles não será brilhante.

O Zaul ligou ao pai e este enviou imediatamente o jato, que aterrou na autoestrada a cerca de 11 quilómetros da plantação. O Paulo transportou-nos na carrinha, a Lina foi a casa buscar o passaporte e chegámos ao ponto de encontro ao mesmo tempo que o avião aterrava. Meteram-me lá dentro, demos meia-volta e arrancámos antes das autoridades da Nicarágua darem conta de que surgira um avião no seu espaço aéreo. Graças à velocidade do G5, aterrámos em Miami pouco mais de uma hora depois. Morri duas vezes no avião. De ambas as vezes a Lina trouxe-me de volta. Morri uma terceira vez na ambulância, onde os paramédicos me aplicaram choques elétricos até chegarmos ao hospital. Na carrinha e no avião, a Lina manteve-me a cabeça elevada ao mesmo tempo que tentava estancar o sangue; também me embrulhou em todo o gelo que conseguiu arranjar para me baixar a pulsação, o que explicava o frio. No hospital, o Colin tinha os melhores cirurgiões disponíveis em *standby* e estes meteram logo mãos ao trabalho. O Colin desdobrou-se a arranjar sangue do tipo B+ e, segundo ele, não faltaram dadores. Riu-se ao enumerá-los: uma diva da pop que permanecerá anónima, ele próprio, o Zaul, o Liv-ed (um amigo recente, também conhecido como William Alfred Butler) e a Lina. Eu tinha perdido imenso sangue, por isso, foram precisos muitos dadores para me trazer de volta. O Colin comentou que, se eu comesse a rimar, a culpa seria do DJ/*rapper* em mim. Quando conseguiram estabilizar-me, alinhar a clavícula, meter o ombro deslocado no sítio e reparar a cartilagem do joelho, foi a vez da Shelly, pois os tipos que me atacaram tinham-me desfeito a cara – o que explicava o sangue. A Shelly tinha feito o melhor que podia e havia boas hipóteses de que pudesse voltar a sorrir, mas ainda ia levar o seu tempo. Temiam que perdesse o olho direito, mas ela acreditava poder salvá-lo. Só saberíamos quando removessem a ligadura,

dentro de poucos dias. O Colin insistiu que a Lina não saía de perto de mim desde que eu ali estava e que era graças a ela que estava vivo. Quando saímos do avião, vinha coberta de sangue. E eu tinha passado uma semana em coma induzido para que o meu corpo pudesse recuperar.

Respondi-lhe que já tinha descansado o suficiente.

Disse-me também que o Zaul praticamente não saía de casa.

– Acabaram-se os *piercings*. Acabaram-se as farras. Tem passado imenso tempo com a Maria. A primeira noite em que estivemos todos juntos, a Marguerite preparou o jantar. Quando acabámos de comer, ele levantou-se, enfiou-se na cozinha e, quando lá chegámos, já estava a tratar da loiça. Muito estranho. Que fizeste tu ao meu filho? Ah, e sabias que toca bateria? Nada mal.

Terminou dizendo-me que eu tinha deixado toda a gente preocupada e, numa demonstração emotiva nada característica dele, deixou escapar algumas lágrimas e confessou que também receara que eu não me safasse. Levantei o braço esquerdo e perguntei se alguém tinha visto o meu relógio. O Colin disse-me que o Zaul o trazia, que se tinha encarregado de o guardar até que eu me restabelecesse. Respondi-lhe que o Zaul podia ficar com ele. Eu arranjaría outro. Aquele dava-me azar. Desde que o tinha, a Maria tinha sido ferida, a minha noiva tinha-me deixado, quase me afogara num poço, tinha sido atacado e estivera às portas da morte. Disse-lhe que, ou arranjaría outro, ou deixaria de usar relógios de pulso.

Também me disse que, quando o filho lhe explicara a situação em Valle Cruces, tinha feito regressar o jato e o Zaul voltara com o Paulo e a Isabella e, desde então, estavam connosco. A Maria e a Isabella depressa ficaram amigas. Explicou-me que nenhum deles tinha passaporte, mas que os contactos dele nos serviços de imigração lhes tinham arranjado uns vistos provisórios. Encolheu os ombros.

– Ter amigos compensa.

Três dias depois, tiraram-me as ligaduras da cara e, graças à Shelly e às suas talentosas mãos, ainda conseguia ver do olho direito. Não distinguia as coisas com muita nitidez, como seria de esperar, mas acabaria por recuperar. A primeira imagem que vi ao abrir os olhos foi o rosto sorridente da Maria. Encostou o nariz ao meu.

– Caso queiras saber, estás muito mais feio do que eu.

Nessa tarde, comecei a exercitar-me, percorrendo os corredores e na fisioterapia. Após duas semanas no hospital, quando finalmente perguntei se podia ir para casa, a Shelly acedeu e disse:

– Sim... – Olhou para a Lina. – Desde que ela vá contigo.

A Lina estava ao corrente do que tinha havido entre mim e a Shelly, por isso, quando pressentiu que a Shelly queria falar comigo a sós, desapareceu em busca da máquina do café. Quando saiu do quarto, a Shelly pegou-me na mão e disse-me que a minha operação tinha sido uma das coisas mais difíceis que alguma vez fizera, mas ainda bem que pudera fazê-lo. Riu-se e disse que reconstruir o meu rosto tinha ajudado a acabar com algumas questões mal resolvidas. Quando terminou, pedi-lhe desculpa por lhe ter escondido a verdade sobre mim. Que ela merecia melhor. Que, se tivesse de fazer tudo outra vez, seria diferente. E que esperava que ela encontrasse alguém que a fizesse feliz.

Ela fez um gesto para a porta e disse:

– Consegues ser um cepo no que diz respeito às mulheres e aos sinais que elas te enviam, por isso, vou dar-te uma ajudinha. – Aguardei. – Aquela mulher... – Apontou na direção que a Lina tinha tomado. – Aquela inigualável deusa da Nicarágua, à qual nenhuma de nós jamais poderá comparar-se, está caidinha por ti. É louca por ti. Já tinhas percebido, não?

– Bem, para dizer a verdade...

– Oh, Charlie – riu-se. – Precisas mesmo de alguém que olhe por ti. – O riso era balsâmico, para ela e para mim. – Já lhe contaste o que fazes na vida? A tua ocupação?

Levantei um dedo.

– A minha antiga ocupação. O que eu fazia para ganhar a vida.

Ela sorriu.

– E então? Já?

– Sim. Ela sabe.

– Já agora, convém que saibas... podemos ter tratado de ti, mas foi graças a ela que chegaste aqui vivo. Não sei muito bem como – abanou a cabeça – conseguiu manter-te vivo naquele avião. E não te largou desde que chegaste.

Resolvi inverter o jogo.

– Obrigado por tudo o que fizeste por mim.

Ela deu-me um beijo.

– Não tens de quê, mas preferia não ter de voltar a fazê-lo. Vá lá, não mudes de conversa. Sabes porque é que ela ainda cá está, não sabes?

– Bem, talvez...

– Charlie?

– Não sei, eu...

– Deixa-me explicar-te de maneira a que tu entendas: ela apostou tudo em ti.

Fazia um certo sentido.

✱

O hospital deu-me alta e o Colin levou-nos para casa dele, onde, num quarto de hora, consegui convencê-lo a levar-nos no helicóptero para Bimini, alegando que a água salgada e a maresia iriam fazer-nos bem. A Lina ajudou-me a persuadi-lo, pois nunca tinha voado de helicóptero nem visitado as Bahamas. Ao pôr do sol, 15 dias depois do ataque, ainda vacilante e a desabituar-me dos analgésicos, dei por mim a passear na praia de braço dado com a Lina enquanto o Paulo e a Isabella apanhavam lagostas nas rochas. E, embora o meu coração pedisse o dela, ainda não lhe tinha confessado o mais importante.

Por mais voltas que desse ao assunto, não sabia como lhe contar.

O Colin deixou-nos durante três dias, o que me permitiu dar-lhes a conhecer a ilha. Mostrei-lhes onde o Hack tinha vivido e onde trabalhávamos. O Paulo parecia incrivelmente interessado nas ferramentas dele e em como as usávamos. Mostrei-lhe o esquife que não tínhamos acabado e que estava a acumular pó na arrecadação e ele mal podia acreditar na perfeição dos rebordos e das uniões invisíveis. Correu os dedos por uma das uniões e disse:

– É magia!

Passámos horas a passear na praia, de manhã e ao cair da tarde. Eu, a tentar recuperar as forças, o que tardava em acontecer, e o Paulo e a Isabella a apanhar todas as lagostas da ilha, pois tinham adquirido o gosto por grandes crustáceos. Ensinei-os a pilotar o barco e descobri que, além de ser uma condutora exímia, a Lina também adorava fazê-lo a altas velocidades. Quando abrandou à entrada do ancoradouro, com o cabelo tão desgrenhado que parecia ter enfiado um dedo numa tomada elétrica, voltou-se para a Isabella e gracejou:

– A vida é muito melhor a 180, não achas?

Superior ao amor da Lina pelas altas velocidades, só o da filha, que não só parecia ter sido ligada à rede elétrica, mas também trazer o cabelo em chamas e os cantos da boca enrolados à volta das orelhas.

O Colin ofereceu-se para os transportar para casa no jato e eles aceitaram. A Lina não queria parecer descarada, mas dava para ver pela

atitude dela e pelas repetidas súplicas da Isabella, que gostaria de ter certezas sobre uma segunda “visita” da minha parte.

O tempo começava a escassear.

Na noite antes da partida, o Paulo arranjou as coisas de modo a dar-nos algum tempo a sós na praia. A Lina percebeu que eu queria desabafar, por isso, caminhou em silêncio ao meu lado – prova de que se sentia à vontade na minha companhia. Não havia outra forma de fazer o que tinha de ser feito, por isso, fui direto ao assunto.

– Lembras-te de uma empresa americana ter tentado comprar a Mango Café ao teu pai, antes do Furacão Carlos?

Surpreendeu-a que eu soubesse o nome.

– Sim.

– Lembras-te de quanto ofereceram?

– Dez cêntimos.

– E a segunda oferta?

– Doze.

– E lembras-te de terem comprado a concorrência e inundado o mercado com café tão barato que vocês não conseguiram vender o vosso?

Confirmou com um aceno, perplexa.

– Lembras-te de quando o teu pai teve de abater o gado para dar de comer aos trabalhadores?

– Lembro.

– Lembras-te de o ver trabalhar dia e noite no que viria a ser a última colheita da Mango Café, pensando que talvez conseguisse, por um milagre qualquer, salvar qualquer coisa para poder dar de comer à família e aos trabalhadores?

– Charlie, onde é que queres chegar com isso?

Se ainda não a tinha ferido de morte, a última pergunta seria certamente o golpe de misericórdia.

– E lembras-te de descer de uma mangueira, de lhe passares um impermeável por cima dos ombros e de chorar na lama ao lado dele enquanto o mundo que ele tinha construído desabava à vossa volta?

A expressão dela endureceu. Falou com lágrimas na voz.

– Charlie?

– Fui eu, Lina. Essa empresa, sou eu.

Tínhamos entrado numa lagoa que a maré baixa alimentava com ondas suaves e a água dava-nos pelos joelhos. Abanou a cabeça, incrédula.

– Como assim?

Contei-lhe a história toda. Como tinha causado toda aquela desgraça e, a seguir, contratado gente para os espiar a fim de melhor tirar proveito da miséria deles, aumentar a pressão, piorar ainda mais as coisas. E, no fim, fazer tudo outra vez.

Quando terminei, a Lina ficou pasmada a olhar para mim. A reviver os acontecimentos e a dor que os acompanhara. Falei num sussurro:

– E agora, já tens medo de mim?

Estávamos ambos frente a frente com o verdadeiro eu, sem truques nem artifícios. A Lina deu um passo atrás, de mãos nas ancas, e ficou a observar-me. A expressão dela disse-me que o odiava tanto como eu, mas as semelhanças entre a reação dela e a minha acabavam ali e foi então que fez o inesperado.

A Lina era senhora de uma tenacidade sem igual, e que estava prestes a vir à superfície. Embora a raiva e a angústia que sentia fossem bem reais e a roessem por dentro como um instinto primitivo, ela estava atenta a qualquer coisa mais profunda. Decidiu dar ouvidos ao lado racional, deliberado, sem deixar que as emoções ditassem o que pretendia fazer, que ditassem a forma como escolhera viver a vida.

Tendo em conta a minha experiência – comigo próprio e com outras mulheres –, não estava à espera disto.

Sacudiu a cabeça como se estivesse a livrar-se de uma falsa percepção – ou a afastar um mosquito. Como se algo bem dentro dela estivesse a ter uma discussão com os olhos e os ouvidos. O discernimento da Lina estava a dizer: “Atenção, é assim que vai ser...”

Com todo o cuidado, para não atingir os parafusos da clavícula ou forçar um ombro ainda fraco e dorido, puxou-me para si e deu-me um beijo. De mansinho. Com ternura. Com determinação. Prolongando-o até que senti o sal das lágrimas que derramara. Quando falou, senti a respiração dela no rosto. Abanou ligeiramente a cabeça.

– Tens razão. Conseguiste desenterrar velhas feridas que trago cá dentro. Fragilizar-me. Fazê-las arder. Parte de mim quer fugir de ti para que não possas voltar a magoar-me. Como se, dessa forma, pudesse fazer-te sofrer também a ti, castigar-te como mereces. E tens razão, não gosto do homem que fez aquelas coisas. – Pegou-me na mão e abraçou-me, passando os braços por dentro dos meus, e continuámos a caminhar. – Mas posso dizer-te uma coisa que talvez não saibas?

– Força.

– O meu pai costumava contratar homens com passados atribulados.

Ex-presidiários. Tudo. Dar-lhes uma segunda oportunidade quando mais ninguém o faria. Um desses homens, um homicida, perguntou-lhe um dia enquanto colhiam café lado a lado, “Como é que um homem apaga os erros que cometeu na vida?” E sabes qual foi a resposta do meu pai?

Abanei a cabeça.

– Disse-lhe: “Vivendo-a de outra forma.”

Pousou a cabeça no meu ombro e voltou-se para olhar para mim. Estávamos na ponta norte da ilha, a poucos metros do sítio onde a Shelly tinha vindo ao meu encontro de helicóptero para me devolver o relógio. Com a Atlântida aos nossos pés. Disse-me:

– Não consegues adivinhar quem é esse homem?

– Não.

– O Paulo.

Registou a minha surpresa com a sombra de um sorriso.

– Pareces admirado.

– Realmente não imaginava.

Ela inclinou a cabeça.

– O meu pai teria gostado de ti.

O que a Lina tem de mais extraordinário é não se ter deixado intimidar quando tentei afastá-la. O que eu achava que iria repeli-la só serviu para nos aproximar ainda mais. Disse-lhe:

– Eu vi-te, uma vez. – Apontei para o passado com um gesto por cima do ombro. – Naquela época.

Ela parecia admirada.

– Quando?

– Depois de executarmos a hipoteca. Tinhas acabado de perder tudo: pais, a Mango Café. O teu marido. Estavas grávida e vinhas a descer a montanha. Eu tinha estado em León a encerrar o meu escritório no hotel. Antes da partida, aluguei uma mota e viajei até às montanhas. Começava a debater-me com o que nós, *eu*, tínhamos feito àquela gente inocente, bonita e trabalhadora. Quando vos vi a descer a montanha, a ti, concretamente, soube que tinha destruído a única coisa que o Furacão Carlos não tinha conseguido destruir.

– O quê?

– A vossa esperança.

Ela inclinou a cabeça para um lado e para o outro, ponderando as minhas palavras.

– Se lhe fizeste uma moossa? Sim. – Sorriu e abanou a cabeça. – Mas não

penses que a destruístes.

Como eu amo aquela mulher.

*

No dia seguinte, antes de entrarem no jato do Colin, o Paulo deu-me um aperto de mão demorado.

– *Gracias, hermano*. Tu cavar bem.

A Isabella agarrou-se à minha perna. Beije-lhe a testa e os dois desapareceram no interior do avião. A Lina tocou-me na mão e começou a subir os degraus. Ao chegar à porta do avião, parou e voltou atrás. Tirou-me os óculos de sol para poder olhar-me nos olhos e encostou-me um dedo aos lábios.

– Não tenho medo de ti, Charlie. Nunca tive medo de ti.

O avião levantou voo e desapareceu no horizonte, levando consigo parte do meu coração. O Colin, a Marguerite e os miúdos tinham ido com eles, pois planeavam atravessar a Costa Rica e passar uma semana ou duas na casa de férias. Fiquei sozinho na ilha. Enquanto o meu coração desaparecia no céu azul, fui dominado por um pensamento: ela perdoar-me era uma coisa; eu perdoar-me a mim próprio era outra bem diferente.

*

Passei a semana a vaguear pelas praias de Bimini, enquanto recuperava as forças; na semana seguinte, dei grandes caminhadas de vários quilómetros. Na terceira semana, decidi tentar o jogging e acabei por passar horas a correr para espairecer as ideias. Descalço na praia, coberto de suor, soube o que tinha de fazer.

*

Comprei uma passagem para Boston. Estava na hora de fazer uma visita ao velhote.

Capítulo Trinta

Não me dei ao trabalho de marcar uma hora, sabendo de antemão que seria um esforço inútil. Além disso, a última cartada que me restava era apanhá-lo de surpresa e precisava dela para ganhar esta mão. A Pickering and Sons tinha-se mudado. Dei o novo endereço ao condutor do táxi e ele deixou-me à porta. O edifício moderno refletia o desejo do Marshall de se manter relevante e a ambição do Brendan de sacar a empresa ao velhote. Bem podia esperar. O choque entre o sóbrio estilo arquitetónico e a decoração extravagante era palpável, de cortar à faca.

O sorriso da rececionista evaporou-se quando passei por ela em direção aos luxuosos gabinetes. Havia três. O da Amanda ficava à esquerda e o do Brendan à direita, do lado oposto do corredor. Ambas as portas estavam fechadas. O gabinete do Marshall, ao centro, tinha a porta aberta. A rececionista protestou e, quando a ignorei, fez menção de ligar ao chefe. Tarde de mais.

O Marshall estava sentado à secretária a fixar um dos três ecrãs cheios de números que mediam o valor do mundo dele. Sorria. Estava mais velho, mas envelhecera bem. Continuava magro. Em forma. Tinha o cabelo completamente branco. Levantou-se para me receber.

– Charlie. Devia ter ligado antes.

Afável, como sempre, contornou a secretária para me apertar a mão com a direita e dar-me umas palmadinhas nas costas com a esquerda. O sorriso dizia uma coisa, a frieza nos olhos dizia outra. Chamou por cima do meu ombro:

– Amanda. Brendan.

Ouvi barulho atrás de mim quando ambos entraram. O Brendan tinha engordado um pouco. A Amanda continuava na mesma. Veio ter comigo, abraçou-me e deu-me um beijo no rosto. Continuava bonita como sempre, mas também envelhecera e o tempo tinha deixado as suas marcas. Parecia

mais velha, mais apagada. Tal como o pai, tinha um ar frio e distante. Obviamente fazia pilates, yoga, manutenção com um treinador pessoal e tudo o mais e isso via-se, bem como as cirurgias plásticas no rosto e no corpo, mas nada ocultava a tristeza que trazia nos olhos e no peito.

Quase senti pena do Brendan. Ao fim de uma década “na família”, o ar derrotado dizia tudo. Tinha sido domesticado e, como um cão que se habituara a andar à trela, tornara-se um fantoche nas mãos do Marshall. Tinha a cara mais inchada. A barriga também. Papos nos olhos. Não o ignorei, mas também não me ofereci para lhe apertar a mão.

– Eh, pistoleiro. Como te tens saído com o tal alvo em movimento?

Ele deixou escapar um sorriso constrangido. O Marshall tentou tomar as rédeas da situação.

– O que é que te traz a Boston? – Com um gesto largo indicou o sofá atrás de mim. – Senta-te, por favor.

Fiquei de pé.

A experiência com este homem dizia-me que continuava a ser e sempre seria melhor jogador do que eu. A minha primeira jogada seria também a última, por isso, não podia falhar. Só me restava apanhá-lo desprevenido, conseguir picá-lo à primeira. Tinha de apostar tudo numa só cartada.

– Cinco Padres Café Compañía.

Por intermédio do Colin, tinha ficado a saber que, durante a execução das hipotecas, as empresas-fantasma da Pickering and Sons tinham ficado na posse das escrituras da Cinco Padres. Julgava que tinham sido vendidas logo à saída do tribunal, mas, quando as empresas da Cinco Padres encerraram, os bens não tinham sido vendidos, mas transferidos para a Pickering – ou seja, para o Marshall –, onde tinham ficado a ganhar pó juntamente com centenas de outras empresas. Embora não tivesse meio de saber disto até o Colin ter desenterrado a informação, apostava que era esse o plano do Marshall desde o início.

O velhote fingiu não saber do que eu estava a falar, mas os bluffs dele tinham perdido algum do seu verniz. Ou então o tempo tinha apurado o meu jogo, afinal de contas. Ele coçou o queixo e acenou, procurando agir como se a névoa estivesse a levantar.

– Parece que me lembro de qualquer coisa que tinha a ver com café da América Central. Nicarágua, talvez. – Voltou-se para o Brendan. – O que é que nós temos sobre a Cinco Padres?

A redução do nome mostrou-me que sabia muito bem do que eu estava a falar. Senti que começava a ganhar terreno. O Brendan deslocou-se até à

secretária do Marshall, carregou em várias teclas e as imagens dos ecrãs mudaram. Estudou-as por momentos e começou a recitar valores como um robô. Quando concluiu o relatório, no qual o Marshall não tinha qualquer interesse, este declarou:

– Peso morto. Produtividade, zero. São cinco fazendas, mas a terra vale mais do que a produção de café, já que aquela gente ignorante nunca chegou a recuperar do deslizamento de terras que arruinou as empresas. Isso e aquele velho teimoso, que agora deve estar bem arrependido de não as ter vendido. Talvez se arranje um produtor de rum que as queira comprar para a cana-de-açúcar.

A Amanda estava sentada do outro lado do gabinete, de pernas cruzadas. Com um sorrisinho sardónico. A apreciar o espetáculo. O Marshall sentou-se na beira da secretária, com um pé no ar. O fato, os sapatos e o relógio que trazia deviam ter-lhe custado uns 250 mil dólares. Dirigiu-se ao Brendan sem tirar os olhos de mim. Sabia a resposta sem ter de perguntar.

– E quanto valem agora os terrenos, para o comprador certo?

O Brendan olhou para os ecrãs.

– Cinco ou seis.

O Marshall estudou as cartas que tinha na mão e subiu a parada.

– Sete, então. – Sorriu, já a antecipar a minha derrota. Voltei-me para a Amanda, que abanou a cabeça de forma quase impercetível. O Marshall deve ter visto nos meus olhos algo que não lhe agradou, porque, mais uma vez, subiu a parada. Tamborilou na mesa. – A oferta encerra daqui a 72 horas.

Invadi o espaço pessoal dele – coisa que o Marshall detestava – e dei-lhe um vigoroso aperto de mão.

– Negócio fechado.

Desloquei-me até à porta e voltei-me para trás, encarando dois rostos pálidos e um sorridente. Calculo que não seja preciso dizer qual deles estava a sorrir.

Regressei a Miami e bati à porta do Colin. Dispunha de três dias para arranjar uma pipa de dinheiro. Tinha cerca de metade no banco. Podia vender a casa perto da praia em Jacksonville. A cabana em Bimini. Talvez tivesse de pedir algum emprestado ao Colin, mas antes disso precisava de fazer umas escavações. O Zaul abriu-me a porta, seguido pelo pai.

– Vim saber se estás numa de exercitar esses músculos.

– Na boa.

Duas horas depois entrávamos na pequena igreja católica de San Angeles, na ponta norte de Bimini. Já não se rezava missa ali há décadas e, atualmente, a capela só servia para casamentos. Situava-se numa zona de floresta com as traseiras para a praia, a poucos metros. Certificando-nos de que não havia ninguém por perto, eu e o Zaul afastámos o altar de pedra do caminho e começámos a partir o chão com um machado e uma picareta. A sólida dupla camada de soalho sob o pavimento lembrou-me de que tinha enterrado aquele dinheiro para que ficasse enterrado. O Zaul trabalhava com afinco, deliciado com a ideia de dar cabo de qualquer coisa e encontrar dinheiro. Depressa recuperámos o saco de desporto onde eu tinha guardado os meus 250 mil dólares. O Zaul abriu-o.

– Ainda bem que eu não sabia que isto aqui estava.

Sorri. Ele preparava-se para sair do buraco quando apontei para o cimento mais abaixo. Encolheu os ombros.

– Ainda há mais?

– Digamos que é apenas um palpite.

O Zaul começou a partir o cimento e eu sentei-me no banco da frente a recordar o meu amigo Hack e como ele adorava cigarros e café. Quando a picareta alcançou um compartimento oco, o Zaul olhou para mim de olhos arregalados. Disse-lhe:

– Tem cuidado. Não sei muito bem o que vamos encontrar aí em baixo.

O Zaul levou uma hora a desenterrar quatro grandes baús com “Rum Jamaicano” estampado nas tampas. Alinhámo-los e forçámos a tampa do primeiro. O Zaul ficou de queixo caído.

– É muita pasta.

A história repetiu-se com os outros três. O Colin sorriu.

– Sempre gostei do velhote.

O Zaul olhou para mim.

– O que é que estás a pensar fazer com isto tudo.

Sorri ao Colin e depois ao filho.

– Que me dizes a entrar no negócio do café?

✱

Ao fim de sete horas e cinquenta e três minutos entrei no edifício do Marshall a empurrar um carrinho com cinco sacos de desporto e desloquei-me de elevador até ao último piso. A rececionista não protestou quando passei por ela. O Marshall estava ao pé da janela. Três tipos que eu

não conhecia, sentados à mesa de conferências, ultimavam uma pilha de documentos. Quando entrei, o Marshall olhou para mim e para o carrinho. A Amanda e o Brendan entraram atrás de mim.

Depois de ouvir o meu plano, o Colin ofereceu-se imediatamente para financiar o que fosse preciso. Graças ao Hack, não precisei de muito. Para acelerar o processo, o Colin concordou em comprar a casa em Jacksonville e a cabana em Bimini – que colocou à minha disposição, dizendo-me que podia lá ficar sempre que quisesse. Depois, emprestou-me meio milhão de dólares através de um acordo de cavalheiros, com as propriedades a servir de garantia. Como eu ia empregar o filho, tentou dar-me o dinheiro, mas recusei, argumentando que talvez ajudasse o Zaul ter um papel ativo no pagamento da dívida. Ao todo, angariei cinco milhões, mais os dois milhões do Hack. O Marshall ia ter a maior surpresa da vida dele.

Coloquei os comprovativos das transferências em cima dos sacos de desporto.

– Cinco milhões transferidos esta manhã, mais... dois milhões em dinheiro.

Os advogados fizeram um ar muito admirado. O Marshall não estipulara a forma de pagamento e agora iria arrepender-se disso. Daí o sorriso amarelo. A pergunta que me fez a seguir foi a primeira falha que lhe vi na armadura.

– Que esperas que faça com isto?

– Pode facilmente lavá-lo através de centenas de empresas à sua escolha, com certeza. Ou então, pagar aos seus mercenários em dinheiro, para poder evitar pagar os impostos e as multas através daquele seu engenhoso esquema dos bónus.

Os advogados voltaram a olhar para mim, perguntando-se como saberia eu do plano de pagamento dos bónus. Desloquei-me até à mesa e examinei as escrituras para ver se estava tudo de acordo com as minhas instruções. Verifiquei que estava tudo em ordem e dirigi-me aos advogados, ignorando o Marshall por completo:

– Onde é que eu assino?

Olharam para o Marshall, que lhes fez um aceno relutante. A Amanda sorriu, satisfeita.

Havia sempre a hipótese de o Marshall tentar passar-me a perna depois do negócio concluído, mas eu ainda tinha um ás na manga. Ela deteve-me à saída. Disse-me:

– Desço contigo.

Quando entrámos no elevador, o Brendan tentou acompanhar-nos, mas eu empurrei-o para trás com um dedo. As portas fecharam-se. Lado a lado, olhámos um para o outro através do reflexo das portas. Ela foi a primeira a falar.

– Eu certifico-me de que o negócio vai para a frente.

– Obrigado.

O elevador assinalava os andares à medida que íamos descendo. A Amanda voltou-se para mim.

– Estás com bom aspeto.

– É verdade.

– Arrependimentos?

Abanei a cabeça.

– Nenhum.

Ela inclinou uma vez a cabeça.

– Eu cá tenho um.

As portas abriram-se e saímos para o vestíbulo. Ela deu-me um beijo na cara e, a seguir, limpou a mancha que o batom tinha deixado com um gesto suave do polegar.

– Toma cuidado contigo. – Pegou-me na mão e beijou-me uma última vez. – Manda-nos algum café.

Capítulo Trinta e Um

O Colin ofereceu-me transporte no helicóptero, mas eu disse-lhe que era um filho da água. Sempre fora. Em jeito de agradecimento por eu ter encontrado o Zaul e por lhe ter dado um emprego quando, no entendimento dele, mais ninguém o faria, transferiu para o meu nome a propriedade do *Ilustre Carreira*. Quando tentei protestar, interrompeu-me com um gesto.

– Cala-te e aceita o barco, Charlie.

E eu assim fiz.

Empacotei a minha vida em Bimini, incluindo a coleção de óculos, fiz as minhas despedidas, comprei um carregamento de água e rumei a sul-sudoeste. Uma semana no mar seria alimento para a alma. Regressei pelas Caraíbas, atravessei o Canal do Panamá e subi a costa do Pacífico até à enseada que delimitava a estância que o Zaul e os amigos tinham virado do avesso. Lancei a amarra do barco ao proprietário. Ele disse-me:

– Como tem passado?

– Bem. Estava cá a perguntar-me se me deixaria ancorar esta coisa aqui.

– Com todo o gosto. Vou pô-lo ao lado do meu. Por quanto tempo?

Olhei em redor.

– Que tal para sempre?

Ele riu-se.

– Parece-me bem.

– Por acaso não tem uma mota que eu possa alugar, pois não?

– Não, mas... – apontou. – Uns 200 metros naquela direção. Um tipo com uma loja ao lado da drogaria. Vende e aluga.

Comprei uma KTM parecida com a do Colin, aproveitei para passar numa loja de artigos de desporto que fazia sobretudo negócio com os universitários que percorriam a América Central de pousada em pousada e, finalmente, dirigi-me a Valle Cruces. Estava calor, as temperaturas não

paravam de subir e a única coisa que faltava era sentir um par de braços a apertar-me a barriga.

Durante a semana em viagem, tinha-me dado conta, pela primeira vez na vida, de que o que a Lina me tinha dito era verdade. Deixei que a dor do passado ditasse a esperança e a promessa do futuro. Por muito que me custasse aceitar esse facto, era um homem feito e a característica da minha personalidade que se sobrepunha a todas as outras era o medo de ter esperança e o receio de deixar que outros tivessem esperança em mim. Se, de facto, a acreditar nas palavras dela, a esperança é a moeda de troca do amor, então eu andava falido há muito tempo.

Que forma estúpida de viver.

Cheguei a Valle Cruces de mochila às costas e com um anel que adquirira numa ourivesaria em León. Parei no armazém de construção à beira da estrada – basicamente um fornecedor de madeiras e materiais de construção – e comprei aquilo de que precisava, que meti no bolso com todo o cuidado.

A casa estava vazia quando cheguei e, sendo quarta-feira, não era de admirar. Estavam todos lá em cima, na montanha. Querendo esticar as pernas, deixei a mota e continuei a pé. As pessoas saíam das suas casas ao ver-me passar e acenavam-me, felizes por me verem por ali. Alguns abraçavam-me e caminhavam comigo. Fui parado por um grupo de adolescentes na risota.

– El doctor, tu cavar bem – disse um e abanou a cabeça. Seguiram-se mais risos. – Lutar, menos bem.

Pela primeira vez na vida, sentia-me em casa. Olhei de esguelha para o miúdo.

– Havia 12 deles. Eu era só um.

Ele passou-me um braço em redor dos ombros, com um sorriso de orelha a orelha que deixava ver uma fileira de enormes dentes brancos.

– Agora já não. – Agitou a mão, indicando a rua cheia de gente. – Agora és muitos.

Continuei o meu caminho sem pressas, sentindo o suor cobrir-me a pele e empapar-me a roupa.

Ao chegar às árvores mais antigas, mais imponentes, onde os macacos uivavam de todos os lados, a brisa fazia dançar as folhas e a sombra refrescava a pele, cortei à esquerda e percorri o trilho estreito mas bastante usado que contornava a montanha até às duas cruzeiras brancas.

A campina já não parecia recente. Um manto verde de plantas silvestres

atapetava o solo. Alguém, já esta manhã, colocara flores frescas junto à lápide rudimentar.

Tirei o boné e passei o braço pela testa. Fiquei ali parado vários minutos à procura das palavras certas.

Em vão. Na mangueira acima de mim, um macaco saltitava de ramo em ramo a colher fruta e a atirá-la para um sítio onde depois haveria de a comer. Uma das mangas rebolou até mim, por isso, sentei-me, descasquei-a e comecei a cortá-la às fatias.

Com o sumo a escorrer-me pela cara e a pingar do canto direito da boca, obriguei-me a dizer qualquer coisa.

– Olá. Sou... sou o Charlie. Estou de volta. – Senti-me ridículo. Abanei a cabeça e enfiei o boné, mas depois voltei a tirá-lo. – Quis passar por aqui para lhe dizer que, se o senhor aqui estivesse, pedir-lhe-ia permissão para o que estou prestes a fazer. Mas, como não está e não tenho meio de saber qual seria a sua reação, bem... Quero dizer-lhe que, se não aprova o que vou fazer, sinto muito. Dito isto, vou fazê-lo à mesma. Se procedo mal, peço desculpa mais uma vez. Nunca tive um pai a sério e não posso dizer que tenho sido um homem muito bom, pois estaria a mentir. Na verdade, só tenho feito o mal, espalhado veneno. Sou, ou tenho sido, o oposto do senhor, da sua filha e da sua neta, que, já agora, saiu à mãe e é uma miúda fenomenal. O senhor ficaria orgulhoso. Mas, voltando ao assunto... Se posso dizer uma coisa em minha defesa, é que sei que o que estou a fazer... – Lancei um olhar à mochila ao meu lado. Tinha as mãos pegajosas e a pingar. Cortei outra fatia e meti-a na boca. – Aquilo que trago comigo para a montanha, bem... nunca fiz nada do género. É uma coisa sem precedentes. Não sei bem se neste momento sou capaz de distinguir o bem do mal, mas se isto não é bom... então não sei o que será. Ou o que pode vir a ser. Acho que o que quero dizer é que... – As lágrimas começaram a escorrer-me do canto dos olhos para o chão. – Acho que o que o meu coração gostava mesmo de ouvir é que o senhor aprova e, para ser mesmo sincero, que tem orgulho em mim porque, talvez pela primeira vez na vida, eu tenho orgulho em mim. Ou posso vir a ter. Tenho 40 anos de coisas de que não me orgulho e que gostaria de poder enterrar aí em baixo consigo, mas isto aqui... isto gostava de manter cá em cima. Deixá-lo germinar. Crescer. É a única coisa na minha vida com o potencial de viver além de mim. De corrigir algum do mal ou, pelo menos, mitigá-lo um pouco. Recuperar parte do que vendi há muito tempo.

Com os dedos pegajosos, tirei do bolso a bússola de latão estilo militar

que tinha comprado na loja de artigos de desporto e pousei-a na trave horizontal da cruz. A ponta vermelha da agulha oscilou entre as onze e as três horas até parar à uma e meia, indicando o norte magnético através do cume do Las Casitas. Enrolei o cordão da bússola à volta da dobradiça e fixei-o à trave.

– Nunca me orientei por um instrumento destes. Nunca tive uma bússola que me guiasse. Um norte. Até ter posto os pés nesta montanha, era um conceito que desconhecia. O que explica os destroços da minha vida. Mas depois, a Lina tropeçou em mim naquele passeio e a bela e precoce Isabella abriu-me um olho. Acho que foi nesse momento. Foi aí que renasci. – Passei a mão pela face da bússola. – Durante muito tempo, o senhor foi uma bússola para muita gente. E, sem saber, sem sequer ter tentado sê-lo, é uma bússola para mim. Digo-o sem duplas intenções e espero que não se importe. – Fiz um longo silêncio. – Se estou enganado, se o senhor está aí em baixo a abanar a cabeça e acha que não é boa ideia, bem... não posso senão lamentar e pedir desculpa. Não será a primeira vez que me desvio da rota. – Ri-me, um pouco constrangido. – Se provei alguma coisa repetidamente ao longo da vida, é que sou perito em fazer asneira. – Dei meia-volta para ir embora, mas parei. Voltei atrás. – Acho que o que me trouxe hoje a esta montanha foi o Paulo e o facto de lhe ter dado uma oportunidade quando mais ninguém o teria feito. De ter relevado o que era em favor do que podia ser. Vim aqui de chapéu na mão, na esperança de que o pó e a distância entre nós não o impeçam de ver as possibilidades. Em mim.

Vi outra manga uns passos adiante. Apesar das estridentes objeções do macaco, furioso por estarem a roubar-lhe as mangas, apanhei-a do chão, descasquei-a e mergulhei no sabor da Nicarágua.

✱

Meia hora depois, alcancei o cume e passei no poço, onde aproveitei para molhar a cabeça na bica da bomba e lavar a cara, deixando a água fria escorrer-me pelas costas abaixo. Por entre as árvores, vi uma fila de gente que se estendia até à carrinha do Paulo. A Lina, de luvas de borracha e a soprar o cabelo da cara, estava debruçada sobre a minha amiga Ana Julia a arrancar-lhe um dente, enquanto a Isabella entretinha os pequenos. O Paulo estava um pouco mais adiante, no telheiro das máquinas, a ajudar um homem a trocar um dos pneus do trator.

A vida continuara – e ao mesmo ritmo.

Aproximei-me dela. Tinha um alicate de pontas dentro da boca escancarada da Ana Julia, que estava a olhar para mim pelo canto do olho. Olhei por cima do ombro da Lina e comentei:

– Não te enganes no dente. Já não lhe restam muitos.

Ela sorriu, mas manteve a mão firme. Extraíu o dente e entregou-o à Ana Julia, que o meteu no bolso, sorridente. A Lina tirou as luvas de borracha e abraçou-me com força. A seguir, vieram a Isabella, o Paulo e umas 50 pessoas que esperavam na fila. Demos um novo significado à expressão “abraço coletivo”.

Quando acabou, a Lina olhou para mim, corada, esquecendo o grupo à nossa frente. Abafei o riso.

– Sentiste a minha falta?

Ela beijou-me uma e outra vez.

– Só um nadinha.

A Isabella estava presa à minha perna como uma ventosa. Sem mais delongas, abri a mochila e entreguei a pasta de documentos à Lina. Ela deitou-lhe uma olhadela.

– O que é isto?

Eu não sabia bem como responder. Engoli em seco e expliquei como pude:

– Amor com pernas. – Encolhi os ombros. – Água do meu coração.

Ela abriu a pasta e o ar de desconfiança foi rapidamente substituído pela mais completa surpresa. Folheava os documentos cada vez mais depressa. Quando terminou, olhou para a filha, depois para o Paulo e, finalmente, para mim enquanto as lágrimas que reprimira durante uma década começaram a cair em catadupa. Com uma expressão incrédula, de quem pensa “Isto é bom de mais para ser verdade”, voltou ao início e leu os nomes outra vez. Com a voz embargada, um pouco esganiçada no fim, perguntou-me:

– Foste tu?

Fiz que sim com a cabeça.

– Como?

– É uma longa história, mas tive de vender tudo o que tinha e desenterrar dinheiro da droga há muito escondido numa igreja abandonada.

– Compraste a Mango Café com dinheiro da droga?

– Não, comprei a Cinco Padres com dinheiro da droga.

Ela fez um ar baralhado e pôs-se a folhear outra vez os documentos.

– O quê?

– As cinco quintas. – Ri-me. – Espero que gostes do negócio do café, pois estás enterrada nele até ao pescoço.

O Paulo ouvia-me com atenção, mas tinha dificuldade em entender o que eu estava a dizer. A Lina abanava a cabeça, sem poder acreditar nos documentos que tinha nas mãos. Pouco a pouco, o nevoeiro levantou. O Paulo olhou-me, confundido e, à semelhança dele, a multidão à nossa volta não percebia se ela estava triste ou feliz. Finalmente, a Lina voltou-se para mim e, apesar de toda a sua força e tenacidade, a ausência de um nome foi de mais para ela. Olhou-me com os olhos rasos de lágrimas. Apontou para os documentos.

– Mas o teu nome não está aqui. – Abanou a cabeça. – Em lado nenhum. – Esfregou a cara com a manga da camisa. – Vais... vais-te embora?

Desta vez, tive a presença de espírito de não negar à mulher que amava o momento que ela desejava e merecia. Ajoelhei-me e estendi a mão, abrindo-a para revelar a singela aliança de ouro.

– Não, se me deixares ficar.

×

A notícia espalhou-se como fogo em palha seca.

Quando as pessoas ficaram a saber que a Lina e a Isabella eram proprietárias das fazendas da Cinco Padres, vieram de toda a parte para a felicitar.

Na manhã seguinte, fui acordado no galinheiro pela visão de uma Lina ainda ensonada a chegar-me ao nariz uma caneca de café bem quente. O cabelo solto envolvia-lhe os ombros e tocava nos meus. Era o início de uma revelação íntima. Estava a dar-me um pouco de si – uma amostra do que estava para vir. Endireitei-me na cama, provei o café e declarei:

– Não fui totalmente sincero contigo.

– Oh, não me digas.

– Primeiro, disse ao Zaul que lhe dava um emprego. Chega daqui a uns dias.

– E?

– Tens de saber que não tenho um tostão. Estou completamente nas lonas. Nem sequer tenho dinheiro suficiente para encher o tanque do

barco e, para ser sincero, acho que o melhor seria vendê-lo para termos alguma coisa quando chover. Não sei onde vamos arranjar dinheiro para fazer seja o que for. E, com isto, quero dizer que não temos o suficiente nem para uma lâmina nova para depilar as pernas.

A Lina olhou para mim e deu-me a mão.

– Deixa-me mostrar-te uma coisa.

Arrastou-me até à porta do galinheiro, encostou-se a mim e passou-me os braços em redor da cintura.

– Não precisamos de dinheiro. – Apontou para o mundo lá fora com um gesto largo. – Estás na Nicarágua.

Dispersos pelo pátio, atados às árvores, vi 10 ou mais porcos, algumas vacas e várias cabras. Havia cestos de fruta e hortaliça por todo o lado. Uma pilha de melões encostada a uma parede. Ramos de flores. Era como se uma carrinha da mercearia tivesse capotado nas traseiras da casa. Ela riu-se.

– Têm estado a chegar toda a manhã.

Olhei para a rua, inundada de gente a carregar cestos e a guiar animais. O Paulo sorria no meio do pátio, maravilhado e branco como um lençol de tanta emoção. A Lina continuou:

– Temos água, comida, temos – pôs a mão no meu peito – a tua montanha e temos... o melhor café do mundo.

Assenti.

– E temos um homem nos Estados Unidos que prometeu importar todo o café que produzirmos. Até tem uns amigos famosos que podem ajudar a promovê-lo.

✱

Ela abraçou-me à volta do pescoço.

– Sempre me quis casar debaixo da mangueira do meu pai.

– Se a notícia do casamento se espalha, arriskas-te a que apareçam umas cinco mil pessoas.

– O meu pai iria adorar.

A Isabella passou-me um braço à volta de uma perna e abraçou-me com força, encostando o rosto à minha coxa. Peguei-lhe ao colo e apertei-a nos braços.

– E tu?

Ela sorriu, encostou a testa à minha e afagou-me o rosto entre as mãos.

✱

Nunca me tinha sentido tão limpo.

A arte de construir um poço

Em 1998, o Furacão Mitch deteve-se sobre a Nicarágua. Com ventos contínuos de 300 quilómetros por hora e rajadas que chegavam aos 360, o monstro de categoria 5 assolou o país durante vários dias. Postos avançados nas montanhas registaram entre dois a dois metros e meio de precipitação. Outros, onde os instrumentos sofreram danos causados pelas águas ou foram arrancados pela base, sugerem valores mais próximos dos quatro metros. Isso mesmo. Quatro metros. Ninguém sabe ao certo. O que se sabe é que a enxurrada criou um lago na cratera de um vulcão adormecido chamado Las Casitas. O peso das águas rachou o manto, causando uma erupção e um deslizamento de terras. A avalanche de lama com cerca de nove metros de altura abateu-se sobre a montanha em direção ao Pacífico, a 50 quilómetros de distância. Imagens de satélite mostram a parede de lama a avançar a mais de 150 quilómetros por hora, deixando um rasto de devastação com um quilómetro e meio de largura. Mais tarde, embarcações das forças navais e da Guarda Costeira viriam a recolher sobreviventes agarrados a destroços flutuantes a vários quilómetros da costa.

Durante o dilúvio, Moisés e 27 membros da sua família amontoavam-se, encharcados, com frio e com fome, na sua casa de blocos de cimento e telhado de zinco onde a enxurrada os tinha separado do resto do mundo. Após cinco dias de isolamento, o produtor de cana-de-açúcar e pastor voluntário que ganhava um dólar por dia ouviu o que pareciam ser helicópteros. Convencidos de que as Nações Unidas ou outra qualquer organização humanitária tinha vindo em seu socorro, os membros da família saíram de casa a correr, de olhos postos no céu. Cheios de esperança e ansiedade. Em vez de helicópteros, porém, encontraram uma apocalíptica parede de lama que parecia não ter fim. À sua frente, majestosas árvores centenárias tombavam na esteira da destruição, casas eram arrancadas pelos alicerces. Pedregulhos gigantes vinham para os esmagar. A morte chegara a Las Casitas. Moisés teve apenas tempo de lançar um olhar à mulher e aos filhos e exclamar:

– *La sangre de Jesús! Vamos a estar com Jesús.*

Traduzido, significa: “[Que] o sangue de Jesus [nos proteja]! Vamos

estar com Jesus.” O cáustico e sobreaquecido tsunami de lama alcançou o terreno da casa. Apenas uma coisa se interpunha entre Moisés e a lama.

Um poço.

Um simples buraco escavado no chão com uma bomba e tubagem suficiente para trazer a água à superfície. Tinha sido aberto por uma ONG seis meses antes e fornecia a Moisés e aos vizinhos água suficiente para cozinhar, tomar banho e viver. Neste canto do mundo, a água contaminada não só propaga doenças como também as eterniza, por isso, o advento de água potável viera melhorar significativamente as condições de vida da população, encolher barrigas inchadas e trazer nova vida. É o que fazem os poços. Por razões que rapidamente se tornarão evidentes, Moisés era o guardião do poço.

Moisés viu a lama a chegar ao poço e, nesse momento, aconteceu algo insólito. A lama apartou-se. Alterou a sua trajetória. Perante os olhos incrédulos de todos, a avalanche contornou a casa de ambos os lados, poupando a família, apenas para convergir mais adiante e prosseguir a sua marcha destruidora até ao mar. Do cume da montanha ao mar, o deslizamento de terras de Las Casitas viria a cobrir 83 quilómetros quadrados e ceifar a vida a mais de três mil pessoas, mas não as de Moisés, da mulher e dos filhos, nem dos 27 parentes que assistiram à tragédia.

Sei-o, porque falei com muitos deles. Se perguntarem a Moisés, ele abana a cabeça com a confiança da sua fé inabalável.

– *La mano de Dios detuvo el barro.* – “A mão de Deus deteve a lama.”

Durante as 72 horas que se seguiram, Moisés e outros homens passaram o terreno a pente fino, resgatando os vivos e os mortos de copas de árvores, arame farpado e sepulturas lamacentas. Para travar as doenças, enterraram os cadáveres e queimaram as carcaças de gado em decomposição. O ar cheirou a fumo e a morte durante semanas. A casa de Moisés, uma das poucas estruturas ainda de pé, passou a servir de posto de triagem e alojamento para algumas das vítimas que tinham perdido tudo. Moisés trabalhou incansavelmente, respondendo aos apelos de homens, mulheres, crianças e animais presos na lama. E, como esta tinha vindo das entranhas do vulcão, era ardente e corrosiva e queimou-lhe boa parte da pele dos pés e dos tornozelos. Ainda carrega as cicatrizes. Cercado por um mar de lama, cuidou dos enfermos, rezou com os moribundos e chorou com os desamparados. Passar-se-iam dias sem que o resto do mundo soubesse que estavam vivos e precisavam de ajuda.

No rescaldo de mais de um milhar de milhão de dólares em estragos e

uma infraestrutura dizimada, organizações humanitárias de todo o mundo canalizaram milhões para a economia local a fim de ajudar a reconstruir uma paisagem que tinha mais de lunar do que de terrestre. Vendo a devastação na aldeia de Moisés, uma ONG estrangeira adquiriu terras fora da área atingida e dispôs-se a participar no esforço de reconstrução. Para tal, precisavam de um homem de confiança que liderasse as operações no terreno. Uma espécie de capataz. Alguém a quem pudessem entregar dezenas de milhar de dólares e que comandasse a atenção e o respeito da comunidade. Andaram a inquirir pela aldeia e todos os dedos indicaram Moisés. A ONG confiou a Moisés, um humilde camponês com a terceira classe, mais de 200 mil dólares para reerguer a comunidade. Dezoito meses volvidos, este apresentou contas, pedindo desculpa por não poder justificar uma diferença de seis sacos de cimento, que se propôs pagar do seu próprio bolso. Imaginem só: depois de gastar 200 mil dólares a reconstruir uma comunidade inteira, estava a perder o sono à conta de uns quantos sacos de cimento. Ah, e tinha construído o dobro das habitações orçamentadas. O dobro, literalmente.

Nos meses que se seguiram, Moisés cresceu em nome e importância. Fundou mais igrejas e, como as cicatrizes deixadas pela avalanche não eram apenas físicas, continuou a trabalhar para sarar outras feridas mais profundas. Se Deus tivesse mãos, seriam fortes e calejadas e estariam enlameadas, doloridas, a sangrar – como as de Moisés.

Um ano depois, cheguei eu, um escritor principiante a quem pediram para contar esta história. A minha guia e intérprete era uma voluntária experiente da organização Mercy Ships chamada Pauline Rick. Pauline conhecia Moisés e a família. Tinha-o encontrado seis meses antes da catástrofe. É graças a ela que os leitores podem agora conhecer a história de Moisés.

Sem a Pauline, isto seria uma página em branco e não haveria história para contar.

No decorrer da semana seguinte, Pauline e Moisés guiaram-me através da cronologia dos acontecimentos: a instalação do poço, o furacão, o deslizamento de terras, a ajuda humanitária. Para ilustrar a narrativa, visitámos o Las Casitas, detivemo-nos à beira da cicatriz e fitámos o Pacífico. Depois, seguimos o trajeto da desolação. Não foi difícil. A primeira paragem foi a casa de Javier, um produtor de café que também julgou ter ouvido os helicópteros. Era mais alto do que a maioria, robusto e tinha umas mãos enormes. Imponente para um nativo da região. Saímos

da casa, reconstituindo os passos da família. Javier falava num tom reverente e Pauline traduzia. Traçou uma linha invisível no chão.

– Viemos até aqui. – Apontou outro local a poucos metros de distância.
– As minhas duas filhas estavam ali. – Vi-lhe lágrimas no rosto. A voz falhou-lhe. Fez um gesto vago. – A parede de lama... – Calou-se, incapaz de continuar.

Não voltou a ver as filhas desde então.

A meio da descida, ainda com a voz de Javier a soar-me nos ouvidos e as lágrimas a secar-me no rosto, Moisés parou na estrada e colheu um fruto que pendia de uma árvore enquanto um bugio protestava dos ramos mais altos. Pelo menos, julgo que era um bugio: parecia um macaco e estava a uivar. Não reconheci o fruto verde alaranjado e perguntei à Pauline enquanto esta o descascava e o sumo lhe escorria por entre os dedos. Parecia uma criança numa loja de doces.

– É uma manga.

Não se parecia nada com as mangas que estava acostumado a ver e, para ser sincero, nunca lhes tinha tomado o gosto. A Christy, a minha mulher, estava sempre a tentar convencer-me a comer, mas sempre achei o sabor um pouco estranho. Abanei a cabeça.

– Não sou grande apreciador.

Com um sorriso entendido, Pauline voltou a oferecer-me.

– Vá, coma lá.

Lembro-me de ficar ali sentado, com o suco da manga a escorrer-me pelo queixo, a pensar para comigo: *Onde é que isto tem andado a minha vida toda? É a melhor fruta que já comi. A Christy iria adorar.*

Olhei através das árvores para o telhado de zinco enferrujado da casa de Javier. Não conseguia entender aquele sítio – ainda hoje não consigo – de almas despedaçadas, de uma tristeza indescritível, uma cicatriz de lama *por fora e por dentro* do coração de um povo. E as cruzes. Tantas, que era impossível contá-las. Para onde quer que me virasse via duas, três, ou um maciço delas a erguer-se da lama. E não estavam organizadas como no cemitério militar em Arlington ou nas praias da Normandia. Aqui tinham enterrado as pessoas onde as encontravam. Onde um braço ou uma perna a sair da lama assinalara a sua presença.

Mas aquela manga tinha-me deixado a pensar. No meio da paisagem dantesca, do horror, da perda e do sofrimento, crescia aquele maná. Ali mesmo, à mão de semear. Ao olhar em redor, vi beleza nas flores que espreitavam acima da lama, saboreei a fruta doce e sumarenta, ouvi o riso

das crianças num casebre miserável à nossa esquerda, vi atrás de nós o verdejante San Cristóbal a fumegar contra o céu límpido. Embora a morte tivesse passado por ali, aquele sítio estava cheio de vida. Pássaros de cores vivas dançavam nos ramos das árvores, as flores pintavam a paisagem, chegava-me música aos ouvidos. E eu estava mesmo ali, no meio de tudo. Foi um daqueles raros momentos que temos de chupar até ao tutano. A morte chegara como um ladrão na noite, mas, quando amanheceu, a vida – rica, densa, bela, doce, vibrante, cheia de riso – renascera da própria lama.

Raramente saboreio uma manga sem me lembrar desse momento.

À tarde, Moisés apresentou-me à congregação, à mulher, aos filhos e mostrou-me a sua nova casa na comunidade que construiu. Nessa noite jantei em casa dele. Um banquete digno de um rei com frango assado, sopa, arroz e grossas tortilhas de milho. Os filhos estavam de olhos arregalados, com grandes sorrisos. Perguntei à Pauline:

– Estão sempre assim tão sorridentes ao jantar?

Ela hesitou, sem saber se deveria proteger-me da verdade. Disse:

– Nunca tinham comido dois frangos num só jantar.

Dormi numa tarimba no que podia considerar-se a sala de estar da família, na companhia de uma porca enorme e ruidosa que Moisés trazia para dentro de casa à noite para que não a roubassem. Era – como dizê-lo? – uma miúda de ossos largos. Foi uma noite interessante.

Mesmo antes de desligarem as luzes, passei à porta, ou melhor, à cortina do quarto de Moisés. Os pequenos dormiam à minha esquerda, em beliches de corda entretecida. Sem lençóis nem cobertores. Apenas uma simples corda de cânhamo. Encontrei o pai ajoelhado aos pés da cama, com a bíblia aberta à sua frente, os lábios trémulos numa prece murmurada. Horas depois, quando me levantei para ir à casa de banho, ainda lá estava. Ainda a mover os lábios.

Ainda hoje, quando penso nele, é assim que o vejo. Um homem de joelhos. Face a face com Deus.

Nessa noite, já lá vão mais de 15 anos, Deus operou em mim uma transformação profunda. A nível do ADN. Algo que só ele pode fazer. Partiu-me e encheu-me o coração ao mesmo tempo. Ainda não sei bem como foi.

Ao longo da minha carreira, vi em primeira mão a miséria e paisagens devastadas pela guerra. Palmilhei as ruas crivadas de balas de Freetown, na Serra Leoa, a seguir à guerra civil. Vi homens da minha idade sem braços, saudáveis mas inutilizados, a pedir esmola com taças penduradas ao

pescoço, incapazes de utilizar uma casa de banho sem ajuda. Fiquei retido durante cinco dias – com uma disenteria galopante – na Costa do Marfim, apanhado entre um motim e uma greve no aeroporto. E não, não falo francês nem qualquer dialeto africano. Atravessei uma prisão superlotada nas Honduras, onde tive de me encostar a uma parede quando começou uma rixa e, a seguir, passei nas docas onde famílias inteiras vivem em caixotes de papelão carunchoso entre enxames de dezenas de milhar de mosquitos e as crianças tosem noite após noite, após noite. Todas essas experiências testaram a minha fria indiferença, deixaram marcas profundas, sobretudo Freetown, mas foram Moisés e a Nicarágua que penetraram as minhas muralhas de granito.

Permitam-me a franqueza: a indiferença é a praga da era moderna. Nunca é de mais ouvir isto. A indiferença é maléfica e não podia estar mais longe do coração de Deus. Não pensam assim? Então, deixem-me lembrar-vos a Cruz. Jesus estava tudo menos indiferente. Não julguem, porém, que falo de uma posição de superioridade moral. Sou tão culpado como qualquer outro, os meus trapos estão igualmente imundos e foi deitado naquela tarimba com um porco a correr por baixo de mim e o cheiro da latrina exterior a pairar na brisa, com a cicatriz profunda que desce o Las Casitas, a expressão de Javier gravada na memória, as sombras compridas das cruzeiras brancas, a escassez da comida na casa de Moisés e o som das suas preces sussurradas do outro lado da parede, que tomei consciência, talvez pela primeira vez na vida, da minha própria indiferença. E a experiência abalou-me. Deixou-me de rastos. Ainda hoje tem esse poder.

E, para que conste, sinto muito.

Ao longo dos anos mantive contacto com Moisés via e-mail. Ele viaja 45 minutos até um cibercafé com Internet lenta. A mim basta-me olhar para o telemóvel. Eu não falo espanhol e ele não fala inglês, por isso, a Pauline continua a ser a nossa fiel intérprete. Prometo sempre que vou aprender, mas *no hablo*. Já regresssei várias vezes ao país. Levei amigos. Levei a Christy e o meu filho mais velho, o Charlie. John T. e Rives são os próximos na lista.

Há um ano, voltei lá e subi o Las Casitas numa carrinha. E sim, as lágrimas regressaram como se nunca tivessem parado. Deixei-as correr e não, não as sequei. Chorei por aquele canto do mundo, pelos meus amigos, por mim. Soube-me bem chorar. Nessa noite, falei numa igreja, à luz das velas; distribuímos arroz, feijão, óleo; lembrámos algumas pessoas nas nossas preces; abraçámos uma senhora sem dentes mas com um sorriso

maravilhoso que ocupa agora um lugarzinho no meu coração. Por fim, descemos o vulcão com outro porco que Moisés tinha comprado em saldo. Em pé na parte de trás da carrinha com 15 nicaraguanos de pele tisonada pelo sol e um porco descontente, reparei na paisagem salpicada de árvores de fruto, vacas, fumo das chaminés, cana-de-açúcar, casas com tapumes de plástico e três mil cruzeiras brancas, muitas delas agora rodeadas de trepadeiras e ervas daninhas.

Mas o que me deixou a pensar, o que ainda hoje me dá que pensar, foi isto: estas pessoas, estes homens suados ao meu lado, estes Filhos de Deus, vivem aqui. Os ossos debaixo das cruzeiras pertencem às mulheres, aos filhos, aos irmãos, às mães e aos pais que perderam. É uma imagem a que não podem virar as costas, a realidade das suas vidas à qual não podem fugir. Eu meto-me num avião e regresso a casa. Sorrio à hospedeira, arrumo a mala, aperto o cinto, ajusto o ar condicionado, peço uma água ou um café, vejo o e-mail e... encho a minha mente de tudo menos daquela realidade. O luxo de poder partir permite-me reprimir a dor terrível que sinto no peito, atirá-la para trás das costas. E, verdade seja dita, já o tenho feito.

A comunidade de Moisés tem um cantinho especial no meu coração e no da Christy. É o lugar onde o Senhor põe à prova todas as nossas ideias preconcebidas. Moisés não tem nada. Nós temos tudo. Ele pede aos Céus dinheiro suficiente para comprar arroz e feijão para alimentar os netos. Eu rezo para que o GPS da minha carrinha me leve onde quero ir pelo caminho mais curto e mais livre de trânsito. Ele aufere menos de dois dólares por dia. Eu gasto isso num café. Sem hesitar. Ele pede chuva para as culturas e para o gado quando a seca ameaça a sua sobrevivência. Eu queixo-me da conta do supermercado. (*Não achaste o salmão esquisito?*) Durante a estação das chuvas, a esposa dele coloca baldes sob as goteiras do telhado de zinco e retira os retratos das paredes. Eu vejo a chuva encher a piscina e penso em como vai afetar o delicado equilíbrio entre o cloro e a salinidade da água.

Mas o que falta a Moisés em conforto e todo o tipo de coisas, ele compensa com fé. Se Deus estivesse a escrever Hebreus 11 agora – a acrescentar nomes ao Corredor dos Fieis mais Ilustres – incluiria o nosso Moisés. Numa terra onde muitos perderam a fé e quase toda a esperança, Moisés faz verdadeiramente jus ao seu nome.

Aqui vai um exemplo recente: uma das suas paroquianas queixava-se de perdas de sangue e dores horríveis. A comunidade angariou o dinheiro necessário para a levar ao hospital, pois o marido é aleijado e vive numa

cadeira de rodas. É ela que sustenta e cuida da família. Uma biópsia revelou cancro uterino em estado avançado. Enviaram-na para casa para morrer, pois não havia nada a fazer. Enquanto ela jazia na cama, aguardando que a doença fizesse o que o deslizamento de terras não pôde, Moisés pediu aos fiéis que rezassem e jejuassem. E eles assim fizeram. A congregação em peso. Nem comida nem água durante três dias. Ao fim deste tempo, reuniram-se para louvar e adorar a Deus. Depois da missa, vários anciãos visitaram a enferma. Tocaram-lhe, ungiram-na com óleo e rezaram. Quando perguntei a Moisés porquê, ele apontou para a Bíblia e encolheu os ombros, como quem diz: *Consultei-a. João diz para fazermos assim. Nós fazemos.* Por isso rezaram. Ela começou a sentir-se melhor. Endireitou-se na cama. A comunidade voltou a “fazer uma vaquinha” e levaram-na outra vez ao hospital, onde lhe administraram dois litros de sangue e, com alguma relutância, realizaram uma segunda biópsia. As expressões dos médicos diziam: *Já a enviámos uma vez para casa. Não há nada a fazer. Está a fazer-nos perder tempo.* Moisés e a família aguardaram serenamente os resultados, que, inexplicavelmente, não evidenciaram quaisquer sinais de cancro. Os médicos coçaram a cabeça, incrédulos.

– Devemos ter-nos enganado no diagnóstico – disseram.

Agora está em casa, a brincar com os filhos. A vender saúde. Perguntem a Moisés e ele abre a Bíblia em Lucas 8 e diz:

– Deus fazia milagres então e faz milagres agora. Ponto.

O Livro dos Atos dos Apóstolos diz: “Sinais e maravilhas seguiam aqueles que creem.” Pois bem, sinais e maravilhas seguem Moisés. Sem dinheiro, fundou sete ou oito igrejas e investe o seu tempo e a sua capacidade de liderar e dinamizar noutras 30. Dá quando nada tem, ou seja, sempre. É magnífico a pregar partidas, está sempre a sorrir, adora cantar, é carinhoso com a mulher, os filhos e os netos, e chama-me “mi hermano”. Dizer que me sinto honrado é uma simplificação de proporções míticas.

O contraste entre mim e ele provou que sou um americano mimado. Tenho água quente à distância de um gesto, um *smartphone*, uma carrinha com ar condicionado, duas televisões com 200 canais cada, uma máquina de fazer gelo, xarope para a tosse, um colchão ortopédico, desodorizante, e a lista continua. E, no entanto, o Senhor usou este pontinho no mapa, dois mil quilómetros a sul, para me revelar outro pedaço do Seu coração e grande parte disso através das vidas e das palavras de Moisés e Pauline.

Pauline não quer ser o centro das atenções. Nunca quis. No entanto,

onde quer que eu tenha estado na Nicarágua, ela esteve lá primeiro. A bater o terreno. A tomar providências. A proteger-me. É a janela através da qual vislumbro este país lindo e o povo magnífico, imponente e carinhoso que me roubou o coração. E, quando estou lá e Moisés me pede para falar numa igreja, o que acontece quase todas as noites, é ela a minha voz. A minha intérprete. Sem ela eu não estaria a fazer nada na Nicarágua. E, se perguntarem a Moisés, o nome dela seria incluído em Hebreus 11 antes do dele.

Foi desta sopa que surgiu *Água do Meu Coração*. Deste amor, deste riso, destas lágrimas, deste porco, das baratas na latrina, destas mangas, destes sussurros do outro lado da parede. Gostaria de pensar que hoje sou um homem menos indiferente, mas convenhamos: estou a escrever isto num iPad novo com um teclado sem fios num carro com bancos aquecidos, porque lá fora faz um frio de rachar. Ouço David Crowder a cantar “Nunca mais seremos os mesmos” através das Bose ao meu lado.

Deixem-me concluir da seguinte forma: há cerca de dois anos, Moisés precisou de abrir um poço nas terras onde guarda as vacas, por isso, pagámos a um habitante local magricela para ficar pendurado numa corda durante umas três semanas. Hoje, o poço é muito semelhante àquele sobre o qual acabaram de ler. Moisés e os filhos servem-se dele todos os dias para o sustento das vacas. Para regar as culturas. Podemos puxar a corda. Içar o balde. Molhar a cabeça. A primeira vez que vi Moisés beber daquela água, esfregou a boca com a manga e pousou-me a mão no ombro, a acenar com a cabeça. Falou devagar, sabendo que não o entenderia de outra forma.

– *Agua de mi corazón.*

Voltei-me para a minha intérprete, no rosto uma pergunta que lhe fizera 10 mil vezes.

– O que é que ele disse?

Vi-lhe os olhos marejados de lágrimas.

– Disse “Água do meu coração”.

No entanto, por vezes a tradução e o sentido são duas coisas diferentes. Por isso, perguntei:

– Mas... que quer ele dizer com isso?

Sem tirar a mão do meu ombro, Moisés espalmou a outra sobre o meu coração e falou com o rosto próximo do meu. Pauline traduziu de forma a que o meu coração pudesse entender.

– Quer dizer que sempre que beber desta água, lembrar-se-á de que vem do teu coração.

Não sabia o que responder a Moisés, por isso, abracei-o e dei-lhe um beijo no rosto. Se falasse espanhol dir-lhe-ia que as palavras dele me lavavam a alma mais do que a minha água poderia lavar o rosto dele.

Há mais de 15 anos, Deus guiou a minha pena até à Nicarágua, conduziu o meu coração empedernido a uma mulher corajosa e com um grande coração chamada Pauline e a um humilde amigo de Deus chamado Moisés. Raramente me senti tão limpo.

Se o leitor encontrou algo de envolvente nesta história, algo que o preencheu, esse algo emergiu de um sítio profundo, do tipo de fonte que só Deus pode criar, onde as lágrimas são puras e limpam a alma. Para lá chegar, teve de perfurar a rocha dura da minha indiferença. Uma proeza e tanto. Havia muito lixo de permeio. Não era tarefa para picaretas e pás comuns. Precisou de ferramentas especiais, que colocou nas mãos de Pauline e Moisés que, juntos, cavaram um poço em mim.

Faço votos de que a água seja doce. Melhor ainda, que saiba a manga.